

**VITOR
MARTINS**

**CIRILO
S. LEMOS**

**CLARA
MADRIGANO**

**JANA
BIANCHI**

AQUI QUEM FALA

**RODRIGO
VAN KAMPEN**

**MAYRA
SIGWALT**

ALLIAH

**BÁRBARA
MORAIS**

**ANDRÉ
CANIATO**

E DA TERRA

Uma surra galáctica de histórias alienígenas que vão além da imaginação. Cósmicas, assombrosas e divertidas.

ALINE VALEK (AUTORA DE AS ÁGUAS-VIVAS NÃO SABEM DE SI)

PLUTO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

**PLU
TÃO**

Aqui quem fala
é da Terra

organização
ANDRÉ CANIATO
JANA BIANCHI

PLUTÃO

SUMÁRIO

Apresentação

Alô, alô, terráqueo

Balé de almôndegas Rodrigo van Kampen

Dois ou um Jana Bianchi

O fantasma veio para a festa Bárbara Moraes

O Barqueiro Alliah

Um dia não anoiteceu mais André Caniato

Entre as gotas de chuva, encruzilhada Cirilo S. Lemos

O regresso Clara Madrigano

O Morango de Itaipu Mayra Sigwalt

Estrela Cadente Vitor Martins

Leia também...

Créditos da edição

ALÔ, ALÔ, TERRÁQUEO

Um antigo provérbio plutoniano afirma que devemos tratar com cuidado tudo o que vem da Terra. É difícil precisar sua origem, visto que pouco do que é feito aqui chega, de fato, a Plutão — muito, muito pouco; quase nada. A mais de 5,5 horas-luz de distância, o último **planeta** do sistema solar pode muito bem se considerar a salvo da ação humana.

Esta coletânea de autores terráqueos foi elaborada para provar que o contrário pode não ser verdade. Nos contos aqui presentes, lugares, fatos e pessoas são reais. Nada foi inventado.

O processo de seleção do tema e dos participantes foi, de forma geral, muito místico, ainda que completamente de acordo com os métodos científicos aplicáveis. Programada desde o início para o Dia das Bruxas, *Aqui quem fala é da Terra* nasceu como uma coletânea de terror, mas as histórias foram, aos poucos, se moldando ao espírito de cada autor. Temos suspense, comédia, romance e aventura; não temos um único conto de horror. Nesse sentido, todos os envolvidos sentem desapontar qualquer expectativa, mas talvez seja melhor assim — para variar, estamos em guerra, e a realidade já está assustadora o suficiente.

Abrimos com o sinistro “Balé de almôndegas”, conto em que Rodrigo van Kampen nos mostra como a afeição pode nascer das situações mais inesperadas — e que não há um jeito único de demonstrá-la. “Dois ou um”, da organizadora Jana Bianchi, vem em seguida, com uma aventura espacial guiada pela sorte e pela presença de uma preguiça robótica, e, com “O fantasma veio para a festa”, Bárbara Moraes coloca em cena a nave Yucatán para falar de humanidade em um conto divertido e acalentador que arrancará risadas e fará com que o leitor encare galinhas de outra forma. Já em “O Barqueiro”, mergulhamos na sopa cósmica da mente de Alliah, nos deparando com a criatura que dá nome ao conto, um símio de seis braços que cuida do lago de colóide nutritivo em um planeta-criatura.

André Caniato vem em seguida para contar sobre fenômenos estranhos, desaparecimentos e hordas de jabutis em “Um dia não anoiteceu mais”, um misterioso *road trip* fraternal passado no interior de São Paulo. O poderoso “Entre as gotas de chuva, encruzilhada”, de Cirilo S. Lemos, acrescenta à coletânea uma visão fascinante sobre oportunidades e desdobramentos das nossas escolhas, enquanto Clara Madrigano explora um trauma de família nascido em uma noite de Halloween, nos entregando “O regresso”, um daqueles contos cujo fim reverbera e arreperia todos os pelos do braço.

Em seguida, o cômico “O Morango de Itaipu”, estreia de Mayra Sigwalt na ficção, faz uma mistura deliciosa de mulheres com poderes sobrenaturais e alienígenas engraçadinhos em uma cidade fictícia de Santa Catarina, e Vitor Martins fecha a coletânea e esquenta qualquer coração com “Estrela Cadente”, também conhecido por aí como “Aliens lésbicas”, um conto sobre sentimentos, saudades, amizade e aprendizado.

Ainda que não seja possível descobrir como surgiu o provérbio mencionado acima, é fácil adivinhar por que ele existe. Seres humanos são capazes de grandes ações. Boas ou ruins — grandes, esmagadoras em diversos sentidos. Diante de certos acontecimentos recentes, é compreensível que nos sintamos tristes, abalados ou sozinhos. Por meio deste livro, gostaríamos de reiterar que **não estamos sozinhos**. Na vida, no mundo, no universo, em lugar nenhum. Você não está só. Mais do que uma coletânea, *Aqui quem fala é da Terra* busca ser, também, uma afirmação e um aviso: estamos aqui, estamos juntos, continuamos criando, seguiremos em frente.



BALE DE ALMÔNDEGAS

RODRIGO
VAN KAMPEN

HUMANOS DARIAM ÓTIMAS almôndegas, a quantidade de gordura é farta. Bem fritas, com um pouco de sangue em cima, misturado ao molho de tomate... Eu só precisava chegar ao orelhão para comunicar a decisão final quando a menina virou o rosto para mim, com uma expressão engraçada.

Naquele momento, eu soube que havia ferrado tudo.

— O que é você? — ela perguntou, com a vozinha aguda. Estava atrás de um alambrado, no parquinho, enquanto eu caminhava pela calçada. Filhote ainda, o que me fez salivar: os menores tinham a carne mais tenra, e ela estava em perfeita saúde.

— Merda — resmunguei, pensando se havia algum meio de escapar daquela situação constrangedora. Talvez um pequeno acidente, e nós poderíamos fingir que nada daquilo tinha acontecido.

— Você falou um palavrão — ela disse.

— Bosta, porcaria, cocô — respondi, exercitando meu parco conhecimento do português.

Ferrou. Os Cientes sempre sabem de tudo, não teria como varrer o estrago para baixo do tapete. E a última coisa que você precisa é de uma acusação de ter servido carne de genocídio não autorizado no casamento mais importante de toda a Galáxia.

Resolvi improvisar:

— Olá, menininha. Qual é o seu nome?

— Annabelle. Com dois enes e dois eles. Você é muito feio.

Mas aí é que está. Não consegui ser horrível o suficiente, ou ela não seria capaz de me enxergar. É assim que passamos meses entre as raças escolhidas sem problema algum. A vantagem de ser uma metamorfa é poder escolher uma aparência tão grotesca que raças atrasadas simplesmente não são capazes de te enxergar. Os poucos que conseguem, enlouquecem, e isso é o suficiente — deveria ser, mas aquela menina falou comigo. E como falar configura contato, Sropovar vai me matar.

— Oi, Annabelle. Sou Stoodry... Hum... Tudo bem?

— Toddy é um nome engraçado.

— Não! Stoodry. Mais profundo, grave. — Ela não parecia impressionada.

— Esquece. Annabelle, como representante do planeta Terra...

— Eu não sou a representante do planeta.

— Ah, mas é, sim! Você foi quem estabeleceu contato. Falou comigo! Agora você é quem toma as decisões.

— Preciso perguntar para a minha mãe.

— Não é necessário, vai ser rápido. Annabelle, você nos autoriza a processar os humanos do planeta Terra? Prometemos fazer almôndegas deliciosas.

Ela parou para refletir um pouco. Um pingo de esperança foi crescendo em mim, até que ela sorriu e disse:

— Não.

— Não?! Como não?

— Não. Você quer transformar todo mundo em almôndega, não é isso?

— Precisamente.

— Eu não quero ser uma almôndega. Então, não.

— Mas nós vamos servir vocês no baile de gala do casamento de Frahad, Crahad e Jahad! É a cerimônia mais importante de toda a Galáxia! Não existe honra maior!

Ela pensou por mais cinco segundos e repetiu.

— Não.

Eu não sou uma agente, sou só uma chef. Não sou versada em técnicas de negociação, nem deveria estar negociando com a menina para começo de

conversa! Eu precisava de ajuda ali. O casamento seria em duas semanas. A gente precisava de pelo menos uma semana para abater todo mundo e transportar até Gama-36 — o que me dava míseros sete dias para resolver o problema.

Annabelle foi chamada pela mãe, do outro lado do parque, que perguntou com quem a menina conversava. Ela apontou para mim, mas a mãe tinha o olhar perdido: não conseguia me ver. Ou melhor, até via, mas não podia apreender, claro. A menina era diferente.

Me apressei até o fim da rua, onde havia um orelhão. Eram tão poucos, por que não me deram um celular? Maldita contenção de gastos. É a crise, dizem. Duvido. Com a grana que o clã Had estava investindo no casamento, com certeza podiam me comprar a porcaria de um celular para falar com o Comando.

Cinco minutos depois, eu colocava o telefone de volta no gancho com os tentáculos tremendo. Claro, não havia tempo de mandar uma agente negociadora. Claro, a culpa era toda minha por estabelecer contato. Claro, agora você resolve, Stoodry, e rápido.

Eu era uma jy morta.

Malditas regras, malditos Cientes. Eu sei, é só uma brecha na legislação. A gente escolhe uma aparência improcessável e alega que tentou estabelecer contato com a raça, mas foi impossível. Então, todo mundo para o abate. Sempre funcionou.

Até agora.



A casa era charmosa. Telhas pintadas de vermelho-vivo, um modesto quintal de grama, um cachorro pequeno. Eu odiava cachorros. Eles nos viam, e latiam como se não houvesse amanhã. Não que pudessem me fazer qualquer mal, mas tentavam, e o latido irritava muito. A gente preferia não matar cachorros, ou qualquer outro animal que não fosse o escolhido para o prato. Questão de princípios, sabe?

Atravessei a casa inteira até encontrá-la no quarto, desenhando, os lápis coloridos espalhados sobre a mesa.

— Seja gentil, descubra o que ela quer. Todo mundo tem um preço, não é tão

difícil assim — Vagdar havia me explicado com paciência. Não deve ser tão difícil quando o contato não é uma menina de oito anos de idade. O que ela aceitaria?

— Olá, Annabelle com dois enes e dois eles — eu disse, tentando soar gentil.

— Papai disse que você é minha amiga imaginária — ela respondeu, sem parar de riscar a folha. — Na verdade, ele disse isso para mamãe quando lavavam a louça do jantar, mas eu ouvi.

— E o que você acha?

— Que se fosse verdade eu teria inventado uma amiga muito mais bonita.

— Como se você fosse um exemplo de beleza. Até para os padrões humanos.

Ela não respondeu, enquanto eu passava do orgulho ao arrependimento pela resposta atravessada. Nem deveria estar ofendida — o que é a aparência para um metamorfo? Num piscar de olhos, eu poderia ser a criatura mais linda que ela já vira. Eu deveria ser capaz de aceitar o desafio.

Era exatamente por isso que não era uma agente. Se eu ao menos conseguisse segurar a língua... Eu só queria fazer almôndegas. Não é difícil. Você pega a carne, tritura e acrescenta cebolas — você deveria conhecer as cebolas da Terra, são incríveis. Ah, e cheiro-verde! Gente, como esses humanos usavam especiarias... Dava até vontade de preservá-los um pouco mais, só para entender melhor como usar cada uma delas. Noz moscada, gengibre, canela! Parecia que não havia planta que essa espécie não pusesse na sopa.

Enquanto me perdia em minhas próprias receitas, reparei na lágrima que caiu sobre o desenho, misturando as cores. Annabelle se apressou em limpar com as costas da mão, mas outra logo se juntou à primeira, e eu tive certeza que havia estragado tudo. De novo.

Depois de atirar o desenho no chão do quarto, ela escondeu o rosto entre os braços. Ergui os tentáculos. E agora? O que eu faria? Me arrastei para perto, para longe, para perto de novo, e dei algumas batidinhas nas costas dela.

— Pronto, pronto. Não chora. Não chora, por favor. A gente pode acabar com esse choro. A gente pode... fazer... almôndegas?

— Não! — ela gritou, sem erguer o rosto. — De novo isso? Vai embora! Me deixa em paz!

— Tem que ter alguma coisa que a gente possa fazer! Estou tentando negociar aqui, me ajuda!

— Vai embora!

O que Vagdar faria? Se eu tivesse a droga de um celular, poderia colocá-la no telefone e resolver o problema de uma vez por todas! Mas não, Stoodry, são só alguns meses pesquisando receitas, você acha que um celular vai ajudar a entrar na cozinha dos restaurantes e dar uma fuçada por aí?

Se dependesse delas, eu nem teria descido ali. “Carne é carne. Prepara no fogo e serve, o que tem de mais?” Elas não entendiam. Não se trata de pegar toda a população de um planeta e jogar no prato dos paladares mais refinados do universo. Cozinhar é uma arte! O clã Hag não escolheu os jys pelo preço ou pela eficiência com que processamos toneladas de carne — embora possamos nos orgulhar de sermos os mais rápidos em transportar, abater e processar qualquer tipo de criatura senciente. Somos os melhores. Ninguém prepara uma população como a gente — nos próprios pratos típicos, com ingredientes do próprio planeta. E digo sem um pingo de modéstia: meus pratos são deliciosos. Você precisava provar o ji-hu que servi na abertura de gala dos Jogos Galácticos, a textura levemente crocante que contrastava com a musse de ki... Bom, os ji-hus estão extintos, claro, mas essa é a magia do nosso negócio: cada oportunidade é única. Só lidamos com populações inteiras, sem exceções.

Exceção, era isso!

Pousei o tentáculo devagar sobre a mão dela, e ela pareceu diminuir o choro.

— Ei, ei... E se fizermos um acordo? E se você ficar de fora? Você não precisa virar almôndega... — Ela ignorou a proposta. — Certo, então que tal você e sua família? Alguma amiga? Você e a Lady Gaga? — Ainda sem resposta. — One Direction? Caramba, como é que vou negociar aqui? Me dá alguma coisa para trabalhar! Um pônei, você quer um pônei? Uma boneca? Uma montanha-russa na janela do seu quarto? Podemos providenciar isso também.

— Obrigada, Toddy — ela disse, um pouco mais calma, virando a cadeira para mim. — Mas não preciso de um pônei. Nem de uma montanha-russa na janela do meu quarto.

— E do que você precisa?

Annabelle não disse nada, mas os olhos escorregaram para o desenho de uma bailarina atirado no chão do quarto.

Se você olhasse bem, veria todos os traços de Annabelle ali: o cabelo escuro em cachos, a pele marrom, os olhos negros como o céu sem estrelas de

Andhagar. Se demorasse um pouco mais, repararia no que estava abaixo da superfície. A bailarina era magra, muito mais do que Annabelle. A pele dela não tinha as manchas que marcavam o rosto da menina, e a dançarina exibia um sorriso.

— A apresentação de artes da escola é na sexta-feira. Mas eu acho que vou cancelar a inscrição — ela disse, como se pedisse desculpas.

— Você quer dançar.

— Todo mundo vai rir de mim.

— Eu posso tirar todo mundo... — respondi, mas logo percebi que não era aquilo.

— No fim ano passado a gente foi no teatro, toda a escola foi. Era uma apresentação de balé, *O Quebra-Nozes*, e na verdade não o espetáculo todo, só umas partes. Era tudo tão bonito. As bailarinas... Tinha uma que a professora disse que parecia comigo. Elas saltavam pelo palco, rodavam e rodavam! Todo mundo adorou, até os meninos.

Enquanto contava, os olhos dela brilhavam, e um sorriso escapuliu pela boca, mas logo se tornou um muxoxo:

— Eu só queria que as pessoas olhassem pra mim daquele jeito. Eu pensei... que talvez... Baixei várias apresentações da internet. E até umas aulas, eu vinha treinando, mas... é besteira. Todo mundo vai rir. Eu vou cancelar minha inscrição amanhã.

Havia uma chance. Se eu conseguisse dar o que ela queria, talvez ela pudesse retribuir. Dada minha experiência fracassada com as tentativas anteriores, resolvi deixar a parte de transformar todo mundo em almôndega para depois. Talvez, se Annabelle estivesse muito feliz, eu conseguisse o sim que precisava.

— Você não vai cancelar a sua participação, eu vou te ajudar. Tenho uma ideia.

Não acredito que eu ia mesmo fazer isso. Era como estar de volta à escola Jy-Rud-Abah.



Quatro dias. Foram meses e meses convivendo entre os humanos para aprender

as receitas, descobrir os temperos e as ervas, e agora eu tinha apenas quatro dias para aprender algo completamente diferente. Tinha que dar certo, seria a única chance. Se falhasse, não seria possível moer toda a humanidade a tempo do casamento dourado.

— Vamos lá! Um dois três quatro! — Annabelle estava radiante.

Ali estava eu, mesmo depois de Rud-Abah. Você sabe quantas vezes reprovei em Formação Física? Era mais do que matéria obrigatória — metamorfose está na essência do que é ser jy. E não basta criar um tentáculo aqui, um chifre ali, um grupo de olhos extras nas costas. Agregação e expansão de massa, você não sabe como é difícil. Quem precisa se transformar na droga de um plesiossauro?

Então, parte física não era comigo. Gostava do meu formato de lesma, era fácil me mover por aí só mexendo a barriga. Não era como Vagdar, que conseguia projetar dezesseis pernas e ganhar o campeonato de corrida da escola sem tropeçar em nenhuma delas. Mas duas pernas era algo que eu podia tentar. Ou melhor, tinha que conseguir.

Stoodry, por que você não ficou no Comando? Poderia estar ali, flutuando em órbita, cozinhando bolinhos de alga para a tripulação. Por que descer à Terra?

Mas ah, os cheiros, os temperos, os sabores! Não trocaria por nada. Aposto que se eu fosse minimamente boa em formação física, nem Annabelle teria entrado em contato. Não estava horrenda o suficiente para o cérebro infantil. Ou isso, ou a menina tinha mesmo algum problema na cabeça.

Não podia pôr tudo a perder. Não atender ao casamento dourado seria impensável! Por que ninguém montou um plano B? Da próxima vez a gente deveria servir os Cientes, que atrapalham tanto o nosso trabalho! O que tem de mais em estabelecer comunicação? Por que um representante precisa autorizar a própria extinção? Quem foi que inventou essas regras?

— Sem moleza! — gritou Annabelle, erguendo o pé até a linha da cintura. E eu... bem, eu imitava. Criar e imitar um pé humano não é difícil, nem o erguer até a linha da cintura, ou até colocá-lo em posições impossíveis. Complicado era fazer isso no tempo certo.

Eu conseguia entender a dança. Não era difícil; muitas raças têm manifestações físicas parecidas e ritmadas, a maioria delas ligada aos rituais de acasalamento, e quem nunca encontrou um phys por aí, com suas danças elaboradas e complexas que representam toda a linguagem à qual tem acesso? O

problema era que a música humana não fazia o menor sentido.

O conjunto de ondas sonoras era repartido em diferentes frequências, cada uma com melodia própria, mas não havia uma frequência marcante que eu pudesse seguir. Em certos momentos, o ritmo era marcado pelos graves; em outros, eles nem estavam presentes! Como ia saber qual era a hora certa de cada coisa? Muito mais fácil descobrir como usar cominho em doces. Ou servir shikara frito em baba-kadash para um glorp.

E enquanto eu tentava decifrar a complexa música humana, Annabelle me ensinava balé:

— E isso é um *assemblé* — disse, e saltou no chão do quarto, logo depois de me mostrar um vídeo. Humanos não têm uma língua geral, mas centenas. E às vezes misturam umas com as outras, tornando tudo ainda mais confuso.

Então, imitei o passo. Já havia assumido uma forma idêntica à de Annabelle, e tentava repetir os movimentos da forma que a menina me explicava. Erguer o pé não era difícil, complicado era não passar do ponto, tentar manter a perna rígida nos pontos certos, e não um grande apêndice emborrachado. Tentáculos são mais fáceis. Mas eu insistia, tentava e aprendia um novo movimento por horas, até que a menina se cansasse.

— E se as pessoas rirem de mim? — ela perguntou, à noite, deitada na cama antes de dormir.

A pergunta me levou de volta à Rud-Abah, muito tempo atrás. Acho que essas coisas nunca saem de você.

Havia sido um longo dia, e eu me arrastava pelos corredores de pedra, tentando adiar ao máximo o momento em que contaria para minhas irmãs que eu falhara mais uma vez no teste de admissão à academia, que não conseguia mudar de forma rápido o suficiente, nem com a precisão necessária, nem com a elegância que a banca queria. Aquela seria uma conversa difícil, não só pela decepção, mas porque minhas irmãs tinham certeza de que eu estava sabotando o teste — o que talvez fosse verdade.

Virei um corredor e vi Vagdar, um pouco distante, sempre cercada pelo séquito de puxa-sacos que imitavam sua forma, ainda que não conseguissem tantas pernas como a líder. Ela não só havia entrado na academia no ano anterior, enquanto eu repetia o teste de novo e de novo, como também tinha recebido propostas de mesclagem, mesmo tão nova. Até hoje, nunca recebi uma proposta,

e me pergunto se receberei algum dia.

Vagdar não me viu, mas me imitava. Havia assumido minha forma de lesma, e imitava de maneira grotesca algumas transformações do teste em que eu falhara, arrancando gargalhadas das jys ao redor. Dei meia volta e me escondi por horas, esperando o mundo acabar de desmoronar. Nunca mais voltei à academia.

— Ninguém vai rir de você — eu disse, pondo um tentáculo sobre a testa dela. — E se alguém rir, prometo que faço uma almôndega deliciosa.

Annabelle gargalhou, depois sorriu:

— Você é uma boa amiga, Toddy. Obrigada por acreditar em mim.



Ensaios e mais ensaios e eu já começava a pegar os movimentos, mas fazer as dobras no lugar certo era muito difícil, eu simplesmente não conseguia. A outra parte do problema era que, durante a apresentação, eu estaria visível. Para todo mundo. E isso tinha mais chances de dar errado do que qualquer maluquice que eu havia inventado nos últimos anos.

Depois de três frustrantes dias de treinamento, eu estava decidida. Dane-se o casamento dourado, dane-se a reputação das jys, pra Daku com tudo isso! Pouco mais cedo eu havia falado com Sropovar de um orelhão, e ela não estava nem um pouco feliz. A chefe já conseguia ser insuportável nos dias felizes, então você pode imaginar o quão satisfeita saí daquela conversa. Aquela merda de plano era o único que eu tinha. Pelo menos estava tentando.

Porém, ela estava certa. Eu não era uma agente e, mesmo que o plano desse certo, minhas chances de conseguir um sim eram remotas demais.

Vagdar tentava me ajudar como podia. Sim, acabamos nos tornando amigas anos depois, quando nos cruzamos na mesma nave de serviço — eu ainda mera cozinheira; ela já uma agente de campo —, e não, nunca contei a ela aquela história.

Mas não havia dica capaz de consertar o fato de que, por culpa minha, havíamos estabelecido um contato com a civilização humana. Se as jys não me expulsassem da família, eu ainda teria os Cientes na minha cola, com todo

aquele papo de “interferir em civilizações primitivas”, como se jogar todo mundo no forno fosse melhor. Quem entende essas leis?

Estava decidida: meu pescoço não valia tanto, e eu só precisava avisar Annabelle e dar um jeito de sumir da superfície daquele planeta. No entanto, ela me abraçou com um sorriso no rosto:

— Oi, Toddy! Que bom que apareceu, estava com medo que não viria! É amanhã! O grande dia!

Abraço é uma coisa tão humana. Não podem mudar de forma, então encostam os limites da pele um no outro, e nos poucos segundos que fazem isso, é como se pudessem ter dois corações, já que não conseguem construir órgãos extras. Como uma pequena versão de um corpo coletivo.

Faltou coragem para cancelar o plano.

— Vamos lá, agora para valer! Vamos começar do *arabesque à hauteur*. Um, dois, três...



O pequeno anfiteatro estava lotado. Havia gente sentada até nos corredores, as famílias de praticamente todas as crianças da escola estavam ali.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntei uma última vez para a menina de tule rosado.

— Eu vou dançar e vou estar linda, igual àquela bailarina do palco — ela respondeu.

Sua mãe estava lá também, e pensou que a filha falasse com ela:

— Vai sim, querida. Você é linda de todo jeito — e deu-lhe um beijo de boa sorte na testa. Era exatamente o que ela queria. Quem sabe assim eu não conseguia minha resposta? Só precisava saber o momento certo de perguntar.

No meio do palco, de coxia a coxia, pedimos para instalarem um grande plástico transparente. Queríamos vidro, mas não tínhamos como carregar até ali. Havia um projetor — que nem estaria ligado, verdade seja dita, mas precisávamos de algum álibi. Humanos eram incapazes de compreender ou aceitar o que viam com os próprios olhos, a menos que fizéssemos todo mundo acreditar que era um simples truque de vídeo.

O nome de Annabelle foi chamado, e, assim que entrou no palco, transformei-me em sua cópia, ficando cada uma de um lado do plástico. Ela próxima à plateia, eu no fundo. Ela olhava para mim, e eu imitava os movimentos dela, como se fosse seu reflexo no espelho. Ensaíamos bastante aquela parte, não era difícil. E, bom, se fosse mesmo uma projeção, ninguém esperaria que o sincronismo ficasse perfeito.

Enquanto ela olhava para mim, percebi uns garotos rindo na terceira fileira, fazendo piadas entre si. Aquilo poderia ser um problema, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Agradei por Annabelle estar de frente para mim e de costas para o público, e esperei pela música.

Quando sopraram os oboés, começamos a dançar como havíamos ensaiado nos últimos quatro dias. Annabelle movia as pernas, eu movia junto. Ela erguia os braços e eu a imitava com fidelidade, como um espelho deve ser.

Logo, enquanto os violinos se tornavam mais selvagens, os metais ganhavam corpo e a melodia se desvencilhava, meu corpo também se modificava. Num *glissade* aqui, *pirouette* ali, eu ganhava aos poucos formas mais esbeltas. Quanto mais Annabelle dançava, mais minha forma se parecia com a bailarina que ela havia desenhado, até que, num *fouetté rond de jambe en tournant*, a cada volta eu aperfeiçoei mais e mais a forma, assumindo perfeitamente a imagem da artista em que Annabelle se via quando dançava.

Quando terminamos, os adultos na plateia tinham lágrimas nos olhos e aplaudiam de pé, um pouco confusos enquanto provavelmente se perguntavam como havíamos feito aquele truque.

Annabelle estava tão feliz...

Assumi mais uma vez a forma horrenda, desaparecendo para todo mundo, menos a menina. Estava pronta para fazer a pergunta e cumprir minha missão na Terra quando vimos que ali, na terceira fila, um menino com os braços em arco em volta do corpo imitava um barril. Ele prendeu o ar na boca, deixando as bochechas cheias, e deu saltinhos desajeitados, arrancando gargalhadas das crianças próximas.

Annabelle olhou diretamente para ele antes de sair correndo do palco.

Queria transformá-lo em almôndega ali mesmo, na frente de todo mundo. Ou melhor, nem cozinhar: servi-lo cru, picado em filezinhos bem fininhos para um carpaccio. Começaria pelos pés, sem abatê-lo antes.

Haveria tempo para isso depois. Primeiro, eu precisava encontrar Annabelle.

Estava trancada no banheiro, ainda com a saia de tutu cor-de-rosa. Quando me viu atravessar a porta, disse:

— Pode transformar todo mundo em almôndega.

Não era uma pergunta.



O Casamento Dourado foi um sucesso. Elogios tanto dos noivos, dos comissários de Baat como até mesmo da delegação de Cientes, que enviou uma nota com uma única palavra: “Surpreendente”. O que, vindo de quem veio, era o maior elogio que poderia imaginar. Cientes não são muito comunicativos.

Passado todo o estresse de cozinhar um planeta inteiro para os bambambãs da Galáxia, sentei-me sozinha na cabine, abri o compartimento refrigerado e peguei um potinho com seis almôndegas que havia separado para mim. Eram especiais.

Haviam sido preparadas com carne humana, molho de tomate, canela, cebola, alho, um toque de cheiro verde, cominho e farinha de mandioca, fritas em azeite de oliva e polvilhadas com noz-moscada ao final. Minha melhor receita.

Sentei-me com um garfo e uma faca — usar utensílios culturais era outra das peculiaridades da culinária jy.

— Não queria que tivesse sido assim, Annabelle — eu disse, dando a primeira mordida para honrar o que havia restado de minha amiga. — Eu queria um final feliz.

Sobre a mesa de metal, próxima ao prato, estava a única coisa que eu havia trazido da Terra, além dos temperos: o desenho de uma linda bailarina.

RODRIGO VAN KAMPEN é escritor, redator publicitário, editor da revista *Trasgo* e fã incondicional de fugas de moto aos fins de semana. Já publicou em coletâneas da *Aquário*, *Draco* e em publicações independentes, com destaque para *Trabalho honesto* (2016), uma novela *cyberpunk* em seis partes. Mora em Campinas com sua esposa, sua filha e uma vira-lata.

DOIS OU UM

JANA
BIANCHI

O DESTINO DA Paranauê foi decidido no dois ou um. Juro que pensei nas alternativas, mas não tem como registrar a verdade de um jeito mais honesto que esse.

Estava com a pulga atrás da orelha diante do encargo aberto no painel. Além de ser um serviço reciclado, o que não é lá muito comum no nosso mercado, ele prometia pagar uma caralhada de tostões por uma única troca de dados com Aleferje — uma minúscula estação árabe-escandinava que, por causa do foco em atividades de pesquisa, era praticamente irrelevante pra União.

Parecia duvidoso, no mínimo — pra não dizer *perigoso*. Rafael e Cafuné concordavam comigo, mas Miranda, Horácio e Acauã achavam que aquela podia ser uma bela chance de fazermos um pé-de-meia decente antes que a procura pelos nossos serviços fosse pras cucuias. A troca de tecnologia entre a humanidade e os Singulares nunca havia sido exatamente rápida, mas os boatos das negociações com os bichos a respeito da rede de dados capaz de pôr on-line até as estações mais distantes vinham gerando ansiedade no ramo das estafetas. Diziam até que era uma questão de tempo — vinte ou trinta anos — até que nossos serviços de transporte de dados e informações se tornasse obsoleto. Até que o Orbe Universal estivesse totalmente conectado, enfim, como numa versão expandida da Terra.

Miranda chamou todo mundo pra copa, sua ideia de sala de comando, e

propôs que a gente tentasse resolver o impasse como adultos — o que não impediu a capitã de ficar meio fula da vida ao ser eliminada logo na primeira rodada de dois ou um. A cara feia só piorou quando Horácio saiu logo em seguida, resmungando enquanto deslizava a cadeira de indução pelo corredor e deixava Acauã como única representante a favor do serviço. Mas Rafael perdeu depois de duas rodadas empatadas, e a decisão acabou ficando entre a moça, Cafuné e eu.

De última hora, decidi mudar a estratégia e coloquei dois em vez de um, minha escolha-padrão. Bufeí ao ver as duas unhonas de bicho-preguiça de Cafuné e, logo ao lado, o glorioso indicador estendido da chefe de manutenção.

— Poxa, Ganímedes... — Rafa lamentou. — Cê sempre põe o um...

Acauã deu um gritinho e foi correndo abraçar Miranda e nosso cronoprático.

— Eu escolho encarar a treta — a mantentora sentenciou.

— Claramente a escolha que faz mais sentido — concordou Miranda, satisfeita. — A gente vai ficar rico!

Olhei pra senhorinha de cabelos brancos e fofos, óculos encarapitados na ponta do nariz. Com 140 anos nas costas, a mulher era do tipo que insistia em consultar receitas direto nos livros digitais e acreditava no mito de que viagens espaciais causavam efeitos colaterais em cirurgias corretivas de córnea — mas lá estava, insistindo naquela doideira. Disposta a encarar um serviço que nenhuma outra estafeta queria aceitar em troca de um pagamento surreal e um pouco de aventura.

— Mas vai comprometer quase um ano da nossa agenda, tia... — tentei argumentar, fazendo bico.

— Ah, Ganí, dá um tempo, né? — Acauã pôs as mãos no quadrilzão, rolando os olhos pra mim. — A gente acabou de voltar de uma viagem de um ano e meio, e já pegamos muitas maiores. Até parece que isso é problema. Fora que a gente sempre pode pegar mais serviço no meio do caminho.

— Esse encargo é de exclusividade — Rafa pontuou.

— Nem que não fosse, esse não é o problema — a bicho-preguiça se interpôs. — Na posição de única inteligência artificial dessa embarcação, sou obrigada a dizer que as chances disso dar chabu são... bem, quase todas.

— Sua inteligência nem é artificial propriamente dita, Cafuné. — Horácio riu. — Quem vê, pensa que você é daquelas bagaças obsoletas que respondem

tudo com probabilidades. Cê só tá é morrendo de medo.

— Sua inteligência nem é inteligência propriamente dita, Horácio — respondeu a criatura, fazendo uma vozinha zombeteira. — Se liga, eu pesquisei sobre as duas estafetas que aceitaram esse serviço ao longo do último ano, antes dele voltar pra fila. Não falaram nada por aí, mas sabe o que aconteceu? Nenhuma voltou, e ninguém sabe dizer o paradeiro delas. Não precisa ser um gênio do cálculo pra analisar as probabilidades: a gente tá partindo de um estupendo 0% de chance de voltar. E medrosa é a sua bunda.

— Ah, não fica nerv... ai! — Horácio se aproximou e tentou dar um abraço conciliador na navegadora, mas Cafuné ativou o campo elétrico da parte sintética da pelagem e o cronoprático recuou a cadeira com um palavrão, esfregando o braço. A conexão indutiva entre cadeira e chão falhou, fazendo Horácio oscilar pra cima e pra baixo antes de se restabelecer com um tranquinho. — Porra. Sempre achei uma ideia de jerico equipar ela com isso, Rafael.

— É mecanismo de defesa que chama. — O administrador deu de ombros, um sorrisinho no rosto. — Pelo menos, a voltagem foi baixa... Cê tem é que se sentir sortudo com o nível alto de bom senso da Cafuné. Poderia ser diferente.

Concordei devagar com a cabeça enquanto a preguiça ria. Desconfio que seja essa imprevisibilidade da índole, junto à manutenção delicada, que faz com que criaturas híbridas sejam tão raras e controversas. Por sorte, além de administrar nossa estafeta, Rafa também é um ótimo engenheiro tecnoclínico — um dos melhores da humanidade. Até onde a gente sabe, a Paranauê é a única embarcação que tem uma inteligência artificial com suporte meio biológico, meio sintético, e Cafuné é mesmo uma verdadeira obra-prima. A desvantagem de ter que gerenciar e manter uma tripulante oficial a mais não é nada perto de ter uma navegadora que, além de supercomputador, é também psicóloga, ombro amigo e dona de um abraço que sara quase qualquer coisa — especialmente saudades de casa.

— Cês já pararam pra pensar que tem um motivo pra pagarem tanto por esse encargo? — tentei um último argumento.

— Claro, né? — respondeu Acauã, com os olhos brilhando. — O pacote é muito valioso.

Revirei os olhos.

— Nem o serviço pra distribuir aquele pacote que incluía o anúncio da

independência da M16 pagou tanto, Cá. Acorda.

— Affe, e quem é a M16 na fila do pão? Vai ver algum figurão da União morreu. — Ela se empertigou. — Imagina se foi o dirigente?

— A gente já saberia, né, gênio? — Cafuné respondeu, irônica. — A gente tá atracado e pinado na torre da Terra. O homem fica lá embaixo, cacete. Isso aqui ia começar a apitar que nem uma árvore de Natal um segundo depois dessa hipotética morte do dirigente.

— Ah, é — Acauã resmungou, olhando pro vidro de interface com uma expressão decepcionada.

Miranda aproveitou o ensejo pra dar o expediente por encerrado e distribuir as novas orientações.

— Bom, acho que estamos decididos, né? — Ela apontou pro painel. — Ganí, pode operar o contrato. Mais uma semana pra acabar de abastecer é suficiente, Rafa?

Ele pensou um pouco, uma das mãos desfiando a pontinha dos cabelos *black power*.

— Acho que é, sim. Amanhã já saio com a Cá pra começar a arranjar o que falta.

Acauã bateu uma continência descontraída.

— Ótimo, então vou começar a janta. Que tal um virado pra celebrar? — Miranda anunciou, animada, e todos comemoramos. — De quem é a escala hoje?

— É do Horácio — respondi, tocando no vidro pra consultar o painel do diário. — Mas acho que a gente devia deixar o menino quietinho, cuidando da topografia. A tal estação fica longe pra dedéu. Eu te ajudo hoje, tia, depois o Rafa refaz a escala.

O cronoprático agradeceu com um joinha, e eu comecei a transferir o pacote de dados do encargo pra área de trabalho dele.

— Valeu, Ganí. Vou começar o modelo agora mesmo. Cês não me deixem perder o virado da tia, hein? — Ele fez a cadeira se erguer um pouco, o suficiente pra que o rosto dele ficasse no mesmo nível do meu, e segurou meu queixo em uma das mãos. Senti o cheiro de incenso, mel e da argila compressiva que ele usava nos modelos relativos. — Ouviu?

Concordei com a cabeça, me controlando pra não o puxar mais pra perto.

Antes de seguir flutuando pro ateliê, onde se perderia na verdadeira arte que é simular a topografia temporal do espaço em busca do caminho mais cheio de vértices de tempo nulo, Horácio ainda me deu uma piscadinha pra reforçar a mensagem.

“Não me deixem perder nada”, ele queria dizer — e nem precisava pedir duas vezes.

Já passava das sete no fuso interno da Paranauê, então os demais foram dispensados. Acauã, Rafa e Cafuné foram tomar banho antes de jogar um pouco na sala. Segui com Miranda pra cozinha, e conversamos sobre trivialidades deliciosas enquanto a senhorinha fazia sua magia com os suprimentos liofilizados e o pouco de comida fresca que Rafa havia trazido depois de uma descida rápida ao solo.

Mais tarde, enquanto Horácio, Acauã e eu fazíamos uma celebraçãozinha própria na minha cabine, nem me passava pela cabeça que a próxima parada na Terra seria muito diferente.



O mau pressentimento sobre aquela história me acompanhou por toda a viagem, mas tive certeza de que alguma coisa estava realmente errada quando pinamos a torre de dados da estação, e nossas tentativas de contato foram todas infrutíferas. Não foram rejeitadas pela liderança nem bloqueadas na torre por causa de algum empecilho técnico ou respondidas com um alerta padrão.

Foram todas sumariamente ignoradas.

— Ganí, qual é *exatamente* o protocolo pra uma estação ser declarada como desgarrada? — perguntou Miranda, desconfiada, coçando os cabelos brancos enquanto tomava uma xícara de café com organoleite.

— Declaração direta ou cinco tentativas de contato deliberadamente rejeitadas em um período de vinte e quatro horas-padrão — recitei de cor uma das linhas do manual que tinha lido centenas de vezes desde o meu primeiro treinamento como missivista.

— Que não é o caso, certo? — Miranda perguntou.

— Não mesmo.

Estávamos todos reunidos na copa, encarando o vidro de interface com diferentes graus de curiosidade e preocupação.

— Então o que significa isso? — Horácio apontou pra linha reta que indicava a ausência de resposta à última abordagem, feita oito horas antes.

— Não faço ideia. Bom, eu nunca vi nada parecido — respondi.

— É. Não tem mesmo registro — Cafuné confirmou, provavelmente depois de analisar em um segundo todas as informações sobre meu ofício. — Isso é muito, muito esquisito.

Estações insignificantes como a de Aleferje declaram-se independentes o tempo todo — e voltam atrás com a mesma frequência. O processo é descomplicado, principalmente porque a União não dá a mínima pra elas: o que significa uma ilha de metal no meio do espaço perto dos conglomerados ancorados nos planetas e nas luas? Aposto que a União deseja mais é que assumam pra si a responsabilidade de suprir todas as necessidades dos cidadãos, se enrolem na logística e depois paguem a taxa de reingresso ao perceber a fria em que se meteram.

— A única coisa que explicaria alguma coisa assim é não ter ninguém operando a torre — ponderei.

— Ou seja, impossível — disse Miranda, e todos concordamos. Aquilo significaria uma estação sem liderança nenhuma, o que, por sua vez, só aconteceria se não houvesse mais ninguém apto a assumi-la. Senti um arrepio ao pensar no impacto daquela especulação.

— Acho que a gente devia descer — disse Acauã.

— Acho que a gente devia vazar — rebateu Rafa.

E começou uma pequena discussão sobre o que deveríamos fazer. Trocávamos argumentos fracos dos dois lados, falando uns por cima dos outros, quando ouvimos um som vindo do painel. A linha reta no vidro oscilou de novo, e o som se repetiu, revelando um sussurro tenso:

Hjelp.

— “Socorro” — traduziu Cafuné, acessando os dicionários, mas não havia dúvida quanto ao teor da mensagem.

E, pela expressão incrédula no rosto dos outros, todos haviam notado o mesmo que eu.

— É a voz de uma criança — murmurei.

— Tá. Vamos descer — disse Miranda imediatamente.

Como em um passe de mágica, toda a dúvida se dissipou, e saímos a toda pra preparar o desembarque em Aleferje.



Todos nós da Paranauê somos nascidos no Brasil. O controle natal não é tão restritivo na Terra pós-Era da Difusão, mas já viajamos o suficiente pra conhecer o valor de uma criança. Só a sugestão de uma em perigo ativava todos os alarmes internos.

Horácio, que tem uma filha com Gabe e Izumi, era claramente o mais apreensivo enquanto manobrávamos o módulo de ponte da Paranauê pra atracar na doca de Aleferje. Ele acelerava a cadeira de indução pra frente e pra trás, impaciente. Esperamos o procedimento inteiro em silêncio, tensos pela recepção, mas minha cabeça não parava de procurar hipóteses malucas que pudessem explicar aquilo.

Guerras internas são raríssimas em estações desancoradas, assim como a falência total de suprimentos — e, com a estação mais próxima a menos de dois meses de viagem, Aleferje sequer ficava em uma zona remota. Eu sabia de duas estações, também pequenas, que haviam encarado falhas técnicas súbitas o suficiente pra obliterar as populações antes de qualquer ajuda. Uma delas tinha sofrido uma pane no sistema de pressurização; outra, no gerador de calor — ocasiões que já eram raras por si só, considerando os sistemas totalmente automatizados e com autonomia quase infinita —, mas, em qualquer uma dessas situações, nossa estafeta teria recebido uma mensagem de alerta em vez daquele estranho silêncio.

Repuxando as alças da mochila em um tique nervoso, comecei a cogitar a possibilidade de algum surto de psicopatia coletiva ou coisa pior. Cafuné se pendurou no seu suporte preferido no teto do corredor, ainda um pouco chateada por ter sido a sorteada pra ficar na estafeta, e deu o sinal de que já podíamos atravessar a ponte e entrar na câmara de despressurização.

— Acho que tem a possibilidade de ninguém abrir a segunda comporta pra gente — sussurrou Acauã enquanto a escotilha atrás da gente se fechava.

Tudo bem. Se for o caso, posso tentar hackear daqui, comentou Cafuné da embarcação, a voz dela transmitida diretamente aos nossos ouvidos como output dos intra.

Ouvimos passos ecoando por trás da barreira.

— Acho que não vamos precisar, meu bem — murmurou Miranda. — Mas fica alerta pra qualquer coisa, sim? E cuida bem da Paranauê. Se eu voltar e a cozinha estiver bagunçada, não respondo por mim.

Cafuné riu e respondeu alguma coisa, mas não cheguei a ouvir, porque a segunda comporta se abriu com um estardalhaço mecânico que acusava uma falta de manutenção casual correspondente à idade e ao provável orçamento de Aleferje.

Fomos recebidos por uma mulher alta e magra, vestida em uma túnica clara de mangas longas e barra até os pés. Os cabelos estavam cobertos por um véu azul, mas a pele enrugada das mãos e o gerontoesqueleto que estabilizava seus movimentos sugeriam que era pelo menos uns vinte anos mais velha do que Miranda.

Pelo canto do olho, vi nossa capitã alisar timidamente o macacão amarelo, o uniforme de serviço que, a despeito da falta de elegância, todos costumávamos usar a bordo por pura praticidade.

A mulher se endereçou a nós no que imaginei ser o dialeto de Aleferje. Assim que a primeira palavra saiu da boca dela, Cafuné começou a despejar nos nossos ouvidos a tradução simultânea, com uma versão sintetizada da voz da própria senhora adaptada para o timbre correto conforme mais inputs eram captados pelos intra — processo que sempre me fazia coceguinhas no cérebro até que a calibração fizesse da voz de Cafuné uma simulação perfeita da original.

Contar com a tradução da preguiça era sempre muito mais agradável do que ter que confiar nos tradutores automáticos, cheios de possibilidades de constrangedoras traduções ao pé da letra — e era uma pena que ainda não houvesse uma maneira de evitar que o mesmo acontecesse no processo de tradução do brasileiro pro idioma dos nossos interlocutores, sem uma inteligência semiorgânica envolvida do outro lado.

— Bem-vindos a Aleferje. Meu nome é Zeena, chefe do comitê de recepção desta estação. É um prazer recebê-los. Mais ainda: é um alívio tê-los a bordo. — Ela fez um gesto meio padrão, que sugeria o quanto estava grata.

“É um alívio tê-los a bordo”? A voz regular de Cafuné fez, direto nos nossos ouvidos, a pergunta que todos ecoávamos.

Me forcei a não franzir a testa enquanto a mulher sorria, sem fazer qualquer menção de estender a mão. Assumindo o gesto como etiqueta local, Miranda permaneceu onde estava e apresentou toda a tripulação da Paranauê. Quando anunciou nossa tarefa de trocar pacotes de dados com a estação e questionou Zeena a respeito das tentativas de contato não respondidas, a expressão da mulher se tornou grave.

— Estamos com um problema crônico na torre de dados, uma pane sem precedentes. Nossos manutentores tentaram fazer o possível, mas não temos todos os recursos para dar continuidade. Sem a torre, estamos ilhados. É por isso que é um alívio receber a visita de vocês. Mais um ano ou dois nesse isolamento e logo estaríamos chegando ao fim da linha da nossa subsistência.

— E as outras estafetas que vieram até aqui nos últimos meses? — perguntou Miranda, parecendo tão surpresa quanto todos nós.

A ideia de estar em uma estação ilhada, tentando contato com o mundo exterior sem resultado, me parecia aterradora.

A mulher caiu em um longo silêncio antes de responder. Sua voz, sintetizada por Cafuné, chegou aos nossos ouvidos com um certo tom de amargor.

— Nenhuma tripulação quis desembarcar depois de não conseguir contato. As únicas duas estafetas que passaram por aqui foram embora depois de pouco mais de um dia-padrão — ela contou, e eu pensei no protocolo que tinha recitado para Miranda pouco antes. — E, na segunda ocasião, enviamos uma pequena embarcação individual para uma tentativa de abordagem imediata... — Ela suspirou. — E, bem, ela foi abatida.

Vi Miranda arregalar os olhos, mas ouvimos a voz original de Cafuné expressar o que pensávamos.

A gente provavelmente faria a mesma coisa.

Miranda balançou a cabeça, mas eu podia ver que ela sabia que aquilo era verdade. Um problema na torre que respondia silêncio em vez de um alerta era uma coisa nova pra qualquer um de nós, mas a simples ideia de uma embarcação de abordagem se aproximando da Paranauê sem aviso prévio — ainda mais em um quadrante perigoso e cheio de piratas com aquele — jamais pareceria amigável o suficiente pra que nossa primeira reação não fosse nos defender.

Nos defender metendo fogo na embarcação silenciosa, muito provavelmente.

— Ao que parece, tudo foi uma terrível falha de comunicação. Literalmente — disse Miranda, medindo a entonação para não parecer insensível com a trágica perda de um cidadão de Aleferje por uma razão fútil. — Mas agora estamos aqui e podemos ajudar. Acauã, nossa manutentora, pode trabalhar junto à sua equipe pra ver o que pode ser feito com nossos recursos.

Cá acenou com sua simpatia clássica, e Zeena repetiu mais uma vez o sinal de gratidão. Ela moveu as mãos e a cabeça em um gesto repetido, e algum alerta instintivo se acendeu na minha cabeça, mas não soube dizer o quê. Balancei a cabeça e tentei sorrir, também, à semelhança da nossa capitã.

— Aleferje será eternamente grata — Zeena disse, soando realmente aliviada. — O mínimo que podemos oferecer em troca é ceder nossos alojamentos para que, antes de mais nada, descansem esta noite na paz de uma âncora.

Tanto a ideia de passar um dia fora da Paranauê quanto o uso da expressão tão carinhosa dentre viajantes como nós deveria me alegrar, mas tive uma sensação esquisita de que alguma coisa estava fora do lugar. Olhei pro restante da tripulação e pensei ver a mesma hesitação atrás dos olhos dos outros, mas Miranda confirmou com a cabeça.

— Será um prazer — ela sentenciou, mas estendeu a mão, como se quisesse adicionar um último ponto. — Porém, antes de mais nada, gostaria de reportar algo que talvez seja relevante para a investigação da falha: apesar das condições adversas da sua torre, nós recebemos uma transmissão mais cedo.

A chefe do comitê de recepção de Aleferje abriu uma expressão de pura incredulidade.

— Não é possível.

— Feita por uma criança, ao que parece — Miranda acrescentou, coçando a cabeça.

Zeena fechou o rosto.

— Ainda menos possível — rebateu, séria. — Espero que não queira insinuar, com isso, que deixamos nossas crianças brincando no centro de comunicações. — No segundo da pausa, ouvimos a voz de Cafuné engolir a seco. — E espero menos ainda que queira insinuar que estamos mentindo.

Segurei a respiração. Senti o toque de Horácio no meu braço, e vi com o canto de olho Acauã e Rafa chegando mais perto de Miranda.

Mas a capitã apenas deu uma risadinha e balançou a cabeça.

— É óbvio que não. Peço desculpas se foi o que pareceu, senhora. Não foi minha intenção. — Miranda bufou e relaxou os ombros quando a outra aliviou a carranca, aceitando as desculpas. — Será que a oferta de uma noite de descanso desembarcados ainda está de pé?

Zeena sorriu.

— Evidentemente. — Ela fez uma mesura. — Devo preparar a ponte para o desembarque de mais algum tripulante que porventura tenha permanecido na sua embarcação?

— Não. — Miranda respondeu imediatamente, com tanta convicção que nenhum de nós teve tempo de expressar o contrário. — Somos só nós.

A mulher de véu confirmou com a cabeça.

E eu entendi o recado, murmurou Cafuné nos intra antes de começar a traduzir as orientações para a acomodação.



O alojamento para visitantes, que ficava na zona neutra antes da linha de imigração, era simples, mas confortável. Zeena pareceu constrangida ao nos informar que só tinha três câmaras disponíveis para os cinco, mas eu disse que dividir acomodações não era um problema e ela ficou mais tranquila. Miranda chegou a cogitar a ideia de ficarmos todos juntos, mas relaxou quando viu que os três cômodos eram conectados por portas intermediárias e anunciou que se instalaria no espaço do meio. Rafa ocupou uma das extremidades, enquanto Acauã, Horácio e eu ocupamos o quarto com uma cama múltipla maior do que a da minha própria cabine na Paranauê.

Nos encontramos todos na câmara da capitã pra preparar alguma coisa pra comer.

— Pô, nem pra oferecerem uma jantinha pra gente — murmurou Rafa, terminando uma das porções da refeição de campana que, de praxe, todos carregávamos ao desembarcar.

Eles estavam ilhados, cara. Sem previsão de contato com ninguém. Eu também estaria em racionamento, ponderou Cafuné dentro da nossa cabeça. *Mas*

se a Cá realmente conseguir resolver essa merda na torre deles, pode ter certeza de que na próxima visita cês vão ser recebidos com um puta banquete.

Rafa concordou com a cabeça, terminou a comida e anunciou que ia dormir, então guardei pra mim as dúvidas quanto à veracidade daquela história de estação ilhada — qual era a chance real de uma pane daquela natureza?

Miranda programou o despertador pra dali a algumas horas-padrão, e eu segui com Acauã e Horácio pro nosso quarto.

— Vou deixar as portas destrancadas, tá? — Miranda murmurou, só pra mim, apontando para a passagem entre nós e para a outra, que dava pro quarto do Rafa. — Caso... sei lá. Alguma coisa aconteça.

Concordei com a cabeça e segui pra cama depois de encostar a porta.

Os comandos de voz em brasileiro e inglês não causaram efeito algum nas luzes. Fiquei com preguiça de desenterrar meu mandarim, então usei o painel ao lado da porta pra mergulhar a câmara na escuridão digna do recôndito do espaço que envolvia Aleferje.

O tom conspiratório da capitã deixou minha mente meio inquieta, mas arrancar o macacão e deitar entre Horácio e Acauã me ajudou a relaxar. Fechei os olhos ao encostar a cabeça no peito nu do cronoprático, suspirando com a mão de Cá subindo de leve pelas minhas costas.

Tudo parecia se encaminhar pra uma bela noite na paz de uma âncora, quando ouvimos o barulho farfalhante no canto da câmara.

— O que é isso? — Acauã parou de beijar meu pescoço e se empertigou.

Senti os braços de Horácio avançando além de mim pra puxar a mantentora pra si.

— Não é nada, Cá. Chiu... — ele sussurrou, ofegante. — Vem cá, vem.

Concordei com a cabeça e abri espaço pra nos reacomodarmos na cama, mas sentia todos os pelos do corpo arrepiados — e não exatamente por causa da atividade.

Pouco depois, dei um salto quando pensei sentir alguma coisa roçar nos meus pés.

— Poxa, Ganí... — Horácio suspirou, esfregando os cabelos.

— Tem alguma coisa aqui — murmurei, Tateando o dermal no antebraço pra acender uma lanterninha.

— Não tem nad...

Demos um grito quando o feixe de luz fez brilhar dois olhos na escuridão do canto do quarto, perto da porta.

— Que merda...?!

Acauã e eu saltamos da cama, o foco de luz varrendo o quarto a esmo no meu desespero. Enquanto Horácio se içava pra cadeira de indução que flutuava ao lado do colchão, iluminei de novo o mesmo ponto, mas não havia nada ali. Jogando a luz na direção dos meus próprios pés, o coração aos pulos só de imaginar a possibilidade daquela coisa escondida virtualmente em qualquer lugar do quarto escuro, tropecei até o painel de energia. Toquei a superfície da mesma forma que tinha feito pouco antes, mas o cômodo permaneceu escuro. Horácio começou a recitar comandos de voz em vários idiomas, também sem qualquer resultado.

— Cacete, cacete! — Ainda insisti mais um pouco na tentativa antes de desistir e cobrir a distância do painel pra cama com dois saltos agoniados. Puxei as pernas pra cima do colchão. — Era um... gato?

— Gato? — Senti a mão de Horácio apertar minha coxa, mas de um jeito nada carinhoso. — Nem aqui e nem em Plutão!

Senti a pulsação na minha têmpora. Não, eu sabia que não era um gato. Mesmo aquele único segundo de vislumbre tinha revelado algo maior, escuro, esfumaçado e... humanoide. Uma figura humanoide agachada, à espreita. Não era um gato, e também não era nada que eu já tivesse visto na vida.

Cogitávamos o que fazer, nos vestindo sob a luz difusa da lanterna do dermal, quando ouvi um barulho vindo da passagem que dava pra câmara de Miranda. Com as mãos tremendo, aponteí o foco naquela direção.

Meu corpo congelou ao ver a porta abrindo devagarzinho. Sozinha, como se alguém tivesse acabado de passar por ali.

— Miranda? — Acauã arriscou, a voz trêmula. — Tia, é você?

O ruído do farfalhar se repetiu, dessa vez vindo de algum ponto mais acima. Joguei o feixe da lanterna pro teto a tempo de ver o vulto sumir pela porta na direção do outro quarto, como se rastejasse rente ao teto.

Horácio se agitou na cadeira ao meu lado e se empertigou, provavelmente pra gritar por Miranda, mas eu tampei sua boca no último instante.

— Cafuné, contato — falei, num fiapo de voz.

Sabia que a ordem pra abrir o canal de comunicação seria captada pelo meu

intra mesmo com o mais fraco dos murmúrios.

Tô aqui, a voz sonolenta da preguiça encheu meus ouvidos. *O que aconteceu?*

Interrompi o fluxo da lanterna com a outra mão, ignorando os choramingos de Horácio. Me levantei da cama em silêncio e caminhei até a passagem com Acauã na minha cola.

— Verifica a Miranda — murmurei pra navegadora, encostando no batente.

Peraí, Cafuné respondeu. Um segundo depois, continuou: *Tá tudo bem, Ganí. Pelos sinais vitais, ela tá dormindo.*

Senti um alívio momentâneo que me encheu de coragem. Conteí até três dentro da cabeça e aponteí o feixe na direção da cama, já esperando acordar a capitã com um susto.

Dei um grito de pavor: em vez disso, a luz revelou um colchão todo ensanguentado, objetos disformes espalhados pelo chão e uma pessoa de pé ao lado da cama.

— Rafa? — Acauã gritou, esganiçada. Depois, deu um berro de pavor quando, assim como eu, notou que os objetos eram pedaços de um corpo.

Pedaços do corpo de Miranda.

O foco da lanterna fez os instrumentos médicos cintilarem nas mãos do engenheiro tecnoclínico da Paranauê.

— Pessoal, a gente tá com um problemão aqui. E eu preciso de uma mãozinha de vocês — Rafa falou, como se nada tivesse acontecido. Sua voz, porém, soava metálica e múltipla, como se viesse do fundo de um túnel cheio de interferências e ecos. — Alguém?

Foi então que notei que Rafa não estava sozinho. A criatura humanoide e escura abraçava-o por trás, trepada em suas costas, como se estivesse tentando se fundir ao torso dele.

Sem pensar muito, levei a mão ao dermal pra ativar um dos meus dois tiros de emergência. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, porém, senti o corpo de Acauã se chocar contra as minhas costas. Ela começou a gritar, me fazendo virar com a lanterna a tempo de ver que outra criatura, alongada e escura como a primeira, abraçava também o corpo de Horácio, que flutuava na cadeira de indução com a expressão aterrorizada e confusa.

Mudei o alvo do disparador e tentei ignorar os berros desconexos de Cafuné,

que chegavam ao meu ouvido pelo intra, enquanto tentava mirar a cabeça do bicho. Ouvi o apito da mira bloqueada, mas meu braço deu um rebote inesperado pra cima — como se alguma coisa tivesse me puxado —, e o disparo acertou Horácio no meio do testa, espirrando sangue pra todo lado. Com a carga do disparo, a lanterna do dermal oscilou e apagou, não antes de mostrar a criatura pulando na direção de Acauã.

E então as coisas degradingolaram de vez. Saí correndo a esmo, ouvindo os gritos de Rafa, Acauã e Cafuné ecoando ao meu redor, como se viessem de várias direções e de dentro da minha cabeça ao mesmo tempo. Pensei ouvir gritos de Miranda e Horácio, também, mas sabia que era impossível. Eles estavam mortos.

Eu mesmo tinha matado Horácio.

A crueza daquela constatação me deu uma clareza mental esquisita, uma determinação instintiva de continuar fugindo pra bem longe dali antes de racionalizar qualquer outra coisa. Esbarrando e tropeçando em tudo pelo caminho, tateei as paredes de qualquer jeito até encontrar a porta do corredor. Lembra das luzinhas de emergência, e esperava que elas ajudassem a iluminar alguma parte do quarto.

— Cá, vem comigo! — gritei e abri a porta.

Mas, em vez da luz esperada, dei de cara com um breu surreal.

Tentei lembrar da direção de onde havíamos vindo, mas era como se estivesse à deriva na imensidão do universo. Dei alguns passos débeis pra fora antes de voltar a procurar por Acauã, mas ao me virar trombei com tudo na passagem fechada, a tranca imóvel, como se estivesse presa por dentro. Soquei a porta algumas vezes, encostando o ouvido na superfície pra tentar ouvir alguma coisa — mas o quarto parecia isolado em um silêncio sepulcral.

Respirei fundo e tentei acender a lanterna do dermal, que obedeceu. Plantei as costas contra a parede do corredor e deixei a luz varrer devagar as paredes e o teto. Nenhum sinal das criaturas ou de qualquer um dos meus amigos.

— Cafuné?

Não houve resposta. Tentei contato mais algumas vezes, até admitir que realmente não havia ninguém comigo. Então, iluminei os dois lados do corredor, que parecia vazio, e fiz a única coisa que podia fazer: escolhi uma das direções e avancei, pé ante pé, torcendo pra encontrar alguém que pudesse me explicar o

que estava acontecendo ali — de preferência antes de trombar em alguma coisa que estivesse a fim de me matar.



Os clichês existem por um motivo.

Foi o que concluí depois de sentir que uma eternidade de fato se desenrolava enquanto eu andava a esmo pelos corredores, tropeçando e trombando em obstáculos que não existiam, ouvindo o farfalhar predatório atrás e acima de mim, sentindo a opressão de não saber o paradeiro dos meus amigos ou o que encontraria no próximo corredor — que parecia sempre tão igual ao anterior.

Uma eternidade de verdade. Não sabia quantas horas, dias ou meses haviam se passado. Não sabia tampouco como aquela sensação era possível, sequer o que me movia a continuar andando. Só sabia que sentia cansaço, dor, medo, fome, sede, saudades, culpa, arrependimento. Estava chegando muito perto do fim da linha da minha sanidade, e começava a considerar que chegar ao fim da vida seria um destino mais digno do que a sensação de vagar em um vazio infinito.

Nada mudou, mas em um momento igual a tantos outros que já haviam escorrido pelos meus dedos, resolvi apostar meu destino com o acaso. Decidi que tentaria contato com a Paranauê uma última vez. Se a preguiça não respondesse nada, eu sentaria ali mesmo onde estava e pensaria no que fazer. Ou como fazer.

— Cafuné?

Um, cinco, dez segundos. contei um minuto, depois dois.

Deixei as costas escorregarem pela parede e sentei no chão. Esfreguei o rosto e, depois, o dermal. Planejava os pormenores da ação derradeira, mas parei ao ouvir o barulho vindo do corredor que desembocava bem ao meu lado.

Pensei em me levantar, mas do que adiantaria fugir? Na verdade, seria ainda melhor deixar o destino tomar conta das decisões difíceis, ponderei. Então, me arrastei até encontrar o outro lado do corredor e fiquei esperando, a luz da lanterna iluminando a saída.

A criatura surgiu do nada, como se descolasse da sombra da parede. Sem se

afastar da penumbra, ficou me encarando com os olhinhos iluminados. Não havia dentes ou garras ou nada obviamente ameaçador, mas, ainda assim, havia uma relação clara entre nós. Uma relação de predador e vítima.

Senti um misto de medo e alívio quando o monstro se esgueirou um pouco pra frente, meio se puxando com os braços, meio fluindo pelo chão, como alguma coisa etérea. Então, a matéria esfumada que formava o que parecia sua cabeça começou a se mover como se fosse um enxame de criaturas pequenas e maléficas. Um rasgo se abriu na superfície, simulando uma boca.

Estava começando. Aquele fim não poderia ser tão ruim, poderia?

Foi quando as minúsculas partes que faziam o todo se agitaram de novo e, do rasgo, começou a emergir uma face — humana, que eu conhecia muito bem. A boca recém-regurgitada pela sombra se abriu e meu coração disparou.

— Finalmente.

A cabeça de Miranda murmurou, antes de começar a vomitar uma fumaça escura como o corpo do bicho.

Sim, aquele fim poderia ser muito ruim.

Desliguei a lanterna e virei o dermal pra mim, ativando o último tiro de emergência.

Me preparei para o impacto, mas ele não veio. Antes disso, alguma coisa pesada acertou minha cabeça com força, e senti o mundo ser coberto por uma segunda camada de escuridão.



Acordei com alguém agachado ao meu lado, a barba por fazer despontando no rosto que meus olhos focalizavam lentamente sob a luz fraca de uma lanterna. Minha mente confusa se tranquilizou por um instante ao reconhecer a expressão familiar de Rafa, mas o desespero voltou quando as memórias de antes — quanto, uma eternidade antes? — me atingiram de uma vez.

— Calma, Ganí, tá tudo bem! — ele disse, e desejei mais do que tudo acreditar.

Mas então vi os instrumentos metálicos ensanguentados em suas mãos, e, quase ao mesmo tempo, notei a criatura fundida ao peito do meu amigo, como se

fossem duas estátuas de cera deixadas juntas sob o calor de uma estrela. Comecei a me debater, mas alguma coisa invisível segurava meus pulsos e pesava sobre minhas pernas.

— Confia em mim — Rafa disse, a voz ganhando um timbre metálico e artificial no meio da frase.

Pensei em Miranda. Miranda provavelmente havia confiado nele, e agora ela não passava de um monte de pedaços de carne.

— Fica longe de mim — murmurei, com a voz fraca. — Você não é o Rafa.

E então, Rafa — ou o que quer que ele fosse — riu. Começou como o riso que eu conhecia, das noites de conversa e jogatina na Paranauê, mas o acesso foi escalando numa progressão assustadora até que um guincho agudo encheu o corredor.

Sem dizer mais nada, a criatura híbrida usou a mão do meu amigo pra virar minha cabeça e espremer a lateral do meu rosto contra o chão. Tentei me desvencilhar, mas a força dele e da carga invisível que me segurava subjugava com facilidade meus movimentos confusos.

Ouvi o zumbido baixo do instrumento médico bem perto do ouvido.



— Chiu, chiu. já vou dar um jeito nesse sofrimento todo — a voz metálica me garantiu, e eu senti o estômago gelando. O zumbido se intensificou, vindo de mais perto, e eu senti o toque gelado no pescoço. — Sem se mexer agora.

Pensei em me debater, em lutar, em tentar dar um jeito de disparar o último tiro do dermal.

Mas então veio a dor, e tudo acabou.



— Ganí?

Abri os olhos.

O corredor estava totalmente iluminado, mas as pálpebras não tentaram se

fechar sozinhas — como se eu não tivesse passado todo aquele tempo na escuridão. Miranda surgiu no campo de visão, a expressão preocupada por trás dos óculos encarapitados na ponta do nariz. Rafa apareceu logo depois, sorrindo.

Cheguei à única conclusão possível: eu havia morrido, e todos os delírios arcaicos sobre uma existência pós-vida eram verdade.

O pensamento me deu uma inesperada e surpreendente tranquilidade, que me fez segurar a mão estendida de Rafa e aceitar ajuda pra me levantar.

— Então, esse é o mítico paraíso? — balbuciei.

— Se for, os antigos tavam bem errados sobre todos os benefícios dele — disse Miranda, soltando uma gargalhada. — Se eu tiver que passar a eternidade numa estação caindo aos pedaços como essa, prefiro que vocês me congelem e me mandem praquele retiro criogenista.

Só então olhei em volta. O corredor em que estávamos realmente parecia caindo aos pedaços, com camadas grossas de sujeira marcando o chão, cabos e componentes escapando dos dutos do teto e luzes falhando.

— O que aconteceu? Cê morreu, tia! O Horácio também! E cê tava doido, Rafa! — A ideia de não estar mais no suposto paraíso fez todo o medo voltar. Olhei em volta, em desespero. — Cadê os outros? E cadê aqueles bichos?

— Calma, calma. Tá tudo certo. Era tudo uma ilusão — Rafa assegurou, segurando meus ombros. — Os outros tão bem, resolvendo um outro... lance lá na ponte. Quanto aos bichos, cê precisa ver com os próprios olhos.

Rafa pegou minha mão e começou a me puxar pelo corredor. Ao chegarmos a uma bifurcação, reconheci um totem com um vidro de interface cheio de orientações pelo qual havíamos passado na noite da chegada em Aleferje. Rafa pegou a direção contrária à que nos levaria para a ponte de embarque e, depois de mais alguns minutos de caminhada, me apontou dois imensos painéis de observação que pareciam ficar na porção central da estação em formato de Z, um de frente pro outro.

Meus olhos varreram o negrume do espaço lá fora. Soltei um palavrão quando, encarando uma das seções laterais da estação, notei a massa disforme que a cobria.

— Que porra...?

Corri até uma das janelas e espalmei as mãos no cristavidro grosso. Senti o queixo cair enquanto tentava entender o volume gigantesco, um amálgama coeso

de pedaços de metal, rochas e nacos do que parecia uma substância orgânica esponjosa e multicolorida. Ver aquela coisa bizarra recobrir parte da estação como se estivesse tentando engoli-la já era impressionante o suficiente, mas, enquanto eu observava, uma parte escura da massa se desfez em um trilhão de pequenas partículas. Depois de voejarem a esmo, as coisinhas condensaram-se em um novo pedaço do estranho coletivo, e uma grande peça de metal se moveu, como se estivesse sendo acomodada.

— É uma criatura híbrida — explicou Rafa, parando ao meu lado. — Uma entidade formada de partes orgânicas e partes sintéticas.

— Bom, pelo menos é o que cê acha, né — disse Miranda, se aproximando devagar.

— Ah, claro. É tudo especulação. Não há nada parecido com isso em qualquer relato da humanidade — Rafa balançou a cabeça. — Mas o fato do meu plano ter funcionado dá certo crédito pra minha teoria, né, tia?

— Olha... Vou contar pra Cafuné que cê disse que a teoria é *sua* — Miranda ameaçou, divertida.

— Nossa teoria, nossa teoria — Rafa corrigiu.

Uma nova porção das coisas particulares se dispersou em uma nuvem e se agrupou em outra região do conglomerado bizarro. Era incrível, mas não via onde aquela visão pudesse ter qualquer conexão com as criaturas humanoides que haviam nos perseguido.

— Que teoria é essa? — murmurei, sem conseguir tirar os olhos do fenômeno.

— A de que essa merda é um agregado feito de nanoandroides e algum tipo de... sei lá, fungo.

Espremi os olhos pra tentar examinar a massa multicolorida. Parecia mesmo um grande bolor alienígena.

— E os restos das... coisas?

— As rochas e os pedaços metálicos parecem ter sido agregados pra construir uma carcaça maior e mais ameaçadora. Uma manifestação de um hábito observado tanto em espécies da fauna oceânica nativa da terra quanto em espécies exógenas conhecidas. — Rafa coçou a cabeça, ajeitando o *black power*. — Acho que são os restos das... vítimas.

Ele me apontou o outro cristavidro. Só então vi os restos metálicos do que

pareciam outras embarcações orbitando a esmo.

— A Paranauê...!

— Tá tudo bem com ela, calminha — Miranda ergueu as mãos. — Cafuné manobrou pra longe, mas volta pra buscar a gente.

— Falando nisso, cadê a Cafuné? — perguntei, sentindo falta dos comentários da preguiça dentro da minha cabeça.

Rafa fez uma careta e eu me lembrei da dor, o ardor agudo que tinha sentido bem onde ficava...

— Meu intra! — exclamei, levando a mão à nuca.

— São e salvo aqui comigo. — Ele bateu no bolso do peito do macacão. — Os delírios foram todos produzidos pelos nanoandroides e jogados na rede local. O único jeito de fazer aquela merda parar era desconectando a gente. — Ele espalmou as mãos, provavelmente notando a minha expressão. — Mas calma, o procedimento de reinserção é simples.

— E proibido! Assim como o de remoção! — exclamei, sem saber muito bem como reagir à informação de que minha vida tinha sido salva graças a uma das maiores transgressões ao código da União. — Mas como... Como cê soube disso tudo?

Rafa deu de ombros.

— Não soube, eu e Cafuné intuímos. — Ele apontou o corredor com a cabeça e tomamos o caminho de volta até a bifurcação. — Comecei a desconfiar de alguma coisa por causa dos gestos de Zeena. Você não percebeu como os movimentos dela eram repetidos? Era como se tivesse um repertório limitado de ações. Pedi pra Cafuné avaliar a gravação que gerei no meu intra, e ela me deu estatísticas suficientes pra desconfiar que a mulher não era de verdade. Era só...

— Uma simulação — murmurei.

— Uma das várias simulações dessa porra. — Rafa concordou com a cabeça. — Que, misturadas à manipulação das informações enviadas aos centros nervosos que controlam os vários tipos de percepção dos nossos cérebros, provocaram aquela escuridão corna, a confusão espacial e todas as outras coisas bizarras que cada um de nós enxergou ou deixou de enxergar.

Lembrei do peso invisível segurando meu corpo no chão — provavelmente Miranda tentando ajudar Rafa na cirurgia de remoção do intra. Aquela merda tinha mesmo entrado na nossa mente.

— Zeena não existe, então? — perguntei.

— Existiu — foi Miranda quem explicou. — Mas não existe mais. Ela tá morta, assim como o resto da tripulação. A gente deu uma olhada. A situação pra depois da linha de imigração não tá nada, nada bonita, viu?

Senti um embrulho no estômago ao pensar em toda uma estação morta por uma coisa tão estúpida — à parte das manipulações mentais, o alien encarapitado na estação parecia relativamente inofensivo. Abri a boca pra perguntar o que tinha efetivamente acontecido com a população, mas então lembrei da minha resolução de usar o último tiro de emergência pra acabar com a agonia.

— Por que você não disse nada sobre essa desconfiança? — perguntei.

Viramos uma esquina e a primeira comporta da ponte surgiu no fim do corredor.

— Não sei se o bicho desconfiou ou se foi pura coincidência, mas quando o diagnóstico completo da Cafuné chegou e eu fui avisar a tia, tudo já tinha... bem, ido pras cucuias.

Lembrei da horrenda visão de Rafa diante dos supostos pedaços esquartejados de Miranda. Provavelmente, o tecnoclínico trabalhava na remoção do intra da capitã.

— Quanto tempo passou desde o desembarque?

— Pouco mais de três horas-padrão — Miranda respondeu, consultando o próprio dermal.

Soltei um assovio. Saber que um bicho alienígena era capaz de mexer com o meu cérebro a ponto de causar aquele tipo de pesadelo de eternidade aterrorizante era uma descoberta que não me deixava exatamente feliz.

— E como você soube o que fazer, Rafa? — perguntei, assim que paramos diante da comporta. Miranda bateu com o nó dos dedos no metal e eu ouvi a voz de Acauã gritando “Já vai!”. — Digo, eu nunca teria pensado nos intra. Mesmo que eu tivesse sacado que tudo era uma ilusão, teria antes pensado em contaminação telepática. Pelo menos disso eu já ouvi falar.

— Meu conhecimento dos processos híbridos da Cafuné ajudou a considerar todas as possibilidades. Mas o que fez tudo se encaixar foi aquela mensagem que a gente recebeu.

Demorei um instante pra lembrar da transmissão de socorro feita na voz de

uma criança. Tentava juntar as peças na cabeça quando a comporta se abriu.

E meu coração ficou mais leve ao ver que, apesar de tudo, a gente tinha chegado a tempo.



As crianças ficaram simplesmente piradas com Cafuné. Assim que ela desembarcou, toda a população remanescente de Aleferje — pouco menos de cem crianças e adolescentes com menos de catorze anos — a cercaram, falando todas juntas enquanto acarinhavam a pelagem, inspecionavam as unhas e cutucavam os implantes mecânicos. Minutos depois, a preguiça já tinha organizado a molecada numa roda e declamava, no dialeto da estação, os contos da mitologia árabe que ela tinha na base de dados.

— Entendeu por que pensei no intra? — Rafa me perguntou.

— Ponto pros puristas — riu-se Horácio. — O argumento de que os intra podem bagunçar a cabeça da criança já era. Tenho certeza de que, a partir de hoje, vão usar esse incidente em todo e qualquer debate pra impedir a queda da proibição do uso de intra em menores de idade.

— Cê é foda, né? — comentei, dando um soquinho no braço de Rafa. — Acho que não ia fazer a associação tão fácil.

— Mas, sabe, a princípio, eu achei que a criatura tinha poupado as crianças — Rafa explicou. — Só depois que me toquei que, sem um intra, as simulações dos bichos não tinham como chegar nos centros neurais.

— É, dá pra entender. — Dei de ombros, bicando da caneca de café com organoleite trazida da Paranauê. — Mas se esse bicho tem inteligência o suficiente pra gerar simulações tão reais e lógicas como aquela recepção da Zeena...

— Mas não é assim que funciona, né? — Acauã opinou. — Pras simulações, basta um algoritmo foda. O conceito de poupar crianças é outra coisa.

— Ainda mais pra um ser que parece uma inteligência coletiva — acrescentou Horácio. — O conceito de prole não deve nem fazer sentido.

A conversa foi interrompida quando todas as crianças explodiram em gargalhadas, reagindo a uma piada acompanhada de uma série de micagens de

Cafuné. Aproveitamos a deixa pra acabar de transferir alguns dos suprimentos da Paranaú pra estação e instalar parte do sistema operacional da preguiça em uma unidade remota na estafeta. Logo, nossa casa estava pronta pra que Acauã, Horácio e eu embarcássemos na missão de ir até a estação mais próxima buscar um meio de transportar os sobreviventes— além de despachar outras estafetas atrás de um oficial civil da União, um grupo de segurança e uma boa equipe de exobiólogos.

Poucas horas mais tarde, Miranda, Rafa e Cafuné se juntaram para se despedirem de nós. Já na segunda comporta, Miranda chamou nossa atenção.

— Eita, esquecemos de definir quem de vocês vai ficar como capitão interino no meu lugar.

A gente se entreolhou por alguns segundos. Cafuné ergueu a pata e começou a balançar a mão acima da cabeça.

— Er... acho melhor não — interrompi. — Cê pode assumir, Cafuné. Da última vez que a gente tirou a sorte pra alguma coisa, a gente se meteu numa estação contaminada por um bolor alienígena cibernético que mexe com a cabeça das pessoas.

— Mais seguro assim — concordou Miranda.

Mulher e preguiça trocaram continências e embarcamos rumo ao fim da missão mais desafiadora da tripulação.

Pelo menos até a próxima sessão de dois ou um.

JANA BIANCHI é engenheira, escritora, viajante, editora-chefe da revista *Mafagafo*, hostess dos podcasts *Curta Ficção* e *Desafio Ex Machina*, colaboradora do jornal satírico *Tempos Fantásticos* e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de rua* (Dame Blanche, 2017), a noveleta independente *Sombras* (2016) e o conto “Analogia” (*Trasgo*, ed. 9, 2016).

O FANTASMA VEIO PARA A FESTA

BÁRBARA
MORAIS

They only tell lies and do not exist.

[Eles só contam mentiras e não existem.]

Joseph Fink e Jeffrey Cranor, *Welcome to Night Vale*

A NAVE DE Exploração e Pesquisa Yucatán havia sido eleita pela décima vez como a Pior Nave Para Trabalhar em toda a Guarani. A tripulação, quando questionada, apenas ria sobre o fato, como se aquela fosse a melhor piada do universo — como se as estatísticas e avaliações e todos os acidentes fossem uma alucinação da empresa de pesquisa espacial.

Mas nem sempre foi assim.

Em um passado não tão distante, a Yucatán havia sido a nave mais moderna e avançada de toda a frota espacial da Terra sob o comando da Guarani — uma Galatea VI, o primeiro modelo construído inteiramente no espaço, com peças vindas das colônias mineradoras da Mayak. Era a menina dos olhos da corporação brasileira, e seu comando e sua tripulação buscavam a excelência em

todas as ações.

O problema era que não havia muito consenso quanto ao significado de excelência.

— Esta é a sexta vez, Roberto — o capitão Tavares iniciou o sermão, o tom calmo em uma voz grossa tornando a bronca ainda mais assustadora. — Realmente achaste que eu não repararia em uma festa dentro de minha nave? Eu pareço um parvo para ti, Roberto?

— Capitão, tenho certeza de que não era a intenção de Roberto ofendê-lo — Verônica interferiu, como sempre, enxugando o suor das mãos na calça. — Foi apenas uma pequena confraternização para o aniversário da dra. Dornelles que saiu do controle, a tripulação está ansiosa pelo feriado e precisava dissipar a energia em algum lugar.

— A Yucatán é uma nave modelo, Verônica. Achei que, como minha assistente, soubesses disto. Somos uma das melhores naves de toda a Guarani, e pretendo fazê-la ser a melhor ainda neste século — o capitão continuou. — Não há como evitar um processo disciplinar desta vez. Tenho a reputação de nossa tripulação a zelar e já fui leniente o suficiente com os dois. No meu tempo como Agulha Negra...

Verônica se levantou para preparar o chimarrão de Tavares. Quando ele começava a se lembrar da época de treinamento militar, era sinal de que não sairiam da sala tão cedo. Roberto estava cabisbaixo, provavelmente a anos-luz do que era dito, sua mente rápida demais planejando a próxima besteira que faria para pôr o emprego de ambos em risco.

Ela não conseguia se lembrar direito de como haviam se tornado amigos, mais de dez anos antes. Só sabia que um trabalho em grupo havia se transformado numa amizade estranha que desaguara nos dois trabalhando na mesma nave de exploração. Roberto era um gênio do mal decidido a causar a maior quantidade de caos possível, e só tinha chegado tão longe por uma conjunção de privilégios e pela preguiça que as autoridades tinham de lidar com uma criança muito inteligente que dá trabalho. Ele não era mais uma criança — estava prestes a completar 24 anos —, mas se comportava como uma, e Verônica havia assumido o papel de mãe.

Completamente contra sua vontade, é claro.

— Por isso, a folga de Finados de ambos será cancelada e os dois ficarão na

nave realizando a rotina de manutenção até voltarmos — o capitão determinou, por fim, e fez os tripulantes voltarem a prestar atenção nele. Verônica começou a protestar e o superior levantou um dedo, pedindo silêncio. — A punição também recairá sobre ti porque já chega de te ver pajeando um marmanjo como o teu amigo. Espero que possam refletir sobre suas ações e entendam que, desta vez, até passa, mas da próxima...

Tavares deixou no ar o que aconteceria com eles. Quando os dispensou, Verônica parou no corredor, contando as respirações para se acalmar. Acabariam sendo demitidos e abandonados no meio do universo à própria sorte, implorando carona para conseguir voltar para a Terra. E se virassem servos de algum rei do submundo que controlava um cassino clandestino em algum planeta longínquo e esquecido? Verônica não havia saído de casa contra a vontade dos pais para acabar como criminosa espacial.

— Eu devia era ter ido na palestra da Tamandaré — Roberto falou, pondo um cigarro entre os lábios enquanto tentava fazer o isqueiro funcionar. Eles estavam praticamente ao lado da cabine do capitão, quase na salinha onde Verônica e a primeira imediata trabalhavam. — Eu tenho certeza de que lá a gente nunca iria ser punido por fazer festa, e o brigadeiro Solberg sabe que isso nunca atrapalhou o desempenho de ninguém. Ouso dizer que teve o efeito contrário! Olha só o tanto que já conseguiram fazer.

— Beto, tu perdeu o juízo de vez! Quer que o capitão te veja *fumando* dentro da nave? — Verônica respondeu, exasperada, e arrancou o cigarro dos lábios do amigo. Os últimos neurônios funcionais de Roberto estavam de férias, era a única explicação. — E era uma corrida contra o tempo alguém encontrar vida extraterrestre. Ele teve mais sorte do que a gente, só isso.

— O Solberg é um louco — Roberto continuou, em um tom de reverência, enquanto a amiga o arrastava para longe da sala do capitão. — Só alguém cheio de ousadia e alegria como ele conseguiria fazer algo assim, ainda mais naquela lata velha que ele comanda. A Tamandaré só se mantém inteira com a força de vontade da tripulação, deve ser fascinante. Em vez disso, a gente tá aqui, de castigo, por ter feito o quê? Feito a tripulação se divertir!

Verônica olhou sobre o ombro, com medo do capitão Tavares estar atrás deles no caminho até a ponte de comando. Pior do que fumar ou fazer uma festa era falar bem do nêmesido comandante. Wolfgang Solberg juntava os piores

defeitos que uma pessoa poderia ter, na opinião de Tavares: era impulsivo, tinha uma tripulação insubordinada que não respeitava hierarquia, não tinha comprometimento com os verdadeiros valores da humanidade, era um aventureiro sem nenhum escrúpulo que só tinha ido para o espaço por causa de dinheiro e, para adicionar insulto à injúria, nem era brasileiro de verdade, fosse lá o que isso significasse. Cada conquista de Solberg e sua tripulação motivava a Yucatán a ser dez vezes melhor — mas eram eternamente a segunda melhor nave, sempre abaixo da Tamandaré.

— Pode ir embora, se quiser — Verônica se irritou, finalmente, falando num tom mais baixo para evitar que alguém os ouvisse. — Ninguém está te impedindo, e tenho certeza de que com o seu teste de Q.I. ou sei lá o que é que veem de interessante em você eles vão te aceitar sem pensar duas vezes. Assim você me poupa a vergonha de ficar te ajudando.

— Assim você me machuca, Verô — Roberto falou, levando a mão ao peito de forma dramática. — Eu nunca te abandonaria sozinha nesse universo tão grande, é uma jornada muito solitária para fazer sem amigos.

— Tu só diz isso porque sabe que a única coisa que te mantém em qualquer lugar são minhas desculpas esfarrapadas.

— *Touché!* — Roberto enfiou as mãos nos bolsos do uniforme, suspirando pesadamente. — Mas, para te compensar, consegui bolo de rolo da última vez que aportamos.

Verônica o encarou com suspeita.

— Se tu me arrumou um rocambole e tá me dizendo que é bolo de rolo...

— Eu aprendi a diferença e nunca mais cometo esse erro! Você acha que eu iria mentir para a minha melhor amiga assim?

Ela levantou as sobrancelhas.

— Você acha que eu iria mentir *de novo* para a minha melhor amiga assim? — ele corrigiu, e ela riu. — Tem de goiabada e de brigadeiro. Foi quase impossível de achar, mas consegui só para você.

— Eu não acredito. — Ela massageou as têmporas. — E essa historinha de tentar me comprar com comida não vai funcionar para sempre.

— Bem, mas essa é a última vez que você vai me ajudar, então aproveita bem os bolos, porque vão parar de ser de graça.

— Você é ridículo demais. — Verônica bufou, tentando esconder um sorriso.

— Eu também te amo, cara — ele falou, passando o braço pelos ombros dela e a apertando contra si. — Obrigado por sempre tentar me ajudar. Eu prometo que não vou te meter nas minhas confusões da próxima vez.

Mas Verônica sabia muito bem como Roberto não era bom em manter promessas.



Lilian Kobayashi merecia muito mais do que a sorte havia lhe dado. Havia cinco anos que estava na Yucatán e, nesse tempo, vários colegas que não trabalhavam nem um terço do que ela trabalhava haviam sido promovidos, enquanto ela continuava lá, a terceira piloto substituta e mera assistente de navegação. Sabia que, sem ela, a nave não iria a lugar nenhum, porque seu chefe era o homem mais incompetente do universo, mas ela nunca recebia os louros e o apreço do capitão.

Pela escala, aquele feriado seria sua primeira folga em mais de três meses, mas o oficial de navegação obviamente tinha outros planos.

— Tem dois piás que ficaram de castigo e vão ter que ficar na nave no feriado — o chefe começou. — O capitão pediu para alguém da navegação ficar aqui para acompanhá-los.

O capitão havia pedido para *ele* ficar lá para acompanhá-los, Lilian tinha certeza, mas ficou calada, sem fazer contato visual para não correr o risco de ser a escolhida. Ela não aguentava mais ficar dentro daquela lata de sardinha, dividindo o quarto com duas pessoas que nem gostava e se obrigando a sorrir quando só queria gritar. Também não aguentava mais ficar para trás e ter que lidar com toda a confusão que acontecia quando a nave estava com a tripulação reduzida.

— Por isso, vou sortear alguém da nossa equipe — o diabo do chefe falou, pegando o celular no bolso e abrindo um aplicativo. Ele apontou para os quatro membros da equipe, numerando-os, e a técnica de navegação sentada ao lado de Lilian encarou o chefe com todo o ódio que compartilhavam. Para piorar a situação, ele nem pareceu fazer um sorteio de verdade. —Três! Olha que sorte, Japinha! Você foi a escolhida.

Então era mais do que compreensível Lilian estar furiosa e sem paciência quando os dois *piás* de castigo foram se apresentar. A tripulação da nave era pequena o suficiente para que já os conhecesse, cada um deles por um motivo diferente.

Roberto Brasileiro carregava um isopor pequeno coberto com um tecido floral de chita, com uma expressão de falso arrependimento. Era o açaí que Lilian havia encomendado — e deduziu que ele estava de castigo porque o capitão havia descoberto o esquema de tráfico de comida e outras substâncias proibidas na nave.

Mas a presença da outra tripulante era inexplicável. Verônica Cavalcanti era a menina de ouro do capitão, a única assistente que havia durado mais de seis meses em todos esses anos. Ela o seguia como um filhotinho de cachorro, com a caderneta sempre em mãos e o rosto esbaforido, e era a pessoa mais tímida que Lilian já havia conhecido. Não conseguia imaginá-la fazendo nada de errado, mas, se estava ali, não era tão certinha quanto parecia.

— Cavalcanti e Brasileiro se apresentando. — Verônica deu um passo à frente para se reportar a Lilian, como mandava o protocolo.

— Kobayashi — Lilian falou, se virando na cadeira em que estava sentada. — Venham cá, e cuidado com o degrau.

— Que degrau? — Verônica perguntou, e descobriu o maldito desnível que separava as mesas de trabalho da navegação do resto da ponte de comando da pior maneira: tropeçando nele.

— Opa. — Lilian a segurou e sorriu, impedindo-a de cair e protagonizar a cena mais ridícula de sua vida. — Esse aí. Todo mundo tropeça nele uma vez na vida.

A pele morena de Verônica ficou mais vermelha do que era humanamente possível, e a garota olhou para baixo, visivelmente constrangida e querendo desaparecer. Lilian também desviou o olhar, tentando não pensar em como a outra ficava *bonitinha* quando estava constrangida, e se esqueceu que ainda a segurava.

— Aí, eu queria adiantar o trabalho porque tenho uma garrafa de cachaça no quarto e queria começar a beber ainda hoje — Roberto interrompeu o momento.

As duas se afastaram, e Lilian limpou a garganta antes de começar a explicação da rotina de manutenção, começando pela atualização periódica dos

softwares e programas de toda a nave.

— E se tiver algum problema na atualização e a gente precisar reiniciar a nave inteira? — Verônica perguntou com a testa franzida. — Tem como a gente resolver sem o capitão?

— Isso é bobagem, nunca acontece — Lilian respondeu de forma ríspida, e Verônica se encolheu. — Mas se precisa mesmo saber e tem preguiça de olhar no manual, no modo de manutenção, só precisa dos comandos certos e da palavra-chave para o *reboot*.

Daí em diante, cada pergunta de Verônica foi mais cautelosa, e a resposta mais curta e grossa, até que elas desapareceram de vez. Se escondeu atrás de Roberto, aproveitando a diferença de altura, xingando-se por ser tão curiosa e não conseguir ficar quieta.

Quando finalmente foram liberados, Verônica desapareceu da ponte mais rápido que a luz, mas Roberto apoiou o isopor na mesa do chefe da navegação em que estavam. Lilian ainda olhava para a porta.

— Aqui seu açai, bem. — Ele entregou o isopor para Lilian. — Dessa vez não precisa pagar, é compensação por todo o trabalho que a gente está te dando.

— Pode ser ilegal, mas é teu trabalho, Beto. Eu não me sentiria bem em não pagar — ela falou, pegando o celular do bolso do vestido e abrindo o aplicativo do banco. — A mesma quantia da última vez?

— Já que você insiste... — ele falou, enfiando as mãos nos bolsos e se apoiando na mesa, encarando-a de forma esquisita. — Eu posso te retribuir de outra forma.

— Roberto, com todo respeito: mesmo se eu gostasse de homem, tu estarias longe do meu tipo.

— Lilian, com todo respeito, mesmo se eu gostasse de mulher, você estaria longe do meu tipo — ele retrucou. Antes que Lilian pudesse falar qualquer coisa, levantou a mão e interrompeu. — Eu só queria dizer que não é uma boa estratégia dar patadas na menina que você tem interesse, principalmente alguém tão tímida como a Verô.

— Ah, não. — Lilian gemeu e escondeu o rosto nas mãos.

— Ah, não, de “Não acredito que alguém como o Beto reparou que eu estou interessada na Verô” ou de “Não acredito que eu estraguei todas as interações que tive com ela”?

As duas coisas. Será que Lilian havia se tornado o tipo de pessoa amargurada que nem conseguia reparar que estava sendo grossa? Seu modo padrão quando se tratava de trabalho era aquele, para não dar margem a nenhuma piadinha ou pedido desnecessário, mas Beto e Verônica não tinham nada a ver com seus problemas, e ela se sentiu muito envergonhada ao perceber que já estava no automático.

Mas Roberto não precisava saber disso.

— Tu não dissesse que queria encher a cara? Xô, praga, vai embora! — Ela fez um gesto, sentindo o rosto queimar de vergonha. — Só esteja aqui às sete da manhã para começar a manutenção.

Quando o rapaz finalmente saiu, ela bateu a cabeça na mesa à sua frente. Quando a vida havia se tornado um desastre tão grande que pessoas que ela mal conhecia se sentiam confortáveis para dar conselhos?



Roberto sabia que encontraria Verônica no galinheiro que ficava em um dos cantos da estufa da nave, ao lado do canteiro de cenouras. Era um pouco triste que as melhores amigas que ela tinha, fora ele, fossem as galinhas do capitão, mas entendia por que o resto da nave hesitava em se aproximar de alguém que tinha a função de cobrar e fiscalizar o trabalho de todo mundo.

— Você sabe que tem um trem que alimenta elas automaticamente, né? — Roberto chamou a atenção, achando graça ao ver Verônica rodeada das pequenas aves desesperadas para comer o farelo de milho que ela jogava.

— Elas precisam de contato humano para produzir mais ovos — Verônica explicou, e Roberto teve 69% de certeza de que ela estava inventando aquela informação. — Se tu veio procurar tua plantação secreta, ela continua no mesmo lugar de sempre, bem longe daqui.

— Eu tenho uma proposta pra você.

— Não vou entrar em nenhum dos seus esquemas loucos, Deus me livre acabar presa.

— É só que a gente está na nave, mas ainda é feriado, e *se divertir* não é ilegal nem vai te prender.

— Ah, Beto, eu estou com zero paciência para as suas presepadas hoje. Primeiro que até entendo eu ser enfiada nessa bagunça, mas a pobre da Kobayashi não tem nada a ver com isso e foi obrigada a ficar aqui, de babá. — Ela levantou os dedos, enumerando. — Segundo que tua ideia de diversão é completamente diferente da minha. Terceiro que a culpa vai ser minha.

— Culpa de quê, Verônica?

— Sei lá, de qualquer coisa. É assim que funciona, a culpa é sempre minha no final.

— Nem faz sentido, isso, cara. — Ele levantou as mãos, frustrado. — Eu ia sugerir que a gente visse um filme e fizesse brigadeiro, só isso. Consegui achocolatado da última vez que paramos! Você ama brigadeiro feito com Nescau.

— Eu passo — ela resmungou, se afastando em direção ao painel de controle ambiental da estufa.

— Tem quanto tempo que você não descansa e relaxa um pouco? — ele continuou, seguindo-a. — Quase um ano, porque até quando você tem folga, o capitão acaba pedindo um favor e você continua trabalhando. Você merece descansar um pouco.

Verônica ponderou sobre a proposta enquanto programava o ciclo de luz para os próximos três dias, a mistura de nutrientes em cada canteiro e os horários de liberação dos robôs polinizadores. Podia não ser sua obrigação, mas era uma forma incrível de torturar Roberto e deixá-lo cada vez mais inquieto enquanto aguardava sua resposta.

— Tudo bem — disse, por fim.

— Verônica, eu arrumei até umas máscaras faciais! É importante tirar um tempo para si mesma e... pera aí, o que você disse?

— Eu disse que tá tudo bem, eu topo filme e brigadeiro.

Ele a encarou por alguns segundos, boquiaberto. Normalmente demorava o triplo do tempo para convencê-la, mas daquela vez só a cartada do brigadeiro tinha funcionado! Não daria margem para Verônica desistir — assim que saíram da estufa, ele a segurou pelo braço e disse:

— Quem chegar primeiro escolhe o que a gente vai assistir!

Se a nave estivesse cheia, ele morreria de vergonha de correr pelos corredores como se ainda tivessem treze anos e estivessem brigando para ver quem

conseguiria chegar a tempo para pegar pudim no refeitório, mas eram só ele e Verô. E Lilian, que provavelmente estava enfiada embaixo de uma coberta morrendo de vergonha naquele instante.

— PELO AMOR DE DEUS, EU NÃO QUERO VER AQUELA MARMOTA DO FILME DO PNEU ASSASSINO DE NOVO NÃO! — Verônica berrou, e Roberto sorriu ao ouvir os passos dela se aproximando.

— É UM CLÁSSICO DO CINEMA, VERÔNICA.

— Só se for do planeta que você veio — ela falou, alcançando-o com facilidade e o empurrando com o ombro.

Roberto a empurrou de volta, e os últimos metros até o alojamento que dividiam foram com os dois se empurrando e tentando se arrastar para ver quem chegaria primeiro, como duas crianças.

Verônica chegou primeiro só porque roubou estendendo o braço e, pela milésima vez, foram assistir ao remake de aniversário de cem anos de *O Fantasma da Ópera*. Roberto reclamou por cinco minutos seguidos, mas amava o filme secretamente, e em algum momento os dois começaram a imitar as coreografias e cantar juntos de forma dramática.

Dramática até demais, aparentemente.

Lilian apareceu na porta do alojamento, a confusão clara em seu rosto, bem no meio da belíssima performance de Roberto em “Think of me”, enrolado em um lençol que fingia ser um vestido esvoaçante. Verônica já estava rindo e ficou escarlate, escondendo o rosto nas mãos, sem conseguir parar.

— Eu achei que vocês estavam sendo assassinados — Lilian disse quando pararam o filme, segurando um sorriso.

Verônica começou a gargalhar.

— Duvido que você faça melhor! — propôs Roberto.

Não demorou muito para que os três estivessem cantando juntos: ele como Christine, Verônica como o Fantasma e Lilian como Raoul, em uma reinterpretação ridícula e hilária das músicas. Nem parecia que Lilian era hierarquicamente superior aos dois; era tão natural que ela estivesse ali, como se fossem amigos desde sempre, sua risada completando a harmonia de cada música.

Quando o filme terminou, eles se jogaram no chão, exaustos. Suor escorria pelas costas de Roberto, apesar da temperatura padrão da nave ser baixa, e fazia

muito tempo que não ria tanto assim sem precisar estar bêbado. Verônica tinha um sorriso de orelha a orelha, e ele sabia que era a primeira vez em meses que ela se deixava relaxar daquele jeito.

Quando escolheu entrar para a Guarani e seguir a carreira que o faria explorar o espaço e viver aventuras inimagináveis, não esperava que tudo fosse ser tão rigoroso, que houvesse tanta paranoia em obter um bom resultado, que as pessoas só pensassem nisso. Em retrospecto, era óbvio que isso aconteceria, já que o financiamento de cada nave era diretamente vinculado à posição que ela tinha nas avaliações. O clima de tensão diário era palpável — alguns dias, insuportável —, e ele só queria berrar por horas seguidas. Para Verônica era pior ainda: ela precisava provar para os pais que havia feito a escolha certa, ser pelo menos tão bem-sucedida quanto o irmão advogado e concursado, então não havia espaço para alguma coisa que a desviasse do foco. Roberto fez um cafuné na amiga, como se ela fosse um animalzinho, feliz de ter ajudado a aliviar pelo menos um pouco de toda a cobrança que ela se impunha.

O conforto e diversão da tripulação era uma responsabilidade que havia tomado para si assim que entrara para a equipe da Yucatán. O capitão podia reclamar e castigar o quanto quisesse, mas Roberto sabia que, sem as comidas que ele trazia de forma clandestina para a nave e sem as festas loucas que inventava periodicamente, pelo menos metade da tripulação já teria pedido transferência.

Lilian se virou para ele, ainda deitada no chão, com uma mão apoiada na barriga, e perguntou:

— Beto, tu ainda tens aquela cachaça?

Ele gargalhou, se sentindo satisfeito. Até que fazia um bom trabalho.



Verônica acordou confusa, a cabeça pesada tornando o esforço de se levantar quase hercúleo. A boca estava seca e o ar parecia descer rasgando a garganta a cada respiração, como se fosse uma criatura cheia de unhas e dentes. Havia alguma coisa estranha no ar, um cheiro ácido diferente que deixava um gosto metálico no fundo da língua.

Saltou sobre Lilian e tropeçou em Roberto na tentativa de sair do alojamento, a respiração ofegante quando finalmente chegou à porta. Seu corpo parecia diferente, os braços e as pernas estavam leves, como se não lhe pertencessem, e ela precisava do triplo de esforço para fazê-los obedecer às suas ordens.

Estava tremendo quando viu a galinha.

Galinha?

Galinha. No corredor da nave, ciscando como quem não queria nada. Verônica piscou os olhos algumas vezes, mas a galinha continuou o trabalho de procurar minhocas imaginárias no chão de metal da nave, com toda a calma do mundo.

Você não devia estar aqui, mocinha, ela falou ou pensou, não sabia ao certo, e se aproximou, com a sensação de que estava nadando contra a correnteza de um rio. A galinha não se mexeu, mas a cada passo parecia estar mais distante. O fim do corredor estava fugindo dela sem nem disfarçar.

Que bobagem para se pensar, Verônica.

Sua mente estava errada. Teve certeza enquanto se arrastava pela parede do corredor, sempre em movimento, nunca chegando ao destino desejado. A realidade parecia estar do avesso e ela parou, respirando fundo. Estava realmente acordada ou era só um sonho? A galinha de fato estava ali? O que era realidade? E se seu maior medo, de que a vida fosse uma simulação de computador, fosse verdade e ela estivesse percebendo isso ali, naquele momento?

Tudo parecia estranho e fora de lugar, e a única coisa que ela queria era fazer xixi.

Foi então que a parede começou a derreter.

Não a derreter *de verdade* — se era que alguma coisa daquilo era real —, mas era como se fosse feita de mercúrio, líquida, se esquivando cada vez que Verônica a tocava. Os pelos da sua nuca se arrepiaram e ela se afastou, parando no meio do corredor, afundando as unhas nas mãos. Era tudo um sonho. Ela acordaria a qualquer instante. A qualquer instante...

O cacarejar suave chamou sua atenção, e a galinha estava quase ao seu lado. Como ela havia parado ali? Verônica prendeu a respiração enquanto observava o animal se aproximar, como se fosse um predador jurássico, com os olhos fixos em algum ponto atrás de sua cabeça. Sentiu outro calafrio. Sabia que, se virasse, encontraria algo terrível.

A galinha parou, encarando-a diretamente. Quando a bichinha abriu o bico mais uma vez, uma voz distorcida e amorfa saiu dele:

— Me ajude.

As pernas de Verônica reagiram antes que ela pudesse perceber e, com os olhos fechados, voltou correndo para o alojamento, sem encostar em nenhuma parede e sem olhar para trás. Quando fechou a porta atrás de si, apontou para Roberto e disse:

— O que você pôs naquela cachaça?



Wolfgang Solberg estava sentado ao seu lado de pernas cruzadas quando Roberto abriu os olhos. Aquele Wolfgang Solberg, capitão da primeira nave a encontrar uma forma de vida extraterrestre, com o nariz afilado, cabelo grisalho e sorriso torto. Era ridículo o quanto aquele homem era bonito, e, na pequena lista de pessoas com as quais Roberto não se importaria de ficar, o brigadeiro Solberg estava no topo, sem nem pensar duas vezes. Solberg franziu a testa, ainda mais bonito com a expressão pensativa, e Roberto se perguntou se era assim que pessoas que não eram assexuais como ele se sentiam o tempo todo.

Se era, ele entendia por que todo mundo era tão louco.

Calma aí, isso não é possível.

— Você ficou de castigo de novo — o brigadeiro falou com um tom decepcionado, as palavras manchadas pelas reminiscências do sotaque natal. — E trouxe Verônica contigo, dessa vez.

— Ah, não, eu não acredito que a minha consciência escolheu a *sua* cara para falar comigo. — Ele se sentou, decidido de que aquilo tudo era um sonho, e Solberg riu.

— Eu não sou sua consciência — ele respondeu. — Só estou aqui para ter uma conversa sincera. Da onde venho, acreditamos muito em destino.

Roberto passou uma mão pelos cabelos e coçou a barba, tentando entender o que estava acontecendo. A única substância que havia ingerido nas últimas 48 horas havia sido um gole da cachaça, porque as meninas detonaram o resto antes que ele tivesse tempo de beber mais alguma coisa. Será que a bebida estava

adulterada? Ele teria uma conversa séria com seu revendedor da próxima vez; era a qualidade dos produtos que mantinha o negócio funcionando.

— Não tinha nada de errado na cachaça — Solberg disse, apoiando uma mão sobre o joelho. — Eu venho te observando nesses últimos anos e gosto de você, Roberto. Você tem uma alma e um coração bons.

— Ah, é? — ele perguntou, ainda mais confuso.

— Todo o dinheiro que você faz aqui, com essas coisas proibidas, você manda para sua mãe — Solberg começou a enumerar. — Você se preocupa em conhecer as pessoas e conseguir exatamente a memória afetiva que precisam para aguentar o trabalho. E você não fala nada disso porque não quer que reparem no que está fazendo. É um trabalho quase heroico, na verdade.

— Bem, obrigado. Fico feliz de ser apreciado por uma alucinação.

— Eu não sou uma alucinação. — O homem à sua frente souou chateado. — Eu só gosto de cuidar e observar toda a tripulação da nave. Bem, quase toda. Tem uns três ou quatro que eu preferia que fossem embora; eles bagunçam a harmonia geral.

— Ah, claro — Roberto respondeu, sarcástico. — Claro, você não é alucinação, você é o anjo da guarda da nave. Que bobagem a minha, achar que são duas coisas diferentes!

A coisa em forma de Wolfgang Solberg franziu a testa novamente, como se estivesse tentando entender o que ele disse. Depois de quase um minuto, finalmente se mexeu, encarando Roberto.

— Pelo conceito de vocês, sim. Sou como o anjo da guarda da nave. Mas anjos não existem. Ou existem? As informações parecem conflitantes.

Roberto apertou as têmporas e fechou os olhos, querendo que aquela viagem louca acabasse. Talvez, se ele ignorasse, tudo desapareceria logo. Deitou-se novamente, sentindo o olhar da coisa ao seu lado, e se cobriu até a cabeça. Contou até dez e depois até vinte, e aí até cinquenta, na esperança de que tudo voltasse ao normal.

Estava no meio do caminho para trezentos quando a porta do alojamento deslizou violentamente e Verônica entrou no quarto como uma doida, o cabelo cacheado parecendo uma nuvem ao redor da cabeça, e apontou para ele, acusando-o.

— Anda, eu sei que você está acordado! — ela disse, enquanto o empurrava

com o pé. — Me responde agora. Tu sabe que eu não gosto dessas coisas! Se tu me drogou sem eu saber, já pode começar a rezar, porque tu vai MORRER!

— O Solberg ainda tá aí? — Beto perguntou e tirou a coberta de cima do rosto, tendo a sua resposta. Ele ainda estava lá fora e havia saído do caminho de Verônica, sentando-se num canto com um quase sorriso, como se toda a situação fosse muito engraçada.

— Ah, não, você também tá louco. — Ela se sentou ao seu lado e escondeu o rosto nas mãos. — O corredor tá derretendo, Beto! Derretendo! E tem uma galinha lá fora! QUE FALOU COMIGO.

— Ele tem a cara do brigadeiro Solberg e diz que não é uma alucinação — Beto explicou com um ar culpado pela situação. Sabia como Verônica odiava tudo que a deixasse sem controle e estendeu uma mão, que ela segurou com força. — Desculpa, eu não sabia que isso ia acontecer. Eu sempre compro essa mesma marca, da mesma pessoa, nunca deu problema antes.

— Você pode falar para ela que também não é uma alucinação — Solberg disse, e Beto o encarou com o canto dos olhos, com um aviso. — Bem, talvez seja, mas a mente dela funciona de forma diferente. Tem muito barulho lá dentro.

— Beto, ele tá falando com você? Não responde — Verônica falou ao ver o amigo olhando fixamente para um canto, apertando sua mão. — Eu só preciso ir no banheiro e não consigo sozinha, depois a gente volta a dormir e amanhã tudo vai estar normal.

— Bem, não. Não vai estar, não. Vocês precisam me ajudar.

Roberto ignorou a coisa os seguindo enquanto atravessavam o corredor para o banheiro. Ignorou quando ela tentou puxar conversa enquanto esperavam por Verônica perto das pias, ignorou quando Solberg os seguiu de volta e Verônica se agarrou a ele, os olhos arregalados, tentando olhar para qualquer lugar que não fossem as paredes.

— Eu vou ficar aqui, então — Solberg disse, por fim, se acomodando numa das camas do alojamento. — Quando você quiser saber o que está acontecendo, estarei esperando.

Roberto se deitou no chão de novo e, com Verônica acomodada debaixo do braço como uma criança que havia tido o pior pesadelo da vida, os cobriu até a cabeça.

— Quando a gente acordar, vai estar tudo bem — ele sussurrou para a amiga, que só concordou, enfiando a cabeça contra seu peito. — Eu prometo.

— Você devia parar de prometer coisas que não pode cumprir — Solberg falou com uma risada, de algum lugar do quarto.

Roberto só fechou os olhos e apertou Verônica contra si.



A nave vazia parecia um sonho, como um fragmento dos devaneios de menina de Lilian. Se havia alguma vantagem em nunca ter folga, eram os momentos de paz que ficar de plantão lhe proporcionava. Vagar pelos corredores sem rumo, sentar na ponte de comando e observar o universo escuro e imprevisível que os rodeava, respirar o oxigênio puro da estufa.

Mas, com a nave vazia, sempre vinha a mulher de branco.

Lilian a viu pela primeira vez ainda no primeiro ano, um vulto no canto do olho, uma presença esquisita que sempre a seguia. Ela chegou a ir em uma benzedeira em um dos portos que pararam, o mais próximo de um centro espírita que havia encontrado, mas nada: a sensação continuava ali. Quando a mulher finalmente apareceu, nem rosto ela tinha. O cabelo escuro cobria sua face e ela falava em língua de sinais, como a irmã de Lilian. Ela fingia não a ver, mas sempre entendia a mensagem:

Você precisa me encontrar.

Foi quando os novos tripulantes chegaram, três anos antes, que as coisas começaram a ficar ainda mais esquisitas. A primeira vez que viu Verônica sentada na cama de baixo do beliche do alojamento, vestida com a camisola branca que a fantasma sempre usava, Lilian ficou os três dias do plantão dormindo na ponte de comando, com medo de voltar para o quarto.

Foi assim que conheceu Roberto: encomendando sal grosso para fazer um exorcismo. Era surpreendente que ele não a achasse louca.

Então, quando acordou no meio daquela noite e encontrou duas Verônicas, a que estava sentada numa das camas e a que estava dormindo no chão, agarrada a Roberto, já havia aceitado que a nave era mal-assombrada e pronto. Ela não tinha coragem de falar com alguém sobre o assunto — se ninguém visse a

fantasma, iriam achar que ela era louca e expulsá-la da nave. Se mais alguém visse, o que iriam fazer? Um grupo de apoio a pessoas com experiências paranormais? Não, falar com alguém não daria em nada. Sua regra pessoal se tornara evitar contato visual com a fantasma, aí ela iria embora em algum momento. Se fingisse que a fantasma não existia, ela desapareceria.

Ainda não tinha funcionado.

— Lilian — a fantasma falou com a voz suave de Verônica, arrumando o cabelo cacheado atrás da orelha num gesto idêntico ao da garota. — Lilian, você precisa me ouvir pelo menos dessa vez.

Lilian coçou os olhos e se levantou, arrumando o alojamento como podia antes de voltar ao quarto. Havia sido o plantão mais divertido em anos, e o mínimo que podia fazer era diminuir a quantidade de bagunça que Beto e Verônica teriam para arrumar pela manhã.

— Lilian.

A fantasma a seguiu enquanto ela acabava de jogar o lixo fora e enquanto tomava banho antes de voltar ao alojamento. Era irritante demais e, quando vestiu o pijama e se acomodou para dormir, a fantasma sentou ao pé da cama, com os olhos escuros de Verônica a encarando como um cachorro que caiu da nave.

— Lilian, fala comigo só hoje. Só dessa vez... — A fantasma soou desanimada. — Eu não queria voltar a aparecer como alguma coisa que você tem medo. Já aprendi que é melhor ser alguma coisa que a pessoa gosta.

Lilian se cobriu até a cabeça, sentindo o rosto queimar enquanto se lembrava de todas as broncas que já levava porque estava prestando mais atenção na ajudante do capitão do que no próprio trabalho. Fantasma idiota, ninguém tinha dado permissão para ler seus pensamentos.

— O que queres? — Lilian grunhiu, se descobrindo e encarando-a.

— Vocês precisam me encontrar. Nenhum deles quis me ouvir e eu acho que errei a voz da galinha quando falei com a Verônica. Alguma coisa deu muito errado com ela. — Era estranho demais ver a imagem de Verônica falando de si mesma como se fosse outra pessoa e Lilian sentiu o coração apertar quando a aparição olhou para baixo do mesmo jeitinho que Verônica fazia quando estava chateada. — Sei que vocês conseguem me ajudar, por favor. Eu prometo parar de te perturbar.

— Pelo amor de Deus, eu já disse que não consigo te ajudar! — Ela se sentou na cama, massageando as têmporas. — Eu já tentei, lembra? Não adianta. Não vai fazer diferença nenhuma e eu ainda vou ser demitida.

— Eu sei que vocês vão conseguir dessa vez — a fantasma afirmou com convicção. — Por favor? Você pode pelo menos tentar? Eu posso te ajudar a conseguir uma promoção.

Lilian revirou os olhos e voltou a se deitar, fazendo um sinal para que a fantasma fosse embora.

— Amanhã a gente vê isso — ela falou. — Só me deixa dormir, vai jogar pingue-pongue ou sei lá que você faz nas suas horas vagas.

— Obrigada.

— Vai embora.

— Muito obrigada!

— Eu já disse pra me deixar dormir. — Lilian reclamou mais uma vez, jogando um dos seus travesseiros na direção da fantasma, que desapareceu com uma risadinha.



Lilian os acordou muito antes das sete da manhã, impecável no uniforme e com o cabelo preso em uma das tranças que compunham os vinte estilos de cabelo permitidos na nave, como se não tivesse bebido mais da metade de uma garrafa de cachaça sozinha na noite anterior. Verônica admirava a dedicação e um dia seria como ela, mas daquela vez sentia como se tivesse sido atingida por um meteoro, a cabeça latejando e a boca seca. Não havia nenhuma galinha no corredor, mas quando se apresentou a Lilian na ponte de comando, ao lado de Roberto, o Fantasma da Ópera estava sentado na cadeira do capitão, com direito a capa e máscara.

A única explicação plausível era que a quantidade de CO₂ na nave estava fora de controle e eles estavam sendo envenenados sem perceber. Provavelmente todos os sensores estavam quebrados e eles morreriam em breve. Roberto também olhava por cima do ombro na direção da cadeira do capitão, parecendo nervoso, provavelmente vendo o brigadeiro Solberg ali.

Ela precisava parar de pensar, só por um segundo que fosse, ou iria ficar louca. Mas o Fantasma *tinha* que ficar espiando por cima do ombro deles enquanto faziam as rotinas de manutenção, com uma expressão concentrada (mesmo embaixo da máscara) e a capa enrolada ao redor de si como um vampiro de filme de terror ruim. Se havia algum alento, era que ele não havia falado nem cantado nada, só estava seguindo-os como se fosse uma sombra.

Roberto errou um dos comandos quando o fantasma parou atrás dele, sem nenhum respeito ao seu espaço pessoal.

— Minha Nossa Senhora, será possível que tu vais continuar com ESTA MERDA? — Lilian explodiu, e Roberto e Verônica arregalaram os olhos, Roberto se encolhendo contra a amiga, assustado. Ele nunca tinha levado uma bronca daquele nível na vida e, bem, se Verônica não tivesse certeza absoluta de que estavam prestes a morrer, ela se sentiria satisfeita. — Eu já disse que precisa de concentração para fazer esse negócio; se tu ficas aí, perturbando, ninguém consegue fazer NADA.

— Ela tá falando comigo? — Roberto perguntou para a amiga, baixinho, e depois olhou para a quarta figura entre eles. — Ou com ele?

Lilian se virou para os dois, com os braços cruzados, e olhou na mesma direção que Roberto estava olhando.

— Vocês também estão vendo ela? — perguntou, impaciente, e se virou para o Fantasma. — Você está aparecendo para eles?

— Sim — a figura respondeu com a voz de barítono do ator favorito de Verônica. — Você prometeu me ajudar, Lilian.

— Eu ia perguntar *como*, mas já desisti de ter respostas de ti. — Lilian revirou os olhos. — Então, gente, o lance é que a nave é mal-assombrada.

— Isso não é possível, Lilian — Verônica retrucou quase imediatamente, se encolhendo sob o olhar de Lilian. — É só que... fantasmas não existem.

— Minha religião discorda de você — Lilian respondeu, com uma sombra de sorriso.

— Eu acho que os sensores de CO₂ da nave estão quebrados — Verônica respondeu, sem olhar para Lilian.

— Ah, então eles quebram todas as vezes que eu fico de folga, é um fenômeno interessantíssimo! Principalmente porque eu fico completamente bem quando todo mundo volta para a nave.

— Então é um fantasma tímido — Roberto disse, olhando para a figura entre os três. — Você quer que a gente ache seu corpo para você descansar?

— Roberto, não interage com ele! — as duas exclamaram ao mesmo tempo, e Roberto piscou algumas vezes, olhando para elas sem entender.

— Eu não sei vocês, mas eu não tenho a capacidade de trabalhar com um negócio me seguindo por aí com a cara do homem mais lindo do universo — Roberto falou, apoiando as mãos nos quadris. — Então a gente precisa resolver esse problema.

— Ele tem razão. — O Fantasma apontou para Roberto. — E Lilian me prometeu.

Verônica fechou os olhos, implorando para que aquela situação tivesse desaparecido quando os abrisse. Mas lá estavam eles: Lilian pressionando as mãos nas têmporas, pensativa; Roberto ao lado do Fantasma, com os ombros tensos e uma expressão preocupada; o diabo do Fantasma da Ópera empertigado, com uma postura impecável, tão imóvel quanto uma estátua de cera. Era absurdo e impossível.

— Tudo bem — Lilian disse. — A gente resolve isso agora e depois volta para o trabalho.

Verônica não pretendia começar a discutir com gente acima da sua hierarquia, então engoliu suas queixas enquanto seguia Roberto e Lilian para fora da ponte de comando. O Fantasma a acompanhou em silêncio, olhando-a de soslaio e desviando o olhar todas as vezes que percebia que ela o observava.

— Eu não gosto disso — ela falou, por fim.

— Eu sinto muito — o Fantasma respondeu, meio cabisbaixo. — Mas, se te ajuda, eu não sou um fantasma.

— Ele é um anjo, Verônica — Roberto falou, num tom jocoso, e o não fantasma abaixou a cabeça, como se envergonhado. Verônica sentiu vontade de rir.

Toda aquela situação era ridícula demais.

— Eu pesquisei sobre isso durante a noite e não sou um anjo — ele protestou.

— Não importa o que esse troço é — Lilian encerrou a discussão e se virou para o nem anjo, nem fantasma. — A gente ainda te encontra naquele lugar?

— Calma aí, você *sabe* onde ele está? Por que não ajudou antes? — Roberto reagiu e Lilian cruzou os braços.

— Ela não conseguiu — a criatura ofereceu a resposta. — Ela já tentou várias vezes, mas nunca dá certo. Mas agora vai dar.

— Eu não sei da onde você tira tanto otimismo. — Lilian bufou, guiando-os.

Atravessaram os corredores, desceram pelas escadas, pelos andares de laboratórios, os de serviço, os de engenharia, até chegarem ao Calabouço — o laboratório que ficava na barriga da nave. Verônica estivera ali uma vez só, no primeiro ano, a pedido do capitão, e a porta de chumbo continuava ameaçadora com a quantidade de indicações de perigo, de material radiativo, de risco de contaminação biológica e outros avisos que ela nem reconhecia direito.

— É isso. Não dá para passar desse ponto.

— O que a gente faz a... — Roberto começou a perguntar, só para ver o espaço vazio no local onde a criatura estava. — Sumiu!

— Ela gosta de fazer isso quando a gente chega aqui — Lilian falou, frustrada, se aproximando da porta. — Eu não sei da onde ela tirou que ia ser diferente, eu nunca consigo passar daqui.

Verônica se aproximou da outra mulher, encostando uma mão na porta de chumbo, com a testa franzida. Havia uma explicação simples e óbvia para tudo o que estava acontecendo, mas todas as vezes que ela juntava as informações para tentar chegar a uma conclusão, as respostas fugiam da sua mente, como se tivessem vontade própria. O que a-coisa-que-não-era-fantasma havia dito? Que agora daria certo?

— Ah, claro. — Ela tirou o crachá que ficava pendurado no pescoço e passou no sensor de identificação ao lado da porta. A luz acima dele piscou amarela por alguns segundos antes de ficar verde e a porta se abriu de uma vez. Quando ela virou para chamar os outros, Roberto e Lilian a encaravam como se uma segunda cabeça tivesse surgido sobre seus ombros. Ela se encolheu, se defendendo. — Que foi?! O capitão me deu acesso irrestrito para eu poder fazer o trabalho sem precisar perder tempo pedindo autorização.

— Ah, e você só pensou em dizer isso agora? — Roberto falou, fascinado com o poder ilimitado que sua melhor amiga tinha. — Ia ser muito útil saber disso antes, Verônica.

— Exatamente por isso que não te contei antes.

— Tu é cheia de surpresa, né, menina? — Lilian riu, e Verônica sentiu as bochechas ficarem quentes enquanto seguia a superior para dentro do

Calabouço.

Assim que conseguiu entender o que estava vendo, Verônica deu um passo para trás, batendo na porta que havia acabado de se fechar, contendo a ânsia de vômito.

Haviam encontrado o fantasma.



Há quem diga que o progresso científico é resultado natural da curiosidade inerente ao *Homo sapiens*. Desvendar os mistérios do universo e descobrir o funcionamento da natureza são intrínsecos ao pensamento racional, e é essa a principal característica que distingue um humano de algo que não o é.

Para Roberto, a única coisa inerente à humanidade era que todo mundo tinha um potencial infinito para ser filho da puta. Principalmente se você não atendia os pré-requisitos necessários para ser considerado humano — e, bem, a criatura à frente deles não se enquadraria em nada da lista.

Era uma criatura imensa, pelo menos duas vezes maior que Roberto da ponta de um indicador ao outro. Parecia ser feita de gelatina de mercúrio e emanava tanto calor quanto um motor de fissão nuclear. Era uma criatura minúscula, menor que a palma da mão de Roberto, coberta de olhos e pernas, como uma aranha desconfigurada. Era do tamanho de Roberto, amarrada com correntes eletrificadas, coberta por escamas coloridas que pendiam como a roupa de um dançarino de maracatu. O cheiro não era desagradável, mas parecia que havia alguma coisa azeda, como comida que ficou na geladeira por tempo demais. A criatura era tudo e nada ao mesmo tempo, e a única certeza que Roberto tinha era de que ela estava sofrendo.

Verônica vomitou na lixeira próxima a uma das bancadas do laboratório. Havia pedaços da criatura em cestos e em aquários cheios de substâncias coloridas, assim como nas geladeiras. O coração de Roberto parecia prestes a explodir, e ele fechou os olhos bem apertado, sabendo que se continuasse tentando entender o que era o que estava à frente deles teria um AVC.

Lilian foi quem conseguiu se aproximar. Com o queixo levantado e uma expressão de dor, falou:

— Então é isso que tu és. O que a gente faz contigo agora? Quer ir embora?

Não houve resposta. Não havia boca — ou haviam bocas demais — para que a criatura respondesse. Roberto abriu os olhos novamente e se aproximou de Lilian, os olhos voltados para baixo. Verônica havia se ocupado em um dos computadores ali perto, na única bancada sem nenhum experimento em andamento.

— Como a gente solta... — Roberto procurou por uma palavra adequada, mas não encontrou nenhuma. — Como a gente solta?

Verônica franziu a testa e, por um instante, Roberto achou que a amiga iria dizer que não podiam fazer aquilo. Que se libertassem aquilo, alguém iria descobrir, e eles seriam expulsos. Que o emprego ou a carreira ou o que fosse era mais importante do que a consciência deles. Porque ele nunca, jamais dormiria em paz sabendo que, no fundo da nave onde trabalhava, faziam experimentos que causassem sofrimento a alguma criatura.

— Não achei nenhum sistema que pareça ser o que segura esse... troço — ela respondeu, passando uma mão no cabelo, parecendo mais nervosa a cada instante. — Mas estou procurando.

— Esse tempo todo — Lilian continuou, a voz cheia de culpa —, eu estava te ignorando quando era por isso que estava passando? Por que não falou nada antes?

— Lilian. — Roberto se aproximou, segurando-a pelos ombros. — Você não podia fazer nada. Agora a gente pode fazer alguma coisa.

Lilian engoliu em seco, enxugando os olhos marejados, trêmula nos braços dele. Verônica, em algum lugar atrás dos dois, bufou de raiva e, com uma mão, derrubou todos os equipamentos da bancada no chão, com um barulho quase ensurdecador de metal batendo em metal. Ela derrubou um dos aquários e outro computador, grunhindo de raiva. Quando pareceu o suficiente, ela parou, arrumou o uniforme e virou para os dois, com o rosto vermelho.

— Eu me demito.

— Verô — Roberto falou, sentindo o estômago revirar. Entendia a vontade, mas o que Verônica faria? Voltaria para casa humilhada e ficaria o resto da vida ouvindo os pais jogando na cara dela que estavam certos, que aquela carreira era um erro? — Calma.

— Calma, Roberto? Deixa eu te dizer uma coisa: você tá vendo esse negócio,

essa corrente elétrica que prende ele? Não tem como desligar. Sabe por quê? Porque a ideia é que essa criatura, sei lá, esse alienígena, só saia daí morto, então é só cortar o pedaço na hora de tirar o corpo — ela falou, a voz o mais alto que ele já tinha ouvido, apontando na direção do alienígena preso. — Foi a única coisa que achei quando pesquisei como soltar ele, tem um registro de pesquisa quase sádico sobre o assunto. Eu não vou trabalhar num lugar que faz isso.

Ele não sabia o que fazer. Lilian estava chorando com o rosto escondido atrás das mãos, nervosa demais, culpada demais para fazer alguma coisa. Verônica estava em um ataque de fúria num nível que ele nunca havia visto, incapaz de pensar claramente. Atrás deles, a criatura emanava dor e sofrimento, como se tudo tivesse ficado ainda mais intenso nos momentos antes da liberdade.

Mas não tinha como libertá-la, não tinha como continuar ali, não tinha, não tinha, não tinha. Odiava a sensação de impotência e a confusão que sentia parecia uma tempestade se formando em sua barriga.

E aí, ele teve uma ideia.

— Para onde você vai? — Verônica berrou enquanto ele saía do laboratório.

— Você vai ver!

Wolfgang Solberg voltou a aparecer enquanto ele subia as escadas, acompanhando-o. Roberto quis fazer mil perguntas, mas mal tinha fôlego para subir os degraus naquela velocidade, imagina falar? Quando finalmente chegou na ponte de comando, estava ofegante e sua cabeça latejava, mas não hesitou em se sentar na mesa do capitão.

— Maracanã — o brigadeiro Solberg falou, se debruçando em cima da mesa junto com Roberto. — É a senha que você precisa.

— Como você...? — Roberto começou a pergunta, mas desistiu no meio.

Agora que ele sabia do que estavam tratando, era óbvio que a aparição era um alienígena que lia mentes. Como não pensaram nisso antes? Eram provavelmente as pessoas mais idiotas a virarem exploradores espaciais.

Roberto entrou na rotina de *reboot*, digitou a senha e a mesa piscou duas vezes antes de se desligar.

E, com um suspiro, a nave toda a acompanhou.



Lilian acordou sem se lembrar de quando havia ido dormir. Os olhos estavam ardentes e inchados, e ela sentia um aperto no peito, como se tivessem arrancado seu coração e o devolvido na posição errada. Ficou tonta quando se sentou na cama, a lateral esquerda da cabeça latejando.

Verônica estava sentada ao pé da cama, parecendo preocupada, vestida com o uniforme.

— Ainda bem que você acordou — ela falou, encostando uma mão em seu ombro. Lilian teve um flash de um laboratório com uma criatura impossível e fechou os olhos com força. — A gente ficou preocupado, mas Verônica disse que deve ter sido o choque.

Lilian olhou novamente para a figura ao seu lado, idêntica a Verônica até na pinta que a garota tinha acima dos lábios, com o mesmo uniforme cinza, o cabelo cacheado preso num coque como ela sempre usava. Era a primeira vez que a fantasma vinha tão arrumada.

— Eu achei que a manobra kamikaze do Roberto tinha te libertado — disse, massageando as têmporas. A dor de cabeça era pior do que a de qualquer ressaca que ela já tivera na vida. — Quem diria que era só desligar a energia, hein?

— Libertou. Eu disse que dessa vez ia dar certo — a criatura falou, com o sorriso radiante de Verônica. — Mas não fui embora.

— Desculpa. Desculpa ter te ignorado, desculpa não fazer nada antes. Tu precisas de ajuda para ir embora? Eu não sabia, achei que...

— Shh... — ela falou, apertando a mão no ombro de Lilian, numa tentativa de consolá-la. — Está tudo bem. Ainda estou aqui porque eu quero.

Lilian levantou o rosto, encarando a figura à sua frente, que deu outro sorriso, como quem quer mostrar que está tudo bem. Era um sorriso não muito humano, mas genuíno, e, agora que estava prestando atenção, dava para ver que a criatura não era uma boa atriz.

— Eu não tô entendendo.

— A nave é minha, agora — ela respondeu, com uma expressão de satisfação. — E eu descobri que gosto de vocês, humanos. Não de todo mundo, talvez você perca seu chefe nas próximas semanas, mas na média vocês são fascinantes.

As duas ficaram em silêncio por tempo o suficiente para a alienígena se sentir desconfortável, e ela se levantou, arrumando o uniforme.

— Eu entendo se quiserem ir embora, mas eu gostaria que ficassem comigo. Posso garantir que o que aconteceu comigo não vai mais acontecer com nenhuma outra criatura. Verônica concordou, Roberto nem precisou ser convencido.

— Ah, é a cara dele querer ficar numa nave controlada por um... seja lá o que você for.

— Você pode me chamar do que quiser — ela retrucou. — Ele diz que sou um anjo, começo a gostar da ideia.

— Você parece um anjo quando aparece com essa cara pra mim — Lilian retrucou, reparando tarde demais que estava dando uma cantada *ruim* num alienígena.

Mas o anjo gargalhou, parecendo satisfeito.

— Quando quiser me visitar, vou estar no motor da nave.



Um grupo de estudo foi formado para entender como a Yucatán havia passado de melhor nave para a pior da corporação em menos de cinquenta anos. O tempo para alguém sofrer um acidente, desaparecer ou abandonar a nave era bem abaixo da média do resto da Guarani, e, com boatos cada vez mais mirabolantes, além do maldito filme de terror sobre uma nave amaldiçoada que era inegavelmente a Yucatán, a situação havia virado um pesadelo para a assessoria de imprensa da empresa.

Mas todos os estudos foram inconclusivos. A Yucatán era impecável em rotinas, e seus relatórios eram perfeitos, mesmo com uma tripulação reduzida.

— Eu já disse que não tem nada de errado — a capitã Cavalcanti insistia todas as vezes que a contatavam. — Não é culpa minha se as pessoas são competitivas e não querem ficar aqui por muito tempo.

Ainda assim, todo Trinta e Um de Outubro, no meio da festa icônica de Halloween que promoviam anualmente, a capitã, a primeira-imediata e o chefe de pesquisas sempre davam um jeito de se esgueirar para o motor da nave, com uma garrafa de cachaça e uma edição cada vez mais antiga de *O Fantasma da Ópera* para relembrar os velhos tempos e deliberar quem continuaria na

tripulação.

Tudo com a ajuda de um velho amigo.

BÁRBARA MORAIS é economista e autora de obras de ficção científica e fantasia. Publicou a trilogia *Anômalos* (Gutenberg, 2013-15), uma história sobre preconceito, aceitação, superpoderes e políticos horríveis. Também é autora de vários contos e ensaios. Fala sobre livros na internet desde 2008 e sua segunda casa é o Twitter, onde exhibe todo o seu amor por teorias da conspiração malucas, aliens e animes de super-heróis.

O BARQUEIRO

ALLIAH

ESSA É A casa do meu corpo.

Esses ossos espatifados e reconstruídos em solda vulcânica, esses órgãos remendados e costurados a códigos genéticos de extremófilos, esse semblante ainda ardente da cauda de cometa, essas incrustações minerais no meu peito e essas mãos estreladas de cicatrizes.

Posso parecer um encouraçado, mas meu metabolismo é sensível aos estímulos mais díspares, desde rajadas de vento solar até o trincar de sal entre os dentes. Tenho uma colônia de dispositivos alocados em diferentes camadas da pele, penetrando até os músculos para lidar com tanta permeabilidade. Dá para sentir se pegar aqui no meu pulso, se apertar um pouco assim com o dedão no espaço entre as veias. Vê as fissuras oblíquas que se entreabrem como guelras? São filtros metabólicos que agem como radar de ameaças patogênicas, e as microcerdas, que agem como fibras ópticas na boca da abertura, têm a espessura de um fio de cabelo e ondulam em varreduras eletroquímicas. Se não fosse a evolução acelerada que me fez absorver e extrudar pequenos sistemas de defesa e regulação como esse, eu já teria sido invadido e manipulado por algum chapeleiro solitário nos confins do Piauí ou por um espião corporativo numa cripta nuclear da Sibéria.

Sou um poço ambulante de riquezas inexploradas. As correntes que nadam por mim podem ser capturadas em safras energéticas e redirecionadas para fins escusos.

Acho que eles sentem as rebarbas de longe, talvez com mapeamentos daqueles de vigilância de atividade sísmica, apesar de não poderem alcançá-las nem com invasores programados a qubit desde o evento de fusão no planeta-criatura. Não tenho o corpo fechado, mas os sistemas que o animam são

blindados, o que acaba sendo uma faca de dois gumes.

O acidente ainda se propaga e reverbera dentro de mim, sem ter para onde sair. É ruína incessante do meu ser. E ainda me sugeriram arrancar a memória fora numa terapia cirúrgica, apagar as conexões que a iluminam com precisão nanométrica, como se não fosse um sacrilégio pulverizar um artefato arqueológico. Neguei. Disse que seria substituir um trauma por outro.

Mas estou me adiantando.

O que estou tentando dizer é que essa casa é assombrada por distúrbios retrofuturistas de memórias ectópicas corrompidas, náuseas de uma propriocepção expandida a nível planetário e uma algazarra de vozes que se acumulam fragmentadas e se movem como um enxame de pragas. Nada do que brota em minha mente parece se encaixar em lugar algum, como se meus pensamentos fossem peças de um quebra-cabeça que não condiz com as circunvoluções do meu cérebro. E os que chegam mais perto se transformam em paranoia e escorrem, viscosos e insolúveis, quando preciso tomar alguma decisão. Tenho as mãos sujas e restringidas.

Eu era Milo. Ou devo dizer que meu nome era Milo, até que um carcará de três cabeças e bunda de javali dilacerou meu pescoço e cristalizou meu fluido cefalorraquidiano. Agora, somos também Milo, e Milo é um de nós, dentre outros que não são Milo, e sim Diogo, Éris e dois tipos de mentes não humanas com nomes impronunciáveis pelo aparelho fonador que possuímos. A alteração de estados para navegar nessa malha nervosa ocorre em saltos, mas somos embaralhados e simultâneos.



Jaqueline esfregou os olhos, ainda grogue demais de fome e dos resquícios dos opioides da última noite para entender o que era “cefalorraquidiano” ou se preocupar o suficiente para perguntar.

— Cerebrospinal — Milo se adiantou a explicar, apontando para a cabeça — é uma proteção mecânica entre o crânio e os miolos.

O sol das duas da tarde se embrenhava pelos buracos arrombados no teto e escorria pela destruição dos três andares até alcançar o par sentado à mesa no

térreo. Ao longe, era possível ouvir o ar-condicionado que esfriava aquela ala engasgando moribundo, o ranger das estruturas danificadas se assentando e o eventual baque de algum pedaço de construção desabando. Do outro lado do jardim, focos de fumaça se condensavam e esvaeciam como elementais em dois dos prédios do complexo.

Menos de uma hora atrás, antes que Jaqueline tivesse a chance de levar a primeira garfada do almoço à boca, Milo havia aterrissado como um meteoro no jardim do Retiro de Desintoxicação Tecnológica e Recuperação. O impacto tinha incendiado os arranjos botânicos que floream a praça arborizada, espatifado as amplas paredes de vidro do refeitório mais próximo e varrido todo mundo numa onda violenta como o bafo de um tufão.

Ninguém teve tempo de se recuperar antes de Milo começar a atacar os médicos, enfermeiros, terapeutas e demais empregados da instituição numa fúria desenfreada, desintegrando-os num estalo ou pintando as silhuetas cinzentas do que restava de seus corpos pelas paredes, como impressões pós-atômicas. Uns poucos conseguiram escapar em debandada com os pacientes, que não eram o alvo, mas ainda assim foram atingidos.

Boa parte das construções do complexo de três pequenos prédios baixos foi derrubada ou danificada pelo caminho. Em seu âmago, ela sabia que, se pudesse, teria feito o mesmo com aquele prédio de arquitetura feia e design de um colorido infantil. “Fique off-line e conecte-se com sua criança interior!”, dizia um dos slogans grafitados na parede. *Conecte-se com seu demônio interior*, ela pensava. *Muito mais apropriado para este lugar*.

Milo bebia um copo de mate com guaraná por um canudo espiral adornado por um girassol de plástico gigante, com a sede de uma criança embriagada de açúcar. Um mecanismo articulado de formato anguiliforme se erguia da sua nuca, movimentando-se sinuoso e em estalos metálicos, a cabeça adornada por uma crista e ossos aparentes sob as escamas translúcidas. A criatura, que se pareceria com uma serpente, não fossem as nadadeiras dorsais, abocanhava desajeitada um tablete de paçoca.

Jaqueline mastigava a manga do casaco de moletom com tanto afinco que parecia sugar algum néctar nutritivo do tecido esgarçado. Com os cotovelos apoiados sobre a mesa, observava Milo à sua frente com reverência e temor, mais apreensiva pelo desenrolar da história do que pela iminente queda do

reboco que balançava numa viga torta de ferro acima de sua cabeça. Atrás da bancada, do outro lado do refeitório, uma grade metálica despencou e espatifou os fornhos de vidro.

Milo estendeu a mão até um dos pratos virados na beira da mesa e raspou com o dedo os restos do que se passava por purê de batata e carne moída frios.

— Eu poderia ter vindo parar aqui — ele disse, antes de lamber o dedo e fazer uma careta. — Se tivesse continuado no programa de conjuração sintética de bestiários especulativos, a dissonância teria batido cedo ou tarde. Tenho certeza. Era uma pós bastante promissora para descaralhar minha sanidade.

— Você saiu da pós depois do acidente?

— Não tive escolha. A microflora extraterrestre na minha cabeça me deixou sedento por mais.



Eu precisava expandir a pesquisa para além de interesses comerciais ou do complexo industrial-militar. Não que conjuração sintética de bestas não fosse um trabalho fascinante, mas sabe como é...

Na pós, eu ajudava a inventar e recuperar criaturas para biomas especulativos, desde reservas terrestres de desextinção até fazendas invertidas nas fendas oceânicas de luas distantes, ajudava a planejar experimentos de nichos artificiais de cultivo vegetal e animal para descobrir o que seria economicamente viável e lucrativo em instalações espaciais, dentre dezenas de outras aplicações.

Alguns projetos eram mais artísticos, outros, puramente funcionais, mas todos eram produtos com fins muito específicos. Recebíamos todo tipo de pedido de empresas, do governo e de alguns indivíduos endinheirados e bem conectados. Às vezes precisávamos colaborar com outros laboratórios e institutos para realizar projetos maiores, e foi num desses trabalhos que conheci a Éris.

A encomenda era criar uma leva de sete espécies híbridas com elementos monstruosos para um novo zoológico naquela espaçonave-parque que navega pelos gigantes gasosos, sabe qual? Aquela, da frota europeia de cruzeiros

solares. Recebemos carta branca para buscar referências em bestas mitológicas, e as reuniões em que decidimos o que faríamos foram as mais divertidas, acaloradas e também as mais frustrantes que já tive. Mas logo de cara Éris e eu nos entendemos.

Ela é brilhante. Tem uma perspicácia e uma habilidade ímpares para reconhecer padrões e fazer conexões incomuns. E isso era notável no dia a dia. Jogavam a maioria dos problemas insolúveis e os erros cometidos por cientistas mais experientes para cima da gente, e ela brincava com os desafios.

Quando não estávamos exaustos de tanto resolver os abacaxis dos outros, virávamos a madrugada na minha quitinete ou no apartamento que ela compartilhava com mais quatro estudantes e conversávamos sobre as decisões mais inteligentes que tomaríamos se estivéssemos no comando dos nossos laboratórios, ou então sobre os últimos episódios do desenho de texugos samurais bissexuais que acompanhávamos, ou ainda sobre vídeos de escavadeiras autômatas se rebelando contra fazendeiros no leste asiático, tudo enquanto enchíamos o bucho de pizza de sabores duvidosos e entornávamos umas cachaças brabas que mais pareciam combustível de avião.

No dia do acidente, nossa tarefa era cuidar da plumagem da nossa besta favorita, um híbrido de carcará com javali que parecia um projeto folclórico de harpia. A equipe havia arquitetado três cabeças de rapina numa alusão à trindade de Cérbero e modificado a estrutura das asas para aguentar toda aquela massa muscular extra. Dentre as orientações enviadas no briefing, queriam uma criatura arisca e agressiva, que serviria de atração incansável para a gaiola de carnívoros do zoológico.

De um lado da mesa metálica em que a criatura repousava tranquilizada mas consciente, Éris limpava os olhos do carcará-javali de uma infecção bacteriana. Eu estava do lado oposto, ocupado em inserir uma mistura de algas luminosas nas penas da asa e tomando bastante cuidado, já que trabalhava na área ao redor de um machucado ainda fresco, que havia lesionado o músculo peitoral e rasgado parte do supracoracoideus. Erro de cálculo do cientista-chefe. Só estávamos os dois no laboratório, já passava de uma da manhã, e tínhamos deixado um álbum de Etta James tocando. Me distraí rebolando ao som do refrão de “Something's got a hold on me”, e a solução que usava para ativar a bioluminescência das penas escapuliu das minhas mãos e caiu sobre o

machucado, empapando o curativo e escorrendo para a ferida. A reação foi tão rápida que mal tive tempo de me afastar ou sequer pensar num neutralizante químico. As três cabeças do carcará guincharam enfurecidas. A do meio avançou contra meu pescoço no mesmo instinto selvagem de desembuchar um bezerro, dilacerando as cartilagens da traqueia e o esôfago de uma vez só; outra pegou no canto da boca com o bico e rasgou minha bochecha até a orelha, enquanto a terceira cabeça arrancava meu olho pelo nervo e o esmagava como gelatina. O sangue jorrou e senti o veneno da saliva da besta se entranhando na espinha antes de cair desmaiado.

Não lembro de muita coisa depois que apaguei, mas Éris me contou que o magnata por trás da encomenda apareceu num relâmpago assim que foi notificado. Ele manteve a calma e tomou todas as medidas para me socorrer, estoico como uma estátua até quando me viu quase degolado, sendo carregado às pressas para o helicóptero.

Essa gente rica tem sangue de réptil.

Mas ele fez questão de pagar todas as despesas do tratamento, então nem pensei duas vezes antes de assinar o contrato aceitando virar cobaia quando me explicaram, na névoa semiconsciente em que me despertaram à força, que a alternativa era voltar ao coma induzido e permanecer nele por tempo indeterminado.

Eu fui o quarto paciente a sair vivo da técnica de hibridização neural interespécie, então, apesar de terem conseguido recuperar meu rosto desfigurado, alguns detalhes da interface cerebral ainda estavam sendo aperfeiçoados. Um dos efeitos colaterais é que preciso treinar constantemente minha consciência numa rotina de meditação e afirmações para filtrar o ruído e centrar o núcleo da minha mente, a essência densa, quente e inquieta que gera e alimenta o que sou. Se não tomar cuidado, as redes de interferência que se desenham na colisão entre aquilo que meu corpo transmite, dissipa e absorve e as transformações físico-químicas do ambiente que me abarca se entrecruzam às vozes das milhares de outras mentes netuninas que habitam esse corpo e aos ecos dos traumas e, finalmente, ao meu senso de si, por mais que este último seja uma construção frágil e permeável, que se desmilingua e vaza pelo ralo.

Uma vez cometi o erro de ficar bêbado de um licor proibido de escaravelho mumificado e veneno de sapo, e minha microflora cerebral entrou num

pandemônio tão ensandecido que senti cada célula dos meus tecidos se descolando das outras. As netuninas haviam se excitado além dos níveis seguros, o que desencadeou uma cascata de sinapses estouradas, começou a desnaturar um monte de proteínas e me fez sentir como se estivesse sendo colonizado por uma infestação de formigas de fogo. O que me ancorou num porto seguro foi que eu caí desacordado aos pés de amigos que sabiam para qual centro de emergência me levar. Só existia *uma* unidade com equipamentos especializados que poderia me tratar no estado inteiro. Era correr direto para lá ou direto para o necrotério.

Mas, quando mantenho uma rotina de meditações, consigo centrar minha mente. Nem que tenha que ficar repetindo “Esse pensamento é meu!” quinhentas vezes até que as palavras percam qualquer sentido e as letras se aglutinem e ressurgam num signo abstrato. Ou então foco nas afirmações que desenvolvi depois de estudar o que funcionava melhor para as minhas ansiedades. Pode soar hermético, mas é na repetição que o próprio fluxo decodifica a mensagem e o corpo responde.

Para esses momentos, procuro um canto silencioso, sento numa posição que primeiro faz doer cada nervinho da espinha, mas depois me acalma e equaliza minha respiração, e começo a murmurar algo do tipo: “Eu enraízo minhas cognições difusas nesse estrato háptico e tateio pelo avesso do agora até expor o lado obscuro do tempo. Que eu me finque até findar o ruído de fundo. Que a radiação solar me banhe e clarifique minhas vontades”.

E, assim, eu me reconheço.



Receosa de ficar sozinha no refeitório, Jaqueline foi atrás de Milo quando ele se levantou dizendo que ia buscar mais comida na cozinha. Depois de atravessar a abertura da bancada onde o almoço era servido aos pacientes e caminhar até a pia ao fundo, ele pegou uma bandeja enorme e suja de crostas queimadas de pão de queijo e a usou para recolher o que achava pela frente, acumulando restos de carne seca e purê de abóbora com pacotes de biscoito molhados de iogurte, coxinhas de frango enfiadas num pote de doce de leite e o que mais coubesse.

Irrequieta, a enguia metálica se desentocou de sua casa de vértebras e saiu novamente pela nuca de Milo, abocanhando os pedaços que ele ia jogando na bandeja.

Ao abrir a geladeira, Milo deu de cara com um homem engravatado de quarenta e poucos anos, encolhido no interior do aparelho sobre uma poça de mijo, abraçando os joelhos e se tremendo inteiro. Uma das mangas do paletó estava rasgada até o cotovelo, exibindo um corte profundo estancado com um trapo de pano. Havia pedaços de pele e dentes humanos ensanguentados enrolados nos cabelos encaracolados.

— Só deixa ele sair correndo — pediu Jaqueline num tom derrotado.

Ignorando-a, Milo agarrou o homem pelo pescoço com a mão livre, enquanto equilibrava a bandeja cheia de comida na outra, e o puxou para fora. Ele saiu tropeçando e chorando, implorando por misericórdia. Irritado pelo desperdício de comida que foi ter a geladeira esvaziada, Milo fechou a porta com um chute e o pressionou contra a parede. Um aperto um pouco mais forte e seus dedos se fechariam sobre aquele pescoço até arrancar a cabeça do tronco, mas ele escolheu irrigar suas veias de plasma magmático e incendiá-lo. Em segundos, o calor extremo que ardia iluminado em seu corpo foi transferido para o organismo do homem e o desintegrou até restar apenas uma mancha carbonizada impressa no ladrilho da parede e um montinho de pó no chão.

— Seu plano é pulverizar todo mundo que encontrar pela frente? — Jaqueline indagou, cruzando os braços.

— Eu não pulverizo todo mundo que cruza meu caminho — Milo retrucou, visivelmente ofendido. — Olha ali aquele cara só de cueca e camiseta na praça central do jardim.

E apontou para o paciente solitário, que parecia alheio aos acontecimentos ao redor.

— Desde que a gente começou essa conversa, ele está ali desenhando topologias de alguma rede neural artificial na base da estátua de cachorrinhos e querubins com geleia de morango ou sangue, não dá para saber daqui. Acho que é uma arquitetura realimentada cruzada com outra de camadas múltiplas? Ou ele só quis rabiscar uma em cima da outra, mesmo. Enfim, ele não tá nem chamuscado.

— Ah, não, é o Dudu — Jaqueline lamentou ao perceber quem era,

reconhecendo-o pelos longos cabelos descoloridos. — Ele estava indo tão bem no tratamento dessa síndrome... Veio pra cá depois de pirar trabalhando num algoritmo que decidiria quantos anos de cadeia um criminoso condenado merecia.

Milo voltou com ela para o refeitório, carregando uma montanha de comida dentro da bandeja.

— Dadas as circunstâncias, não é de espantar — ele disse, apoiando a bandeja na mesa e distribuindo a comida como se preparasse o banquete mais feio do mundo. — Tem certeza de que não quer comer?

Jaqueline olhou para a cornucópia vomitada de comida amontoada à sua frente, incluindo uma cumbuca de caldo de feijão com pedaços de tangerina com casca e uma posta de peixe ainda crua atochada no meio de enroladinhos de moela de frango com caruaru e sentiu o estômago embrulhar.

— Não, obrigada. Depois eu cato algum biscoito no armário dos enfermeiros.

— Você que sabe — disse Milo, enfiando uma coxinha de frango grudada de doce de leite e tapioca na boca. — E para de me olhar com essa cara de quem achou meia barata no sanduíche. Eu preciso consumir uma quantidade absurda de calorias para manter esse tanto de mentes funcionando sem meu cérebro secar até virar uma uva passa.



Lembra quando anunciaram a descoberta de um sistema de planetas-criatura nas imediações da colônia de Ross 128b, perto de Proxima Centauri, orbitando um sol de buraco negro? Não foi a primeira criatura misturada a algum corpo celeste que encontraram. Já fazia algumas décadas que estudávamos a horda de lampreias de nêutrons em Andrômeda, mas chegavam tantos resultados anômalos nos primeiros experimentos, que ficou claro que estávamos em contato com um fenômeno inédito na zoologia do cosmos. Por muito tempo, os planetas-criatura daquele sistema só foram explorados por missões não tripuladas especiais arranjadas por organizações internacionais ou empreitadas financiadas por capital privado e aprovadas por critérios rígidos de não interferência ambiental.

Esse tipo de pesquisa era algo completamente inacessível ao público, e isso incluía pesquisadores e cientistas sem apoio ou verba. Então, quando anunciaram um prêmio que levaria um grupo independente com tudo pago para passar uma temporada inteira em Reisinger, o planeta-criatura com a maior biodiversidade do sistema, você pode imaginar a loucura que foi.

O edital era para uma residência científico-artística e selecionaria o projeto de pesquisa e prática interdisciplinar mais criativo, sem necessidade de propor um retorno financeiro. Era a oportunidade dos sonhos para aquele desejo inominável de expansão que ardia dentro de mim. Aposto que ninguém que se inscreveu se deu ao trabalho de questionar as miudezas do contrato ou os motivos do prêmio. Tínhamos acesso a anos e anos de resultados das missões passadas nos arquivos de dezenas de instituições, tudo completo e em alta resolução, de acordo com as leis de transparência. Em nossas cabecinhas deslumbradas, já haviam extraído toda a informação de que precisavam, vasculhado e mapeado todas as áreas perigosas, e o sistema agora era seguro para serendipidades como aquela.

Diogo e Éris e eu nunca montamos um projeto tão rápido. O prazo era apertado e nosso horário livre entre os estudos e os bicos temporários que arrumávamos para conseguir pagar as contas era mais espremido ainda. Mas conseguimos elaborar algo decente e enviar. Tenho quase certeza de que desenvolvi uma úlcera no período de espera do resultado.

Quando anunciaram nosso projeto como vencedor, eu transcendi desse plano direto para alguma realidade paralela divina. Minha percepção estava tomada por um mar de algodão doce (e eu nem sou chegado a algodão doce), mas eu era inteiro uma bola aerada de leveza, serotonina e dopamina.

Enxerga a roubada?

Caminhei com as próprias pernas para o abatedouro.

Já havia saído da Terra algumas vezes em viagens muito curtas bancadas pela universidade. Daquela vez seria diferente. Mas, como tudo estava coberto pelo prêmio, eu segui as diretrizes e obedeci aos regimes acreditando que estavam sendo cuidadosos ao extremo e levando minhas condições excepcionais em consideração ao selecionar os equipamentos e os planos de segurança e emergência. Mais tarde, eu nunca ficaria tão feliz em estar enganado.

É o que Diogo costumava me dizer: “O tacho quente que a gente raspa e queima a língua é o mesmo que dão na nossa cara e cura nossa dor de cabeça”.

Nunca entendi muito bem, mas sinto que é verdade.



Conheci Diogo depois do acidente com o carcará-javali. Ele estudava na mesma universidade, mas nas áreas de ética e privacidade em sistemas de informação, tecnologias conectadas e Internet das Coisas, então nunca tínhamos nos cruzado nos mesmos prédios. Um dia fui com Éris ao encontro regional de alunos trans, que naquela edição era sediado por nossa universidade, e lá estava ele liderando a primeira rodada de discussões com uma eloquência e desenvoltura que eu só fiz escutar e sacudir a cabeça. Fiquei meio hipnotizado.

Na festa depois do encontro, a maioria de nós se reuniu numa casa noturna magnífica dirigida por uma cooperativa de travestis. Eu me lembro que a primeira coisa que vi assim que pisei naquele lugar foi ele dançando em cima do bar só de botas, shortinho e uma camiseta surrada do Superman, que já grudava de suor.

Sabe aquelas pessoas que te deixam tão desarmado que você não sabe se quer passar horas conversando ou horas se pegando? Bem, naquela noite fizemos as duas coisas.

O toque de Diogo estimulava minha microflora cerebral e a deixava iluminada e inquieta, querendo sorver mais e mais de um jeito que eu precisei reaprender a me comunicar com as netuninas para conseguir dar uma sossegada. Ele deu a ideia de ensaiarmos rituais de intimidade da mesma maneira que ele pesquisava e testava a compatibilidade entre dispositivos e sistemas distintos e estranhos uns aos outros. Ir explorando ponto a ponto numa cascada de alternativas, sabe? Foi o jogo sexual mais esquisito e mais prazeroso que já fiz, e nem imaginava que seria fundamental para nossa sobrevivência.

Foi uma cadeia de infortúnios afortunados.



Durante a residência em Reisinger ficaríamos abrigados numa estação transitória

impressa na cratera de um vulcão extinto, uma área protegida das tempestades apoptóticas quando os montes trocavam de pele e livre de abalos sísmicos. As instalações de estadia e trabalho eram enterradas, divididas em três andares subterrâneos, e o salão na superfície era coberto por uma abóbada geodésica de células transparentes e servia de observatório, jardim e horta.

O pouco de calor proveniente do sol frio que era o buraco negro no centro do sistema não seria suficiente para suportar a evolução de vida complexa, mas o planeta-criatura gerava suas próprias fontes energéticas, alimentando-se de matéria escura e lanchando asteroides carbonáceos recheados de energia potencial e raízes carnudas de parasitas interestelares. O núcleo magneto-hidrodinâmico bombeava vida pela estrutura do planeta, e a superfície era aquecida com a atmosfera membranosa riscada de veias que se elevavam do solo, como troncos retorcidos e fibrosos abrindo-se em galhadas que sumiam de vista além dos vapores.

Sáímos a pé no primeiro dia de expedição, nos demorando de propósito a cada risco elétrico no horizonte ou criatura escamosa que nos espiava por detrás de algum arbusto tentacular. Parávamos para observar de perto as diversas riquezas já catalogadas e extraídas em pequenas quantidades por missões passadas, como as orelhas emborrachadas de tigre-branco, um tipo de fungo abundante em todo o planeta, que possui uma textura semelhante a madeira, macia e fácil de talhar, e que caiu no gosto de vários artesãos e carpinteiros. A caminho do lago coloidal, passamos por um riacho cheio de lagosmas, invertebrados que vivem enterrados nas margens e deixam um rastro gosmento para trás quando emergem para fazer ninhos na beira da água. Essa gosma é coletada e engrossada num forno de barro até virar uma cera, que passa por uma peneira química para separar o sumo das impurezas e fazer um verniz selante com uma longevidade calculada em milênios.

Você pode imaginar que eu havia devorado tudo que era material de estudo e referência sobre Reisinger, mas ver com meus próprios olhos os cenários e seres que só conhecia através de reproduções digitais foi de tirar o fôlego. Estar imerso num exoplaneta vivo era magnífico, mesmo dentro do cibernete, o traje de segurança que usávamos para evitar contaminações e conseguir respirar confortavelmente na atmosfera membranosa densa de fluidos e pobre de oxigênio.

Portanto, não estranhei quando, para todo canto que eu olhava, passei a enxergar uma aura furta-cor que se desenhava como miragem. Sabe o brilho multicolorido que o sabão faz numa bolha? Eu só apontava para tudo meio abobado, e Éris e Diogo respondiam com o mesmo entusiasmo. Imaginei que vissem o mesmo que eu.

Quando chegamos ao lago, o Barqueiro nos esperava com uma larga canoa atracada na margem. Era inteligente e por certo sabia de tudo o que acontecia em seu território. Embarcamos depois de trocar meia dúzia de cordialidades numa linguagem de sinais desenvolvida pelos primeiros especialistas que o estudaram e seguimos pelo lago, que se abria gigantesco diante de nós.

O Barqueiro era uma das criaturas mais inacreditáveis de toda a fauna descrita de Reisinger. Com a aparência de um primata com três pares de braços e o corpo robusto coberto por uma pelagem longa e farta que se assemelhava a sargaço, ele recebeu esse apelido porque residia no lago, movimentando-se de uma margem à outra enquanto cuidava de regular o metabolismo do planeta inteiro. O lago não era de água, mas de um coloide nutritivo e cheio de enzimas essenciais para o funcionamento dos ciclos geoquímicos do planeta-criatura. Ninguém ainda entendia por completo as capacidades do Barqueiro. Havia suspeitas de que ele regulava os organismos dos outros planetas do sistema, mesmo à distância, manipulando campos eletroorgânicos e de enervações intradimensionais. Alguns anos atrás, uma sonda de passagem pela área fez um registro acidental de longos braços espectrais estendendo-se como tentáculos de um planeta-criatura a outro numa transfusão de sais derretidos, mas até hoje ninguém sabe se o que o vídeo capturou foi fruto das ações do Barqueiro.

O importante a se destacar é que, apesar dos mecanismos ainda não decifrados, entendia-se o Barqueiro como um ser pacífico, manso e até amigável. As missões anteriores nunca encontraram problemas ao fazer contato direto com ele. Pelo contrário, chovia entusiasmo e admiração nos relatórios de campo.

Estávamos ansiosos por aquele contato direto. Era um objetivo que estava descrito nos primeiros estágios do plano de exploração, observação e representação pictórica. Seria o primeiro registro científico-artístico tomando a rotina do Barqueiro como ponto de partida para interpretar Reisinger.

Depois de meia hora de navegação, a microflora netunina em meu cérebro saltou de temperatura e começou a pipocar em estouros, agitando-se numa

reação violenta. As auras de miragens que eu enxergava saturaram do furta-cor para um vermelho intenso. A algazarra em meus sentidos disparou uma dor aguda nas têmporas e na base do crânio. Fechei os olhos e apertei as mãos de Diogo, que me perguntou o que havia de errado. Tentei decodificar o que a microflora me sinalizava, mas só distingi que ela reagia ao cibernetete como se ele fosse uma ameaça à nossa integridade. Percebi o Barqueiro me observando com um olhar desconfiado quando Éris se aproximou e começou a verificar um por um os sistemas de regulação metabólica e programas de segurança do traje.

Fechando o canal de comunicação a ouvidos externos, Diogo me lembrou do nosso tempo juntos, das técnicas que desenvolvemos para que eu me centrasse com as netuninas silenciadas e soubesse isolar as sensações em meu corpo, tomando controle de ponto a ponto, seguindo uma cascata de processos mentais. Devo ter levado uns quinze minutos nesse ritual, até que a microflora se apazigou e a dor amornou. Mas o Barqueiro parecia ter contraído a perturbação, porque veio num pulo para cima de mim, segurou meu rosto entre as palmas das mãos, enfiou os polegares na minha boca e os esfregou no interior das próprias bochechas. Seja lá o que tenha percebido, foi assustador o suficiente para que se afastasse e se voltasse para nós extremamente nervoso, tentando nos sacudir para fora dos cibernetetes com gestos bruscos que poderiam arrancar nossos membros fora junto com o traje.

Foi num estalar de segundos. Eu fiquei paralisado demais para tentar reagir, Diogo se debateu, tentando se soltar em vão, e apenas Éris parecia calma e concentrada em entender o que tinha dado errado. Senti alguma coisa esquentando demais no meu peito e vi que um dos dispositivos de osmorregulação do traje ardia em brasas. O Barqueiro também notou e imediatamente largou os outros dois e me empurrou para o lodo translúcido do lago, mergulhando atrás de mim.

Submersos, ele me apertou para que eu abrisse os olhos. O Barqueiro fixou e trancou nossos olhares, e me senti engolido por aqueles glóbulos escuros e infinitos. O cibernetete estava se desfazendo aos poucos, as ligas metálicas borbulhando como se devoradas por ácido, entranhando na minha pele e a rasgando até o músculo. Ele enfiou aquelas mãos de gorila no meu peito como se eu fosse de manteiga, abriu as costelas, espatifou o esterno, massageou os pulmões e rasgou o coração, apenas para reconstruí-lo com cordas musculares

que secretou de seus pulsos. Pedacos do maquinário do cibernete foram incorporados aos meus ossos, cristalizados ou petrificados, outros se liquefizeram e foram sugados para minha corrente sanguínea ou injetados atrás dos meus nervos ópticos. O coloide do lago banhava os ocos do meu corpo desmontado, e as enzimas suspensas no fluido interagem com minhas células para mutá-las. Uma criatura anguiliforme, atraída pela agitação, saiu do lamaçal do fundo do lago, foi pega no choque elétrico reativo da microflora netunina e grudou em minha nuca, tornado-se adendo incidental de minha estrutura vertebrada refeita e reanimada.

Meus sentidos estavam sobrecarregados quando voltamos à embarcação, que havia sido arremessada para a margem pela turbulência. Mal enxerguei os borrões coloridos que eram Diogo e Éris tentando se despirmos dos cibernetes desesperadamente. As vozes pareciam sussurros abafados e distantes até um estrondo fechar meus ouvidos. Um clarão me cegou por instantes e, quando voltei a enxergar, o Barqueiro havia paralisado a explosão dos cibernetes de Diogo e Éris alguns segundos depois da detonação. Vi pedacos dos corpos dos dois grudados aos destroços do maquinário, carne ensanguentada transpassada por metal retorcido e as nuvens cogumeladas de fogo e estilhaços tremeluzindo no ar, falhando como hologramas corrompidos.

Revelando um aparelho bucal articulado oculto, o Barqueiro expandiu a boca, deslocando a mandíbula e o maxilar e expondo uma série de garras no lugar da língua. Ele devorou chamas, destroços e carne queimada e fraturada, absorvendo tudo numa bocada só. Eu queria gritar, mas não tinha voz, sequer sabia se ainda tinha a mesma garganta e boca de antes, duvidando da permanência de minha humanidade. A microflora em meu cérebro parecia cantar em ecos dentro do crânio e o ruído só amenizou um pouco quando vi Diogo e Éris regurgitados na margem. Seus corpos estavam inteiros, mas azulados e inertes, dispostos em ângulos tortos que os faziam parecer bonecos desossados.

O Barqueiro se arrastou na minha direção, visivelmente enfraquecido. Eu estava ajoelhado, cuspiendo uma gosma amarelada na terra e arfando por oxigênio. Senti o corpo pesado daquela criatura montar nas minhas costas e me abraçar. Caí indefeso, esmagado. Os três pares de braços apertaram meu peito contra o cascalho, e senti as presas de seu aparelho bucal expandido cravando-se no topo da minha cabeça e na nuca. As garras que constituíam sua língua

abriram um buraco no meu crânio e meu cérebro foi sugado ao mesmo tempo em que as mucosas da garganta do Barqueiro se descolaram do esôfago e embrenharam-se pelas ranhuras dos meus ossos. Desfragmentados um para dentro do outro, nossos organismos se entrelaçaram até que nos fusionamos e nos energizamos, hibridizados.

Quando despertei, recobrei a consciência no plural. Éramos vários num só corpo, grotesco e familiar.

A mente do Barqueiro se abriu para a minha, e foi quando tudo se encaixou.

O Barqueiro conseguia ler as intenções de qualquer ser que se aproximava dele. As nossas eram as mais puras e inocentes possíveis. Não sabíamos das armadilhas incrustadas em nossos cibernetes. A microflora em meu cérebro tentou me alertar quando detectou a bomba despertando e, na afobação, quase acelerou o processo com o superaquecimento. Se não fosse Diogo me acalmando, meu ciberneite teria explodido antes dos outros.

O plano se clarificou numa luz tão forte que doeu.

A aparente liberdade do prêmio, nossos perfis facilmente descartáveis de alunos sozinhos, desgarrados, sem ninguém de peso ou nome que se importaria com nosso sumiço. Nossas mortes não provocariam comoção pública, nem levantariam suspeitas que pressionassem por uma investigação. Nosso projeto foi escolhido porque éramos as vítimas sacrificiais perfeitas.

Éramos atentados a bomba ambulantes, destinados a enfraquecer o Barqueiro para que ele pudesse ser capturado, aprisionado e explorado até que seus recursos naturais se esgotassem.

É agri doce olhar para trás agora.

Nos dias que se seguiram ao anúncio dos vencedores, vimos outros grupos que se consideravam mais qualificados espumando de ódio e nos atacando nas redes sociais. Gente com educação mais cara e prestigiosa, famílias mais abastadas, corpos mais normativos, dentes mais alinhados, peles mais brancas.

Ignoramos todos plenamente, seguros de que éramos os escolhidos por pura competência e talento.

Não deveria ser surpresa descortinar esses processos moedores de gente, deveria?

Eu ainda tinha um resquício de esperança, que foi prontamente sublimado para o espaço.

Você disse que fazia previsões para os setores de biotecnologia da w&t? Então você sabe como é. Fizeram aquela campanha publicitária safada sobre trabalhar alimentando-se apenas da ração lamacenta que eles fabricam e dormindo em regime intermitente nas cápsulas portáteis flutuantes, como uma lagarta sem-teto, para aumentar a produtividade e os picos energéticos, porque assim eles poderiam extrair cada gota de vitalidade que resta no organismo do infeliz que cair nessa lenga-lenga e gerar mais retorno para os investidores.

E o tanto de gente que abraçou essa merda até que o desgraçado daquele moleque propaganda, o Paulo “Cibúguer” Leal, teve um ataque cardíaco e morreu ao vivo durante a transmissão do evento que lançaria os novos modelos de cápsulas de soneca, bem no meio do discurso sobre os resultados incríveis que ele estava obtendo ao seguir o método.

Por isso que vocês vieram todos parar nesse retiro encalacrado no meio de um matagal artificial no coração devastado do cerrado. Deve ser um peso fodido na consciência. E é por isso também que entendo sua raiva quando contei que o mesmo conglomerado industrial da minha missão está por trás da franquia de retiros para tecnofobias alucinatórias, futurolofilias debilitantes, indigestão informacional e outros sangramentos cronofágicos. É a centopeia humana do capitalismo nos enfiando goela abaixo a merda que fazem a gente mesmo cagar.

Pelo menos ainda posso me agarrar ao consolo de que não perdi meus amigos.

Eu digo que Éris e Diogo estão aqui compartilhando esse corpo, mas a verdade é que tenho apenas representações digitais imperfeitas dos dois, que agem em entrelaçamento com a transmissão das verdadeiras mentes que estão em seus respectivos corpos, a muitos anos-luz daqui, num estado alterado de consciência, mas ainda vivos, persistentes, presentes.

Os corpos de Éris e Diogo estão protegidos em hibernação no terceiro planeta-criatura do sistema do sol de buraco negro. Reaproveitamos uma estação abandonada por lá e ressignificamos as tecnologias adormecidas para atender aos nossos propósitos. O dispositivo que implantamos permite a transmissão e a conversão de energia e matéria nas duas pontas, o que ajuda a garantir que os corpos, ainda fracos e em recuperação, não fiquem sobrecarregados com tanta atividade psíquica. O que tenho comigo são mentes, sim, mas não são Éris e Diogo em suas totalidades, são representações de base imperfeitas e a

transmissão por cima. São bancos de dados, memórias, gostos, impressões, algoritmos quilométricos de previsões que aprendem, se autocorrigem e evoluem. É o melhor que podemos fazer.



— Espera — Jacqueline interrompeu. — É tipo um emaranhamento a distâncias infinitas... Isso não quebra a velocidade da luz?

— É um truque fascinante, isso de desfolhar o tempo em camadas desiguais e manipulá-las a meu bel prazer. — A mente de Milo recuou imperceptivelmente aos olhos de Jacqueline, e o Barqueiro assumiu a dominância do corpo.

Ele gesticulou um emaranhado de ângulos agudos em direção a um cachorro que vagava perdido nas imediações do prédio, vasculhando os restos de comida pelo chão.

O animal enfiava o focinho numa quentinha de lasanha quando foi sugado para o alto e se contorceu no ar, soltando um ganido dolorido que se esticou até se espatifar como vidro. Jacqueline observou boquiaberta a cabeça do cachorro se desparafusando e apodrecendo em ondas até expor o crânio ensanguentado, o torso explodindo em câmera lenta com as costelas arreganhadas para fora e as vísceras penduradas pelo que restava de músculo e gordura, enquanto as pernas traseiras implodiam e se esmagavam com pressão suficiente para os ossos triturados explodirem numa nuvem.

Satisfeito com o resultado, ele fechou a mão num punho e o corpo deformado e eviscerado do animal caiu no chão, esparramando-se como um saco furado de lixo. Uma segunda sequência de gestos descarnou a ossada numa lambida só e a comprimiu dentro de uma bolha d'água sugada do lago mais próximo, até que os ossos mineralizassem e virassem fóssil.

— Beleza, beleza, beleza — Jacqueline repetiu num murmúrio. — Acabei de testemunhar processos que levariam milhões de anos acontecendo num instante, bem diante dos meus olhos. Estou bem, estou bem, vai ficar tudo bem.

Milo, já de volta ao comando do corpo, foi até a mesa vizinha e vasculhou uma mochila largada em cima de um amontoado de cartas de baralho. Ele voltou triunfante com uma barrinha de cereal.

— Engole isso ou você vai desmaiar antes que eu possa terminar o que preciso dizer.



Perdão ter interrompido bem na hora do almoço. Não que houvesse um horário conveniente para aterrissar aqui devastando tudo, só não pensamos nisso enquanto riscávamos a atmosfera e brilhávamos incandescentes, famintos também, de certo modo. O último ataque foi há duas semanas. É da nossa natureza fazer a colheita no calor do atrito e se alimentar da destruição.

Dentre todos os laboratórios, fábricas, centros de processamento de dados, instituições de pesquisa e desenvolvimento, empresas comerciais e de serviços e sedes do conglomerado, não escolhemos este retiro ao acaso.

Às vezes as pessoas lavam o rosto num córrego barrento para não distinguir o que sai de sujeira na água. É o tipo de lamaçal psicotrópico que leva à criação de um lugar como esse. Dei uma vasculhada nos arquivos e li as fichas dos pacientes. É impressionante a quantidade de gente que vem parar aqui mentindo que precisa apenas de uma temporada de desintoxicação, como se viesse para um spa. Algumas semanas isoladas de terapia e relaxamento para diminuir a aversão ao brilho azul das telas e lidar com irritações fisiológicas a aparelhos eletrônicos, como quem sente as articulações incharem e o tutano dos ossos gelar quando uma tempestade se avoluma. Mal estar das banalidades, indigestão de mensagens acumuladas, fadiga por esforço inócuo repetitivo, dissonância temporal ao virar dias e noites em ambientes virtuais, pode escolher. Poucos admitem a culpa tumoresa ao trabalharem para empresas predadoras e serem conivente com práticas violentas e criminosas que alimentam e reforçam o ego de quem acha que pode sair ileso de explodir três pessoas inocentes em troca da captura de uma forma de vida alienígena pacífica.

Quando eu ainda era estudante da graduação, lembro de bisbilhotar uma conferência B2B de gestão integrada de resíduos sólidos espaciais. Eles falavam em exportar aterros sanitários para luas desoladas e apresentavam métodos de diminuição do crescimento das ilhas de lixo que ameaçavam as estações em órbita através de um mercado de créditos que virtualizaria tanto as transações,

quanto a responsabilidade. Todo mundo naquela conferência estava mais preocupado em arrancar o máximo de lucro, não em resolver o problema com medidas sustentáveis de redução e reaproveitamento. Aquilo me marcou. Era um desperdício gigantesco de recursos. Eu fui para o ciclo de debates A Nova Imaginação Cosmoteogônica, que dividia o mesmo espaço de eventos da conferência, e discutiria o surgimento de novas entidades cósmicas, religiões interplanetárias e astronomaquias. Assisti a papos incríveis sobre os saberes localizados de gerações que nasceram em colônias intrasolares e sobre a reorientação interior da condição humana com a descoberta de múltiplas vidas extraterrestres tão complexas e por vezes com linguagens inacessíveis. Já naquela época, existiam pessoas que rezavam por orientação para os cefalopodomorfos de Júpiter e pessoas que liam a sorte em anomalias magnéticas dos núcleos ferrosos de exoplanetas antes de embarcarem em viagens hibernatórias.

Eu as respeito mais do que os tecnólogos do lixo espacial com suas gambiarras aproveitadoras, porque elas sabem que não há saída quando o exterior é apenas uma dobradura do interior. O fio condutor que une essas crenças é entender que tudo o que há são processos que tecem vida e morte na mesma trama, em ciclos que se retroalimentam, membranas com diferentes níveis de permeabilidade e trocas metabólicas entre as realidades excretadas pela percepção de cada indivíduo.

Talvez você não soubesse no que estava se metendo quando pediu para ser integrada a nós, para fora do seu corpo, para fora da instituição, para fora da sociedade, para fora do planeta.



Jaqueline queria responder ao julgamento de Milo, mas só conseguiu se ancorar às beiradas da mesa quando o piso tremeu sob seus pés em intervalos ritmados, como se reverberasse o andar pesado de alguma criatura de proporções colossais.

Milo levantou-se calmamente e andou até o jardim, seguido de Jacqueline. A floresta que rodeava a propriedade, um implante amazônico geneticamente modificado para sobreviver em condições adversas, estremecia num farfalhar

barulhento, dando a impressão de que as folhas das árvores eram de papel. Parecia que alguma coisa vinha cortando caminho pela mata densa.

— São *eles* — Milo anunciou. — Duas semanas atrás, a equipe de contenção que enviaram para me capturar foi dizimada em menos de cinco minutos. Dos mais de trinta homens, restaram sete escalpos carbonizados e uma bota com um pé protético derretido. Imagino que dessa vez a nova equipe tenha ordens de aniquilar antes de perguntar. E pelas reverberações, eles vieram acompanhados da cavalaria mecatrônica de titãs e de uma horda de helicópteros de guerra.

Jaqueline ia perguntar onde estavam os helicópteros quando viu uma sombra larga se agigantar no horizonte, sobre a copa das árvores, e um rugido grave ribombar dentro dos pulmões. As hélices rasgavam o ar quase invisíveis e as máquinas pareciam bestas aladas encaroçadas de geometrias espinhosas, grávidas de mísseis e rolos de artilharia. Sentindo que estava prestes a morrer, tomou a decisão de desintegrar-se à sua escolha.

— Essa é a hora — ela declarou, puxando Milo pelas incrustações minerais que riscavam seu peito como cadeias montanhosas em miniatura. — Você precisa integrar minha consciência *agora*. Eu prefiro ser devorada por vocês do que capturada por eles.

Milo a encarou com o semblante rígido.

— A saída que está procurando para escapar dos seus tormentos não existe. Nem nesse corpo, nem em lugar algum.

Mas Jaqueline estava decidida e só fez agarrar-se no peito de Milo com mais força, puxando-o para junto de si, os olhos se enchendo de água e o rosto contorcendo-se numa expressão enraivecida com a demonstração involuntária de fragilidade.

Cansado de argumentar, ele assentiu.

— Que assim seja.

Milo abriu os braços e seu corpo floresceu de dentro para fora, expondo um ninho de vísceras que ejetou uma teia de órgãos estomacais embebidos num muco ácido, encobrindo Jaqueline e digerindo-a em camadas temporais que se entrecruzavam com o antes e o depois, manipulados por seus gestos.

As primeiras bombas foram despejadas ainda no jardim. A espinha dorsal de Jaqueline se desatarrachou, torceu e se recompôs, enrolando-se de volta como uma serpente adestrada. As patas paquidérmicas de um titã mecatrônico

afundaram na terra antes que Milo as explodisse. Ela sentiu o fogo lambendo a nuca e consumindo os cabelos. O fundo da garganta enxergava em ultravioleta e seu cerebelo formigava, ultrassônico. Milo havia pulado num dos helicópteros e arrancado o motor a dentadas com o aparelho bucal do Barqueiro, o clique-claque artrópode ziguezagueando no ar. Os músculos das costas de Jaqueline se abriram num estudo anatômico desfolhado, um par de asas sangrentas e inúteis. Ela caminhava para dentro do corpo, atravessando paisagens castigadas como se guiada por Virgílio, até que se deparou com uma caixa torácica, que parecia pertencer a um gigante, encravada na encosta de um rochedo coberto por cerdas grossas e ondulantes. Os ossos pretos cristalizados reluziam impecáveis, como janelas para a vastidão estrelada do espaço. Ao se aproximar, nariz colado numa costela, ela não resistiu e lambeu a superfície, sentindo a porosidade ruir e encher a boca de poeira de estrelas.

A matéria cósmica se condensou num ponto infinitesimal e o peso da singularidade, distorcendo o fundo da garganta, a fez colapsar para dentro de si mesma.

Estática de sinapses falhas e espectros neuronais enrijecidos esgueiravam-se pelos cantos dos olhos, arrastando fragmentos de memórias em caudas que crepitavam e se apagavam em segundos: uma fatia de torta de limão apodrecendo na geladeira, o focinho molhado do morcego que invadiu o quarto no meio da noite, o coquetel de nootrópicos, antidepressivos e ansiolíticos na cabeceira, o halo arroxeadado doendo no pescoço escondido pela gola alta do suéter enquanto ela assinava a admissão no retiro.

A sua frente, uma parede côncava revelou-se quente e tremulante. Jaqueline viu uma ponta solta se descascar da superfície e emitir um brilho antes de desaparecer, azulado como a chama do cloreto de cobre, e correu para procurá-la.

Ela passou a mão pela parede, tateando cada centímetro para achar a ponta. Assim que seus dedos esbarraram no minúsculo pedaço triangular que se enrugava numa espiral, Jaqueline o puxou. O tecido resistiu, talvez ainda costurado ao substrato que o irrigava.

Puxou com mais força.

Quando a ponta se soltou, Jaqueline viu o avesso enervado e úmido descolar-se num grito e a escuridão líquida jorrar para fora, engolfando-a até a garganta.

Aflita, ela continuou a puxar o tecido, mesmo quando o espaço se curvou e se desdobrou na pele das suas pálpebras, rasgou na cartilagem das cavidades nasais e agarrou no tecido fibroso da esclera. Ela continuou a puxar, vendo o ininteligível abrir-se diante de si, infestado e infindo.

ALLIAH/VIC é artista visual e autor de ficção weird e outras estranhezas fantásticas. Publicou o livro ilustrado *Metanfetaedro* (Tarja, 2012) e diversos contos e ensaios em coletâneas. Em 2015 criou, em parceria com Jim Anotsu, o *Manifesto Irradiativo* por diversidade e representação na literatura especulativa nacional, que viria a dar origem ao Encontro Irradiativo, que aconteceu em São Paulo, em novembro do mesmo ano. Também atua como leitor crítico e sensível e alimenta entidades tentaculares vira-latas com farelos de futuro nos fins de semana.

UM DIA NÃO ANOITECEU MAIS

ANDRÉ
GANIATO

— POR QUE NÃO posso ficar aqui?!

Tarsila, já com a chave do carro nas mãos, não tinha tempo para aquilo.

— Porque você não vai ficar um fim de semana inteiro sozinho em casa, Ícaro. Você tem quinze anos, não vinte e cinco.

Curiosamente, 25 anos — quase 26 — era sua própria idade, e ela se lembrava bem da própria adolescência. Do irmão pequeno. Da autossuficiência imposta.

Aos quinze, Tarsila era a responsável. Aos quinze, Ícaro, um marmanjo de 1,78 metro de altura, maior que ela por cinco centímetros, fazia birra de shorts no sofá, recém-acordado, a pequena mala aberta no chão, praticamente intocada. Que continuasse daquele jeito. Ou que continuasse daquele jeito, mas diferente — Tarsila pretendia estar na estrada dali a quinze minutos e definitivamente não tinha paciência para aquela situação. O TCC dependia daquela viagem.

Andou pela casa pegando tudo o que já tinha preparado: bolsa, mochila, livros, celular. Ficou por último a maior bagagem.

— Se não arrumar essa bolsa em cinco minutos, você vai ficar pra trás!

— Eu fico, ué.

Droga.

— Vai... VAI FICAR SEM CELULAR! — *Touché!*

— QUÊ?! Cê não pode fazer isso!

— Quer ver? Quer apostar?

Ele tentou produzir sons aleatórios, sem muito sucesso. Todo o A-E-I-O-U que saiu de sua boca foi tenazmente arremedado por Tarsila. Quando se viu sem saída, Ícaro jogou os braços para cima e gritou teatralmente, antes de agarrar meia dúzia de cuecas da gaveta e tacar na maleta amarela. O prazo era de cinco minutos. Levou quatro.

Apesar de tudo, a dinâmica entre os dois continuava a mesma — isto é, a de irmãos. Tarsila fazia questão de que não fosse diferente. Tanta coisa já era diferente, para que mudar mais isso?

Dentro do carro, Ícaro custou a tirar os pés de cima do banco, mas o cinto estava no lugar. Com a partida, a voz de Harry Styles saiu automaticamente dos alto-falantes. Tarsila amava aquele álbum, mas devia confessar que estava meio enjoada, ouvindo quase que só ele, sem parar, havia mais de cinco meses. Não por algum motivo especial, mas porque se esquecia de trocar os arquivos do pen-drive. Meteu o dedo no botão de *skip* e apertou até encontrar alguma outra coisa. Imagine Dragons. Voltou para o Harry. “Same lips red, same eyes blue, same white shirt, couple more tattoos”. Cantarolou em voz baixa enquanto espiava o irmão pelo canto dos olhos. Ícaro estava encolhido no banco do passageiro, a cara virada pra janela. Ainda estava com os shorts do pijama, mas, em algum lugar de seu cérebro, a razão o tinha convencido de vestir um moletom vermelho.

Já estavam na avenida quando Tarsila decidiu cutucá-lo.

— Tem Passatempo na bolsa.

Silêncio.

— Pega lá, a gente divide.

Meio contrariado, ele se contorceu e pegou a mochila magenta no banco de trás.

— Você trouxe... — Tentou contar, mas sem sucesso. — Aqui tem todas as Passatempos do mercado.

Tarsila torceu o nariz.

— Não deu tempo de pegar nada melhor.

Ícaro enfiou a mão na caverna de bolachas e tirou um saquinho ainda fechado. Abriu com cuidado e pegou a primeira, não sem antes fechar a mochila e colocá-la de volta no lugar.

— Vou roubar seu namorado! — anunciou.

— Todo seu.

— Ele vai jogar *Fortnite* comigo.

— Ícaro, eu nem tenho namorado.

— Já tô acostumado com a solidão.

O riso saiu devagar, quebrando o gelo como pedra na rebentação. A Passatempo estava doce demais, como sempre, mas Tarsila comeu quase um pacote todo — como sempre.

Pegou a rua da faculdade em direção à rodovia e, às seis da manhã de uma sexta-feira, a UNISS parecia pertencer a uma outra dimensão. Se ela se esforçasse bastante, conseguia imaginar o Palio passando no cenário de um apocalipse zumbi, prestes a ser atacado a qualquer momento.

Estava vendo ficção demais.



Na curva para a Honório de Paula Ribeiro, Tarsila viu Ícaro dormindo a sono solto e se pegou pensando em como era provavelmente a primeira vez dele naquelas partes. Ela lembrava de ter visitado a região quando criança, mas o irmão nem existia ainda. Era um mundo diferente — nem parecia real. Nada daquilo fazia parte do mundo dele. No Planeta Ícaro, as maiores preocupações eram provas, videogames e garotas — e/ou garotos; era difícil saber, às vezes. Dali a pouco tempo, ENEM e vestibular. Um caminho que ela mesma não tinha conhecido da melhor forma.

Em pleno marco do primeiro quarto de século de existência, Tarsila se sentia cada vez mais próxima do diploma. Finalmente. Sentia-se mais velha do que realmente era. Depois de cuidar do irmão praticamente sozinha desde a adolescência, sentia-se velhíssima.

Havia alguma coisa na estrada — coisas, no plural. Protuberâncias escuras. Quase passou por cima, mas viu a tempo que não eram pedras. As coisas se

moviam. Freou o carro com um baque, torcendo para não ter passado em cima de nada.

— O que aconteceu? — Ícaro acordou com um ronco.

— Acho que é algum tipo de bicho.

Tarsila abriu a porta devagar. Não conseguiu ver muita coisa pelo para-brisa, mas sabia que tinha alguma coisa ali. Talvez tivesse parado em cima de algum. Droga. Pôs o pé para fora. Por favor, sem sangue. Por favor. Caralho.

Não se surpreendeu com o sol forte àquela hora da manhã. O pé descalço tocou o asfalto e ela o trouxe de volta para o carro, para calçar os chinelos. Poucos passos depois, percebeu que não havia se enganado. Eram mesmo bichos, e eram vários.

E estava tudo bem — com os bichos e com o carro —, mas não conseguiu contar quantos eram. Uma fileira deles, uma procissão. De fora a fora da estrada, os jabutis bloqueavam completamente o caminho.

— Ícaro, vem cá!

— Que foi?! — Metade do corpo do irmão mais novo estava para fora da janela.

Tarsila correu para dentro do carro e pegou o celular.

— Você tem que ver! Vem!

Enquanto filmava a cena, Ícaro se aproximou.

— Quantas tartarugas tem aí?!

— São jabutis — corrigiu. — E não sei, porra. Quer contar? Tão vindo do mato. Será que é algum tipo de migração?

— Nesse sol? Nunca ouvi falar disso.

— Eu também não...

Tentou abrir o Google. Sem sinal. Cinco minutos depois, lembrou de que não teria como avisar o hotel de que chegariam mais tarde do que o combinado. Mais tarde quando?

Ícaro se adiantou e pegou um jabuti. Levou-o com cuidado para o outro lado da estrada e observou enquanto o bicho seguia seu caminho, como se nada o incomodasse. O irmão olhou para Tarsila, num pedido silencioso de ajuda.

Passaram a meia hora seguinte catando jabutis debaixo do sol, mas não parecia adiantar muito. Eles continuavam vindo. A fonte de quelônios parecia inesgotável.

— E se a gente fosse por Votuporanga? — Ícaro sugeriu.

Era uma ideia.

Entrou mais uma vez no carro e tentou se obrigar a girar a chave, mas alguma coisa a impediu. Um pressentimento. Um arrepio na espinha.

O que era aquilo?

Alguma coisa.

Ligou a ignição, mas não para dar meia-volta. Decidiu tentar avançar por entre os animais aos poucos, de porta aberta e com a supervisão de Ícaro, para não passar por cima de nenhum. Não conseguiram muita coisa. Quando um jabuti se escondeu bem em frente à roda direita, Tarsila desistiu.

— Mas que caralho é isso?

Ícaro se jogou no passageiro e bufou.

— Eu disse que era melhor ter me deixado em casa.

— Não começa, garoto.

— Tem bicho pra todo lado embaixo do carro, Tassi. A gente devia ter pegado o outro caminho.

— Não... não dá.

— Quê?! Como assim?

— Não sei... Só não dá, o.k.? Não me enche.

O sol já estava baixo quando Ícaro finalmente pôs o pescoço para fora da janela pela milésima vez e finalmente anunciou:

— Parou! Vamos!

Naquele ponto, Tarsila estava quase dormindo — de novo. Tinha cochilado algumas vezes entre a manhã e o fim da tarde. Não era como se tivesse opções variadas, afinal. Deu um pulo no banco do motorista e tentou falar, enquanto limpava os olhos.

— QUÊ?! Sêrio?

— Parece que sim.

Desceu para examinar melhor e, por um momento, teve certeza de que conseguiu ver o último jabuti do outro lado da estrada, voltando para o mato. Correu para o carro.

— Vamovamovamo!

Ícaro soltou o grito da vitória. Depois de quase um dia inteiro esperando, tudo o que Tarsila queria era um quarto e uma cama. E começar a pesquisa,

claro.

Felizmente, o resto da viagem — meia hora, talvez pouco mais ou pouco menos que isso — foi tranquilo. Aquela estrada ficava suspeitosamente assustadora com o cair da noite, mas ela já sabia disso. Quando parou o carro, foi com um solavanco. Precisava trocar o óleo.

— Acabou a bolacha — Ícaro disse.

— A gente já chegou, desce.

— Isso aqui é um hotel?

— É o que dizia na internet, pelo menos. Mas a gente sempre pode descobrir uma verdade diferente.

Não era a primeira vez que ficava em um hotel ruim. Ou talvez “ruim” fosse uma palavra forte demais, mas não era a primeira em que se acomodava em um lugar como aquele, pelo menos: antigo, com ares de abandonado, provavelmente uma ex-casa. Não custava falar com a recepção antes de pegar as malas.

— Fica aqui, Ícaro — disse com seu melhor tom de responsável. — Vou ver se tá tudo certo.

Ícaro bufou.

— E se não estiver?

— A gente dá um jeito.

Saíram do carro, e Tarsila jogou as chaves para o irmão, que as pegou no ar e foi destrancando o porta-malas para se sentir útil. Aquela era a principal avenida da cidade, mas estava vazia. Dava para ver um bar mais à frente. Cheio. Tarsila não se lembrava da última vez que tinha pisado ali, apesar de já ter ouvido mil histórias sobre a cidade. Estava ali justamente por causa de uma delas.

Deu dois passos, três, cinco, e enfiou a cabeça pela porta da frente do hotel. Lá dentro fazia um frio atípico, como se a construção estivesse em outro lugar — e não ali, naquele projeto de deserto. O piso de vermelhão entregava a idade. Tarsila chamou.

Quem apareceu foi uma senhora de uns sessenta anos, talvez mais. Provavelmente a antiga moradora da casa, mas Tarsila achou melhor não fazer perguntas... ainda.

— Oi, tudo bom? Eu fiz a reserva pela internet! — disse. — Tarsila Martins, muito prazer. — Estendeu a mão com um sorriso, mas foi praticamente ignorada pela velha, que soltou um muxoxo.

— Essas coisas de internet é com o Rhyam, mas vou ver se ele deixou alguma coisa por aqui.

Rhyam era o filho, provavelmente — ou o neto. Alguém que cuidava da parte tecnológica do hotel, que parecia ser comandada de algum lugar fora dali, já que não havia computador à vista. A senhorinha entrou e voltou com um caderno grosso, um antigo registro. Encontrou Tarsila ali.

— Ele te deixou anotada. É de Saturnino, é?

— Sou, sim. Vim passar uns dias.

— Fazer o que aqui? Aqui é muito bom.

— Um trabalho. Pra faculdade.

— O Rhyam também tá na faculdade, mexe com essas coisas de computador, sabe? Mas estuda ali em Votuporanga.

Tarsila sorriu e fez sinal de que voltaria para pegar as malas. A senhora esperou na porta enquanto Ícaro e ela carregavam o que precisavam para dentro de um dos poucos quartos. Não tinha estacionamento. Tarsila trancou o carro e torceu para ser o suficiente.

— Vocês vão ficar sozinhos aqui. A gente não costuma ter muito movimento mesmo, mas nessa época é nenhum. Até segunda?

— Isso. Até queria mais, se pudesse, mas meu irmão tem aula...

— Nessa idade ninguém quer ver aula, não, moça. Mas tó aqui a chave. As regras tão na porta, favor ler direitinho.

Tarsila prometeu que leria.

A hoteleira foi embora — qual era o nome dela? Que cabeça! —, e Tarsila pôde fechar a porta do quarto, aliviada.

— O celular não pega aqui. Um fim de semana sem internet!— exclamou Ícaro.

— Viu se tem Wi-Fi? — Tarsila perguntou. Constava no anúncio que tinha, pelo menos. Teria que ver com alguém se a internet não desse sinal de vida. — Vê se a senha não tá ali na folha das regras.

— Vai lá, já deitei.

— Deixa de ser preguiçoso, moleque. Ainda tenho que organizar minhas coisas.

Com um gemido de Atlas, Ícaro ficou de pé e foi até a porta. Ele ainda sabia ler, pelo menos, e as regras pareciam muitas.

— Ih, olha isso aqui — disse Ícaro, e passou a ler em voz alta. — “Sem drogas, sem lib... libertinagem, sem festas, sem estranhos dentro do quarto, sem...” — Ícaro acabou de ler em voz baixa e concluiu: — Não pode nada!

— Porque você tava doido por drogas e libertinagem, né?

— Engraçadinha. A senha é um número de telefone. Trêsquatroquatrocinco, vintetrinta.

Conectados, ambos respiraram aliviados.

Na cama, Tarsila puxou o arquivo onde tinha anotado a história da avó. Normalmente, não seria alguma coisa digna de muita atenção, mas ela tinha ouvido tantas vezes que parte daquilo ficou alojada em seu cérebro. “Um dia não anoiteceu mais, e teve um clarão tão forte no céu, que muita gente sumiu”. Não fazia sentido, mas era assim que a vó contava: um clarão tão forte, que muita gente sumiu. Jurava ser verdade, jurava que um amigo dela tinha sumido junto com todo mundo. Setenta anos atrás, e Tarsila agora era a portadora da história, como se tivesse estado lá.

Ícaro não lembrava muito.

— Parece mesmo história da vó — ele disse quando Tarsila tentou explicar por que tinha que fazer a viagem. — Mas que besteira, Tassi. Isso aí não dá nem notinha em jornal.

— Eu tenho um plano B — explicou. — Se não conseguir relatos sobre o clarão, vou tentar pegar coisas sobre lendas, histórias, crenças no geral. Sabe? Gente que viu o lobisomem.

Mas queria mesmo aquilo. Sabia que precisava de um bom relato sobre o clarão, e sabia que podia fazer um bom trabalho se encontrasse as pessoas certas.

Encarou a mesa grande sobre a qual tinha deixado o notebook de três anos de idade — um senhor —, dois cadernos e três livros — dois de teoria, mais uma edição de *Era uma vez uma mulher que tentou matar o bebê da vizinha*, que tinha comprado pelo título. Suspirou e perguntou a si mesma por onde começaria tudo aquilo.

Pelo começo, decidiu. Parecia um bom plano.



Invejava a capacidade de Ícaro de dormir facilmente em qualquer lugar — qualquer lugar! Era um absurdo! Em cinco minutos, ele estava praticamente de ponta cabeça e boca aberta na cama ao lado. Tarsila, não. Desde criança, Tarsila pensava e virava e calculava a vida toda antes de dormir, acordava no meio da noite e considerava seis horas seguidas um sono muito bem realizado. Vivia cansada. A coisa piorava exponencialmente em camas estranhas, também, então estar no hotel velho de uma cidade desconhecida não ajudava.

Suspirou.

Quando percebeu que estava com as mãos cruzadas sobre o peito, apressou-se em corrigir a própria posição. Superstição de vó, mas era por algo assim que estava ali, afinal.

Pegou no sono sem perceber e acordou suada no meio da noite. Que droga, não podia estar tão calor assim, eram — pegou o celular, apertando os olhos contra o brilho da terra — duas da manhã! O frescor do hotel tinha ido embora, aparentemente. E que horário horrível para acordar. Ícaro soltou um ronco solitário. Tarsila ouviu com atenção em busca do barulho inconfundível do ar-condicionado, mas não encontrou. Será que alguém tinha desligado? Alguém-Ícaro, no caso, mas ele não costumava fazer isso. Ligou a lanterna e, com cuidado para não iluminar a cara do irmão, tateou com os pés a procura dos chinelos.

O ar estava mesmo desligado. Parecia ser um modelo antigo, e o aviso na porta deixava claro que não existia um controle remoto. Tarsila limpou os olhos antes de ligar e ajeitar tudo de novo: dezenove graus. Ótimo. Todo mundo sabia que era crime inafiançável ligar o ar-condicionado acima dos vinte.

Quando se virou para voltar para a cama, ouviu um barulho no corredor. Ser assaltada num hotel de uma cidade de 5706 habitantes era algo que ainda não tinha passado pela sua cabeça.

Talvez não fosse nada.

Talvez fosse só a hoteleira.

Talvez fosse um lobisomem — por que não? Já que estavam ali...

Pôs a cabeça para fora do quarto e foi recebida pela noite abafada americocampense, ainda pior do que dentro do quarto. As luzes da avenida entravam pelas janelas da frente, ambas abertas, protegidas por grades um tanto enferrujadas. Espiou um tanto. Não pensava realmente que tivesse um ladrão ali,

mas cuidado nunca era demais. Percebeu alguma coisa com o canto do olho, mas virou rápido demais a cabeça e sentiu o pescoço estalar. Ai.

Aquilo era luz acesa?

No quarto no fim do corredor, luz acesa embaixo da porta. Não parecia vir de fora.

O hotel deveria estar vazio, não?

Talvez aquilo não devesse incomodá-la, mas incomodava. Com certeza teria uma conversa com a senhora Alguma Coisa no dia seguinte. Sentiu um rebuliço no estômago, uma pontada de curiosidade e mistério. Quem seria o hóspede invisível acordado àquela hora da manhã? Talvez aquilo desse uma pauta. Ou não. O que Sandra Annenberg faria no lugar dela? Fechou com cuidado a porta atrás de si, tirou os chinelos e saiu do quarto sem fazer barulho, na ponta dos pés. O que Lois Lane faria? Atravessou a casa toda até aquele quarto, sentindo muito pela sujeira nas solas descalças. Lidaria com aquilo depois. Chegou à porta.

Não havia barulho lá dentro. Ou talvez houvesse, era difícil dizer. Aproximou-se mais. Seriam passos? Se eram, a pessoa estava apressada, andando rápido, mas pisava leve. Era um som ritmado. Não podiam ser passos, ninguém andava daquele jeito — e de um lado pro outro, e num quarto pequeno de hotel. Tarsila tentou não respirar, ou respirar muito pouco. O som parou de repente e ela colou o ouvido na porta, torcendo em sua loucura para não ser percebida.

Ouviu um som mais alto.

Passos mais pesados, rápidos, na direção dela. Na direção da porta.

Esquivou-se para trás, sem saber para onde correr. Tudo durou pouquíssimo, um milésimo de segundo. Ela trombou em alguma coisa.

Em alguém!

— O que cê tá fazendo, Tassi?

Teria caído para trás se Ícaro não estivesse ali, parado feito um dois de paus, cara de sono e tudo. Ele a encarava, mais curioso do que qualquer coisa.

A porta do quarto não chegou a ser aberta.

— Puta que caramba, Ícaro! Me mata do coração!

— Foi mal, pô. Mas o que cê tá fazendo?

Tarsila fez sinal para que ele abaixasse a voz.

— Não sei! A mulher disse pra gente que não tinha mais ninguém aqui, mas olha essa luz debaixo da porta.

— Que luz, Tassi?

— Não tá vendo, moleque? Olha ali!

Ícaro empurrou Tarsila para o lado e, antes que ela pudesse fazer qualquer coisa a respeito, abriu a porta do tal quarto. Estava vazio e escuro.

— Você tá é com sono. Volta a dormir.

— Quê?! Mas... — Tarsila não entendeu. Entrou no quarto e meteu a mão no interruptor, que, agora sim, acendeu a luz. Mas realmente não havia nada ali. Apagou e se virou para o irmão. — Eu juro, eu juro que vi... ouvi...

Mas parou na metade da fala. Ícaro não estava mais lá.

Tarsila correu até o próprio quarto e abriu a porta, dessa vez sem se preocupar com barulho. O irmão se encontrava na mesma posição de antes, completamente adormecido. Aquilo não era possível.

— Ícaro! — chamou. — Ícaro, porra!

Nada. Chegou a estender o braço para um travesseiro para jogar na cabeça dele, mas ouviu um outro barulho. A porta do outro quarto tinha se fechado com força.

Tarsila saiu para o corredor uma última vez e encarou de novo a luz obviamente acesa diante de si. Depois disso, fez o que qualquer pessoa sensata faria: trancou-se para dentro e correu para baixo do cobertor de microfibra.



Não é fácil acordar de um pesadelo — e isso foi tudo o que Tarsila se permitiu pensar sobre a noite passada: um pesadelo estranho. Como poderia ter sido outra coisa? Tentou perguntar ao irmão se ele tinha se levantado no meio da noite, mas já esperava pela resposta que recebeu:

— Claro que não. Acordar de noite é coisa de gente velha.

Ele mereceu o travesseiro na barriga.

— Idiota. Vai ficar aqui ou quer sair comigo?

— Fico. Se mudar de ideia, são só cinco minutos pra chegar em qualquer lugar, mesmo.

— Não é pra sair sozinho.

— Ah, Tassi! Olha onde a gente tá. O Homem do Saco não vai me pegar aqui.

Tarsila teve um lampejo de lembrança da noite passada. Do pesadelo. Do pesadelo da noite passada. Claro.

— Fica quieto aqui, por favor. Qualquer coisa, meu celular nem tá no silencioso.

— Ah, não. Isso é a idade chegando, viu?

— Um dia você também chega lá — Tarsila alertou, apontando um dedo. — Aí, você vai entender.

— Você acabou de fazer quarenta anos. Parabéns! Dos enta, não sai mais.

Ela revirou os olhos e saiu depois de dar tchau com um beijo no rosto. Ele provavelmente ficaria bem sozinho.

Pelo menos, era dia.

Uma vez lá fora, ficou feliz por ter se lembrado de levar os óculos escuros. Toda aquela região parecia pedir algum tipo de proteção para os olhos — e para a pele, e para os cabelos —, menos São Saturnino, que era um enigma. Já tinha lido mais de um artigo sobre como nenhum meteorologista sabia explicar convincentemente o clima de sua cidade natal. Mas não estava lá — estava em Américo de Campos agora, e, portanto, os óculos. Ajeitou-os com cuidado antes de encarar a rua diante de si.

Queria ter se lembrado de trazer um chapéu, também. Talvez devesse passar no centro — a literais dois quarteirões dali — e comprar um boné.

Pegou no celular o primeiro endereço que pretendia visitar. O barzinho da esquina já começava a mostrar movimento, e Tarsila se pegou pensando se valeria a pena conversar com um dos clientes, talvez com o balconista. Melhor não. Abriu o GPS. Se sentia um pouco burra usando o GPS em uma cidade de menos de 6 mil habitantes, mas também era uma cidade de menos de 6 mil habitantes quase completamente desconhecida.

Estava na avenida Prefeito Rachide Zeitune. Precisava chegar à rua João Pedro de Carvalho. Sete quarteirões. As pernas sedentárias reclamaram antes mesmo de ela pensar em começar a caminhada.

O carro vai ficar aqui, enviou para Ícaro antes que pudesse mudar de ideia. Se você precisar.

Ícaro *sabia* dirigir, embora talvez não *devesse* saber. Ele não tinha uma permissão formal, mas conseguiria fazer qualquer coisa necessária — como uma fuga improvisada.

Mas que tipo de pensamento era aquele?

Voltou a abrir o app do GPS e, aos poucos, encontrou o endereço. O boné que encontrou em uma lojinha de roupas ao lado da praça da matriz ajudou um bocado, mas ainda tinha suor em boa parte do corpo.

Já tinha visto fotos daquela casa — ou de outra casa, uma versão mais antiga daquela. Não tinha mais terra à vista, o jardim de sua bisavó tinha sido substituído por uma garagem ampla, mas vazia. A casa em si ainda ficava distante do portão, mas era mais bonita agora, com cadeiras na varanda, xaxins pendurados nas colunas, uma pintura que parecia quase fresca. Não imaginava a avó vivendo ali. Na outra, sim. Imaginava a avó vivendo na casa mais simples, na casa que não existia mais. Bateu palmas.

A pessoa que saiu era jovem, a cuidadora da senhora que vivia na casa. Conversou rapidamente sobre a pesquisa de Tarsila e entrou para chamar a dona da casa. Ambrosia. Não Ambrósia: Ambrosia. Uma idosa surpreendentemente bem para a idade, mas ainda precisando do apoio de uma bengala, saiu e chamou Tarsila para dentro.

Entraram em um quarto, a senhora organizando as coisas e resmungando desculpas pela bagunça. Tarsila sorriu. Pensou que era o tipo de bagunça organizada que um artista teria. E era obviamente o que Ambrosia era: uma artista. Esboços a lápis estavam espalhados pela parede e pelas superfícies disponíveis. Mais de um deles inacabado.

— Não quero atrapalhar nada. Se achar melhor que eu volte depois...

— Não, não. Pode ficar — Ambrosia respondeu sem olhar para ela. — Tarsila, né? É um nome bonito. Lembra a pintora, aquela do Amaral. O meu é o nome do doce. Não Ambrósia: Ambrosia. — Parou para ajeitar um punhado de folhas de papel e guardá-las na gaveta. — Você é neta da Mirna?

Tarsila assentiu.

— Vou fazer algumas perguntas, o.k.? A senhora conheceu minha vó?

Pedindo permissão apenas com o olhar, ela abriu o app de gravação e pôs o celular sobre a escrivaninha.

— A gente foi vizinha, brincou muito por aqui — Ambrosia disse,

gesticulando em torno de si. — Ela era alguns anos mais velha, mas eu vivia atrás delas... das meninas mais velhas. Eram um grupinho de quatro. Comigo, cinco, mas nunca me contaram. A Mirna gostava de mim — explicou —, mas não me via direito quando estava com as amigas.

— A senhora viu, então... o que aconteceu? — Sem perceber, Tarsila estava agora na beirada da cadeira, mais próxima da nova amiga. — Minha vó dizia que um amigo dela tinha sumido... era amigo seu, também?

— Pode me chamar de você! — Ambrosia sorriu rápido, mas logo pareceu ensimesmar-se para poder começar a história. — A pessoa que desapareceu foi meu irmão mais velho — continuou. — A pessoa mais próxima, na realidade, porque mais gente sumiu. Ele tinha dezessete anos, e ninguém mais se lembra dele. É claro que meus filhos não conheceram o tio, e acho que meus netos nem sabem que ele existiu. Meus pais... não sei explicar o que aconteceu com eles. Era como se uma vaga lembrança ainda existisse neles, mas não sabiam como chegar lá. Quando eu falava do Nim, era como se falasse de uma coisa que não existia. Não diziam assim, mas não ligavam.

— Mas o que aconteceu? Como ele sumiu?

Ambrosia levantou os ombros e fez uma careta.

— Ninguém sabe. Mesmo na época, ninguém sabia. Caiu alguma coisa por aqui. Um meteoro, um pedaço de satélite, não sei. Ninguém viu, mas caiu. A gente achava que era um meteoro, mas ninguém nunca encontrou nada. Os jornais ficaram doidos. O Nim foi o último a sumir, e, quando ele sumiu, tudo parou. Ninguém lembrava mais do meu irmão nem do meteoro. Os adultos agiam como se a gente estivesse brincando. Um meteoro em Américo de Campos?! Um disparate! Então a gente cansou de falar. Alguns de nós chegaram mesmo a pensar que tinha sido invenção, coisa de criança.

— Minha vó não?

— Não mantive contato com a Mirna depois que ela foi pra Saturnino, mas acho que não. Ela gostava do Nim. Tinham quase a mesma idade, se conheciam de pequenos. — Ela parou. — Eu... eu amava o meu irmão, sabe? Nunca mais existiu ninguém como o Nim, nunca existe ninguém como ninguém, não é verdade? Eu amava ele, isso ninguém nunca vai tirar de mim. Por dezessete anos, ele foi real. Pode publicar o que estou dizendo, não tenho mais idade pra ser levada a sério, mesmo, mas ele foi tão real quanto nós duas.

Tarsila não soube o que dizer. O app continuou gravando em silêncio por cerca de trinta segundos. Ambrosia sorriu, como se pudesse ler mentes.

— Eu sei como é, não precisa falar nada, não. Penso muito nele, mas estou bem.

— A senhora... desculpa, você acha que ele ainda pode estar vivo?

— Não. Não, não acho. Acho que o desaparecimento foi a morte dele, e é assim que eu sempre expliquei tudo pra mim mesma, filha. Se ele não morreu...

Ela não completou a frase, mas Tarsila conseguia muito bem imaginar conclusões próprias. Conversaram pouco além disso. Tarsila pegou alguns dados, como o nome completo de “Nim”: Alfenim Bezerra. Não mencionou o próprio irmão, mas saiu dali com um aperto no peito por Ícaro. Na despedida, se abraçaram.

— Obrigado por isso, Ambrosia. Eu espero... — hesitou por um momento, um momento só. — Espero que o Nim esteja aguardando por você do outro lado. Não sei se acredita nesse tipo de coisa, mas...

Ambrosia assentiu e disse adeus.

A caminhada de volta pareceu mais curta, ainda que melancólica. Tarsila colocou os fones e chegou a tocar parte da entrevista, fazendo anotações mentais para o que escreveria no trabalho. Ainda era cedo, mas sabia que não conseguiria nada mais valioso que aquilo. No fim do dia, quando chegou ao hotel, voltou a pensar nisso e constatou que estava certa. Chegou a pegar mais um depoimento — tímido, curto — sobre o acontecido, mas nada tão pessoal quanto o relato de Ambrosia. Talvez ela fosse a única na cidade. Encontrou também duas pessoas que negavam tudo.

Foi obrigada a parar quando não viu o carro parado no meio-fio.

Correu para dentro e não encontrou Ícaro. A voz de Ambrosia começou a tocar em sua cabeça antes que ela pudesse sequer raciocinar direito. *Ele tinha dezessete anos*. Tentou o celular dele. Nada. Se ele tivesse saído sem avisar, se veria com ela. Se não tivesse... se fosse outra coisa...

Ainda não pensaria naquilo.

Ligou para o celular de Ícaro.

Ligou para a dona do hotel.

Esperou.

Ligou para a polícia.

Na delegacia, insistiram que tudo indicava que Ícaro tinha saído sozinho para algum lugar. Tarsila insistiu que aquilo não fazia sentido — porque não fazia. Prometeram investigar.

Dormir era impossível. Olhava para a cama vazia do outro lado do quarto e voltava a segurar as lágrimas. Chegou a se encontrar naquele estado entre despertar e sono, imaginando jabutis subindo pelo pé da cama. Chegou a olhar para o chão do quarto e vê-lo nitidamente coberto por eles. Todos os jabutis da estrada. Todos os jabutis do mundo. Apertou os olhos. Abriu. Nada. Aquilo era inútil. O celular estava firme em suas mãos, ainda com o som alto, a espera de uma ligação que nunca chegou. Não encontrou forças para responder Maio, sua melhor amiga.

Quando a porta do quarto se abriu, estava cansada demais para notar de imediato. Mas notou. Em algum momento, notou. Ficou de pé. A intenção era apenas fechá-la, mas percebeu que não tinha vento ali. Percebeu que a porta tinha estado trancada até alguns minutos antes — e ainda estava, na verdade, o ferrolho ainda estava bem evidente.

Ficou apavorada pela primeira vez desde a noite anterior. O mesmo medo. Não era o medo de perder o irmão — era um medo diferente. Pisou com cuidado no corredor e foi como um déjà-vu.

Mas a porta estava aberta.

A luz acesa. Não, não era a luz acesa.

Era como se tudo fosse branco, como se o cômodo estivesse completamente iluminado. Como um portal.

Absurdo. Passara tempo demais ouvindo Ícaro falar de jogos. Ícaro. Ícaro estava ali. Não podia vê-lo, mas sabia disso. Um passo. Era como se ele a estivesse chamando, mas não exatamente. Por que era tão difícil explicar? Dois passos. Para quem precisava explicar, afinal? Só precisava aceitar e seguir em frente. Encontraria o irmão. Três passos. Mais passos.

Atravessou o umbral sem pensar muito nas consequências.

A mudança foi imediata. Não estava no quarto, sabia disso. Estava em um lugar escuro, mas não simplesmente escuro — vazio. Não sabia como podia estar de pé ali. Não respirava. Sentiu uma presença atrás de si. Olhou.

Antes não tivesse olhado.

Havia uma criatura gigantesca, maior do que qualquer coisa que ela pudesse

imaginar. Não era humana. Poderia repetir dez, vinte, cem vezes: não era humana. Era como se estivesse de passagem, como se a presença de Tarsila não fosse real. Ainda assim, sentiu seu coração batendo acelerado, não se atreveu a fazer nenhum movimento. O monstro parou.

Depois do que pareceu uma eternidade, alguma coisa começou a sair dele.

Dela.

Era um ovo.

Tarsila observou a maior cloaca da existência liberar um único ovo e lançá-lo em sua direção, mas foi atravessada por ele. Não estava mesmo ali, afinal. O ovo seguiu seu caminho em direção ao que havia do outro lado — a Terra. Tarsila respirou fundo. Não respirava. Estava no vácuo.

A criatura se expandiu e pareceu tomar-lhe todo o campo de visão.

Foi então que suas existências pareceram se encontrar, e Tarsila descobriu um nome: Mercúrio.

— Como o planeta? — perguntou. Assustada pelo som da própria voz.

Como o deus, corrigiu. Mas como o planeta, também, por que não? É de lá que eu vim.

A voz não vinha do monstro, não vinha de lugar nenhum. Foi tomando forma aos poucos. Entre tantas formas possíveis, foi Ícaro que apareceu. Tarsila quis gritar.

Não conseguiu.

Pus o ovo há mais de meio século, explicou. Fiz tudo direito. Não entendo o que está errado. Meu filho não nasceu. Alguém deve estar por trás disso.

— Ícaro, é você? O que tá acontecendo?

Não preciso de você.

— Ícaro! Ícaro, sou eu!

Vá embora. Tudo isso é passageiro.

Tarsila se lembrava vagamente de um documentário que chegou a assistir havia muito, muito tempo. Nele, especulava-se a possibilidade de que deuses antigos fossem apenas alienígenas, criaturas de outro planeta que chegaram à Terra e foram interpretadas como divindades. Naquele momento, a voz de Mercúrio no corpo de seu irmão ecoava em sua mente. A criatura não estava mais à vista. Ícaro também foi desaparecendo aos poucos.



Parecia tudo muito certo. Sorriu. Folheou as anotações antes de enfiá-las na mochila, selando o fim daquela etapa. Parecia bom, não parecia? Tinha conseguido entrevistar mais algumas pessoas, relatos bons e sólidos de uma lenda urbana do interior de São Paulo. Só faltava escrever. Tinha tempo para isso.

Sentiu uma pequena dor de cabeça, mas bem pequena mesmo. Parecia que tinha esquecido alguma coisa. Conferiu mais uma vez.

Tinha conversado com a dona do hotel na noite anterior, combinado tudo. Trancaria a porta, passaria na casa do tal de Rhyam para deixar a chave. O endereço seguia no bolso. Fácil, fácil.

Pôs a mochila nas costas.

Mal podia esperar para chegar em casa e contar a Ícaro tudo o que tinha feito ali. Esperava que ele não tivesse passado o fim de semana todo dormindo.

ANDRÉ CANIATO nasceu em Pontes Gestal, cidadezinha no interior de São Paulo, e passa os dias trabalhando com crianças e perseguindo realidades paralelas. Para todos os efeitos, é o embaixador da Plutão Livros na Terra. Entre suas publicações, destacam-se os contos “A folia dos mortos” (*Trasgo*, ed. 17, 2018) e “Isto não é um livro de matemática” (2017). É tradutor formado, escritor por vocação e, como todo artista, pessoa de mil projetos inacabados. Em breve.

ENTRE AS GOTAS DE CHUVA, ENCRUZILHADA

CIRILO
S. LEMOS

Trigger warning: cenas explícitas de violência.

MARCELINA ESTAVA LÁ, parada bem no meio da faixa de pedestres, braços abertos e olhos fechados. Doidinha, doidinha, tomando toda a chuva da noite.

Sob a marquise da pastelaria do Chinês, o bando de moleques espantava o frio com cobertores encardidos e um toco de baseado.

— Sua irmã é maluca, Alvinho — disse Bigu. Tinha cabelos cor de chameca queimada de sol e um nariz inchado de tanto cheirar cola. — Ficar nesse aguaceiro aí, caçando resfriado brabo ou motorista doido. Devia dar um jeito nela. Se quiser, eu dou.

— Ela gosta. E eu gosto que ela goste — Alvinho respondeu.

Não gostava coisa nenhuma. Mas sabia onde Bigu queria chegar com aquela conversa e a resposta cortava sua intenção pela raiz. Não queria brigar outra vez com nenhum dos moleques por causa de Marcelina. Quase sempre acabava apanhando. Era um dos menores, não carregava navalha, não sabia bater direito.

Bigu tinha dezessete anos e uma cicatriz larga de um tiro que havia raspado a lateral de seu rosto lá para as bandas do Morro da Galinha. Não dava para encarar alguém como ele. Era melhor aproveitar o baseado que chegava à sua mão e deixar rolar. Ele tragou e prendeu a respiração até sentir uma onda quente e molhada brotar nos pulmões e se espalhar depressa pelo corpo. Depois se levantou, o pensamento cheio de nuvens.

— Minha vez — avisou Bigu. Parecia estar a quilômetros de distância, a mão estendida para fora do cobertor.

Alvinho sorriu sem saber a razão. Talvez fosse a onda, entendia muito bem. Havia uma razão para sorrir, mas de repente pareceu uma ideia muito boa deixar Bigu na vontade. Deixou o cigarro cair na calçada molhada e o esmagou com o chinelo.

Engraçado como os olhos de Bigu se arregalaram. Viraram duas bolas de tênis e pareceu que iam explodir igualzinho àqueles lobos dos desenhos animados. Era engraçado, engraçado pra cacete. No meio da nuvem doce que dançava em sua cabeça, Alvinho sentiu uma vontade louca de rir. E riu, enquanto a ameaça que Bigu berrava se dissolvia antes de chegar aos seus ouvidos. Continuou rindo depois do tapa na cara, a rasteira que o derrubou de costelas no chão e os dois chutes meio de lado.

— Filho da puta — xingou Bigu, pegando o toco de baseado no chão como quem pega um peixinho querido do aquário.

— Quero minha irmã — gaguejou Alvinho, um pouco zozzo.

Marcelina estava no mesmo lugar, deixando a chuva cair na carne, desenhando trilhas geladas sobre a pele. Tinha doze anos e adorava isso. Ver as gotas prateadas riscarem a luz dos postes e salpicarem as poças no chão. Sempre que as nuvens começavam a se acumular ao redor da serra e os primeiros relâmpagos estalavam nas antenas de celular, ela farejava o ar em busca do cheiro de asfalto molhado e se lembrava da mãe. Não uma lembrança visual, pois o tempo havia comido a imagem que tinha dela; uma memória que vinha do olfato e trazia sensações que não conseguia decifrar, mas que eram quentinhas, de uma saudade boa. Por isso, não importava se a chuva inundasse a Baixada Fluminense e arrastasse lixo pelas ruas, ou se os garotos e garotas do bando do Estragado pensassem que era louca: sua mãe estava ali, no desenho que o vento fazia na chuva como se fossem parceiros de dança, e isso era algo que nem

mesmo seu irmão podia entender.

— Sei como é isso — disse alguém atrás dela.

Marcelina se virou.

Parada sob o semáforo havia uma mulher magra com um carrinho de supermercado. Vestia uma capa de chuva amarela sobre uma camiseta listrada, boné de vereador, calças encardidas e sapatos velhos. Um nariz de palhaço se pendurava no rosto comprido e pontudo, coberto de maquiagem. A boca, delineada pela tinta vermelha, era tão fina que parecia um talho aberto por um bisturi impreciso.

— Tu é quem? — a menina perguntou.

A figura fez uma mesura exagerada:

— Carotyla Pil ao seu dispor, senhorita! — Ela falava de um jeito esquisito, como se tivesse uns cem anos de idade, meio difícil de entender.

— Que nome feio da porra.

— Não é meu nome, é minha função dentro dos besouros.

— Quê?

— Está caindo um pé d'água, não é? Lamento ter trazido essa chuva a reboque. Meu veículo às vezes faz dessas, causa algumas perturbações atmosféricas. Sou, todavia, cortês o suficiente para não invadir o palco dos outros sem aviso prévio. Disseram-me que neste semáforo existe um grupo de pequenos malabaristas. É verdade?

As sobranceiras de Marcelina formaram um S desconfiado.

— É. Eu e meus colegas. Aqueles lá na outra calçada.

— Pode me levar até eles? Gostaria de lhes apresentar uma proposta médica em nome de Maratela.

— Hum. Tá, eu acho... — Marcelina hesitou um pouco, depois fez um gesto para que a mulher a seguisse. Atravessaram a rua correndo.

— Quem é essa palhaça aí, Marcelina? — perguntou Estragado, apontando para a mulher com a ponta do queixo.

— Essa doida quer examinar a gente — Marcelina respondeu, olhando de soslaio o irmão rir sozinho num canto, cheio de maconha.

Estragado estufou o peito, ladeado pelas namoradas grávidas.

— Ih, é esse lances de abrigo da prefeitura, né? Sai fora que aqui ninguém quer saber disso, não. Esse ponto aqui é nosso, dona.

— Sem dúvida que é. Por isso, em respeito à ética de vocês, artistas itinerantes, vim pedir autorização para observar este grupo de perto. Podemos negociar uma compensação em moeda local, é claro. — Carotyla Pil espichou o pescoço na direção do bando, farejando o ar como um perdigueiro.

— Não tem lugar aqui pra você — rosnou Bigu.

— Mas eu faço muitas coisas.

Carotyla Pil enfiou a mão no bolso da calça e tirou um maço de cartas gastas. Embaralhou-as com agilidade e as dispôs como um leque diante dos adolescentes, que não se impressionaram.

— Você é surda ou é burra, sua piranha? A gente não quer você aqui. Se manda.

— Escolha uma carta — ela insistiu. — Sua espécie gosta de truques de prestidigitação.

Bigu e outros garotos soltaram risadinhas. Estragado deu de ombros e puxou um valete de copas. Carotyla Pil recolheu a carta e esfregou-a entre os dedos, os olhos fechados.

— Que merda você vai fazer?

— Poderia moderar esta linguagem, meu jovem? Estou tentando escanear você.

Antes que Estragado pudesse dizer alguma coisa, Carotyla Pil recolheu o baralho depressa.

— Humm. Há uma sombra negra sobre seus ombros — disse ela. — Tsc, tsc. Isso não é bom, não mesmo. Ela vem de muito longe, de um mundo que ocupa um espaço atrás desse. Viajou até seu planeta para se alimentar de coisas ruins. Culpa. Medo. Indiferença. Desesperança. A carta está sussurrando alguma coisa sobre uma moça. — Pôs a carta perto do ouvido, como se a estivesse ouvindo contar algum segredo. — Como é? O cérebro dela vazou pela calçada? Após um roubo não muito longe daqui? Numa rua escura, sei, sei. Certo. Soa familiar para algum de vocês?

Estragado e Bigu se entreolharam.

— Se manda daqui, sua otária. Tá falando demais. — Alvinho apoiou-se na irmã para não cair. — Antes que a gente espalhe o seu *cérebro* pela calçada.

Carotyla Pil balançou os dedos diante do rosto. Pegou no carrinho um pedaço de pano escuro e o rasgou em tiras.

— Preciso que vocês venham comigo para que eu possa ajudá-los, meus jovens. Não consigo me manter aqui por muito tempo. Longe demais de Maratela. E, acreditem, muita energia está sendo despendida para manter a Rota até aqui. Se vierem comigo, Maratela pode desfazer a presença da criatura neste mundo.

— Quê? Tu é polícia por acaso, velha? Mete o pé.

— Ao menos aceitem um pequeno presente, para provar minha amizade. — Ela ofereceu uma tira para cada um dos catorze meninos e meninas que estavam ali. — Para ajudar com a criatura que está se alimentando de vocês e alterando as probabilidades neste pequeno contexto de Realidade.

— Um pano fedorento? Enfia esse presente no rabo — disse Bigu. Todos estavam rindo, e ninguém aceitou o que a mulher oferecia.

Carotyla Pil então se voltou para Marcelina e lhe estendeu a mão cheia de retalhos.

— É um repelente e um mapa. Tem essa forma simples para se manifestar mais facilmente nesta dimensão. Mas é forte o suficiente para afastar os botes da criatura de você por um tempo, se ela ainda não estiver forte o suficiente aqui. Mas não vai impedi-la de continuar se banquetando no seu mundo. Precisa levá-la até Maratela. Por favor, aceite.

A menina não entendeu palavra nenhuma, achou que a mulher era doida, mas apanhou duas tiras, uma para si e outra para o irmão. Carotyla Pil afagou-lhe os cabelos cacheados.

— Preciso ir. Aguardarei vocês perto da Rota para o tratamento médico. — Ela se afastou, arrastando o carrinho até desaparecer na noite chuvosa.

— Não quero você conversando com gente estranha — disse Alvinho. A maconha ainda corria poderosa por seu corpo e o fazia soltar fragmentos de risadas entre os dentes. — Sabe que aqui na rua a gente não pode facilitar. Quer acabar igual à nossa mãe?

Marcelina não respondeu. Amarrou a tira de pano em volta do pulso, uma vontade louca de chorar espremendo a garganta. Olhou para o irmão. Ele emudeceu. Alguma coisa estava diferente. Sentiu quando ela segurou com carinho seu braço e o envolveu com a tira. Alvinho pensou em arrancar aquilo e jogar no bueiro. Mas não podia. Ou não queria mais. Não com Marcelina encarando-o com aqueles dois sóis úmidos.

— O que foi? — ele perguntou baixinho.

A irmã tremia. Alguma coisa havia acontecido.

— Acho que posso ver. A sombra no ombro do Estragado. Parece um *largato* grandão e preto, preso tipo uma mochila esfarrapada — ela respondeu.

Alvinho gargalhou e foram se enrolar nos cobertores sujos.

— Vai dar ouvidos praquela cracuda agora?

Marcelina balançou a cabeça.

Acima deles, a madrugada começava a atravessar a cidade.

Depois as coisas se transformaram num sonho ruim. Veio o vento, os trovões, o frio. A sensação de um espaço vazio infinito e gelado entre o Aqui e o Lá. Pinheiros mortos brotando de rachaduras no mundo. O cheiro da chuva no asfalto — o cheiro mágico da chuva no asfalto — começou a se perder. Marcelina quase não podia mais senti-lo.

O bando inteiro já dormia nas camas de papelão e jornal, embalados nos cobertores, uns por cima dos outros.

Ela não sabia se estava dormindo ou acordada. Com o ouvido no peito magro do irmão, ouvia o bater do coração se misturar aos trovões num ribombar barulhento. Viu Tota, uma das meninas grávidas, se levantar e se apoiar num pinheiro e cuspir alguma coisa. Não, não era um pinheiro. Era a porta da pastelaria, e Tota vomitava uma torrente preta, resmungando pelos enjoos de uma gravidez aos catorze anos, mas Marcelina também sabia que ela vomitava por algo mais. Por que pedaços de sonho invadem o mundo? Ou seria o contrário, o mundo estava interferindo no sonho?

Não dava para saber. Apenas queria que a manhã chegasse logo e espantasse aquela coisa sombria de olhos esbugalhados que a espreitava por sobre os ombros de Estragado. Ela estava ali naquele exato instante, entre o sonho e a vigília, sussurrando, atraindo coisa ruim com um silvo quase inaudível, feita da mesma matéria que Tota vomitava. Uma coisa que não era Dali.

No sonho, veio o som distante de um carro acelerado.

Mas não era sonho: o carro freou bruscamente perto do bando adormecido. As quatro portas se abriram e homens encapuzados saíram.

Carregavam armas.

Chutaram os garotos confusos. Agarraram Estragado pelos cabelos, gritando alguma coisa por trás das máscaras. As vozes se perdiam entre as explosões do

coração de Alvinho e uma letargia nebulosa. Mas Marcelina, sonolenta e confusa, podia ouvir o *largato* repetindo as palavras dos homens com deleite: “Vocês não são valentes com garotas desacompanhadas? Não são machões pra tirar a vida da filha dos outros...?”.

— ... com paulada na cabeça?

— Vai todo mundo pra vala, pivetada do caralho.

Começaram os disparos. Pareciam pipocas explodindo dentro do ouvido. Os meninos e meninas acordaram para morrer.

Muitos tiros, marcando as paredes com pólvora, buracos e sangue escuro.

Alvinho tentou gritar, mas Marcelina tapou sua boca. Um pedaço do crânio de Bigu se estilhaçou feito copo de vidro, e uma pasta sangrenta espirrou no rosto dela.

Os homens obrigaram Estragado, que chorava feito criança, a assistir a cada momento da chacina. Cada instante dos gritos, do choro e do medo. O *largato* em seu ombro se agitava, deliciado, uma língua fina serpenteando para dentro da cabeça do moleque e sugando grandes goles, como se fosse um canudo.

— Ela tá grávida — Estragado gritou ao ver Tota cair, o rosto congelado num esgar de terror. Fumaça de pólvora pairava acima de um arroio de sangue. Um dos homens foi ao carro e voltou com uma barra de ferro.

— Se preocupa com a cadelinha não — ele disse. Marcelina viu seus olhos. Eram duas bolas de carvão, sem as partes brancas que as pessoas comuns têm. Ela sentiu medo.

O primeiro golpe da barra de ferro fez uma massa na testa de Estragado. Ele abriu a boca e revirou os olhos. O segundo golpe deixou o maxilar pendurado, vazando uma saliva sangrenta.

— Foi você, né? Matou minha filhinha pela porra de um celular — disse o homem, a voz cheia de raiva, tristeza e frustração.

Marcelina e Alvinho pararam de olhar nesse ponto. Mas não podiam escapar do som úmido das pancadas, dos gorgolejos de morte de Estragado. Apertaram os olhos.

A barra de ferro fez um *clang* ao ser jogada no chão.

— Não pode ter testemunhas, Flores. Confere se tem algum pivete vivo.

Os homens foram de cadáver em cadáver. Dois deles se agacharam sobre Bigu, rindo da expressão patética que ele fez quando estouraram sua cabeça, a

um metro de Marcelina e Alvinho. Um dos assassinos pareceu olhar diretamente através deles, e foi aí que ela entendeu. Eles não podiam vê-los.

Era isso: eles não podiam vê-los.

Marcelina limpou o sangue de Bigu em seu rosto com as lágrimas teimosas que escorriam por suas bochechas. Olhou para a tira de pano em seu pulso e estremeceu: a cracuda que chegou com a chuva havia feito alguma coisa. Ela veio, ofereceu presentes e todos recusaram. Zombaram dela. E agora estavam mortos.

Os encapuzados entraram no carro e saíram cantando pneu. Só então Marcelina e Alvinho tiveram coragem de chorar alto, e choraram juntos com a chuva pelo que pareceu uma eternidade.

— Precisamos sair daqui — disse Alvinho. — A polícia vai aparecer e obrigar a gente a xisnovar isso tudo.

— Mas a gente temos que falar.

— Porra nenhuma. Deixa eles resolverem isso. A gente nunca vai ter paz se ficar. Uma hora matam nós. E eu preciso te proteger. Prometi isso pra mãe, lembra? Não posso fazer isso aqui.

— Vamos embora rápido. Eles ainda podem voltar.

Recolheram depressa as coisas que ainda tinham e fugiram enquanto a coisa acabava de beber os eflúvios negativos que a chacina soltava pelo ar.



O dia os alcançou já bem longe do centro.

As notícias da chacina haviam corrido mais depressa e já estavam lá, penduradas nas bancas de revistas para todos os apreciadores de desgraças. Um jornal da região estampava fotos coloridas da cabeça deformada de Estragado manchada de sangue seco. Alvinho parou para ver, mas mal sabia juntar as letras numa palavra segura. Desistiu. Marcelina não aguentou, acabou vomitando. Sentia-se como se todo mundo pudesse perceber quem eram e onde estavam na hora em que tudo aconteceu. E havia o peso insuportável sobre os ombros, aquela sensação sufocante que não a deixava em paz. Olhou para o que havia acabado de vomitar. Uma lama preta.

— Ai, meu Deus — ela sussurrou, um gosto azedo na boca, mais azedo que chiclete TNT.

Marcelina se sentou num dos bancos da praça e limpou a boca com as costas da mão. Os pés pisavam numa pequena poça de água. Viu-se refletida na superfície espelhada, as olheiras profundas, o rosto inchado de tanto chorar. Ao redor do pescoço, enrodilhada feito um caracol, ela viu a sombra. Um grande *largato* preto. Pisou na poça para destruir a imagem e olhou angustiada para o sol mortiço. O bicho do outro mundo agora estava nela.

— Quer comer um pastel? — Alvinho se aproximou.

— Não — ela respondeu, grave. — A gente tem que encontrar aquela mulher.

— Hã?

— A gente tem que encontrar aquela mulher — repetiu.

— Que mulher?

— A doida de ontem.

— Pra quê?

— Não acabou, Alvinho. A coisa do outro mundo quer a gente, também. A maluca salvou nós essa madrugada. Pode salvar de novo.

— Você pirou — resmungou o garoto. Contou as moedas que tinha. O suficiente para pagar duas passagens de volta ao centro e ainda comprar cinco ou seis pãezinhos.

— Por favor. Ela disse que estava esperando a gente numa roda.

— Não.

— Vou sozinha, então. — Ela saiu andando.

— É, você pirou. E eu também, só pode ser. Me espera, porra.

Escolheram o ônibus que seguia pela rua Alta. Marcelina cochilou no ombro do irmão a viagem inteira. Alvinho achava que a tal mulher nem devia ser real, o que era até engraçado, se você parasse para pensar. E as ruas estavam cheias. Perdeu a conta de quantos policiais viu naquele dia. Mais que em semanas, arriscaria dizer. E tinha repórter infestando a cidade, caçando parentes das vítimas para arrancar depoimentos lacrimosos para os telejornais do meio-dia e da noite, entrevistando comerciantes do entorno da cena da chacina, averiguando pistas. Qualquer um que se parecesse com um morador de rua seria arrastado para algum abrigo se desse azar de esbarrar com um dos caras da prefeitura. Chacina tinha todo dia, mas de criança e adolescente não pegava bem. O que ele

estava fazendo, concordando em voltar com a irmã para aquela área? Logo os dois, que pareciam ter um letreiro luminoso com os dizeres *Menor Abandonado* apontado para as cabeças. Não sabia, mas não podia deixar de atender ao pedido da irmã. Havia algo com ela. Algo diferente. Algo que o assustava, mas que nunca admitiria.

— É aqui que a gente precisa descer — disse Marcelina, acordando num sobressalto. O ônibus estava parado no trânsito.

— Aqui?

— Aqui.

— Como sabe?

— Esse negócio tá me avisando — ela ergueu o pulso onde a tira de pano estava amarrada. Depois apontou para um cartaz lá fora. “Precisa-se de animadores de festas, tratar aqui”. Havia um palhaço estilizado deitado sobre as letras. “Tratar *aqui*”. Marcelina sorriu. Alvinho se limitou a menear a cabeça.

Desceram no sinal próximo a um hipermercado. Marcelina arrastou o irmão pelo estacionamento.

— O que você tá procurando agora? — ele disse, irritado.

— Não sei. Mas está por aqui. Não consegue sentir?

— Não.

Ela cheirou o ar. Olhou de um lado para o outro e esfregou as mãos, indecisa sobre aonde ir. Avistou uma caixa de zinco enorme e descascada em uma parede do hipermercado. Tinha uma hélice por onde saía uma corrente de ar morno. Correu em sua direção.

— Acho que isso é só um ar-condicionado grandão, Marcelina — Alvinho disse, impaciente.

Ela não respondeu. Olhava para o pulso. Para a tira de pano ordinário que ainda estava ali. Arrancou-a e deixou que caísse no chão. Mas não caiu. Em vez disso, atingiu a corrente quente da caixa de zinco e foi soprada para o alto feito uma pluma. Subiu cada vez mais, trocou o ar quente pelo vento frio que soprava da serra ali perto e, como uma coisa viva, flutuou lentamente em direção ao viaduto.

— Vamos — Marcelina agarrou Alvinho pelo braço.

Subiram o viaduto que atravessava a via-férrea. O caminho de pedestres terminava numa passarela em espiral fedendo a urina, repleta de cartazes de

festas de universitários, convites evangélicos e serviços esotéricos. Espremido entre o muro da linha do trem e a rua, Marcelina e Alvinho encontraram o carrinho de supermercado cheio de roupas, panelas, pincéis, bolas coloridas, livros velhos. Ao lado, imóvel feito um manequim, estava a mulher.

— Finalmente — disse Carotyla Pil. Ela estendeu a mão e a tira de pano pousou ali suavemente, como uma borboleta. — Deixei minha impressão residual vibrando por todo o caminho, esperando que pelo menos um de vocês me encontrasse. Sabia que funcionaria.

Marcelina se aproximou.

— A gente veio por causa disso. — Ela apontou para a criatura sibilante agarrada às suas costas, um réptil de forma bruxuleante cuja língua negra se insinuava para dentro de seus ouvidos. Lânguido, deslizava pelo corpo magro como se fosse uma parede por onde podia correr livre, rei do território, cada vez mais dono, cada vez mais dentro do coração da menina, e até mesmo debaixo de tudo isso, no oceano desconhecido que residia no subsolo da mente onde tudo se entrelaçava, assumia substância, seguia pelos incontáveis emaranhados de linhas nervosas e formava pensamentos e sensações.

— Isso nos seus ombros é um veraqueiro — Carotyla Pil puxou de dentro do casaco puído uma espécie de lupa feita de luz e vidro e andou ao redor de Marcelina, examinando-a. — Um parasita alienígena. Ele produz seu alimento a partir do desespero daqueles ao redor. A presença dele nesta dimensão provoca pequenas alterações locais na função de onda. Ele começa modificando coisas mínimas na história de alguém... — Ela guardou a lupa de volta no casaco. — Uma folha caindo quando nunca caiu. Uma chuva quando nunca choveu. Uma morte antes da hora. É um efeito cascata, uma bola de neve. Vidas inteiras acabam reescritas para o pior. Então, ele cresce, se torna mais gordo, as alterações nesta Realidade dimensional aumentam. E o mundo inteiro acaba preso em uma história diferente. E então começa tudo de novo. Precisamos corrigir isso antes que se alastre. É altamente contagioso.

Como Marcelina e Alvinho continuavam de olhos arregalados, sem entender meia palavra, Carotyla Pil resumiu:

— Ele faz tudo na sua vida dar errado para comer seu desespero, e com isso acaba causando uma doença no planeta. Entenderam agora?

— Entendemos... — Não haviam entendido nada. Apenas a palavra

“contagioso” fez algum sentido.

— Vocês já devem ter sentido os efeitos, não?

— Sei lá — Marcelina deu de ombros.

— O que isso significa? Esse balançar de ombros.

— Que eu só quero me livrar disso. Não só por mim, mas pelo meu irmão também.

A mulher deu uma olhada em Alvinho.

— É. Maratela levou isso em consideração, que você considera seu irmão importante, quando a escolheu como a arapuca para o veraqueiro fujão.

— Arapuca? Quem me escolheu pra arapuca, moça? Eu não quero ser arapuca de nada, tô com muito medo.

— Calma, criança. Maratela irá resolver tudo bem rápido.

— Quem? — Marcelina se irritou.

— Maratela — disse Carotyla Pil, uma atmosfera grave envolvendo-a, um tipo de solenidade, ou força, ou importância, que não estava ali na primeira vez que as crianças a viram. — Arconte Legislatrix e Defensora Constitucional das Treze Dimensões vizinhas à sua. Ela é grande demais para caber no seu mundo, mas há uma Rota aberta para você encontrá-la. Precisamos de autorização para que ela fale com você, confidencie seus nomes secretos. Desejos escondidos. Dores. Alegrias. Ela então se abrirá e poderá curá-la e erradicar o parasita. — Aproximou o nariz pintado de vermelho do rosto de Marcelina e acrescentou: — Maratela, nossa supersingularidade. Mais antiga que as casas e prédios da velha Technotlán, mais perene que Vurap, mais imparcial que as leis de Unovarum. Eu a chamo carinhosamente de Pequena Tristeza, porque ela chora quando os artistas vão embora. — A voz era quase um sussurro, rouco e macio. Os olhos dela brilhavam como se fossem feitos de pérolas líquidas. — Aceitam conhecê-la?

— Não, sua maluca — adiantou-se Alvinho. Tentou puxar a irmã pela blusa. Marcelina olhou-o nos olhos. Alvinho bufou e a soltou. Entendeu que, mais uma vez, não poderia impedi-la.

— Eu quero — Marcelina disse, voltando-se para Carotyla Pil. — Me apresenta essa Mariela.

— Maratela.

A mulher moveu os dedos com agilidade, e formas geométricas feitas de luz

apareceram no ar. Ela tocou várias delas como se estivesse digitando em um teclado de computador, as formas mudando de aparência e cor a cada movimento dos dedos. Depois, pegou um isqueiro do bolso e queimou a tira de pano. Por trás da pequena labareda, falou coisas ininteligíveis com uma voz doce e engraçada.

Marcelina aspirou a fumaça. Não sentia o desagradável cheiro de coisa suja, mas o delicioso e familiar aroma de terra molhada pela chuva. Era como se a serra coberta de nuvens a poucas centenas de metros atrás dela soprasse a névoa para aquele lugar cinzento e o transformasse. Um sonho parecia se misturar outra vez à realidade.

Um zumbido de eletricidade encheu os ouvidos da menina e o mundo pareceu borbulhar. Sentiu o *largato* preto guinchando às suas costas.

Cadê o irmão, cadê a cracuda?

Um disco de pedra desceu diante de Marcelina e abriu as portas. Uma figura feminina surgiu. Apesar de estar nua, a menina não conseguia distinguir nenhum detalhe do corpo, apenas formas e volumes. Mas o que a fez recuar alguns passos estava acima do pescoço: um besouro conectado ao corpo humanoide por uma intrincada rede de fios e tubos — o besouro estava grudado a outro corpo idêntico, que, por sua vez, estava grudado a outro corpo idêntico, como uma centopeia. Marcelina tremeu.

— Bem-vinda ao meu vimana, criança. Espero que minha aparência não seja desconfortável para sua espécie. — O besouro agitava as patas conforme falava. — É difícil para mim reduzir a temporalidade a um nível que o cérebro humano consiga processar. Estou operando em apenas três momentos simultâneos, como uma velha decrépita. — Ela riu. — Bem, prepare-se para uma vacina diferente das que já tomou, pequena.

Marcelina reconheceu a voz de Carotyla Pil.

— É você mesmo?

— Sim, criança. Uma Carotyla Pil dos bahreng. — Ela estendeu um dos braços para Marcelina.

Com medo, a menina subiu a bordo.

O vimana rangeu as paredes de pedra. O céu fora das janelas agora era outro céu.

Havia duas luas cor de asfalto e ferro. Planetas imensos e anelados. Manchas

magnéticas multicoloridas estampando a imensidão, uma aurora boreal infinita.

Aquilo era o espaço? Espera, o espaço sideral?

Marcelina sorriu, maravilhada.

Não eram mais luas, eram grandes olhos que a observavam por entre um mundo alienígena que agora era feito de vidro, concreto, metal, carne pulsante e árvores. Imersa no centro da Rota, ela ouviu a Maratela sussurrar sobre Verdade e Pureza.

A menina riu. As risadas eram como bolhas de sabão e afugentaram o grande *largato* preto de seus ombros. O alienígena deslizou pelas paredes da conexão entre Marcelina e Maratela e escapou por uma fresta na porta do vimana.

O medo se dissipou devagar.

— Veraqueiros são perigosos, humana. Este fugiu para o seu mundo através de poros em entrelaçamentos quânticos. Você está livre da possessão, mas ele ainda está infectando a linha do tempo na qual ancorou você e os seus. Se não for tratada, a doença se espalhará por todas as probabilidades ligadas ao seu mundo. Não podemos permitir tal doença numa dimensão tão próxima à nossa.

— Então salva a gente — pediu Marcelina.

— O tratamento é invasivo. É preciso matar o parasita e reescrever toda a sua história. Sua vida mudará. Seu mundo será alterado.

— Eu deixo você fazer.

— Tal autorização não me é necessária. Mas agradecemos por colaborar. Esta Carotyla Pil pode iniciar o tratamento.

— Sim, Senhora Legislatrix.

A mulher-besouro conduziu o vimana silenciosamente pelas linhas do tempo locais, assoviando uma canção desconhecida. Marcelina olhou pela escotilha. Lá fora, viu sua cidade. E Laura.

A garota morta por Estragado quando voltava da faculdade. Ela caminhava apressada pela ruela, observando a sombra se alongar e se misturar às outras que surgiam dos arbustos, das latas, dos carros estacionados e das reentrâncias nos muros. Os passos vacilavam toda vez que era obrigada a passar por ali. Não muito longe vinha ele.

Os passos de Estragado eram leves, mas tensos. Quase podia sentir a água empoçada nas calçadas evaporar sob os pés. A chuva fina que havia caído sobre a cidade foi doce, e ele se deliciou com o vento frio.

Laura lançou espiadelas por sobre os ombros. Lá longe ela já percebia as pisadas cuidadosamente calculadas. Alguém a estava seguindo. Imaginou mil destinos terríveis para seu dinheiro e sua vida nas mãos de um marginal sem rosto. Devia ter dado ouvidos à mãe e chamado um táxi.

A novinha fugindo do predador, Estragado gostou de pensar. O dinheiro era uma coisa boa, mas, mesmo quando a sorte o trazia em quantidade, não se comparava ao sabor de fazer brotar terror nas pessoas. A cada passo que a novinha dava, Estragado compensava com dois ou três. A distância começou a encurtar.

Laura apertou a bolsa marrom contra o peito, a ponto de chorar.

Estragado sentiu o cabo da faca e olhou em volta para ter certeza de que nenhum curioso estava bisbilhotando. Já havia feito aquilo muitas vezes, mas a carga de adrenalina era sempre tão intensa que ele não era capaz — e nem desejava — domá-la. Estava a poucos metros da presa.

— Talvez você sinta um pouco de náusea — disse Carotyla Pil em suas três temporalidades. Tocou um círculo no painel de luz e sorriu para Marcelina. O vimana descarregou uma infinidade de bolhas leitosas nas trilhas de tempo locais e Marcelina murmurou uma prece. — É uma reação normal do organismo à vacina.

A maior parte das bolhas estourou, caiu fora das trilhas ou resvalou para longe. Uma delas, porém, ondulou no ar, sem peso, dançando pelas trilhas de tempo locais, alterando sua forma, desconstruindo-se, recombinaando-se, fluindo cada vez mais para dentro. Não era mais apenas bolha, era onda, espírito, ideia, suspiro e, por fim, uma vacina. Atraída cada vez mais para dentro, a vacina flutuou e rompeu os limites entre as esferas, ganhando o Espaço, o Éter e o Azul. Lá, se misturou com o tilintar de outros aromas, com a vibração de outras luzes, e se perdeu por um momento. Do burburinho caudaloso de vontades ela se refez e se reencontrou, buscando seu sentido, seu significado. Pelo tráfego de singularidades que viajavam em todas as direções em velocidade infinita, a vacina colidiu com uma formulação filosófica selvagem e explodiu, espalhando partículas luminosas pelo céu da trilha local.

No instante seguinte, a vacina se recombinaou, substituindo os ativos mortos por dois terços de um aforismo decomposto e um terço de um postulado matemático. Refeita, continuou a ascender até singlar um fluxo tranquilo.

Abraçada à corrente, a vacina seguiu até a cascata infinita que caía nos ouvidos de supernova de Maratela. 10 milhões de milhões de possibilidades borbulhavam pelo fluxo e penetravam em seu ouvido, todas tão iguais, todas tão monótonas.

A vacina se diluiu pelas águas. As trilhas de tempo locais, alteradas pelo veraqueiro, começaram a absorvê-la e dissolver os patógenos. O inchaço foi se desfazendo. Um grande sorriso se desenhou em Carotyla Pil.

— O procedimento foi um sucesso.



As dores do parto. A mãe de Marcos chorava, gritava. Ele viu a luz, sujo de sangue e placenta. Estava aterrorizado. Não sentia mais a conexão com o universo que o carregava desde sempre embalado no útero aquecido.

Com dois anos de idade, engoliu um pedaço de lâmina de barbear. O objeto feriu seu estômago e o fez passar dois meses em um leito de hospital, alimentado por uma sonda. Graças a isso, recebeu o apelido de Estragado.

Aos cinco anos, sua tia comprou um bolo de aniversário e perguntou se ele queria roupa ou brinquedo de presente. Sem saber por quê, escolheu roupa e se arrependeu para o resto da vida.

Era um dos piores alunos da escola. Aos dez anos de idade, mal sabia ler direito ou escrever o próprio nome. Aos quinze, ajudou uma mulher a matar o marido em troca de dinheiro e sexo. Estava apaixonado, mas era usado pela amante como uma ferramenta, mistura de vibrador e moleque de recados. Aos dezoito, começou a usar drogas mais fortes. Pouco depois, estava assaltando para sustentar o vício. Mulheres e velhos se mostravam as melhores vítimas: apenas se encolhiam assustados e entregavam tudo o que tinham.

Aos vinte anos, Marcos não era um grande traficante, assassino de reputação ou qualquer coisa digna da atenção de alguém. Não era nada, apenas um ladrão pé de chinelo que sobrevivia roubando trocados em noites chuvosas e liderava um bando de moleques sem-teto pelas ruas da cidade.

Aos dezenove, teve os dois braços quebrados pela polícia ao ser pego com crack. Aos catorze, seu apêndice inflamou e quase explodiu. O intestino precisou ser tirado e lavado, e ele evacuava através de outra sonda, a segunda em sua

vida. Aos nove, pensou em ser astronauta, mas descobriu que para um brasileiro isso era quase impossível, mesmo que tivesse uma grande patente na Aeronáutica. Aos quatro, ganhou um revólver de plástico amarelo, com o qual atirava em plantas e gatos, imaginando-os temíveis bandidos como os dos filmes.



O veraqueiro saltava de um lado para outro, preso nas paredes cada vez menores, guinchando e se debatendo à medida que sua carne queimava e se dissolvia com a vacina. Não queria morrer, por que tinha que morrer, isso doía tanto, ele só queria viver e tinha esse direito.

Pela escotilha, Marcelina via o alienígena derretendo, seu sangue escorrendo e fervendo no chão, parecendo petróleo cru. Tadinho, ela pensou. O vimana percorreu o caminho de volta.



As dores do parto. A mãe do bebê chorava e gritava. Pensou em batizar o filho como Adalberto, em homenagem ao avô. Queria Marcos, e até bordou algumas toalhinhas azuis com o nome, mas de repente uma sensação súbita de urgência, um nó na garganta, como um luto pelo futuro que suplantava até mesmo as dores que sentia, a fez decidir pelo nome do pai. O nome surgiu em sua cabeça como se gravado em chamas finíssimas. Considerou isso um aviso e decidiu: Adalberto. Gritou o nome no momento em que a criança escorregava para fora, e desmaiou. O bebê foi enrolado com panos verdes pela enfermeira e levado para fora do quarto.

Com um ano, Adalberto entrou na natação. Aos quatro, nadava feito um peixe, forte e saudável. Aos oito, foi campeão em várias competições e faixa azul no caratê. Aos doze, sonhava que era soldado em meio às explosões e tiros e, sem saber por quê, decidiu ser médico. Aos dezesseis, se apaixonou por uma japonesinha dos cabelos cor de fogo. Aos dezoito, descobriu seu nome entre os

felizes classificados para a faculdade de Filosofia. Pintou o rosto, comprou livros, tirou fotos, sorriu.

Aos vinte anos, caminhava por uma ruela escura, molhado pela chuva, lugar perigoso àquela hora. Tentava andar mais rápido, não podia faltar mais às aulas, o semestre estava enrolado. Bem à frente, uma garota lançava olhares suspeitos para trás. No mínimo, estava pensando que era um ladrão. Achava isso bem irritante, mas não queria assustar a moça. Ao passar por ela, Adalberto a cumprimentou com o boa-noite mais simpático que pôde. Para desmanchar o medo. Pensou em como devia ser difícil ser mulher e andar sozinha por aí.

— Essa rua é escura. — Ele sorriu. — Vou para aquele lado mesmo. Se você quiser, posso fazer companhia, e assim um protege o outro.

Agora Laura não tinha mais medo, sentia que Adalberto era um cara legal. Juntos, percorreram a rua e se separaram na avenida principal. Ela foi embora pensando em como era medrosa, chegou até a se imaginar sendo morta com uma pancada na cabeça, olha só. Adalberto seguiu para a faculdade. Ele não acreditava em astrologia.



— A infecção foi erradicada — disse Carotyla Pil, a voz soando como um trânsito intenso misturado ao vento da serra em três tempos diferentes. — Maratela, Arconte Legislatrix e Defensora Constitucional das Treze Dimensões agradece sua colaboração e lamenta os contratemplos causados.

Ela sorriu e então tudo acabou.



— Sai desse aguaceiro, menina.

Marcelina estava lá, parada bem no meio do quintal, braços abertos e olhos fechados. Doidinha, doidinha, tomando toda a chuva da tarde.

A mãe e o irmão recolhiam as roupas do varal às pressas, antes que o temporal repentino encharcasse tudo.

— Sua irmã é maluca, Alvinho — disse a mãe, enfiando as roupas no cesto que o filho segurava. — Ficar nesse aguaceiro aí, caçando uma pneumonia. Parece até seu pai.

— Ela gosta, mãe — Alvinho respondeu.

Marcelina ergueu os olhos para o irmão. Um sorriso quase sobrenatural se desenhava nos lábios pequenos. Cheiro de chuva era coisa tão boa.

CIRILO S. LEMOS nasceu em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, em 1982. Foi ajudante de marceneiro, de pedreiro, de sorveteiro, de marmorista, de astronauta. Fritou hambúrgueres, vendeu flores, criou peixes briguentos, estudou história. Desde então, se dedica a escrever, dar aulas e preparar os filhos para a inevitável rebelião das máquinas. Gosta de sonhos horríveis, realidades previsíveis, fotos de família e ukuleles. É autor dos romances *O alienado* (Draco, 2012) e *E de extermínio* (Draco, 2015).

**CLARA
MADRIGANO**

O REGRESSO

PENSE NISTO: AS folhas que cobriam o gramado do pequeno jardim pertenciam à mesma árvore que já existia aqui quando nos mudamos para esta casa. Leila e eu estávamos com nove anos, e ainda me lembro do meu pai nos conduzindo pelas mãos até a árvore, deixando as sombras nos protegerem do sol. Ele nos contou que escolheu a casa por causa daquele bordo, que foi o que mais chamou a atenção. Vejam só como é antigo, meu pai nos disse. Quando perguntei quantos anos uma árvore realmente podia ter, ele disse que centenas, talvez milhares. Não era o caso, claro: aquela árvore em particular não tinha milhares de anos, nem centenas — na verdade, havia sido plantada pela família que antigamente morava ali, e nem um século se passara desde então. Mas ela tinha a pose. Tinha o jeito de pertencer à História, algo na grossura e nas marcas do tronco, o jeito com que se retorcia e então se abria em incontáveis folhas amarelas, uma cor que perdia a força aos poucos. Parecia uma avó ou bisavó. Perto de Leila e de mim, era sábia, antiga e nos julgava com serenidade. Ela que era a verdadeira dona da casa, e o seria pelos próximos séculos, mesmo depois de termos partido...

•

Aquilo foi no início dos anos 1970, durante o verão: foi quando nos mudamos para cá, Leila, meus pais e eu, e o beagle que Leila e eu ganháramos no aniversário anterior, Murdock. Meus pais sempre deixaram claro que presentes

de aniversário — ou de qualquer outra ocasião especial — seriam únicos. Gêmeas que éramos, Leila e eu, eles não viam motivo para não dividirmos as coisas, e não concebiam que pudéssemos ter gostos muito díspares, não naquela idade. Se ganhávamos uma boneca, era para as duas, mais uma acrescentada à nossa humilde, mas crescente, coleção. Se ganhávamos um kit de cozinha, bem, precisávamos aprender a operar a cozinha imaginária em conjunto, sem brigar por quem teria a posse disso ou daquilo. Leila nunca fora paciente. Eu tinha de ter paciência pelas duas, tinha de suprir o que faltava nela para que meus pais nunca precisassem ver as coisas em que nos diferenciávamos, quão grande era o abismo entre nós — apesar do rosto de Leila, o rosto que eu via todos os dias, sempre refletir o meu, de modo que um espelho parecia desnecessário.

— Esse batom fica muito forte em você — eu me lembro de dizer, certa vez, quando tínhamos quinze anos. E, ato contínuo, levei a mão aos meus próprios lábios, esfregando-os, como se o batom estivesse em mim.

Mas era só minha boca, minha carne nua.

O desaparecimento não começou no final de tarde em que o corpo de Leila de fato sumiu e metade da cidade parou com a rotina de sempre só para iniciar as buscas. Leila desapareceu aos poucos, ao longo de um mês. Foi quando o comportamento estranho teve início — algo que, na época, ninguém associou a nada em particular, exceto a um possível excesso de adolescência. Começou a ter dificuldades para dormir, o que significava que eu também tinha dificuldades para dormir, já que dividíamos o mesmo quarto. Eu acordava com os gemidos de Leila, com o jeito que se movia na cama, como se estivesse lutando contra algum sonho ruim.

— Leila. Leila? — Eu ia até a cama dela e cutucava-a com a mão até que os olhos claros se abrissem e uma espécie de alívio tomasse conta de seu rosto.

— Clem... — Ela sempre dizia meu nome. O nome que a centrava de novo naquele universo, o universo real, e não o de seus pesadelos. Meu nome: uma âncora, firmando-a no mundo desperto. Seu próprio rosto, mas com o meu nome.

— Com o que estava sonhando?

Ela nunca sabia dizer. Murmurava alguma coisa sobre luzes. Sobre como estava frio. Eu erguia as cobertas e encontrava o lençol úmido. Não era urina, era suor. Às vezes, eu deitava na cama, ao lado dela, abraçando o corpo magro. Leila já estava sumindo ali, também — os ossos despontando sob a pele, que nunca

parecera mais frágil. Meus pais tinham teorias diferentes para a perda de apetite de Leila. Minha mãe acreditava que eram os garotos. Meu pai achava que ela estava se estressando demais com a escola. Nenhuma delas correspondia à realidade, porque garotos nunca deram bola para mim ou para Leila, não de verdade. Uma vez, quando estávamos andando de bicicleta pela cidade, três meninos da escola vinham saindo de uma lanchonete e assobiaram alto ao nos avistarem. Um deles perguntou como seria um ménage com gêmeas, e eu, naquela época, não entendia a palavra, mas sabia que não era algo bom. Leila respondeu por nós, erguendo o dedo do meio, e os garotos apenas riram. Não éramos populares no colégio. Garotos não nos convidavam para sair. Eu seguia a sombra de Leila, e as pessoas pareciam achar isso incômodo ou engraçado. Nossa proximidade fazia com que cortejar uma significasse cortejar as duas. Leila nunca pareceu se incomodar.

— Garotos são só perda de tempo — ela costumava dizer.

Tínhamos catorze anos. O verão do amor durava mais de uma década, e garotas da nossa idade saíam desfilando nas ruas da cidade com jeans apertados e blusas soltas, mostrando ombros dourados pelo sol, cabelos volumosos que cheiravam a spray. Não existia inocência naquela juventude. Aquelas garotas não pretendiam crescer para ter o destino das mães. Elas se formariam em universidades ilustres e ganhariam o mundo. Era o que todas pensavam naquela cidadezinha de meio-oeste em que moravam, pelo menos. Sair dela era o desejo de todos. Ganhar o resto do país, ou então o mundo.

Mas éramos as garotas Nelson. Nossos pais ainda se apegavam ao conservadorismo, e estavam determinados a nos fazer seguir uma certa linha de comportamento. Era por isso que não nos vestíamos como as outras garotas. Era por isso que nossos cabelos ainda eram soltos e lisos e frequentemente cortados por nossa mãe na mesma altura. Era por isso que compravam nossas roupas sempre no mesmo lugar, e era por isso que Leila e eu sempre parecíamos bonecas idênticas. Nossos pais não eram religiosos fanáticos — eram democratas, quando convinha. Apenas tinham hábitos, e nunca consideraram que mudá-los traria benefício a alguém.

Foi uma das professoras que notou os espaços calvos na cabeça de Leila. Durante uma aula de História, enquanto Leila dormia sobre um dos livros, tomada pelo cansaço de quem há muito tempo não conhecia uma noite de sono.

Ela nos chamou até a enfermaria — nós duas, sempre — e pediu que a enfermeira verificasse os ferimentos no couro cabeludo de Leila, a vermelhidão onde ela arrancava os fios um por um.

Ela inspecionou também minha cabeça, como se achasse que, sendo uma gêmea, eu estava fadada a repetir o comportamento. Mas meus cabelos castanhos ainda estavam intactos.

— Você sabia que sua irmã faz isso? — a enfermeira quis saber.

— Não — eu disse. Uma mentira. Já vira Leila arrancando alguns fios, enrolando-os em volta dos dedos, completamente absorta em algum pensamento que não queria dividir.

Nossos pais foram chamados. A orientação da escola sugeriu que procurássemos algum atendimento psicológico. Adolescência. Hormônios. Essas coisas aconteciam. Leila estava sendo pressionada de alguma forma? A perder peso?

— Nós não incentivamos nossas filhas a isso, se é sua pergunta — minha mãe respondeu, fria.

Nossos pais não confiavam na psicanálise. Achavam que todos os problemas se resolviam em família, e foi o que fizeram: nos sentaram no sofá da sala e conversaram conosco. Quando havia começado? Por que Leila não queria comer? Havia algum garoto no meio? — minha mãe insistiu. Ela não estava doente, era apenas uma fase. Fases.

Quando havia começado? Eu sabia.

Duas semanas antes, quando as luzes apareceram no céu. Eu não tinha reparado. Foram os vizinhos, os Cooke, que vieram bater à nossa porta.

— Já viu uma merda tão estranha assim? — o sr. Cooke perguntou, cabeça erguida para o céu. Havia luzes entre as nuvens. Luzes curiosas, esverdeadas, como as da aurora boreal. Logo, boa parte da vizinhança estava na rua, apontando. Meu pai e o sr. Cooke decidiram fazer um churrasco no jardim, as luzes iluminando-os como estrelas espectrais. Alguém, talvez a sra. Cooke, mencionou que já ouvira desse tipo de coisa acontecendo mais para o norte, mais próximo do Canadá, talvez no Minnesota. Mas nós estávamos perto de Chicago, e nunca havíamos nos deparado com alguma coisa parecida.

— Então vamos comemorar — o sr. Cooke disse, tomando um gole de cerveja. — Porque provavelmente não é coisa que se repita tão cedo. Que nem

aquele cometa, sabe? Que só passa de sei lá quanto tempo em sei lá quanto tempo...

Uma viatura policial apareceu na rua, sirenes desligadas, um dos policiais baixando o vidro ao estacioná-la.

— Povo, é hora de estar todo mundo na rua? — perguntou.

— Qual é, Paul? Olha o céu, está lindo. Já viu uma coisa dessas antes? — o sr. Cooke perguntou para ele.

— Não, e é por isso mesmo que seria melhor que todos ficassem dentro de casa — disse o policial.

— Ah, meu Deus, é uma daquelas nuvens radioativas? — uma vizinha perguntou em enfiada em chinelos de flanela e em um robe de lã rosa.

— Senhora, nós ainda não sabemos de nada — disse o policial. — Pode ser só um fenômeno natural.

— Então deixa as crianças curtirem — disse o sr. Cooke. Os filhos dele estavam pedalando pela calçada, aproveitando a estranha noite luminosa. Os policiais desistiram de argumentar. Entraram na viatura e foram embora, e meu pai e o sr. Cooke voltaram ao churrasco.

— Cadê a Leila? — minha mãe perguntou, certo momento. Ela e a sra. Cooke estavam bebendo alguma mistura alcoólica, estiradas em cadeiras dobráveis no meio do jardim. Leila, minha sombra. Não percebi quando ela se afastou de mim, tão fascinada que estava com as luzes.

Um pequeno pandemônio: minha mãe gritando, Murdock latindo e o sr. Cooke e meu pai chamando o nome de Leila para dentro do bosque atrás das nossas casas. A sra. Cooke recolhendo seus filhos, cheios de adrenalina, que queriam entender o que acontecia. Os vizinhos se reunindo na nossa calçada, mulheres cobrindo a boca com a mão, todas curiosas. O cheiro de carne queimando na grelha.

Fui a primeira a ver Leila. Ela veio de dentro do bosque, logo atrás da casa dos Cooke. Os pés descalços estavam arranhados, mas ela não parecia se importar. Os cabelos castanhos tinham algumas folhas presas aos fios. Ela parecia uma fada, uma visita mágica da floresta. Gritei o nome dela, e meus pais correram em sua direção.

— Onde você estava, Leila? — minha mãe perguntou, furiosa. Leila parecia um tanto fora do ar.

— Eu queria ver as luzes.

— Você não pode simplesmente sumir, não pode ir para lá — e minha mãe apontou para o bosque — sem me avisar.

Ela levou Leila para dentro e preparou uma bacia de água quente, lavando os pés arranhados da minha irmã.

— Eram bonitas, não eram? — Leila me perguntou.

— Eram — respondi.

As luzes desapareceram algum tempo depois. A novidade passou. A vizinhança perdeu a curiosidade e todos voltaram para dentro de casa — a carne que meu pai havia tentado fazer ficara longe de ser comestível.

Mas Leila começou a mudar a partir daquele dia. Primeiro, a perda de apetite. Os ossos cada vez mais visíveis. O cabelo, então: os fios que ela puxava devagar, como se estivesse se torturando, e que depois punha na boca. Os sonhos que nos despertavam no meio da noite.

Leila desapareceu no Dia das Bruxas. Foi o desaparecimento final. Eu queria sair e pegar doces. Leila teria dito que éramos grandes demais para isso, mas, naquela noite, a desculpa foi simplesmente estar cansada. E ela realmente parecia cansada, com olheiras profundas, uma palidez impressionante. Minha mãe me disse para não a importunar e deu um beijo no topo da cabeça ferida da minha irmã. Eu queria os doces. Reciclei uma fantasia de dois anos antes, de Wendy — Wendy Darling, de Peter Pan —, e saí às ruas. Sozinha. Não estava acostumada a andar sem Leila; era como se um membro meu faltasse. Tinha medo de encontrar estranhos, de falar com as pessoas, de bater na porta das casas. Havia fantasmas e vampiros e outros monstros passando por mim, tagarelando. Tinha medo do que escondiam atrás das máscaras, e odiei Leila naquele instante, odiei o laço que havia entre nós e que me transformara em uma covarde quando não estava com minha gêmea.

Voltei para casa com a cesta de plástico vazia. Meus pais já estavam dormindo. Na mesa da cozinha, o jornal de alguns dias antes, agora recortado. A reportagem que falava das luzes misteriosas. Meu pai tinha um álbum em que colava as notícias que achava pertinentes, que mencionavam nossa pequena cidade: Antonia, Illinois. No quarto, Leila já estava adormecida. E pacífica, de modo que me esforcei para não a acordar e, em silêncio absoluto, entrei debaixo das cobertas ainda com minha fantasia. Dormi. Não sonhei com nada.

Quando acordei, Leila já havia sumido. Pensei que só tivesse se levantado mais cedo e ido tomar café primeiro, mas a cozinha estava vazia. Ainda eram cinco da manhã, e o céu estava escuro. Alguma coisa não parecia certa. Procurei Leila pela casa, mas não pude encontrá-la — e então fui acordar meus pais.

Encontraram os restos do pijama de Leila debaixo do grande bordo. A inspeção da polícia, mais tarde, revelaria que não havia sangue no tecido, nada rasgado. Era como se ela tivesse se despido de livre vontade e deixado as roupas largadas no chão.

Eu surtei. Corri pela rua, Wendy Darling aos prantos, chamando o nome da minha irmã, lágrimas molhando meu rosto. Éramos gêmeas. Ela não tinha o direito de me deixar sem levar alguma coisa minha — sem me levar, também. Mas me deixara para trás. Gritei até perder a voz, e só parei quando meu pai me alcançou, quando me tomou entre os braços e, diante dos vizinhos assustados e cheios de pena, me levou de volta para casa.

As buscas duraram dias, e então semanas. Depois de um mês, depois de nenhum sinal de Leila, as buscas gradativamente diminuíram. O rosto dela — meu rosto — estava estampado em pedaços de papel que cobriam postes e paredes pela cidade inteira. Minha mãe teve um lapso religioso e juntou-se a um grupo de oração. Meu pai começou a beber. É um clichê, sim, mas só quem entende a perda de um ente querido sabe como a busca por clichês é reconfortante.

Tornei-me a garota sem a gêmea. De algo inteiro em algo que era apenas metade. Minha sombra longe de mim, como a sombra de Peter Pan. Mas não podia simplesmente encontrar Leila e costurá-la outra vez ao meu corpo. Leila tinha partido e me deixado para trás — e eu me ressentia daquilo, de ser deixada, mais do que me ressentia do desaparecimento.

Claro que existiam teorias: pessoas estranhas que podiam ter aparecido durante o Dia das Bruxas. Um dia propício para criminosos, porque todos andavam fantasiados por aí. Mas em Antonia? Pequena Antonia, irrelevante Antonia? Coisas ruins acontecem em qualquer lugar, um policial me disse — e acontecem mesmo com meninas boas. Meu pai mandou instalar grades nas janelas. Se alguém havia levado uma de suas filhas, a pessoa poderia muito bem aparecer para levar a que restava. Eu me refreei, não disse o que pensava: que achava que Leila havia nos deixado por vontade própria, que não havia sido

levada no porta-malas do carro de algum psicopata. Ela já estava sumindo. Já não era nossa, mesmo antes de encontrarem as roupas debaixo da árvore.



Depois de me formar no colégio, fui estudar língua inglesa na universidade. Sair de Antonia foi a melhor coisa que podia ter acontecido. Entre meus colegas, eu não era olhada com piedade, porque ninguém precisava saber do meu passado. Não falava de Leila e, quando me perguntavam, eu respondia dizendo que era filha única. Foi durante o primeiro ano que conheci Frank. Ele foi a primeira pessoa com que fui sincera a respeito de Leila.

— Puxa, Clem — ele me disse, alisando meus cabelos enquanto estávamos deitados na minúscula cama de seu dormitório. — Puxa, que barra. Eu sinto muito.

— Eu preferiria que você não dissesse nada. Sabe, para os outros — pedi.

— Mas é claro que não — Frank me disse, e beijou o topo da minha cabeça.

Nós nos casamos assim que ganhei meu diploma, só alguns meses antes de meu pai morrer. O fígado. Ele havia acabado com o próprio fígado.

Minha mãe, viúva, continuou morando em Antonia, enquanto Frank e eu tentamos morar em outros lugares: em Chicago, e então em St. Paul, e então em Nova York, quando demos um passo maior do que as pernas e decidimos que valia a pena pagar uma pequena fortuna para morar num apartamento do tamanho de uma caixa. Queria ser uma poeta, e consegui lançar um pequeno livro por uma editora pequena. Não foi um sucesso, apesar de algumas críticas favoráveis em revistas daqui e dali. O segundo livro fez ainda menos alarde, então comecei a dar aulas, enquanto Frank trabalhava em uma firma de construção. Frank era do Alabama, e eu era do Illinois, e ambos nos sentíamos, de alguma forma, traídos pelas promessas de liberdade de Nova York. Em vez disso, nos sentíamos engolidos pela cidade.

Eu estava com trinta anos. Certa manhã, minha mãe ligou.

— Clem. As notícias não são boas — ela disse.

Câncer. Câncer nunca era uma notícia boa. Choramos no telefone, nós duas, mas já tinha me decidido: precisava voltar para casa. Fiz duas malas pequenas e

disse para Frank que queria passar aqueles últimos meses ao lado da minha mãe. Ele não protestou.

Os últimos dias dela foram abençoadamente sem muito sofrimento. Ela ficava em casa, uma enfermeira visitando-nos todas as sextas-feiras. Àquela altura, minha mãe não conseguia andar direito, as pernas fracas demais, então eu punha seu corpo frágil em uma cadeira-de-rodas e a empurrava até o alpendre do jardim, onde admirávamos o bordo e o bosque e, acima de tudo, nunca falávamos de Leila. Depois que minha mãe morreu, Frank e eu nos mudamos para a casa. Muito tinha acontecido durante minha ausência. Muitos vizinhos tinham se mudado ou falecido, e eu sentia um estranho anonimato ali, na cidade em que havia nascido e crescido. Frank conseguiu um emprego em Springfield, a apenas meia hora de distância de casa, e eu tentei definir que rumo minha vida tomaria. Acabei me tornando professora de inglês do colegial. Não mais Clemence Nelson, mas agora sra. Caherny. O nome Caherny não me ligava a ninguém. O nome Caherny não me ligava a uma menina que desaparecera em Antonia tantos anos antes. Era uma proteção.



E eu ainda era Clemence Caherny quando acordei naquela manhã e me sentei diante do espelho para inspecionar a pele flácida do meu pescoço, as rugas em volta dos olhos, para achar mil defeitos e depois suspirar, pentear os cabelos cinzentos e deixá-los em uma forma menos caótica. Era a primeira manhã de outubro, e o outono se fazia presente em um vento que insistia em varrer as folhas ao lado de fora da casa, levando-as em pequenos redemoinhos. O bordo estava perdendo a cor vistosa e, admirando sua copa à distância, por um vislumbre da janela, pensei: você e eu, você e eu, envelhecendo e morrendo... mas logo virá o inverno e, depois dele, a primavera, e você vai voltar à sua glória de sempre. Só por esses meses somos iguais. Só por alguns meses.

Frank ainda estava roncando na cama. Meu pobre Frank, que também absorvera o outono nas rugas do rosto, na linha de cabelo escuro que recuava, na leve saliência macia que agora tinha na barriga, escondida debaixo da camiseta de flanela favorita. Deixei-o dormindo, desci as escadas e preparei o café. Com a

caneca em mãos, sentei à mesa da cozinha, liguei o laptop — meu fiel escudeiro de quase oito anos — e li as notícias, para confirmar se o mundo continuava tão insano quanto imaginava.

Não reparei nela de imediato. Não estava prestando atenção. Não estava procurando. Mas, quando fui levar a caneca para a pia, eu enfim a vi.

Não sei como as coisas chegam àquilo. Como você sai de sua vida normal, tão rotineira, tão despida de surpresas, e dá um passo em falso e cai no buraco, o famoso buraco do coelho de Alice. Essas transições são súbitas. Não são bonitas. Um dia, achei que seria uma poeta para pôr em palavras as coisas que sentia e, antes, não conseguia nomear. Me parecia, então, que o propósito da poesia era o de nomear o que havia por dentro. Não saberia nomear o que senti, o que aconteceu naquela manhã quando, pela janela que dava para o quintal, avistei a garota nua, encolhida à base do bordo. Acho que minha boca se abriu, em algum momento, e devo ter produzido um ruído alto e pouco humano, porque escutei a voz preocupada de Frank vinda do andar de cima.

— Clem? Amor?

Não respondi. Com as mãos úmidas, abri a porta do quintal, saí correndo na direção da árvore.

— Leila! — gritei, e a garota ergueu a cabeça e olhou para mim. Olhou com o rosto que, um dia, havia sido meu. Ela abriu a boca, e o som que fez foi agudo, de um bicho assustado. Eu a conhecia como meu próprio reflexo, mas ela não sabia quem eu era. Tentou se levantar e fugir, mas eu a segurei, senti uma camada de qualquer coisa viscosa que cobria seu corpo escorregando pelas minhas mãos. Não a deixei ir. Ela gritava, e eu chamava seu nome, tentando acalmá-la. Não estava pensando nos vizinhos, no caos de vozes que eu trazia para a manhã tranquila deles.

Estava alucinando? Estava atacando uma garota qualquer que, na minha mente, por razão de alguma loucura súbita, enxergava como minha irmã?

Não. Era Leila. Era ela que, em absoluto horror, me encarava.

— Clem? — Escutei a voz de Frank, que agora estava parado à porta aberta da cozinha. Ainda com as roupas velhas que compunham o pijama, ainda de meias. — Meu Deus, Clem, o que você está fazendo?

— Me ajude!

Frank veio até mim, hesitante, olhos arregalados diante da cena, sua esposa

em um embate físico com uma adolescente nua.

— O que aconteceu com ela? — ele perguntou.

— Me ajude a levá-la para dentro — ordenei.

— Clem...

— Agora, Frank!

Leila já havia se aquietado. Respirava fundo, como se não tivesse forças para lutar mais. Frank tomou um dos braços dela, reagiu à camada viscosa sobre a pele — tinha um cheiro terrível, agora eu percebia. Algo podre, animalesco. Carcaça. Era a comparação mais próxima que eu conseguia conceber naquele instante.

Levamos Leila até a cozinha, e foi onde perdi as forças, onde meus joelhos cederam e eu caí, quase levando Leila e Frank comigo. Frank deitou Leila no chão — ela continuava imóvel, só o barulho da respiração audível — e tentou me amparar.

— Você está bem?

— Sim. — Eu estava arfando.

Percebi que meus braços estavam arranhados — Leila fizera aquilo? Meus óculos embaçados quase caíam do rosto, e eu fedia ao mesmo cheiro do que quer que fosse que a cobria.

— O que aconteceu com essa menina? — Frank perguntou. — A gente precisa chamar a polícia.

— Não! Sem polícia — respondi.

— Clem.

— Frank. Olha pra ela.

— Clem, eu não entendo...

— Frank, olha pra ela, o rosto dela.

Ele estava tremendo. Não conseguia olhar direito para o rosto de Leila, porque os cabelos pegajosos o escondiam, e Frank não ousaria movê-los.

— É a minha irmã — eu disse.

Meu marido me encarou sem muita reação. Ainda não me acha louca, pensei. Ainda não me acha louca porque ainda não entendeu o que eu quis dizer. Mas eu sou louca, sei que sou completamente louca e que, no entanto, tenho razão.

— Me ajude — pedi. Com o quê? Eu nem mesmo sabia. Apesar do frio do lado de fora, Leila parecia imune a ele. Estendida no chão da cozinha, um

gatinho adormecido, ainda que de olhos bem abertos. Nossos olhos, olhos claros como os da nossa mãe. Peguei uma manta do sofá, cobri o corpo viscoso de minha irmã com ela.

— Clem, vamos chamar a polícia — Frank insistiu, mas dei a ele um olhar definitivo, furioso, e ele se calou.

— Me ajude — pedi outra vez, tentando erguer o corpo de Leila.

Ele entendeu o que eu queria, mas se aproximou contrariado — com medo. Ergueu minha irmã com uma careta de confusão, até mesmo de nojo — aquele cheiro —, enquanto eu o dirigia até o andar de cima, ao banheiro, onde abri as torneiras da banheira e deixei a água quente correr. Leila se manifestou só uma vez, quando mergulhamos seu corpo na água: estremeceu, mas aceitou — não mais se moveu, não pronunciou nenhuma palavra, olhos estatelados, focados no teto. Eu limpei minha irmã. Esfreguei seus braços com a bucha de fibras macias, vi a camada viscosa que a cobria se desfazer, soltar aquele cheiro odioso. Só pele, por baixo daquilo. Pele nova, pele intocada pelos anos. As mesmas sardinhas que ela tinha, que eu costumava ter. O mesmo pelo aloirado que cobria nossos braços, que brilhava durante o verão. Eu estava alucinando. Mas Frank estava ali, comigo, e duas pessoas não podem alucinar sobre a mesma coisa. Era minha irmã, minha Leila, minha sombra, como era num outubro da década de 1970. O tempo não havia passado para ela.

Enquanto ela dormia em nosso quarto — já limpa, os cabelos úmidos, vestindo um robe felpudo meu —, eu tinha meu pequeno ataque de pânico. Sentada no escritório, mãos tremendo e coração parecendo querer escapar pela boca. Meu pânico sempre chegava assim: em ondas. Eu fechava os dedos, sentia as unhas pressionando bem a carne, enquanto Frank me trazia um copo d'água. Não queria água. Ainda tremendo, me levantei e fui até a escrivaninha, agachando, abrindo uma gaveta para tirar dela uma caixa de papelão empoeirada. Fotos de família, as poucas lembranças que restavam.

— Aqui — eu disse, estendendo uma foto minha e de Leila para Frank. — Aqui. Olhe.

Ele pegou a fotografia e ajustou os óculos na ponte do nariz.

— Olhe pra mim, Frank — eu disse. — Você não se lembra de quando me conheceu? — Meu Deus, eu não era tão diferente de como Leila era quando sumiu. De como Leila era no dia do nosso reencontro.

Frank suspirou, fotografia ainda em mãos, e então sentou-se na poltrona de couro, a poltrona onde fazia minhas leituras, onde lia dissertações juvenis dos meus alunos. Parecia resignado.

— O que vamos fazer, Clem? — Foi o que me perguntou. E eu não soube que resposta dar.

Ele dormiu no sofá da sala. A primeira de muitas noites. Eu me deitei na cama, com Leila ao meu lado, escutando seu risonar. Em certo momento da madrugada, ela acordou, me encarando com os olhos gigantes. Devagar, pôs uma mão sobre meu rosto.

— Clem — murmurou, e eu senti algumas lágrimas querendo escorrer. Lágrimas de quem? Minhas ou dela?

— Sou eu — disse. Ela me reconheceu, afinal. Depois dos anos, depois da passagem do tempo, que fez da minha carne tão diferente da dela, outra textura que, agora, Leila alisava, seus dedos nos conectando, trazendo as lembranças. — Sou eu — repeti, com a voz embargada, e Leila sorriu. — Leila, o que aconteceu com você? Como é possível?

— Eu não me lembro.

— Leila.

— Clem — disse Leila. — É tudo tão embaçado.

— Você tem de se lembrar de alguma coisa.

— As luzes — disse Leila. — Aquelas que apareceram no céu.

Fiz que sim com a cabeça.

— Você sumiu. No bosque — eu disse, e senti Leila estremecer debaixo das cobertas.

— As luzes eram lindas. Mas eu não me lembro... — Ela mordeu os lábios, como se tentasse alcançar alguma coisa escondida no fundo da memória. — Elas voltaram para mim. Quando eu estava dormindo.

— Era o Dia das Bruxas — eu disse.

— Sim.

— E aí? — perguntei. — O que aconteceu depois? — instiguei, mas Leila ficou em silêncio. — Leila, acharam suas roupas debaixo do bordo. Nós procuramos. Por meses. Papai e mamãe...

Leila apertou os olhos, mordendo os lábios com mais força, e entendi que ela não queria mais falar. Ainda a conhecia bem. Ainda éramos gêmeas, afinal. Dei

um beijo na testa dela, a testa levemente suada, que ainda cheirava a uma podridão que eu não sabia nomear.



— Vamos dizer que é uma prima. Filha de uma prima — eu disse para Frank. — Ninguém vai estranhar qualquer semelhança.

Era de manhã, e estávamos na cozinha. Eu, sentada, ignorava um café que fizera; Frank, de pé, me olhava, sem ter o que acrescentar. Ainda parecia atordoado, ainda não estava comigo, ali, no mundo real. No meu novo mundo real.

— Clem, nós precisamos falar com alguém — ele coçou a cabeça, os cabelos cinzentos e espetados.

— Com quem?

— Eu não sei.

— Um médico?

— Um médico. Um médico é uma boa ideia.

— E eu vou levá-la para o hospital, Frank? Assim? — perguntei. — E como é que vou me explicar? Vou dizer o quê? Ela não tem documentos. — Balancei a cabeça. — Não. Ela precisa ficar aqui.

Levei café da manhã para Leila. Um pouco de leite com cereal, o cereal tão encharcado que fora quase reduzido a uma papa. Ela deu duas colheradas e vomitou no edredom da cama. Cereal, leite e uma gosma rosada, fedida como a gosma que cobrira seu corpo. Ela começou a chorar.

— Tudo bem, tudo bem, não tem problema — eu disse, abraçando-a. Antes, fui irmã. Não oferecia conforto algum além da minha companhia. Oferecia cumplicidade. Ali, abraçando Leila, eu me sentia como minha mãe provavelmente teria se sentido — abraçando uma criança, uma menina com medo.

Leila e eu fizemos várias jornadas até o banheiro. Esfreguei-a debaixo da água, até a pele não ter mais cheiro algum, até qualquer resquício de como eu a encontrara houvesse desaparecido. Ela chorava entre o vapor, as pernas finas tremendo, e eu a embalava como a um bebê. Frank e eu mal trocávamos

palavras. Não tinha tempo para meu marido. Leila era meu foco: ensiná-la a comer direito, uma colherada por vez; ensiná-la a andar direito, porque ainda cambaleava um pouco, como se nunca estivesse certa do próprio equilíbrio. Eu não tinha roupas para meninas. Dei a Leila minhas próprias roupas, meus vestidos, e às vezes a via coçar furiosamente os braços, deixando vergões rubros, como se tivesse alergia ao tecido.

Frank me acordou durante uma madrugada. A primeira coisa que percebi foi o vazio do outro lado da cama, Leila tendo desaparecido. E o rosto assustado de meu marido, entre as sombras, sua mão sobre meu ombro.

— Ela está lá — Frank sussurrou.

— O quê? — perguntei.

— Ela — ele não chamava Leila pelo nome. — Lá, no seu escritório. — Ele havia acordado com os passos dela. Frank, que agora tão pouco dormia. Ele se levantara do sofá da sala e vira a luz do escritório acesa e, ao espiar dentro, deparara-se com Leila. — Ela simplesmente está... lá, Clem. Olhando. Só olhando.

Fui até o escritório. Leila estava parada diante de uma janela, o olhar fixo no vidro.

— Leila? — Eu a balancei, mas ela não despertou do transe. — Leila? — insisti, e então ela se voltou para mim, piscando, surpresa.

— Desculpe — disse.

— Está tudo bem — eu disse, e a abracei, levando-a de volta para o quarto.

Mas, na manhã seguinte, enquanto ela sorvia o leite com cereal, algo capturou sua atenção. A janela, outra vez. Leila parou, deixou a colher cair, e o leite escorreu da boca para o queixo antes que abrisse a boca e começasse a gritar.

— Leila!

Eu me levantei, tentei segurá-la. Ela revidou como pôde, quase tombou da cadeira. Frank apareceu na cozinha, agarrou Leila, mas ela lutou, unhou Frank com raiva. Frank, aturdido, se afastou, enquanto Leila apontava para a janela. Não havia nada ali. Apenas o bordo, distante de nós, cada vez mais escuro. Os gritos foram morrendo aos poucos, e eu sussurrava, garantindo que ela ficaria bem. Depois de algum tempo, se aquietou em meus braços.



— Eu não posso ficar aqui, Clem — Frank me disse. Havia algumas horas que Leila conseguira, enfim, dormir. Falávamos como criminosos, em tom baixo, no meu escritório.

— Eu já liguei para o colégio. Disse que estou doente — expliquei. — Até resolvermos isso.

— Resolvermos o quê, Clem? Como? — Frank me perguntou.

Eu não sabia o que dizer.

— Eu não posso ficar — Frank disse. — Não sei lidar com isso.

— Então vá — respondi, sem energias o bastante para esconder minha amargura.

Afundi o rosto entre as mãos e senti que Frank queria me dizer mais alguma coisa, mas se conteve. Ausentou-se por alguns minutos, e eu, de olhos fechados, quase caí em um sono profundo. Quando voltou, carregava só uma sacola de lona — a mesma sacola que usava quando ainda tinha força de vontade para frequentar uma academia.

— Frank, eu... por favor, não — murmurei. Mas queria que ele fosse. Ele era o intruso, afinal. Aquele com quem eu não conseguia falar sobre o que estava acontecendo comigo e com Leila, ainda que morasse sob o mesmo teto, ainda que presenciasse tudo.

— Eu vou ficar com o Randy — Frank disse. Randy, o irmão dele. Dei uma risada de escárnio. — Clem. Você sabe onde eu vou estar. Você pode me ligar.

Mas ele não queria que eu ligasse. Era perceptível, estava em sua voz. Só queria que eu ligasse se fosse para dizer palavras mágicas: ela se foi. Por favor, volte.

Depois de Frank ir embora, dei com Leila parada na base da escada, arrastando a barra de um vestido florido que era meu.

— Eu sinto muito — ela disse. Balancei a cabeça. — Você se casou.

— É, eu me casei, Leila. É o que acontece quando os anos se passam.

— Sinto muito — ela repetiu.

— Leila, você tem que me contar o que aconteceu. Meu marido acha que sou louca. Eu acho que sou louca. Você é a única que pode me garantir que não sou.

— Eu não me lembro de nada, Clem — Leila disse. — Era... era como antes de nascer. Você não lembra. Ninguém se lembra. Era... — Leila começou a tremer de novo. Fui até ela, tentando manter seus braços firmes.

— O.k. O.k. Não precisamos falar — murmurei.



Ela acordou durante a madrugada. Não com um grito, mas com um som abafado.

— Leila — chamei seu nome. Ela olhava para o teto. — O que foi?

Ela cobriu minha boca. Seus lábios se moveram: escute, foi o que ela disse.

E eu escutei. Algo no telhado. Passos?

— Acho que eles estão aqui — murmurou.

— O quê?

— Eles querem observar.

Escutei um estampido, algo forte no telhado. Afastei as cobertas e comecei a correr até a escada, enquanto Leila chamava meu nome. No andar de baixo, abri a porta de casa.

— Vão embora! — gritei, como a lunática que era, para o que quer que fossem, o que quer que houvesse tirado Leila de mim. Leila. Ela veio em meu socorro, me abraçando por trás, grudando-se a mim. Apenas quando voltei para dentro e tranquei a porta, Leila me soltou.

— Quem são eles? — perguntei, arfando.

Leila só cobriu minha boca, mas baixei a mão dela.

— Diga.

— Acho que querem observar — Leila disse. Observar. De novo, aquela palavra. — Clem, estou com medo — confessou.

Nada vai acontecer com você, eu queria dizer, queria que Leila, que encostava a cabeça contra meu ombro, soubesse. Mas eu não tinha como fazer promessas quando nem mesmo sentia o chão sob meus próprios pés.



Mostrei fotos para Leila. Mamãe e papai ainda vivos. Murdock em sua velhice, os pelos grisalhos, a cara de perpétuo tédio. Leila riu — e Leila chorou. Quão estranho ainda era me ver refletida em seus gestos. O tempo era todo dela. A vida que vivi, ela ainda viveria. Minha sombra, minha gêmea, desfilando pela casa em meus calçados e minhas calças e meus vestidos. Parecia uma adolescente com gosto particular. Uma adolescente que se vestia como uma velha, e nunca minha idade me chocou tanto. A pele dela era firme, e a minha, flácida, manchada. O sol tocou minha pele, enquanto era como se nunca tivesse tocado a de Leila. Ela era um bebê, e eu queria niná-la, queria que seus sonhos fossem bons.

Os dedos de Leila deslizavam sobre as fotografias. Minha lua de mel com Frank, passada no México. Estávamos sem um tostão no bolso, e dirigimos o carro velho até a fronteira. Alugamos um quarto perto da praia, e foram alguns dos melhores dias que já vivi. Você vai ver o mar, Leila, você vai ver tudo isso — foi o que pensei, mas não disse.

Leila se interessava por coisas pequenas: meu computador, meu celular. Fui o sapo que boiou na água a se aquecer lentamente, absorvendo as mudanças com tranquilidade, mas Leila era o sapo atirado na água escaldante, incapaz de compreender o mundo em volta, tudo o que ela perdeu.

Algumas vezes, eu ligava para Frank. Outras, ele me ligava. Até que desisti, porque escutar a voz dele era demais. Em algum momento, teria de deixar Leila sozinha. Teria de fazer compras quando o estoque da despensa enfim se esgotasse, teria de ver a luz do dia outra vez, mas a ideia me aterrorizava. Eu sentia o cheiro de outubro entrar pelas janelas. Uma animação nas ruas, nas risadas das crianças. O Dia das Bruxas se aproximava, e pensar a respeito me dava calafrios. Em meus sonhos, escutava os gritos de minha mãe, ela chamando por Leila, os latidos de Murdock, e acordava sentindo o corpo úmido da minha irmã perto de mim, o pijama — meu pijama — encharcado de suor. Estávamos compartilhando sonhos? Uma vez, muito pequena, achei que isso era possível, que Leila e eu tínhamos como nos comunicar telepaticamente, sonhar o que a outra sonhava, sentir o que a outra sentia. Leila me chamava de boba.

Os garotos apareceram antes da véspera do Dia das Bruxas. Tocaram a campainha, e fui espiar pelo olho-mágico da porta. Reconheci-os de cara. Eram alunos meus. O primeiro, Luke Alvarez, magrinho, baixinho, pele morena. O

segundo, Seth Miller, gigantesco perto do colega, redondo e pesado. Eram os nerds da classe — garotos espertos, de verdade, mas sempre muito calados, Alvarez mais do que o outro. Me espantou vê-los juntos. Não sabia que eram amigos. Me espantou vê-los, simplesmente — eu, que já não via rostos novos fazia uma semana, que já não punha os pés para fora de casa. Fora por isso que vieram? Para ver como estava a professora adoentada? Nunca esperei esse nível de preocupação de alunos, e sempre recebi a aproximação deles com suspeita. Como eu estava? Usando a mesma roupa do dia anterior. Dei uma ajeitada na blusa, na saia e nos cabelos, que estavam despenteados, as raízes brancas já aparecendo. Abri a porta.

— Olá, meninos.

— Oi, sra. G — Seth disse, acenando.

— A que devo a honra?

— A gente só estava passando por aqui — disse Seth, de forma pouco convincente.

— Na verdade — Luke interrompeu —, nós estamos no meio de um projeto.

— Projeto?

— É um vídeo que estamos fazendo. Para o nosso canal de YouTube.

— O YouTube é um site... — Seth começou.

— Seth, eu sei o que é o YouTube — eu disse, e ele se calou.

— É um vídeo — Luke seguiu. — Sobre eventos sem explicação.

— Não me diga.

— Uma garota desapareceu aqui... — Luke disse, e respirei fundo. — Faz muitos anos...

— Ela era sua irmã, não era, sra. G? — Seth perguntou, e Luke deu uma cotovelada leve nele.

— Garotos. Eu não falo sobre isso — eu disse.

— Só estávamos pesquisando umas coisas na internet. E aí a gente juntou uma coisa com a outra... — Seth disse, e rezei para ele não querer me explicar o que era a internet.

— A gente queria perguntar das luzes. Os jornais daquela época falam delas — Luke explicou. — E, olha, a gente fez algumas pesquisas. — Ele tirou o celular do bolso, querendo me mostrar alguma coisa. — E fenômenos assim já foram presenciados em outros lugares... e algumas pessoas também

desapareceram.

Eu me afastei do celular, que ele ofereceu como se fosse um presente. Então, com certo horror, percebi a atenção de Seth se desviar, atraída para o alto — como se para uma das janelas do andar de cima. Leila? Pedi que ela não tentasse espiar, que não ficasse mexendo na cortina.

— Garotos, escutem, eu realmente não estou bem — eu disse. — E há certas coisas que não quero desenterrar. Obrigada, mas preciso mesmo ir. — E fechei a porta, enquanto Luke ainda tentava me dizer alguma coisa. Fiquei a observá-los pelo olho-mágico. Não tentaram tocar a campainha outra vez. Trocaram algumas palavras entre si, parecendo decepcionados. Depois, se afastaram da porta, Seth ainda lançando um último olhar à janela superior.

Subi as escadas com pressa. Leila estava no quarto, sentada na cama.

— Você estava espiando? — perguntei.

— Só queria saber quem eram — Leila disse.

— Alunos meus — eu disse.

— O que eles queriam?

— Nada de mais. Leila, você não pode ficar chamando atenção.

— Desculpa.

Segurei as mãos dela. Estavam frias.

— Clem, eu estou com medo — ela me confidenciou.

— Por quê?

— Acho que vou sumir de novo — disse. — Eu sinto aqui — e ela tocou o peito. — Aqui — e tocou a própria garganta.

— Você não vai a lugar nenhum — eu disse. Eu prometi. Eu tentei.

Acordei de madrugada. Daquela vez, apenas eu. Antes de abrir os olhos, me senti paralisada. Senti que algo pairava sobre mim, um rosto, um observador, e uma angústia se formou na minha garganta. Quis gritar, mas só o que saiu foi um soluço, enquanto os olhos finalmente conseguiam se abrir. Nada me fitava de volta, Era apenas o teto, e Leila dormia ao meu lado. Boca seca, sem fôlego, eu me ergui. Algo me puxava até a janela, então afastei a cortina e, em pânico, cobri a boca. Lá estavam as luzes. Pontuando o céu, insinuando seu brilho fantasmagórico detrás das nuvens escuras.

— Clem. — A voz de Leila. Ela estava acordada, olhando para as luzes. — Ah, Clem... — Leila começou a chorar.

— Não vai acontecer nada — eu disse.

— Vai, sim — Leila disse. — Veja — Ela me estendeu o braço, a pele arrepiada, fria.

Era possível? Que tivessem me devolvido Leila apenas para tomá-la de volta um mês depois? Eles observam, Leila dissera — muitas vezes. Eles, quem? A coisa no teto. A presença que se abatera sobre minha casa, que eu sentia me vendo dormir. Meu inimigo era invisível. Não conseguiria derrotá-lo com meios físicos. Queria que mostrasse sua face para mim, que fosse mais do que luzes no céu.

Era manhã do Dia das Bruxas. A aparição das luzes pareceu transformar os eventos em algo ainda mais mágico para os jovens que passavam pela rua dentro dos carros emprestados dos pais, uivando atrás de máscaras de plástico. Deixei uma tigela com alguns poucos doces que restavam do lado de fora da casa, perto da porta, para que ninguém nos incomodasse tocando a campainha. Depois, fechei as cortinas, determinada a ignorar as luzes.

— Eu me lembro — Leila me disse, depois de conseguir comer alguma coisa — daquela noite... — Meu coração se apertou. Pensei que enfim me contaria o que acontecera consigo mesma, mas não era nada disso: — Você foi buscar doces sozinha. Estava vestida de Wendy.

— Sim — confirmei.

Uma ideia me ocorreu. Levantei da cadeira, fui até o quarto. Procurei dentro das caixas etiquetadas pela minha mãe até encontrá-las: as nossas fantasias de infância. Achei o vestido de Wendy no meio delas — azul e amassado, incapaz de exercer em mim o fascínio que um dia exercera. Era só um pedaço de tecido manchado, fedido, mas levei-o a Leila mesmo assim, quase orgulhosa.

— Olhe — eu disse.

Ela experimentou o vestido. Era perfeito para o corpo magro de catorze anos. Leila riu, e eu ri também. Com o vestido embolado, assamos alguns biscoitos. Estava disposta a dar a ela alguma alegria, a fazê-la se esquecer do que existia do lado de fora da casa, atrás das cortinas. Enchemos as bocas com massa crua. Depois de assados, mergulhamos os biscoitos no leite e comemos a fornada inteira, sem maiores preocupações.

Ela começou a sentir-se fraca com o anoitecer. Suas pernas tremiam.

— Está chegando, Clem — murmurou. — Estão chegando.

Levei-a para a cama, deitei-me a seu lado.

— Quando Frank voltar, vamos dar um jeito de fazer você passar por nossa filha. Vou arranjar algum documento.

— Acha que ele vai voltar? — Leila perguntou.

— Não sei. Dane-se. Eu posso fazer isso sozinha — eu disse. — Podemos arranjar um cachorro, também. Ele fica no lugar do Frank.

— Murdock II.

— Sim — eu disse. — Podemos escapar pela janela, de noite. Ninguém mais vai reclamar ou dar bronca.

Leila riu, mas era uma risada um pouco nervosa, amedrontada. Ela me abraçou.

— Está chegando, Clem — ela murmurou entre os meus cabelos, e eu a abracei com mais força. As luzes — as luzes pareciam se intensificar por trás das cortinas. *Não*, pensei, como se gritasse. *Vocês tiraram ela de mim da outra vez, não vão tirar de novo.*

Continuei abraçada a Leila. Continuei abraçada até a madrugada chegar, mas a luz veio. Implorei para que não a tomassem de mim, que não nos separassem mais uma vez, mas a luz veio mesmo assim, e como eu poderia lutar?



Foi Luke que avistou a garota sentada na calçada diante da casa da sra. G, a porta aberta. Luke alertou Seth, e os dois se aproximaram. Depois do Dia das Bruxas, havia papel higiênico pendurado em algumas árvores, esvoaçando, o vento levando consigo as folhas e algumas das embalagens descartadas de doce.

A garota usava um vestido azul, meio sujo. Fantasia. Ela chorava alto, o rosto todo vermelho.

— Ei, ei — Luke disse. — O que aconteceu?

Ele tocou o ombro dela, que não pareceu se importar, que nem mesmo olhou para eles.

— Ela se foi — a garota balbuciou.

Luke olhou para a porta aberta da casa da professora. O que fazer? Chamar a polícia? Onde estavam os pais da menina? Ela parecia ter a idade dele e de Seth,

mas chorava como uma criança perdida.

— A sra. G está em casa? — Seth perguntou.

Leila continuou a chorar. Afundou o rosto entre os joelhos, os ombros se movendo a cada soluço, como se conforto nenhum pudesse aplacar sua perda. Atrás da casa da sra. G, o vento separava o bordo de suas folhas alaranjadas. Elas os alcançaram ali, na rua, e dançaram sobre o chão.

CLARA MADRIGANO é escritora e jornalista. É parte da dupla que compõe a Dame Blanche, editora de ficção especulativa, e sua paixão por publicar é o resultado óbvio de anos de uma relação masoquista com leitura e escrita. Suas histórias já apareceram na revista *Trasgo*, na *Superinteressante* e no segundo volume da coletânea de ficção científica feminista *Universo desconstruído* (2015). Pela Dame Blanche, publicou a novela *As boas damas* (2017), situada no universo de Sherlock Holmes.

O MORANGO DE ITAIPU

MAYRA
SIGWALT

QUANDO MINHA AVÓ disse que o culto Terra Nova queria contratar a gente para entrar na nave e tentar fazer contato com os espíritos dos aliens que um dia habitaram o Morangão de Itaipu, eu só fiz uma pergunta:

— Quanto vão pagar?

Veja bem, quando você tem 26 anos e é a principal responsável pela renda de casa, você tem que escolher bem com o que gasta o tempo. Eu fazia bicos que iam de maquiagem pra casamento a entrega de pizza. Porque, não importa o tamanho da catástrofe que arrebate o planeta, você sempre pode contar com a vaidade humana e a necessidade de comida pronta entregue na porta de casa.

Minha avó já estava com 76 anos, e havia vinte sua atividade principal era o programa de rádio do qual ela participava todas as manhãs, o *Matinal Natural*; geralmente dando dicas de saúde e receitinhas caseiras com ervas para curar um resfriado ou evitar a calvície. Era uma rádio bem eclética, que tinha esse programa místico de saúde pela manhã, os (mesmos) melhores hits dos anos 1980 à tarde, e um pastor desamarrando todos os nós depois das sete da noite. Eu pessoalmente achava incrível haver um espaço único em que você podia cultivar as forças da Terra, Jesus e George Michael.

A verdade é que, por trás de todas as dicas de cura e orientações sobre qual o melhor chá para tomar na lua cheia, minha avó realmente tinha algumas

habilidades especiais. D. Marisa conseguia se comunicar com espíritos de forma tão despreziosa que às vezes ria sozinha de piadas que somente ela conseguia escutar. Geralmente eram piadas feitas pelo meu avô, que nunca realmente tinha ido embora — diferente dos meus pais, que só tinham aparecido pra ela uma vez desde suas mortes e nunca mais.

E o culto nos encontrou justamente por conta de um dos conselhos “espirituais” que minha avó deu para a dona do programa. O que o pessoal do Terra Nova sabia era que ela conseguia falar com espíritos, e para eles os “passageiros” dentro da nave estavam todos mortos. O que a gente não compartilhava era que *todas* nós, mulheres Machado, tínhamos capacidade de ouvir mais do que as pessoas normais, além de invocar energias elementais — nossos *dons*.



O trabalho era pra ser simples: entrar na nave e procurar um espaço onde minha avó sentisse a maior presença de espíritos. Ela conversaria coisas do tipo: “Ei, como vocês vieram parar aqui?”. A gente anotaria as respostas num caderno, sairia de lá e pronto! Trabalho feito, dinheiro garantido. Pelo que entendi, com essas informações, o Terra Nova pretendia escrever uma doutrina para os escolhidos.

Vovó insistiu que fôssemos juntas, porque se sentia mais forte quando estávamos com ela. E também porque já era uma senhora de idade com risco de escorregar e quebrar a bacia, então era sempre bom ter alguém do lado pra dar um apoio. Ainda mais se fosse escuro lá dentro.

Para dar uma forcinha a mais, programamos a visita para o Samhain — conhecido como Dia das Bruxas ou Halloween —, dia em que a nossa energia estaria mais forte e o véu entre o mundo dos vivos e dos mortos se tornaria mais estreito.

— Nat, e se as coisas não saírem bem como a gente espera? Não é bom ter um plano B? — Mareska me perguntou enquanto o ônibus nos balançava pra lá e pra cá.

— Como assim?

— Sei lá. E se ainda estiverem vivos? E se nos atacarem? E se tiver vários ovinhos nojentos prontos pra explodir na nossa cara?

— Qual a probabilidade de qualquer coisa ter sobrevivido à queda e ainda ficar quinze anos sem se manifestar? Se tem uma coisa com a qual precisamos nos preparar é o fedor de coisa podre que deve estar aquele lugar.

Mareska puxou o celular do bolso e começou a digitar no aplicativo de notas. Ela já tinha um texto enorme escrito.

— O que é isso? — Apontei para o que ela estava escrevendo.

— Minha carta de despedida pra Sofia, caso eu não sobreviva.

— Como você vai mandar uma carta pra sua namorada se você estiver morta?

Mare franziu a testa, mas o ônibus parou antes que pudesse me responder.

A estação ficava a uns quarenta minutos da nave. Regina, a líder do grupo que havia entrado em contato com a gente, já estava lá para nos buscar. Era uma mulher baixinha, com o cabelo pintado de um vermelho quase vinho e um nariz pontudo. Falava com uma voz anasalada e se movia tão rápido que eu precisava decidir se acompanhava os pés ou a boca. Quando apertou minha mão, sua pele era tão branca que parecia translúcida em contraste com a minha, acobreada, e ela começou a responder minhas dúvidas antes mesmo de eu fazer as perguntas.

— Não há necessidade de nenhum equipamento especial para entrar; nossos especialistas já fizeram uma medição de radioatividade, oxigênio e elementos tóxicos. Só o sinal de celular que é bem ruim, e a internet não funciona. Mas está tudo bem seguro.

— Quão especialistas são esses especialistas? — Mare perguntou, mas minha avó fez com que ela se calasse num chiu que chamou mais atenção do que a pergunta.

Regina jogou nossas coisas no porta-malas e se sentou ao volante. Entramos correndo no carro com medo que ela desse partida sem a gente.

— Vocês precisam de lança-chamas, lanternas ou baterias recarregáveis? — Regina perguntou, como se riscasse itens de uma lista de supermercado mental.

— Lança...? Não! Você tem certeza de que está falando com as pessoas certas? — perguntei.

Regina me olhou pelo retrovisor por alguns segundos e deu uma risadinha.

— Verdade! A Mônica disse que vocês fazem umas... — Ela sacudiu os

dedos como se estivesse fazendo um feitiço em direção a vovó, que fez uma careta e apertou mais forte a bolsinha de crochê no colo.

Talvez Regina soubesse mais coisas sobre nós do que imaginávamos, e aquilo não era uma boa notícia.

O dia estava muito nublado, e a mulher acelerava na estrada como se estivesse esperando o carro levantar voo a qualquer momento.

— Ai, eu sou meio bruxinha também; uma vez, adivinhei que uma amiga estava grávida sem ela nem me falar nada. Eu senti uma energia, sabe? Sabia que o bebê ia ser taurino.

Mareska olhou pra mim com os olhos arregalados e apertou a palma da mão contra a boca, tentando conter a risada.

Era engraçado como um termo que antes no condenava à fogueira, então era usado como mais um qualificador na hora de preencher o perfil nas redes sociais. Mas aposto que, se de fato soubessem do que a gente era capaz, as tochas voltariam com a mesma velocidade que Regina era capaz de falar dela mesma.

Pensei em perguntar se havia mais alguma coisa específica que queriam saber sobre os aliens. O e-mail tinha sido super vago, mas, mais uma vez, antes que eu abrisse a boca, a mulher já estava respondendo.

— Não é muita coisa, mas é superimportante que vocês sigam o protocolo, então fizemos uma ficha com perguntas mais específicas — Regina estendeu o braço para fuçar no porta-luvas e, ainda olhando para a estrada, tirou de lá uma pilha de folhas de papel — que acreditamos ser um bom caminho pra encontrar as informações que a gente precisa.

O carro sacudia loucamente, e me segurei no puta-merda com total certeza de que as rodas traseiras estavam descolando do chão. Regina deixou o bolo de páginas cair no colo da minha avó, que começou a ler com calma o que estava escrito enquanto Mareska e eu esticávamos o pescoço do banco de trás para tentar enxergar.

— Vocês têm ciência de que, mesmo que haja um contato, não é certeza que eu entenda a linguagem deles, certo? — vovó perguntou, sem tirar os olhos das páginas.

— Isso não vai ser um problema! — Regina respondeu com um sorriso meio maníaco.

Minha irmã e eu nos entreolhamos de novo. Mareska pegou os papéis da mão

de vovó e guardou na mochila, eu só conseguia imaginar as perguntas doidas presentes naquele “protocolo”.

— E como vocês conseguiram entrar lá? Como que o mundo ainda não descobriu isso? — Mareska perguntou.

Regina pigarreou e, pela primeira vez, pareceu irritada com as nossas dúvidas.

— Essa é uma informação completamente sigilosa e vocês vão encontrar junto do protocolo um termo de confidencialidade. Nada do que conversarmos ou que vocês virem lá poderá ser divulgado, e a multa é de cinquenta mil reais. No momento, só eu e mais duas pessoas sabemos o que realmente aconteceu. O pretexto pra visita é que sua avó está morrendo e o último pedido dela foi ver o Morangão de perto.

Vovó encarou Regina, indignada, mas não disse nada. A mulher continuou tagarelando sem se importar.

— Foi uma revelação para uma das nossas jovens iniciadas. Ela estava passeando com o cachorro e resolveu se aproximar da nave, fazer uma reverência. A porta se abriu como um milagre.

— Como assim, uma porta simplesmente se abriu depois de quinze anos?

Regina olhou para mim zangada pelo espelho retrovisor.

— Foi o cachorro — ela disse entre os dentes. — Ele... Ele fez xixi na couraça e uma porta se abriu.

Dessa vez a risada de Mareska não foi contida e ela explodiu, cuspidando para todos os lados e quase ficando sem ar. Até a vovó estava rindo e secando lágrimas dos olhos, mas no segundo seguinte o carro parou, e ficamos todas em silêncio. Regina não se juntou a nós.

O Morangão era imenso e majestoso, do tamanho de um prédio de dez andares. Seus cantos eram todos arredondados e seu formato de coração parecia perfeito, sem nenhum amassado, como se não tivesse caído do céu. Se não fosse pela imensa cratera em volta, poderiam dizer que tinha simplesmente estacionado ali.

Saí do carro devagar, hipnotizada. Talvez Mareska estivesse certa em ficar preocupada: olhando de perto, entendi pela primeira vez a coisa surreal que estávamos prestes a fazer. E eu não tinha 100% de certeza que aquilo era uma boa ideia.



Depois de descermos do carro, foram mais de duas horas conhecendo todos os fiéis que acampavam ali em volta, incluindo a menina dona do cachorro que inesperadamente abriu a porta. O Advento — como ficou conhecido o dia do impacto — havia acontecido em Itaipu, uma cidadezinha improvável do interior de Santa Catarina que, ironicamente, era conhecida pelo festival anual de morangos. Apesar de todos os esforços da mídia para que um nome científico fosse usado para a nave, ela ficou popularmente conhecida como Morangão de Itaipu. O local acabou se tornando um ponto turístico, tanto para fiéis quanto para pessoas que queriam ver um monumento vindo do espaço.

Depois de receber repetidamente as mesmas informações — “Celulares não funcionam bem, vamos nos comunicar via rádio, leve água, não esqueçam das lanternas!” —, finalmente nos direcionamos para a abertura do Morangão.

A porta — se é que se podia ser chamada assim — era estreita e quase invisível na área escura à sombra da nave. Vovó avançou devagar pelas escadas improvisadas na cratera; a umidade do dia provavelmente não estava sendo gentil com seus ossos. A passos de entrar, Mareska parou, absorta em alguma coisa que eu não conseguia ver.

Puxei minha irmã pela mão e a afastei das poucas pessoas que nos acompanhavam. Ninguém precisava saber que Mare estava tendo uma conversa que só ela conseguia ouvir. Diferente de vovó, minha irmã adolescente, Mareska, não ouvia aqueles que haviam partido, mas vozes que a alertavam sobre o que estava por vir. *Elas* nem sempre diziam coisas objetivas ou concordavam nos conselhos que davam, mas toda vez que eu via minha irmã com o olhar vidrado, já sabia que ela estava recebendo uma de suas mensagens.

— O que *Elas* estão dizendo?

— *Se um não é igual ao outro, eles são dois. Um te trairá, e o outro ficará ao teu lado, mas será tarde demais* — Mare respondeu com uma voz etérea.

Grunhi. As mensagens proféticas que Mareska recebia tinham esse problema: só faziam sentido depois que a coisa já tinha acontecido, e já não dava pra fazer nada a respeito.

— Me promete que a gente não vai se separar — ela sussurrou, deixando o

peso do corpo desabar sobre o degrau.

Me sentei ao lado dela, que parecia agitada, enquanto seu corpo tremia. Seu olhar logo focou em meu rosto, e senti seu corpo relaxar.

— Você acha que a gente não deve entrar? — perguntei.

— Você sabe que essas mensagens são que nem horóscopo. Dessa vez eu senti uma ansiedade e uma empolgação... sei lá, como se alguma coisa fosse mudar pra sempre.

— Nós vamos ser as primeiras pessoas a entrar numa nave alienígena, então acho que as coisas vão mudar mesmo. Mas, peraí, você não tá animada porque acha que vai precisar usar...? — Imittei o gesto de Regina com os dedos.

— Não, imagina! — ela me respondeu, tentando esconder o entusiasmo.

Estiquei os braços para ajudá-la a se levantar, e nós corremos para alcançar o resto da comitiva. Em poucos minutos, chegamos na entrada.

Deslizei pela fresta antes de todo mundo e acendi a lanterna. Sempre fui a responsável, a que toma a frente para não desgastar minha avó e para proteger minha irmã. Era jovem demais pra morrer, mas nada demais ia acontecer ali dentro. Eu tinha quase certeza. Senti o coração discordando de mim e pulsando forte do peito até a garganta.

Mareska entrou em seguida, acompanhada da minha avó.

— Se encontrarem alguma coisa importante, estamos no canal seis do rádio! E não esqueçam o protocolo — Regina gritou de lá de fora.

Demos alguns passos, e a sensação era de estarmos em um lugar desconectado do resto do mundo. Os sons não nos alcançavam mais, mesmo que estivéssemos perto o suficiente para ver a luz vindo da entrada.

— Vó, por acaso você já está escutando alguma coisa e podemos ficar aqui mesmo?

— Não, filha, ainda não. Mas existe alguma coisa aqui dentro, consigo sentir.

Vovó olhou de relance para a porta e, depois de confirmar que ninguém estava nos observando, tirou o colar que guardava dentro da blusa. O cordão era simples, de couro, e o pingente era artesanal: um círculo dividido em quatro com uma pequena redoma de vidro. Em cada uma das divisões estavam guardados pedaços dos elementos: um pouquinho de terra, algumas gotas de água, uma lufada de ar e uma chama que nunca se apagava.

Mareska e eu tiramos os nossos a seguir. Fazer os *eileanmaidean* era um

ritual complexo e exaustivo. O meu tinha sido feito pela minha mãe um pouco antes dela morrer. O da Mare fui eu que fiz, com a ajuda da minha avó, quando ela completou doze anos. Nunca os tirávamos porque eram essenciais para reforçar a conexão com os elementos, principalmente se precisássemos invocar os dons. Além disso, com a ajuda das palavras *gus soilleireachadh*, eles brilhavam melhor do que qualquer lanterna.

Com um pouco mais de luz, fomos avançando pelo corredor acetinado da nave. Nada de fiação pendurada ou painéis grosseiramente encaixados; tudo era liso, como se tivesse saído inteiro de um molde. Era estranho caminhar em silêncio no breu que seria completo não fossem alguns feixes de luz. A sensação era claustrofóbica, ainda que as paredes estivessem bem longe da gente.

Olhei para trás e vi minha irmã parada no meio do caminho. Corri até ela, com medo de que estivesse recebendo mais uma das mensagens do futuro, dessa vez um alerta mais claro: “Abortar! Saiam daí já!”. No escuro, eu só conseguia ver o rosto iluminado em uma careta de frustração.

— O que foi? Mais algum recado? — perguntei, sacudindo seus ombros.

— Eles tinham razão.

— Vó, vamos embora! A Mare falou...

— Aqui o celular não pega mesmo. Merda!

— Mareska! Eu vou te matar!

A tela do celular brilhava na mão dela com uma mensagem escrita, mas não enviada por falta de sinal.

— Será que as duas matracas podem parar de falar? Estou ouvindo alguma coisa — vovó falou.

Minha irmã e eu nos juntamos a ela e seguimos devagar pelo caminho. Até que vovó deu um grito. E começou a gargalhar.

— Ai! Era só seu avô fazendo umas vozes estranhas. Ele é muito abestado! Ai, Beto...

Suspirei soltando o ar devagar. Aquela missão estava ficando ridícula e, se não fosse pela boa quantia prometida, eu já teria dado meia volta. O quanto antes a gente saísse de lá, melhor.

Foi quando ouvi alguma coisa rastejando.

Poderia ser um rato, mas parecia muito mais lento e pesado. Mareska e vovó também ouviram, pois estavam imóveis, com os ouvidos atentos à origem do

som.

Decidi que aquele era um bom momento para *ouvir*. Eu podia *ouvir* tudo aquilo que vivia no agora. Todos os pensamentos de ansiedade, amor, inveja. Todas as mentiras e declarações nunca feitas. Era horrível. Mas, como *escutar* é algo que você precisa querer fazer ativamente, eu tinha abandonado aquela habilidade muitos anos antes, quando a puberdade chegou e os pensamentos das pessoas em volta de mim foram ficando cada vez mais esquisitos. O único ser vivo com quem ainda conversava na minha mente era meu gato, Negresco. Ele sempre teve um ótimo senso de humor.

Me concentrei. Eu sabia que, se fosse um rato ou animal pequeno, os pensamentos seriam simples, diretos. Um gato ou um cachorro já seriam capazes de pensamentos mais complexos, como julgar o dono ou refletir sobre a importância inestimável de uma bolinha. Mas, como eu evitava *ouvir* o máximo possível, a falta de prática tornava aquilo muito difícil. Em geral, era como sintonizar um rádio: se você conhece as estações, fica mais fácil de encontrá-las; se não sabe nem pra que lado girar o botão, fica bem mais complicado.

Mas havia alguma coisa ali, e certamente estava viva. O rastejar ficou mais próximo, e nós três viramos ao mesmo tempo para a direita, iluminando um ser brilhante, parecido com um polvo de três olhos, mas sem cabeça. Naquele momento, ouvi a apresentadora do programa de rádio da minha avó gritar na minha mente:

“Olá, meus queridos! Bom dia!”

Pelas caras de terror de Mareska e de curiosidade da minha avó, era claro que só eu conseguia ouvir a voz que supostamente vinha do ser estranho à minha frente. Olhando com calma, era até bonitinho. Se uma pochete holográfica e o Lula Molusco tivessem um filho, não se pareceria em nada com a criatura, exceto pela pele furta-cor e pelos tentáculos. O ser era pequeno como um pinscher miniatura, mas, diferente desses animais assustadores, não parecia querer nos atacar.

— Pessoal! Tá falando comigo. — Apontei do alienígena pra minha cabeça.

— Interessante. Seres com capacidade telepática — minha avó sussurrou pra si mesma.

— E o que estão falando? — minha irmã perguntou.

Por um momento, achei que minha visão estivesse duplicada, porque uma

segunda criatura apareceu ao lado da primeira.

Não consegui responder à minha irmã porque, mais uma vez, tive a mente invadida, dessa vez por vozes entrecortadas, que se transformaram em uma cacofonia. Tentei me concentrar para melhorar a transmissão, e, aos poucos, as mensagens foram ficando mais claras.

“Sejam bem-vindas?”, disseram. A frase era composta de uma forma estranha, cada palavra com uma voz diferente.

Os três olhos grandes e redondos de cada criatura me encararam sem piscar. Era como olhar para um filhotinho fofo e absurdamente perturbador.

— Disseram que somos bem-vindas. Mas, vó, tem uma coisa estranha: uma das vozes que estou ouvindo é da Marineia, que apresenta o *Matinal Natural*.

— Que intrigante! — vovó respondeu pensativa.

Vi que a coisinha brilhante nos acompanhava com os olhos e parecia compreender o que dizíamos. Quando minha avó falou, os olhos se arregalaram ainda mais, e os tentáculos se agitaram. Talvez a criatura não tivesse uma boca para falar, mas, ao que tudo indicava, conseguia ouvir e entender.

— Certo! Ah... Do que eu chamo isso? Será que é menino ou menina?

— Eu gostaria de acreditar que uma raça alienígena não é limitada por um sistema binário de gênero — Mareska respondeu revirando os olhos.

Minha avó levantou as sobrancelhas e assentiu.

— Certo! Sam? Sam é um bom nome. Posso te chamar de Sam? E você com as pintinhas vai ser... Lex!

O alienzinhos pareciam confusos; talvez não existisse um conceito de “nome” pra eles.

— Agora que você os batizou, podemos continuar? — Mareska respondeu impaciente.

— A gente precisa de um nome para a raça alienígena.

Mareska revirou os olhos.

— Eu os nomeio *Moluscus estranhus*.

— Isso não é latim, querida — vovó respondeu, dando tapinhas no meu ombro.

— Borgs!

— É de Star Trek. — Mare bufou.

— Ah! Já sei. Moranganos! Porque vocês moram no...

— Meu Deus, Nat! Olha, eles até estão indo embora.

Caminhamos atrás deles, que pararam e se viraram para a gente.

— Sam e Lex, nós viemos em paz. Tem umas pessoas lá fora que são superfãs de vocês e querem conhecer um pouco mais. Vocês nos ajudariam? A gente fica devendo um favor!

Ouvi a voz estridente do pastor que comandava o culto na rádio da vovó dizer com veemência: “‘Faço com você uma aliança’, disse o Senhor. ‘Diante de todo o seu povo farei maravilhas jamais realizadas na presença de nenhum outro povo do mundo. O povo no meio do qual você habita verá a obra maravilhosa que eu, o Senhor, farei!’”.

Mais uma vez, os moranganos se viraram de costas e começaram a andar. As duas olharam para mim, esperando uma resposta.

— Eu acho que é pra seguir...?

Acompanhamos os extraterrestres por corredores lisos e intermináveis. Eu estava perdendo aos poucos o senso de direção e temia que a qualquer momento não soubesse mais para que lado ficava a saída. Enquanto Mare e eu ficávamos mais tensas, minha avó parecia simplesmente entretida com o passeio.

No meio do caminho, Sam invadiu minha mente:

“Desde o dia em que caímos, nossa nave, assim como nossos corpos, permanecem num estado de latência preventiva. Algo que vocês também chamam de ‘modo de economia de bateria’. Nossa embarcação é constituída de um sistema orgânico que se conecta com todos os outros residentes e precisa de uma grande quantidade de energia para ser restaurado”.

— Pessoal, eu acho que os caras do Terra Nova se enganaram feio.

— Ou talvez eles saibam mais do que estão dizendo. Isso não tá cheirando bem.

E realmente não estava. Um cheiro forte de urina invadiu as minhas narinas, e eu tampei o rosto com o braço. Um dos tentáculos de Lex escorregou por uma das paredes, deixando um rastro brilhante e molhado. Naquele mesmo lugar, uma porta se abriu. A imagem do cachorro veio na minha mente, e, ao olhar pra minha irmã, vi que ela tinha chegado à mesma conclusão que eu: aquela gosma compartilhava algum componente com o mijo do doguinho.

Antes que atravessássemos a porta atrás de Sam, os aparelhos de rádio que carregávamos começaram a chiar e, aos poucos, a voz de Regina ficou nítida.

— Base para Águias. Base para Águias.

Sussurrei para Mareska:

— O que é “águias”?

— Deve ser a gente! Por que estamos sussurrando? Ela não vai ouvir.

— Não sei! Tá bom. — Segurei o botão do rádio e falei devagar: — Alô, Águias falando.

A voz anasalada de Regina respondeu:

— O certo é dizer "Prossiga". Câmbio.

— O.k., câmbio.

Era possível que o chiado que veio em seguida fosse Regina me xingando, mas ela continuou depois de alguns segundos:

— Águia, qual é o relatório até o momento? Estamos muito ansiosos para saber mais sobre a aventura de vocês. Câmbio.

Talvez não fosse uma boa ideia contar para eles que realmente encontramos seres vivos dentro da nave. Poderiam decidir chamar o exército ou avisar as autoridades. Sam e Lex pareciam coisinhas indefesas, apesar do discurso um pouco estranho. Imagina se decidissem invadir o Morangão, ou, pior, não nos pagar? Decidi contar mais ou menos a verdade.

— Abriu uma outra porta estranha, e vamos entrar pra investigar. Depois te conto mais, tá bom? Câmbio, desligo.

Olhei para vovó, procurando orientação. Eu não sabia o que encontraríamos lá dentro, se era alguma coisa perigosa demais para as três.

— Eu sempre digo: “Na dúvida, siga o seu nariz”. Mas, nesse caso, respire fundo e tente prender o ar o máximo de tempo possível — ela disse.

Vó Marisa atravessou a porta, e eu fui atrás dela. Nossos pingentes brilhavam no peito, prontos pra iluminar qualquer coisa inesperada no caminho.

Estávamos no que parecia o coração da nave, e havia centenas de criaturas como Sam e Lex se arrastando pra lá e pra cá. O cheiro de urina era terrível, mas nenhuma parecia se importar muito com isso. O teto era infinitamente alto, e galhos imensos de árvores que eu nunca havia visto antes acompanhavam toda a extensão. As folhas eram vermelhas e grossas, e delas pendiam frutos azuis tão brilhantes que iluminavam todo o lugar. Vi alguns dos pequenos seres segurando os tais frutos entre os tentáculos, até se derreterem completamente.

Bom, talvez o mistério de como eles haviam sobrevivido todo aquele tempo

ali dentro estava resolvido: evitando exercícios e se alimentando de frutas estranhas.

— Oh, eles são tão esquisitos, que são bonitinhos. Apesar de fedidos — Mareska disse, mudando a voz como se conversasse com um filhotinho de cachorro.

— No protocolo tem o que devemos fazer caso haja uma população inteira de alienígenas morando aqui dentro de boa?

Mareska abriu a mochila para olhar os papéis, mas foi interrompida por vovó.

— Eu estou ouvindo o que estou ouvindo, ou sua avó ficou gagá de vez? — vó Marisa perguntou.

Parei para prestar atenção ao som ambiente e não pude acreditar.

— Isso é? Isso é “Careless whisper”? Por que alienígenas estão escutando essa música?

Sam apareceu ao nosso lado e mais uma vez encarou minha avó com as pupilas arregaladas. Através de uma série de mensagens ininterruptas enviadas pelo morangano, entendi que, desde a queda da nave, a única comunicação que esses seres tinham com o lado de fora era por meio do rádio. Eles ouviam aquilo o dia inteiro e, através dos programas diários e das músicas, tinham aprendido muito sobre os seres humanos. Consideravam tudo o que era dito como mensagens diretas, orientações de sobrevivência.

Agora fazia mais sentido que Sam respondesse as coisas daquela forma, e até mesmo Lex repetindo versículos da Bíblia com a voz do pastor — ou seja, na forma mais desconcertante de responder uma pergunta qualquer. Aquela era também a terceira geração de moranganos — eles viviam realmente muito pouco — e as coisas aprendidas eram reproduzidas até tomarem um tom de lenda.

Eu estava tão focada em interpretar as informações de Sam e transmiti-las para que Mareska conseguisse registrar que fiquei irritada quando senti minha irmã dando puxões no meu braço.

— Nat, Nat, olha! — Ela apontou para uma multidão que nos cercava.

Estavam todos unidos carregando alguma coisa, repetindo na minha mente algo que parecia um mantra. Reconheci o que estavam carregando quase ao mesmo tempo que entendi o que diziam:

— MA-RI-SA! MA-RI-SA!

Vovó estava sendo conduzida por dezenas de tentáculos que a erguiam para

os céus, como uma espécie de oferenda.

— Vó! — Mareska gritou, tentando seguir a multidão.

Puxei minha irmã pelo braço antes que a perdesse também. Meu cérebro ainda estava se acostumando com as possibilidades de acomodar as informações dadas por Sam e também raciocinar sobre o que estava acontecendo. Enquanto isso, vovó foi carregada para uma das árvores mais altas ao som de um dos solos de saxofone mais icônicos da música mundial — eu tinha uma forte suspeita que os alienígenas estavam ouvindo exatamente a mesma rádio havia quinze anos.

— Nat, agora é a hora do plano B!

— Sim, claro. O plano B que eu, com certeza, bolei antes da gente entrar...

— A gente pode acabar com isso em minutos — minha irmã respondeu, levantando uma das sobrancelhas sugestivamente.

— Mare, você sabe que se fizermos invocações aqui dentro, a gente corre o risco de matar todo mundo.

— Eu juro que consigo me controlar!

Eu conseguia sentir o ar ficando turbulento à nossa volta e os pés de Mareska quase saindo do chão. Ela ainda não tinha controle total do *dom* e, numa noite de Samhain como aquela, as energias estavam muito elevadas. Os resultados poderiam ser ainda mais catastróficos.

Antes que a minha irmã começasse a dizer os encantamentos, tentei mostrar um pouco de razão pra ela.

— Enquanto a vovó estiver com o amuleto, nada de ruim vai acontecer. Se a nave começar a tremer, a gente já sabe que ela precisou tomar atitudes mais drásticas.

Lex apareceu ao nosso lado, os três olhos úmidos e vidrados em mim. Logo, já estava falando na minha mente:

“Nossa salvadora voltou!” Sam acrescentou: “Marisa! Ouvimos seus conselhos por anos e as promessas de que ela viria até nós.”

— Merda — xinguei baixinho.

— O quê? O que essas gosminhas falaram?

— Eles pensam que a vovó é um tipo de deusa que vai salvar todo mundo. Essas criaturas estão há anos ouvindo ela falar na rádio todo dia, e hoje ouviram pessoalmente. É tipo se você conhecesse a Ariana Grande em pessoa.

— Bom, a gente sabe que Deus é *mesmo* uma mulher. Mas o que tem a ver

com salvação? A vó nunca fala disso.

— É. — Apontei para o alto-falante por onde o som da rádio estava vindo. — Mas o pastor do programa das sete fala.

Nosso plano B era entrar em contato com o Terra Nova e ficar ali, de olho na vovó, enquanto vinham nos socorrer. Mareska não estava muito feliz com a ideia, pois preferia que juntas derrubássemos tudo num furacão de fogo.

— Alô, Base, aqui são as Águias.

Depois de alguns segundos de estática, ouvi a voz de Regina.

— O correto é Águias, não *as* Águias. Prossiga. Câmbio.

— Então, nós temos novidades. Descobrimos que os moradores da nave estão vivos, mas eles acabaram de raptar nossa avó pra uma espécie de ritual e vamos precisar da ajuda de vocês.

— Que interessante! Uma vez uma amiga minha foi raptada, coitada, e ficou uma semana desaparecida... mas acabou que na verdade ela só tinha se perdido, mesmo. Será que não foi isso que aconteceu também? Câmbio.

— Não, não foi isso que aconteceu. Ela se encontra pendurada em uma árvore agora.

— Certo. Alguém da sua equipe pereceu em combate? Câmbio.

— Quê?! Não! Mas a gente precisa de assistência. Tem, tipo, centenas deles aqui.

— E se vocês tentarem negociar? Deem pra eles alguma coisa que precisam e, em troca, eles devolvem d. Marisa. Pode funcionar... Está tudo certo com as baterias de vocês?

— Baterias? — Segurei um gritinho de raiva antes de responder. — Nossas baterias estão carregadas, muito bem, obrigada.

— Que bom, então. Fico no aguardo dos relatórios, queridas! Câmbio, desligo.

Mareska deu um berro de frustração e eu quase fui derrubada pela rajada de vento que ela comandou sem querer. Eu conseguia sentir as palmas das mãos ficando quentes, prontas para entrarem em combustão, mas respirei fundo, me controlando. Era preciso pensar com calma, nada estava perdido. Vovó estava com seu *eileanmaidean*, minha irmã e eu ainda estávamos ali, juntas. Eu só precisava encontrar outra saída.

— Ah, não! Nat, olha aquilo! — Mare apontou para uma pilha de folhas

vermelhas no chão.

Caído em cima delas estava o amuleto de vovó.

Antes que pudéssemos correr até lá, no meio da multidão de moranganos, o amuleto desapareceu. Vovó era a mais forte de nós, mas sem o *eileanmaidean* ela teria mais dificuldade para fazer grandes invocações. Olhei para cima, tentando garantir que as coisas não estivessem tão ruins quanto eu imaginava.

Mas, quando vi o rosto de vovó, percebi que era muito pior.

Os moranganos haviam enrolado os tentáculos ao redor dos braços e das pernas dela, e pareciam consumir energia vital da mesma forma que consumiam frutinhas brilhantes.

Eu ainda estava indignada com a negligência do Terra Nova, mas uma ideia se formou na minha mente.

— Lex, o que vocês precisam para reativar a bateria da nave?

Lex me ignorou; talvez não soubesse a resposta, ou talvez o pastor nunca tivesse falado sobre aquilo em nenhum programa.

— O que você tem em mente, Nat?

— E se a gente tentar carregar a bateria e religar a nave? Em troca, eles devolvem a vovó e de quebra voltam pro planeta deles.

— Quem disse que eles vão voltar?

— O que eles vão ficar fazendo aqui, Mare, vendo novela? Todo mundo sabe que o governo dos Estados Unidos vai tentar abrir a barriga deles e futucar pra ver o que tem dentro.

— Eles pegaram a nossa avó; talvez *eu* devesse futucar a barriga deles!

Tentei negociar com Sam, que definitivamente era o mais legal dos dois.

— Sam, se a gente reativar a bateria bio-sei-lá-o-quê, vocês devolvem nossa avó? Mas a gente precisa dela pra fazer isso; a invocação só funciona com nós três. Então você precisa ir lá e convencer seus amigos a deixarem ela ir — eu disse, apontando para o galho onde vovó estava sentada.

Sam olhou para mim por mais três segundos e partiu em direção à multidão de *complanetários* — eu tinha quase certeza de que essa palavra não existia, mas eu também tinha inventado um nome para uma população inteira de seres intergaláticos e estava me sentindo muito ousada.

Mareska abriu a mochila e começou a tirar os papéis de lá.

— Mare, o que você tá fazendo? Não acho que agora é a melhor hora pra ler

os termos e as condições.

— Eu pensei na gente escrever um recado pra vovó. Eles aparentemente não sabem ler, né? Porque, se você tentar conversar telepaticamente, corre o risco de ouvirem. — Mareska olhou para os lados, verificando se estava sendo observada, e começou a escrever na parte de trás de uma das folhas do contrato.

Peguei uma das páginas soltas, lendo pela primeira vez as perguntas e os termos que Regina tinha nos dado. Quando cheguei nas últimas folhas, meu coração disparou. Não por haver uma cláusula absurda no contrato, até porque eu não tinha entendido metade do que estava escrito, mas porque era praticamente um dossiê detalhado sobre cada uma de nós. Desde coisas pequenas sobre nossas vidas — como a duração do namoro de Mareska e Sofia — até todas as capacidades dos nossos dons.

— Puta merda.

Minha irmã levantou os olhos perguntando o que tinha acontecido. Estiquei o braço entregando o dossiê pra ela.

— Tem certeza de que eu não posso mandar esses gosmentinhos pelos ares? Você nem precisa fazer churrasquinho com eles.

— Eu não sei qual é o nosso maior problema no momento. O que isso quer dizer?

Os alienzinhos voltaram todos juntos, trazendo vó Marisa junto com eles. Ela parecia calma, apesar de muito enfraquecida, como se tivesse envelhecido ali mais uns dez anos. Mareska apertou minha mão, aliviada, mas quando tentamos nos aproximar da vovó um grupo de uns vinte alienígenas formaram uma barreira em volta dela. O recado era claro: a liberdade dela só estava garantida quando fizéssemos nossa parte.

O grupo começou a se movimentar, interrompendo nossa discussão. Seguimos atrás de Sam por um caminho que parecia levar para mais perto do centro do Morangão. Lex ia na frente do grupo, junto de vovó. Os corredores eram apertados e escuros, mas as criaturas pareciam não se importar. Mantivemos os amuletos acesos, assim como nossos sentidos. Caso alguma coisa inesperada acontecesse, precisávamos estar preparadas. Não ousamos dizer nenhuma palavra; o único som que se ouvia era o arrastar de tentáculos.

A comitiva parou na frente de uma porta adornada com símbolos muito diferentes. Não havia nada parecido em nenhum dos corredores que havíamos

percorrido. Foi necessário que três alienígenas encostassem com seus tentáculos para que a porta se abrisse.

Diferente do salão cheio de árvores em que estivemos antes, aquele lugar era pequeno e abarrotado. Todas as fiações que não vimos pelo corpo da nave estavam ali, conectadas no meio a uma estrutura de pedra em formato de gota. Não, não de gota. De morango! E a luz esmaecida pulsava.

Mareska e eu nos aproximamos devagar da luz. A sensação seria relaxante se não estivéssemos cercadas de alienígenas que ameaçavam a vida da minha avó.

Ouvi Lex falando mais uma vez e repeti baixinho para minha irmã:

— “Em ti está a fonte da vida; graças à tua luz, vemos a luz”.

— Que merda isso significa? — Mareska perguntou, puxando os cabelos.

— Sei lá, eu reprovei na aula de catequese, lembra?

Vovó se aproximou também, escoltada pelos fiéis.

— E agora, o que a gente faz? — perguntei para ela.

— Vamos dar as mãos. Vai ser como energizar os amuletos, mas numa escala maior.

— Vai funcionar mesmo assim? — minha irmã perguntou, apreensiva.

— Vamos dar o melhor de nós — vovó respondeu com uma piscadela.

Quando entrelaçamos as mãos, ela começou o encantamento. Mareska e eu repetimos em uníssono.

Dùsgadh. Dùisg an solas. Èirich bho chadal.

Eu conseguia sentir a força e energia correndo através do meu corpo, amplificada pela conexão entre nós três e pelo Samhain. Por um momento, foi como se eu voltasse a fazer parte da torrente invisível que conecta tudo que existe. Até que toda a energia foi empurrada para fora de mim em uma descarga elétrica. Com os olhos fechados, pude sentir uma luz intensa explodir na sala. Mas antes que pudesse abri-los, ouvi a voz de vovó na minha mente:

“Filha, se prepara pra correr.”

O moranguinho agora pulsava com uma luz intensa que quase cegava. Soltei as mãos e olhei para minha avó, confusa. Estávamos a ponto de ajudá-los a voltar para o seu planeta natal; nós éramos as grandes heroínas dessa história, certo? Só que aquele dossiê não podia significar nada de bom.

Foi quando um dos moranganos se aproximou da estrutura brilhante e a tocou com todos os seis tentáculos. Em vez de explodir, o extraterrestre absorveu a

energia; quanto mais absorvia, mais crescia. Ele chegou a quase dois metros antes de se afastar, mas foi seguido por outro, que repetiu o processo. Aquilo não parecia nem um pouco inofensivo.

— Meu Deus! Eles saíram do modo de economia de bateria! — Mareska gritou.

Senti a mão firme de vovó nos puxando para perto da porta pela qual havíamos entrado, recuando, enquanto dezenas de moranganos se recarregavam. Batemos com as costas na parede sólida que o portal tinha voltado a ser. Consegui ver Lex tocando na pedra, Sam arrancando alguma coisa de seu corpo e correndo em nossa direção, até nos alcançar.

Me preparei para um ataque, mas Sam continuava pequenininho e ligeiro. A criatura estendeu um de seus tentáculos, e nele estava o amuleto de vovó. Ele invadiu minha mente com suas múltiplas vozes pela última vez:

“Não vamos mais voltar pra nossa terra. Vocês nos libertaram, e agora teremos nossa Nova Terra. Vocês não estão a salvo aqui.”

Sam encostou todos os seus pequeninos tentáculos na porta e ela se abriu. Atravessamos correndo e, antes que ela se fechasse novamente, vi Lex, enorme e aterrorizante, vindo em nossa direção.

Corremos pelo corredor completamente desorientadas. Depois de virarmos uma ou duas vezes sem saber direito para onde, ouvimos a explosão vinda da sala onde deixamos Sam. Precisávamos acelerar o passo. Olhei da minha irmã para a minha avó, que tentava acompanhar aos tropeços. Ainda estava muito drenada, e seus passinhos frágeis eram cada vez mais lentos.

Mare entendeu a preocupação e murmurou um encantamento, convocando rajadas de vento para carregar vovó mais rápido.

— A gente vai ficar presa aqui pra sempre sem saber pra que lado ir — falei, quase sem fôlego.

— Me dê três minutos sem estar esbaforida que eu encontro uma saída. Eu preciso. Pôr os pés num chão de verdade — vovó balbuciou.

Dava pra ouvir os tentáculos batendo e se movendo rapidamente pelos corredores; eles nos alcançariam a qualquer momento. Parei de correr e me virei em direção ao caminho que tínhamos percorrido. Minha irmã parou também, alguns passos depois de mim.

— Vou tentar atrasar eles. Você e a vó encontram uma saída, eu vou em

seguida.

— Mas, Nat, a gente não pode se separar! — Mareska choramingou.

— A gente não tem como se separar nunca, mana. — Segurei as mãos dela com firmeza. — Confia em mim, estou logo atrás de vocês.

Elas se foram, rápidas como um tufão, e eu fiquei no corredor acompanhada apenas pelo agudo infinito do A-ha nos alto-falantes.

Nos segundos antes de chegarem, eu fiz uma última tentativa de avisar a humanidade de que nossos planos tinham saído um pouco errado, e que talvez eles tivessem uma surpresa desagradável. Tentei outras frequências no meu walkie-talkie. Não confiava mais em Regina para avisar as autoridades, mas, mesmo assim, foi a voz dela que ouvir em resposta aos meus chamados.

— Alô, Regina? Seguinte: os alienígenas decidiram ficar aqui na Terra, então existe uma grande chance da humanidade ser dizimada. Eu acho que as coisas saíram um pouco dos planos, né? Vocês sabem do que a gente pode fazer, nós vamos tentar segurar o máximo possível, mas eles são muitos. Acho que chegou a hora de avisar os exércitos e tudo mais.

— Obrigada, Águias. Que ótimo, queridas! Tudo de acordo com os planos, nos vemos na Terra Nova. Se você for uma das escolhidas, claro. Olha, a gente faz o depósito em até sessenta dias úteis, tá bom? Beijo. Câmbio, desligo.

Dei um rugido de ódio e arremessei o rádio, acertando o olho do primeiro morangano que se aproximava. Se eu sobrevivesse a tudo aquilo, só receberia dali a dois meses? Berrei as palavras *ifrinn teine* e lancei uma bola de fogo na outra criatura, que vinha logo atrás. Enormes do jeito que estavam, só conseguiam passar um por um pelo corredor, o que pelo menos me dava alguma vantagem.

Nunca tinha me sentido tão idiota na vida, e aquilo me deu ainda mais raiva — uma sábia uma vez disse que a força do ódio pode ajudar a ter estímulo o suficiente para seguir em frente —, o que me deu impulso para jogar labareda atrás de labareda naqueles que me atacavam.

Em pouco tempo, porém, comecei a ficar cansada e percebi que não duraria muito mais. Olhei para o teto e tive a última ideia genial do dia. Não imaginava de que substância aquilo era feito, mas precisava tentar. Direcionei uma das chamas para o corredor e outra para cima, tentando derreter o teto, mas o material parecia imune, nada acontecia.

Até que senti meu corpo ser arrancado do chão e jogado para longe novamente. Dois tentáculos me envolviam, pressionando meu corpo, começando a me sufocar. Reconheci as manchinhas pretas de Lex. Enquanto tirava meu ar, repetia:

“Faze-me justiça, ó, Deus, e defende a minha causa contra um povo infiel.”

Antes que perdesse a consciência, senti o chão e toda a nave tremer. Eu provavelmente tinha um sorriso no rosto quando tudo em volta se apagou.

Porque vovó estava a caminho.

Abri os olhos devagar e senti o corpo flutuando. Consegui enxergar o suficiente para ver a enorme estalagmite que barrava o caminho, responsável por decepar os dois tentáculos que me prendiam. Mareska tinha conjurado um pequeno ciclone que me carregava, e percebi que aquilo a estava exaurindo.

— Ei, tô melhor! Acho que já posso andar!

Minha irmã me encarou com o olhar cansado e aliviado, diferente de vovó, que estava descalça e parecia reenergizada.

— Parece que o pessoal do Terra Nova usou o truque do xixi pra abrir outras portas. Encontramos uma não muito longe daqui. Tem uma galera lá fora, acho que estão cantando.

— Eles estão esperando a colonização morangana. Acho que é isso o que eles queriam desde o início — respondi.

— Foi o que entendi também. Consegui fazer contato com alguns espíritos desses seres. Parece que Regina tem se comunicado com eles há meses. Ela também é telepata. Por isso foi atrás da gente pra ligar a nave. Parece que negociou um lugar especial pra ela na Nova Terra dos moranganos — vó Marisa acrescentou.

Bati na testa.

— Claro! Ela respondia tudo sem eu nem perguntar. E ela sugeriu que a gente negociasse com eles! O que a gente faz agora?

— Acho que não tem o que fazer, filha. Vamos resistir da forma que der — vovó respondeu.

— E aí, vó? Como foi ser deusa por um dia? — Mareska perguntou, tentando aliviar o clima.

— Eu definitivamente não recomendo a ninguém.

Quando finalmente chegamos à abertura, foi possível ver o céu limpo com

uma lua cheia enorme e brilhante. Eu tinha perdido completamente a noção de quantas horas havíamos passado lá dentro. Na cratera em volta da nave, centenas de pessoas estavam reunidas, segurando cartazes e cantando fora de sincronia.

Antes que pudéssemos fazer qualquer coisa, um estrondo rompeu a cantoria e deixou tudo em silêncio. De lá, as criaturas foram saindo, uma por uma.

— Mare, acho que agora é o momento de mandar a carta de despedida pra Sofia.

— A gente vai desistir fácil assim? — ela perguntou, com um sorriso desanimado.

— Nós fizemos um juramento, né? Proteger todos os seres vivos e tal. Mesmo os idiotas. — Puxei minha irmã para um abraço.

Já havia mais de cem alienígenas fora da nave, e algumas pessoas do Terra Nova começaram a se afastar assustadas, prevendo que alguma coisa daria muito errado. Na minha mente, eu tentava calcular como faria para tirar todo mundo dali antes que fossem atacados.

Minha avó deu uma risada, provavelmente em mais uma conversa silenciosa com meu avô. Talvez estivesse dizendo “Até logo, meu bem”. Eu a abracei também e, de mãos dadas, fomos nos aproximando de onde os moranganos estavam.

— *Elas* disseram pra mim que vai ficar tudo bem — Mareska disse no meu ouvido.

Eu não sabia se essa era realmente uma mensagem do futuro que minha irmã tinha recebido ou algo que tinha dito só para me acalmar. Decidi ser esperançosa e acreditar que era verdade.

Quando estávamos a poucos metros do grupo, vimos centenas de tentáculos se movimentando com violência, arrebatando quem estava na frente. A força era apavorante, e o pânico se alastrou por todos os lados. Procurei segurança nos olhos da minha avó e da minha irmã, e encontrei.

Respirei fundo e caminhei decidida, sentindo as mãos prestes a entrar em combustão. Vi Lex, com menos dois tentáculos graças a vovó, esmigalhando alguns membros humanos. Àquela distância eu não conseguia ouvir os pensamentos, o que era um alívio, apesar de ter dado um bom vislumbre do que acontecia quando alguém passa a sua vida inteira ouvindo repetidamente as piores partes de regras escritas 2 mil anos antes, sem nenhuma contextualização

histórica. Tudo poderia ser diferente se os moranganos tivessem se apegado às mensagens da banda Sade ou da Enya.

Pelo menos, depois de anos adormecidos, os alienígenas finalmente haviam dado ao mundo o que todo fã de ficção científica sempre quis, mas nunca teve coragem de admitir.

Porque, para o bem ou para o mal, a invasão tinha começado.

MAYRA SIGWALT nasceu em Florianópolis e foi criada em Niterói, no Rio de Janeiro. É formada em cinema como roteirista e trabalhou no mercado de audiovisual por seis anos. Desde 2015 mantém o o *All About That Book*, um canal do YouTube onde fala sobre literatura. Hoje, morando em São Paulo com seus três gatos, é curadora e cofundadora do Turista Literário. Nas horas vagas gosta de tomar café, comer bolo e praticar feitiços.

ESTRELA VITOR MARTINS CADENTE

DE TODAS AS certezas que eu tinha a respeito da vida na Terra, as duas mais absolutas eram: os filmes sobre alienígenas não faziam sentido nenhum e a comida era horrível.

Era nisso que eu pensava enquanto olhava para a tela de dentro da sala de projeção apertada do cinema Estrela Cadente. Naquela noite, a última sessão exibia mais um filme sobre invasão extraterrestre. Era o quinto de uma série e, analisando os dados das produções cinematográficas terrestres, eu tinha certeza de que aquela franquia tinha um primeiro filme razoavelmente bom e quatro sequências horríveis que a indústria insistiu em continuar produzindo.

Mas acho que a pipoca era a pior parte. Eu poderia visitar duzentas outras galáxias e nunca encontraria uma coisa mais esquisita do que pipoca. Flocos de milho estourados com uma textura estranha e gosto de nada. Daí vinha a manteiga. Os humanos adoravam a manteiga do cinema. Um líquido espesso e gorduroso que cobria a superfície de todas as pipocas e de tudo mais que chegasse perto.

Enquanto fingia interesse no filme e enfiava algumas pipocas a contragosto dentro da boca, era inevitável escutar a voz do meu pai ecoando na minha cabeça. “Você precisa se misturar, Mikaela. Tente parecer *normal*”, era o argumento dele. “Mas não se misture *tanto*. Tente passar despercebida”, era o

argumento da minha mãe. Até aquele momento, eu estava fazendo um excelente trabalho seguindo os dois conselhos.

Quando o filme estava próximo do fim, Adão olhou para mim e fez um gesto com a cabeça. Ele era o responsável pela sala de projeção e sempre me perguntava se queria assistir ao filme com ele. Eu sempre topava porque nunca tinha nada melhor para fazer nos corredores vazios do cinema. Adão tinha cerca de quarenta anos terrestres e quase nunca puxava assunto. Essa era a minha parte preferida a respeito dele.

Seu sinal de cabeça era o bastante para me alertar de que estava na hora de trabalhar mais um pouco. Meu serviço no Estrela Cadente era relativamente simples: eu era a garota que rasgava os ingressos de quem entrava e entregava os óculos 3D pouco higienizados para cada espectador; na saída, lá estava eu, de pé ao lado da porta, recolhendo os óculos um por um e fingindo que não percebia quando algum adolescente tentava roubar o objeto em um ato de rebeldia. Eu sempre quis evitar confusões.

Já o meu serviço *de verdade* era um pouquinho mais complicado e exaustivo.

O cinema estava quase vazio naquela noite de terça-feira. Poucas pessoas assistiam a filmes fora de casa durante a semana. Era outra coisa engraçada a respeito desse planeta: existiam dias específicos para fazer coisas.

Naquele dia em específico, eu só queria ir embora.

Recolhi os óculos dos poucos clientes que assistiram a *Um filme muito ruim sobre aliens 4* e tentei coletar algumas emoções, também, porque não queria ouvir sermão dos meus pais sobre como eu preciso adquirir experiência na coleta para poder subir de nível.

Recolhi Frustração de um homem que realmente tinha expectativas altas para o filme, Repulsa de uma garota que podia jurar que viu um rato morto no canto da sala escura e saiu de lá reclamando aos berros e chamando o estabelecimento de Estrela *Decadente* (bem original) e, por último, registrei Incerteza de uma mulher que foi assistir ao filme com o namorado e não sabia como dizer para ele, antes da noite acabar, que o namoro já havia acabado fazia tempo.

As emoções humanas são uma bagunça.



Cheguei em casa tarde, como na maioria dos dias de trabalho. Meus pais estavam sentados na mesa da sala, subindo as descobertas do dia para o Sistema e registrando as impressões pessoais no DataPad. Os dois sempre amaram esse trabalho, e eu me sentia mal de reagir às descobertas com pouca empolgação, mas já estávamos próximos do sexto mês na Terra e as minhas coletas eram sempre as mesmas.

Nosso trabalho sempre foi bem objetivo: catalogar emoções de outras espécies de vida e mandar tudo para o Sistema de coleta de dados de Méllon, nosso planeta mãe. Outras unidades eram responsáveis por trabalhos muito mais legais, como coletar *conhecimento*. Mas meus pais sempre acreditaram na *inteligência emocional*, que “é o que te dá estabilidade para transformar seu conhecimento em evolução”, nas palavras deles. Então, lá estava eu, presa no planeta menos desenvolvido da galáxia, registrando *emoções*.

Um toque rápido, que poderia durar um milésimo de segundo, já era o bastante para registrar a emoção dominante de qualquer humano. Era só encostar rapidinho e, *puff*, a emoção daquele momento era registrada na minha mente e transformada automaticamente em dados que seriam lidos pelo Sistema em uma sequência infinita de zeros e uns. Como os humanos diziam, era quase como “um passe de mágica”. No meu planeta, chamaríamos de “um passe de tecnologia ultra-avançada baseada em milênios de exploração e pesquisa”.

— Como foi o dia, Mika? — minha mãe me chamou, usando o apelido terrestre para o nome terrestre que ela mesma me deu.

— Nada fora do comum. Trouxe mais dados sobre Frustração! Yay! — respondi, fingindo empolgação.

— Como as pessoas continuam indo ao cinema toda semana mesmo sabendo que vão se sentir frustradas depois do filme? — meu pai perguntou para ninguém em específico.

Perguntar coisas para ninguém em específico era a sua especialidade. Acho que ele só queria gerar um pouco de reflexão para que a gente conseguisse entender melhor as decisões das outras espécies. Essa tática nunca funcionou comigo, já que a minha resposta para tudo sempre foi “porque os humanos são burros”.

— E o dia de vocês, como foi?

— Fascinante — meu pai respondeu.

— Deprimente — minha mãe disse ao mesmo tempo.

Meu pai trabalhava em uma casa lotérica, e todas as emoções que ele registrava sempre giravam em torno de Esperança, Sorte, Confiança e Realização. Estar em um lugar onde as pessoas pagam as contas e apostam em um futuro melhor e com mais dinheiro sempre havia sido um trabalho tranquilo. Vez ou outra, ele precisava lidar com emoções complexas, tipo a mistura do alívio de pagar um boleto com o medo de não saber como o próximo será pago. Esse é um sentimento que nem tem nome.

Mas, diante do trabalho da minha mãe, meu pai era um grande sortudo. Ela escolheu trabalhar como recepcionista em um pronto-socorro. Minha mãe era a pessoa que recebia pacientes doentes e sem paciência para preencher a enorme papelada do plano de saúde. O breve toque nessas pessoas devia ser muito discreto, mas sempre foram o bastante para captar a maior gama de emoções ruins possível. Foi por causa da minha mãe que aprendi sobre Medo, Raiva, Indignação, Desesperança e Dor. Essa última era a mais complexa de todas e, mesmo trabalhando naquele posto por meses, todos os dias ela conseguia registrar um espectro diferente de Dor.

A gente nunca sentiu o que a outra espécie sente. Nosso toque nunca nos deu a real percepção da emoção; ela chegava para nós de uma forma mais racional e lógica. Minha mãe não *sentia* a Dor, mas compreendia todos os motivos que faziam doer.

Enquanto isso, no cinema, eu compreendia o Tesão de dois adolescentes que passaram uma sessão inteira se pegando na última fileira. A vida nunca foi justa.

Eu queria poder capturar sentimentos mais profundos, mas meus pais não acreditavam que eu estivesse preparada. Ainda tinha dezenove anos terrestres, e só depois dos 21 eu poderia me envolver com “emoções de verdade”, segundo as regras do meu planeta. Méllon é um planeta pequeno, um pouco menor do que a Lua da Terra. Era fácil passar despercebido porque nos escondíamos na órbita de Vênus, mas, para garantir a proteção de qualquer invasão, nossa tecnologia avançada conseguiu criar um campo eletromagnético avançado o bastante para tornar o planeta imperceptível para qualquer viajante espacial.

Acho que foi isso que fez com que Méllon se tornasse o planeta mais desenvolvido do universo. A gente nunca quis invadir o que não era nosso. Só aparecíamos de fininho, aprendíamos com uma sociedade diferente da nossa por

um tempo e voltávamos para casa sem ninguém perceber. Invadir nunca era a solução, e isso ficou ainda mais claro para mim depois que passei os primeiros dias na Terra estudando a história dos humanos, que sempre foi pautada em roubar coisas para levar vantagem.

Como eu disse: porque humanos são burros.

Naquela noite fui para o quarto cansada e contando os segundos para irmos embora de lá. O tempo na Terra passava de um jeito estranho. Nada era exato. Tudo estava ligado às emoções. Um minuto poderia correr ou se arrastar por horas de acordo com o que você estivesse sentindo e, por mais que eu não experimentasse os sentimentos humanos na minha pele, estar lá era o bastante para que uma noite de oito horas de sono parecessem oito longos anos de espera.



— O que é Dia das Bruxas? — perguntei na manhã seguinte, enquanto minha família se preparava para mais um dia de trabalho.

— É um evento anual que acontece em alguns países da Terra. No Brasil não chega a ser uma coisa cultural, mas as corporações usam a data para ganhar dinheiro — minha mãe respondeu de maneira prática, provavelmente acessando o banco de informações infinito que ela guardava em sua mente.

— Tá, mas o que as pessoas *fazem* no Dia das Bruxas?

— É tudo uma grande alegoria, filha. A cultura do medo, do susto. Mas de uma forma lúdica. O Dia das Bruxas é uma grande celebração do Terror. Não do sentimento Terror, mas do gênero narrativo. É um dia do ano em que as pessoas se permitem criar novas histórias para si a partir de lendas e histórias passadas de geração em geração — ela continuou explicando, mesmo sabendo que depois de “alegoria” eu já não estava mais prestando atenção.

— Pai? — perguntei, olhando para ele de canto de olho.

Meu pai sempre foi mais rápido para dar as respostas que eu queria ouvir.

— As pessoas usam fantasias, assistem filmes que dão medo e decoram os ambientes de trabalho totalmente inspiradas no modelo comercial de Halloween dos Estados Unidos. Mas, para nós, é um dia como qualquer outro, Mika — ele tentou explicar.

— Não para mim — respondi, tirando da mochila um chapéu pontiagudo que havia recebido no dia anterior com a desculpa de que era para comemorar o tal Dia das Bruxas.

Naquele trinta e Trinta e Um de Outubro, o Estrela Cadente faria uma exibição de filmes de terror, e todos os funcionários deveriam estar vestidos de acordo com o tema. Posicionei o chapéu na cabeça e me senti inadequada imediatamente. Meu pai riu da minha cara e minha mãe nem se deu conta do objeto porque estava ocupada demais com as planilhas de pesquisa.

— Pense pelo lado positivo, Mika! Hoje você pode coletar emoções inéditas. Medo, Desconfiança, Pavor, Asco! — meu pai exclamou, tentando me animar.

— A primeira exibição é de um filme chamado *A casa de cera* — comentei.

— Perfeito, você vai poder registrar Vergonha Alheia! — minha mãe disse, saindo do transe de trabalho.

— Desde quando você conhece filmes terráqueos? — perguntei, genuinamente curiosa.

— Desde que me apresentaram a Netflix!

Eu sabia que aquela informação seria seguida de uma série de comentários empolgados sobre como a cultura humana era fascinante, e não estava com paciência. Juntei minhas coisas, arrumei o chapéu de Bruxa sobre a cabeça e saí de casa.

Nossas escolhas de trabalho sempre implicavam em usar um uniforme, já que um extraterrestre uniformizado conseguiria passar despercebido com mais facilidade. Na verdade, *todas* as nossas escolhas eram feitas a partir do senso comum. Nossa aparência era comum, nossa casa era comum, nossa voz, nossas roupas e nossos cortes de cabelo eram comuns. Tudo era previamente planejado para não chamar atenção.

Mas naquela manhã, enquanto pegava o ônibus para o trabalho, eu conseguia perceber que todo mundo olhava para mim. Ninguém mais estava fantasiado e eu conferi duas vezes no meu calendário mental para garantir que aquele era *mesmo* o dia das bruxas.

— Você veio o caminho inteiro com esse troço na cabeça, Mikaela? — Adão, da sala de projeção, me perguntou assim que cheguei ao cinema.

Ele estava amarrando uma capa vermelha sobre os ombros e segurava uma dentadura de plástico que deixava os caninos pontiagudos.

— Sim? — respondi e perguntei ao mesmo tempo.

— Ai, ai, só você... — ele disse com um sorriso, dando um tapinha no meu ombro.

O toque rápido me pegou de surpresa e, por mais que não estivesse pronta para começar o trabalho de verdade, pude capturar o sentimento de imediato.

Minha mãe estava certa. Comecei o dia registrando Vergonha Alheia.



Eu precisava atualizar minha família sobre os conceitos de Dia das Bruxas. Ninguém usa fantasia, a não ser que você esteja sendo pago para isso, o que era o meu caso. Ao longo daquela quarta-feira, a conduta de vestimenta de todos que passaram pelo cinema seguiu 100% dentro da normalidade.

O ingresso estava com valor promocional, gerando uma movimentação atípica para o meio da semana. Além de *A casa de cera* (que assisti um pedaço com Adão e decidi que era oficialmente a pior coisa já feita na história da Terra), exibimos uma sequência intercalada de *Jogos mortais* e *Premonição*. As duas franquias mostravam seres humanos morrendo de formas absurdamente bizarras, e eu me senti grata por não ser capaz de captar emoções de *dentro* dos filmes.

Não vou negar que aquele foi um dos melhores dias de trabalho como intercambista interplanetária. Foi fascinante perceber as emoções que aquelas obras de ficção causavam nas pessoas. Pânico, Choque e até Prazer, o que acabou sendo um pouco preocupante. Cada toque naquele dia me abriu um novo leque de sentimentos humanos, a maioria irracional. Medo era o meu favorito, porque nunca aparecia do mesmo jeito, e acho que eu precisaria de uma viagem infinita na Terra para conseguir catalogar todos eles.

O movimento no cinema aumentou consideravelmente depois das sete da noite. A fila estava longa e eu rasgava os ingressos de maneira automática, ficando quase sem tempo para coletar novas emoções. A última sessão do dia exibia *Jovens bruxas*, que eu havia planejado assistir junto com Adão, pois ele havia me falado que aquele era um dos seus favoritos.

Estava pronta para fechar a porta da sala quando ouvi um grito.

— Espera! Por favor!

Virei a cabeça para trás e encontrei uma garota correndo em minha direção. Tudo nela era diferente de mim. Era mais baixa, seu corpo era gordo e cheio de curvas e o cabelo ondulado era de um rosa brilhante, um pouco desbotado nas pontas.

Ainda sem fôlego, a garota revirava sua bolsa procurando o ingresso perdido lá dentro. Ela vestia uma camiseta preta com a imagem de um alien da maneira como os humanos acham que somos: a cabeça oval verde e os dois olhos gigantes e pretos. Sempre achei meio ofensivo como os terráqueos nos imaginam tão feios, mas a estampa caía bem nela.

— Aqui — ela disse, enfim, entregando o ingresso em minhas mãos.

Demorei uma fração de segundo para entender o que deveria fazer com aquilo, porque estava concentrada demais observando cada detalhe daquela menina. Ela devia ter a minha idade ou dois anos a mais, no máximo, e seu rosto branco era cheio de sardas rosadas que se espalhavam pelas bochechas e pela testa.

— Fantasia legal — ela disse, apontando para o meu chapéu tosco.

Voltei à realidade um pouco assustada. Não estava acostumada com pessoas *falando comigo* durante o trabalho. Meu papel no cinema era literalmente ficar parada rasgando ingressos, o tipo de trabalho que poderia facilmente ser substituído por uma máquina. Talvez fosse por isso que a maioria dos humanos passava por mim como se eu fosse um sistema automatizado.

— Obrigada — respondi, seguindo o protocolo de educação básica. — A sua também.

A garota soltou uma risada sem graça.

— Eu não estou fantasiada — ela disse.

— Ah. Não. Desculpa. Quis dizer a sua vestimenta. No geral. Mesmo não sendo uma fantasia. Eu achei muito... legal — respondi usando toda a habilidade social que eu tinha (quase zero).

A sala de cinema se apagou e escutei um som alto vindo lá de dentro, indicando que os trailers estavam começando. A garota e eu continuávamos em silêncio, olhando uma para a outra.

— O meu ingresso? — ela pediu, tímida, apontando para minha mão.

Só então me dei conta de que ainda segurava o bilhete da menina, com tanta força que o papel já estava amassado entre meus dedos.

— Ah, sim! Bom filme! — respondi, rasgando e devolvendo o pedaço de papel, tocando em seus dedos brevemente.

Ela entrou, o filme começou, o filme terminou e eu não lembro de quase mais nada, porque quando nossas mãos se encostaram, eu coletei um sentimento novo que me atingiu com tanta força que todos os meus sentidos ficaram debilitados. Era uma mistura de dor com melancolia, mas de uma maneira feliz. Uma emoção que faz chorar ao mesmo tempo que faz sorrir.

Todas as vezes que encontrava um sentimento novo em alguém, minha mente era capaz de desvendá-lo na hora. Sempre foi como se um novo capítulo simplesmente fosse adicionado à enciclopédia do meu conhecimento.

Mas não daquela vez.

Naquela noite, tudo que absorvi foi um grande ponto de interrogação, que deixou minhas pernas bambas e me fez sair correndo para casa, de chapéu e tudo, sem nem avisar a Adão que eu não assistiria ao filme com ele naquela noite.



Cheguei em casa ainda sem fôlego. Tudo parecia dentro da rotina comum. Meus pais estavam na sala, concentrados nos DataPads, como sempre. Minha mãe estava sempre carregando dados novos para o Sistema e aprimorando dados antigos, enquanto meu pai navegava na internet terrestre e ficava fascinado com coisas humanas e banais que ele descobria.

— Filha, vem cá! Olha o que eu descobri! — exclamou, virando a tela para mim. — ASMR. São arquivos de áudio e vídeo que prometem relaxar os usuários e tirar qualquer sensação de estresse a partir de narrativas ficcionais sussurradas.

Revirei os olhos e me joguei no sofá, esperando minhas pernas pararem de tremer.

— Humanos estão sempre inventando maneiras de eliminar o estresse. É inacreditável a quantidade de medicamentos que... — minha mãe começou a falar, mas parou no meio da frase quando finalmente tirou os olhos da tela e se virou para mim. — Filha?

— Está tudo bem? — meu pai perguntou, percebendo o tom da minha mãe.

Nunca gostei de ter todas as atenções voltadas para mim. Aquilo fazia com que eu me sentisse fraca, mas precisava de ajuda para entender o que tinha acontecido, e seria estúpido demais não perguntar para quem tinha mais experiência.

— Hoje eu coletei um sentimento novo, mas os dados foram confusos. Não ficou claro para mim.

— O toque pode ter sido rápido demais — meu pai opinou.

— Você tocou numa criança? Sentimentos de criança são sempre confusos — minha mãe tentou ajudar.

— Não, não. Não era uma criança. E o toque foi demorado. Não *demorado*. Durou o tempo normal de um toque de coleta. É só que... Eu não sei.

Era justamente não saber me deixava irritada. Eu não estava acostumada com não saber.

— Registra tudo aqui, filha, vai — minha mãe disse, entendendo o DataPad para mim.

Coloquei a palma da mão na tela e o processo de registro de dados aconteceu normalmente, levando poucos segundos para capturar tudo o que eu havia coletado naquele dia. A Vergonha Alheia, as diferentes formas de Medo, o Senso de Humor. A barrinha verde que sugava as informações de dentro de mim estava quase completa quando o progresso congelou. O Sistema carregava, carregava, carregava e não saía do lugar. Então, a tela ficou amarela e o sinal de concluído foi exibido.

Eu estava preocupada, como se minhas habilidades estivessem com defeito. Eu só queria compreender tudo. Meu pai andava de um lado para o outro, esperando alguma resposta, e minha mãe, como sempre, tinha todas elas.

— Não tem nada de errado com você — ela disse logo de cara, me arrancando um suspiro de alívio. — Mas existem alguns sentimentos que são complexos demais para o Sistema. É por isso que a gente faz o nosso trabalho, para desvendar da maneira mais lógica possível o que as outras espécies sentem.

— Então é só isso? Eu peguei um sentimento difícil? — perguntei, tentando diminuir as minhas preocupações.

— Você pegou um dos mais difíceis. Um sentimento que outros colegas tentam entender desde muito antes de você nascer. Assim como qualquer outra emoção, é uma mistura de muita coisa. Mas, ao mesmo tempo, ele se apresenta

de formas diferentes. É como quando você registra Medo, por exemplo. O Medo pode ser experimentado na forma humana por diversos motivos. Ele pode ser um medo real, dentro de uma situação de risco, um medo que aparece por causa de expectativas mal fundadas, ou ainda um medo que se mistura com Insegurança e vira um sentimento completamente novo. Existe até mesmo Medos específicos, como de filmes de horror ou de palhaços.

— Onfalofobia é o medo irracional de umbigos — meu pai comentou.

— Obrigado pela colaboração, querido. Mas você entende, Mika? Eu sei que você acha nosso trabalho chato, mas, enquanto existirem sentimentos que a gente não consegue entender de primeira, ainda temos muito trabalho a fazer. Porque todo desenvolvimento e tecnologia nascem de uma necessidade, e toda a necessidade...

— Nasce de uma emoção — completei a frase que já estava cansada de ouvir.
— Mãe, você pode ir direto ao ponto, por favor?

— Não tem muito o que explicar, filha. Hoje você coletou um desses sentimentos conflituosos. E, pela minha experiência, eu acho que é Saudade.



Não consegui descansar naquela noite.

Me esforcei para tentar acalmar a minha mente, mas era impossível parar de pensar na Saudade. Tentei seguir as recomendações de ASMR do meu pai, mas não compreendia como vídeos de alguém mastigando pickles perto de um microfone supostamente poderiam me fazer relaxar. A humanidade seguia como um grande enigma para mim.

Não sabia se era a minha determinação para desvendar o sentimento ou a curiosidade para entender aquela garota, mas eu estava disposta a descobrir o que significava Saudade a qualquer custo.

Eu poderia usar o poder de Persuasão que temos em Méllon, mas seria contra as regras. Um toque meu poderia arrancar as respostas de qualquer ser humano, mas os mellianos sempre condenaram esse tipo de invasão. Nós só tínhamos permissão para usar a Persuasão para fins práticos. Foi assim que conseguimos uma casa e um emprego, afinal, nenhum planeta daria espaço para uma família

extraterrestre se estabelecer, mesmo que para fins de pesquisa. Meu povo já havia tentado esse tipo de diálogo algumas vezes, mas é sempre mais fácil supor que vamos invadir do que acreditar que viemos apenas pesquisar.

Então, sem poder quebrar as regras, no dia seguinte eu tentei encontrar as respostas da forma mais humana possível.

— Adão, você sente Saudade?

Eu estava sozinha com ele na pequena sala de projeção durante a exibição de uma animação infantil.

Adão era uma das únicas pessoas no trabalho que sabia meu nome e interagia comigo, mas, ainda assim, ele ficou surpreso ao me ouvir falar, porque nunca era eu quem *iniciava* a conversa.

— Que tipo de pergunta é essa, Mikaela? Tá tudo bem?

Anotei mentalmente que Saudade é o tipo de tópico que indica para outras pessoas que você *não está bem*.

— Tá tudo bem, eu só queria saber, mesmo. Mas se você não se sentir confortável, não tem problema. — Tentei parecer casual e educada.

— Eu tenho saudade de muita coisa. Do meu irmão mais velho, do Burrito, meu primeiro cachorro... Você tinha que ver, ele era gordinho, tinha as patas curtas, parecia um burrito mesmo. Também sinto saudade dos Mamonas Assassinas.

Enquanto Adão listava suas saudades, eu me esforçava para tentar encontrar uma conexão entre tudo aquilo.

— Então você sente saudade de pessoas que morreram? E bichos, claro. É isso? — perguntei com cautela, porque depois de ver tantos filmes no Estrela Cadente eu já havia aprendido que morte é sempre um assunto complicado para os humanos.

— Não, não, não! — Adão respondeu meio assustado, mas rindo ao mesmo tempo. — O meu irmão não morreu, ele só saiu do país. O Burrito, sim. Ele morreu. E os Mamonas também.

Fiz uma nota mental para pesquisar o que eram mamonas assassinas mais tarde. Não sabia onde enfiar a cara e já estava arrependida de ter começado aquela conversa. Mas é claro que tinha como piorar.

— E do que você sente saudade? — Adão perguntou.

Congelei. Eu não podia dizer a verdade. Não podia confessar que eu nem

entendia aquele sentimento. Eu precisava parecer o mais humana possível.

— Da minha casa — respondi automaticamente.

— Você não é daqui, né?

— Não. Eu sou de... longe.

— Longe tipo onde? Tipo Manaus? Eu tenho uma prima em Manaus. A gente quase nunca se vê. Você já viu o preço das passagens? Dá pra viajar pra Disney! Eu nunca fui pra Disney. Nem pra Manaus, na verdade.

Meu cérebro entrou em alerta. Eu não sabia como continuar a conversa. Eu nem sabia onde ficava a Disney. Eu nem sabia que a Disney era um lugar. Eu achava que só existia Disney nos filmes. As pessoas falam muito sobre filmes da Disney por aqui.

— Preciso ir ao banheiro — respondi em pânico.

E essa, na minha opinião, continua sendo a melhor parte de fingir ser humano. Você sempre pode fugir das coisas indo ao banheiro.



O início de novembro marcou nosso último mês na Terra. Nosso retorno para Méllon já estava agendado, e meus pais estavam empolgados com todo o material novo que haviam coletado para levar de volta para nosso povo.

Enquanto minha mãe trabalhava noite afóra em relatórios sobre como usar os sentimentos de Dor para minimizar o sofrimento, meu pai se empolgava com os sentimentos de Sorte para trazer esperança para quem precisa. E, vez ou outra, ele surtava com invenções humanas banais que achava incríveis.

Naquela primeira semana do mês, me rendi à lentidão e à limitação da internet terrestre para pesquisar mais sobre Saudade. Fazer isso antes de conversar com Adão teria me poupado muita humilhação, mas já era tarde demais. Na primeira pesquisa descobri que “saudade” é uma palavra que só existe em português. Pesquisando mais um pouco, descobri que a primeira informação era mentira. Existe saudade em outras línguas. O significado em português é bem mais amplo, mas a palavra em si veio do latim, que era uma língua que quase ninguém mais falava.

Por que não deixam apenas *uma* verdade na internet? Por que existem várias,

e aí você precisa pesquisar todas para entender qual é a verdade *verdadeira*? Por que o Google conseguia me dar 34 *milhões* de resultados em menos de um segundo e nenhum deles era a verdade absoluta?

“Saudade é a dor de uma ausência que temos prazer em sentir” foi uma das principais definições que encontrei. Tentei conversar com minha mãe sobre uma dor que dá prazer e ela se recusou a responder porque disse que eu não estava preparada para conversar sobre *sexo humano*.

Meu pai falou que os humanos também definem a dor de uma tatuagem como “dor prazerosa”. Ele estava obcecado por tatuagens naquela semana. A ideia de uma agulha entrando e saindo da pele e marcando uma pessoa para sempre o fascinava e, no fim de semana, fizemos uma maratona de uma série sobre pessoas que fazem tatuagens feias e se arrependem. O entretenimento terráqueo me ensinou muito sobre Arrependimento e Péssimas Escolhas.

Mas o que tornava minha situação ainda mais angustiante era a lembrança da menina de cabelo rosa. De alguma forma, eu acreditava que ela teria as respostas que eu buscava, e estava muito determinada a ser a primeira pessoa da minha idade a voltar para Méllon com um sentimento complexo desvendado.



As coisas pareciam estar ao meu favor, porque, na quarta-feira seguinte, uma semana depois do Dia das Bruxas, lá estava ela de novo.

— Oi, de novo! — a menina de cabelo rosa me cumprimentou, me entregando o ingresso para uma comédia romântica ruim que eu já havia assistido no começo daquela semana.

— Olha só! Você vem sempre aqui?— respondi, imitando exatamente uma das frases que escutei na comédia romântica ruim.

A garota pareceu constrangida, mas evitei encostar nela porque a última coisa que eu precisava era catalogar mais um Sentimento Muito Complexo. Era isso que ela parecia para mim: uma bomba de sentimentos complexos que eu nunca desvendaria.

— Agora eu tô vindo toda quarta. É meu dia de terapia, mas a minha psicóloga está de férias. Daí eu venho pra cá só pra matar o tempo.

Eu sorri com a facilidade que ela tinha de usar a palavra “matar”. Matar o tempo, matar a fome, matar a sede. Naquela hora, me perguntei se existia “matar a saudade”.

— Não quero te desanimar, mas esse filme é bem ruim — eu disse baixinho, apontando para dentro da sala quase vazia.

— Eu não me importo de ver filme ruim, de verdade. E não é como se eu tivesse outra coisa melhor para fazer numa noite de quarta-feira — ela disse, deixando as palavras pairando no ar, como se esperasse alguma coisa de mim.

— Hummmmm — murmurei, tentando encerrar a conversa.

— A não que você queira... sei lá. Fazer alguma coisa? Depois daqui? — ela perguntou, com a voz mais tímida e baixa do que antes.

— Alguma coisa? Sim. Claro. Pode ser! Eu saio às nove — respondi de imediato.

Aquela me parecia uma péssima ideia, mas a possibilidade de passar mais tempo com ela me deixava intrigada.

— Depois do filme, então! Eu te encontro aqui.

— Eu te espero aqui.

Ela seguiu corredor adentro, mas parou no meio do caminho. Olhou para mim mais uma vez e abriu um sorriso.

— Eu me chamo Manuela, aliás — ela disse. — Mas pode me chamar de Manu.

— Meu nome é Mikaela — respondi. — Mas pode me chamar de Mika.

E, mesmo sabendo que Mika era apenas um nome temporário, eu tinha a sensação estranha de que, pela primeira vez, eu queria que alguém me conhecesse melhor.



— De onde você é, afinal? — Manu me perguntou naquela noite.

Sáimos juntas do cinema e andamos pela rua sem definir nenhum destino. Era uma noite quente e a caminhada fazia meu corpo humano suar. Uma humana querendo saber “de onde eu sou, afinal” me fazia suar *mais ainda*.

— Eu sou de longe — dei a resposta de sempre, só que Manu não parecia ser

do tipo que fica satisfeita com a resposta de sempre. — Longe tipo Manaus. É caro ir para lá. Mais caro do que ir pra Disney.

— Você é engraçada, Mika — ela respondeu, olhando para o céu. — Para onde vamos?

— Suas perguntas estão muito filosóficas. “De onde viemos? Para onde vamos?”. Os humanos são obcecados por essas respostas, né? — deixei escapar. — Quero dizer, *nós*. Nós, humanos.

Manuela soltou uma gargalhada e, de alguma forma, eu me senti bem por fazê-la rir.

— Em um campo filosófico, eu acho que todo mundo vai virar uma estrela, um dia. É ridículo, eu sei. Mas eu acredito nisso. Em um campo prático, acho que a gente pode só andar e conversar, que por mim já tá bom.

— Andar e conversar é bom — concordei.

Manu ficou em silêncio e eu senti vontade de tocar o braço dela de leve para saber o que estava sentindo, mas aquilo me parecia trapaça.

— Não é ridículo. Acreditar que as pessoas viram estrelas — eu disse, finalmente.

— No que *você* acredita?

A pergunta me fez entender um pouco melhor como funcionava aquela coisa de andar e conversar. Tudo o que ela falava sobre si vinha acompanhado de uma pergunta sobre mim. Aquele parecia um terreno perigoso, mas eu queria correr o risco.

— Na ciência — respondi sem pensar.

— Tá vendo só? A minha vida seria muito mais fácil se eu fosse prática como você. Mas você já parou pra pensar no universo? Você já olhou para o céu e tentou imaginar como tudo é imenso e desconhecido? Como a gente não conhece nem zero vírgula zero zero zero zero zero um por cento de tudo que existe?

— Eu penso nisso todos os dias — confessei. — As pessoas são complexas. O universo é grande, mas existe um universo muito maior dentro da gente.

— Você parece a minha terapeuta às vezes — Manu disse.

— Como assim?

— Você fala coisas práticas e depois fala coisas bonitas. Eu não tô reclamando, pode continuar.

Eu abri um sorriso desacreditado.

— Não sei nada das coisas bonitas. Só entendo das coisas práticas.

— Eu sou o seu oposto, então. Talvez isso seja um bom sinal.

— Qual é a sua coisa bonita favorita? — perguntei.

— Tá, você quer mesmo falar *disso*. — Manu riu. — Eu gosto daqueles fins de tarde de verão em que o céu não fica nem azul, nem laranja. Ele fica cor-de-rosa.

— Da cor das pontas do seu cabelo — comentei.

— Isso. Cor de tinta de cabelo desbotada — Manu concordou, pegando as pontas do cabelo e as observando com mais calma.

— Mas isso é só ciência. É só a luz do Sol refletindo nas moléculas de ar. Quanto mais tempo o Sol demora pra se pôr, maior fica o comprimento das ondas de luz. Daí as moléculas vão se expandindo do azul para o violeta, e depois para o rosa — respondi, apontando para o cabelo dela.

Tive vontade de dizer que em Méllon o céu é rosa em todas as tardes porque a gente está bem mais perto do Sol do que a Terra. Imaginar Manu conhecendo meu planeta era o tipo de ideia que me parecia absurda e empolgante ao mesmo tempo.

— Meu Deus, como você é nerd! — Manu gritou. — Mas obrigada por me ensinar. Quem sabe todas as coisas bonitas tenham uma explicação lógica?

— A Saudade não tem — respondi de imediato, e me arrependi logo em seguida.

— Aposto que existe uma explicação, sim. Alguma enzima da saudade no nosso corpo, sei lá. Um gene maluco que gosta de ver a gente sofrer, mas ao mesmo tempo não deixa a gente esquecer as coisas boas.

E lá estava mais uma definição de Saudade que não fazia sentido pra mim.

— Do que você sente Saudade? — perguntei. Já não tinha nada a perder, de qualquer forma.

— Ih, alerta de história longa e triste.

— Eu não me importo. Estamos andando e conversando, né? Faz parte da programação.

Naquele ponto, já estávamos a seis quarteirões de distância do Estrela Cadente, e eu não tinha a menor ideia de como faria para voltar para casa. Mas não queria perder a oportunidade de continuar desvendando a cabeça de Manuela. A rua ainda estava movimentada, e os carros que passavam pela

avenida iluminavam o rosto dela de maneira ritmada.

— A gente pode parar aqui, se você quiser — Manu disse, apontando para um ponto de ônibus com um banco onde alguns trabalhadores cansados aguardavam.

— Sentar e conversar me parece uma ótima mudança de planos — comentei.

— O nome dela era Fernanda — Manu disse assim que sentamos no banco.

— Era?

Minha cabeça começou a ligar os pontos, confirmando que Saudade quase sempre tinha ligação com alguém que já morreu.

— Não, não. É. O nome dela é Fernanda. Ela ainda existe. Mas não do jeito que existia antes. Meu Deus, eu nunca dei tanta volta antes só para falar de uma ex-namorada. Ela se chama Fernanda, a gente namorou por quase dois anos, daí ela conseguiu uma bolsa para estudar na Argentina e a gente achou melhor terminar o namoro. É isso.

— Não foi uma história tão longa assim — comentei.

— Essa é só a versão resumida. A versão completa tem muito mais drama!

— Eu trabalho em um *cinema*. Adoro drama — menti.

Manu abriu um sorriso forçado. Não parecia que estava desconfortável, mas percebi que falar sobre aquilo despertava nela uma série de pensamentos confusos.

— É complicado, sabe? Terminar um namoro nessas circunstâncias. Porque não é como se a gente tivesse parado de se amar. Foi só a vida acontecendo. E não tinha como continuar com aquilo, ignorando completamente a distância.

Talvez se vocês usassem um pouquinho a cabeça e desenvolvessem métodos de transporte eficientes isso não seria um problema, foi o que pensei, mas não disse nada.

— A gente até tentou se falar por um tempo — Manu continuou. — Mas aquilo fazia mal para ela e para mim, porque nenhuma das duas conseguia seguir em frente. E eu não quero me fazer de coitada, mas é sempre mais difícil para quem fica do que para quem vai. Enquanto ela está em um país diferente, visitando galerias de arte com mulheres argentinas deslumbrantes e tatuadas e postando tudo no Instagram, eu fico aqui, andando pelos mesmos lugares onde a gente fez um milhão de lembranças juntas. E é difícil não sentir saudade. Eu achava que já tinha superado, mas na semana passada fez um ano que a gente

terminou. No Dia das Bruxas, acredita? E eu passei a noite sozinha no cinema. Deprimente.

A Saudade de Manu foi ativada por causa de uma data, mas eu suspeitava de que não funcionava assim com todas as formas daquele sentimento.

— E se ela voltasse hoje? Daria para recomeçar? — sugeri, tentando trazer um pouco de esperança para Manuela.

— Acho que não. Ela está diferente agora. E eu também. Eu não sinto saudade de namorar com ela. Sinto saudade das pessoas que nós éramos quando estávamos juntas, e a gente nunca mais vai ser assim. Porque as coisas mudam.

Quanto mais Manu falava, mais confusa eu ficava. Saudade era o tipo de sentimento que podia estar ligado a uma pessoa que morreu, a uma pessoa que estava viva, a um lugar, animal ou a uma *ideia* de alguma coisa que já existiu um dia e não existe mais. Eu nunca seria capaz de compreender.

— Olha, eu não sou muito boa para dar conselhos — eu disse. — Mas acho que você precisa começar a olhar em volta e seguir em frente. Procurar as *suas* argentinas deslumbrantes e tatuadas. Ou brasileiras deslumbrantes e tatuadas. Às vezes nem precisa ser tatuada. Meu pai é obcecado por um programa de TV sobre pessoas que fazem tatuagens horríveis e se arrependem.

Minha conclusão foi a pior possível, mas arrancou uma risada de Manu. Eu não sabia se ela estava rindo comigo ou da minha total falta de senso humano de romance, mas não importava. O sorriso de Manu valia a pena.

— Você nunca namorou, né? — ela perguntou.

— Não.

— Mas você também gosta de... *garotas*. Certo?

— Eu ainda não sei — respondi de forma sincera, porque até aquele momento eu nunca havia pensando a respeito daquilo.

— Não faz mal. Você tem a vida inteira pra descobrir.

A luz forte de um farol de ônibus invadiu o rosto de Manu, nos tirando do conforto da nossa conversa.

— Ei, esse é o meu ônibus. Tudo bem se eu for agora? — ela perguntou, levantando do banco e fazendo sinal para o motorista.

— Claro, sem problemas. Já está tarde para mim, também. Mas a gente se vê — eu disse, fingindo que estava tudo bem.

— A gente se vê.

— Você sabe onde me encontrar.

— Sim, eu sei.

O motorista buzinou impaciente, e Manu entrou correndo no ônibus. Mas não sem antes encostar no meu braço de leve. E aquele toque rápido foi o bastante para que eu pudesse catalogar o último sentimento da noite. Gratidão.



— Como vocês dois se conheceram? — perguntei para os meus pais no final de semana seguinte.

Desde minha última conversa com Manuela, eu estava tentando não apenas compreender os sentimentos da menina, mas também aprender mais sobre os motivos que fazem duas pessoas decidirem que devem ficar juntas.

As coisas em Méllon funcionavam de um jeito diferente, é claro. Não existia paixão no meu planeta, mas, ao mesmo tempo, nenhum casal era formado contra a vontade de alguma das partes. Em Méllon as famílias também eram compostas de afeto e cuidado, só que era tudo muito prático. Nunca existiriam histórias de amor que não deram certo, porque nós trabalhávamos com estatísticas e certeza. Sempre dava certo.

— Foi no Centro de Pesquisa — minha mãe respondeu.

— Era uma tarde atípica de chuva quando nos vimos pela primeira vez — meu pai completou, botando em prática o romance que aprendeu com os humanos.

— Mas como vocês decidiram que iriam ficar juntos? Vocês passaram muito tempo conversando?

— Isso é bobagem, querida — minha mãe comentou, dando um tapinha no meu ombro. — Em menos de dois segundos a gente já sabia tudo sobre nossa compatibilidade. Temos a mesma aspiração de carreira, os mesmos desejos de viagem e descoberta e noventa e nove vírgula nove por cento de compatibilidade física.

— Os meus olhos intensos e o senso de humor refinado ajudaram — meu pai disse com uma risada.

E depois o assunto morreu.

Tentei conversar com eles porque queria entender como funcionavam as relações afetivas e como duas pessoas decidiam que queriam ficar juntas pelo resto de suas vidas. Queria tentar entender como Manu achou que Fernanda seria o par ideal, mas perguntar para os meus pais era a solução mais estúpida de todas, porque nossa espécie funcionava de um jeito diferente. Eu nunca entenderia o amor humano perguntando sobre a história de dois mellianos.

Então fiz tudo o que estava ao meu alcance. Naquela semana, assisti a uma quantidade absurda de filmes românticos. Filmes brasileiros, americanos, franceses e todos os outros que consegui encontrar na internet. Os franceses eram meio chatos.

Analisei cada narrativa, mas nada parecia fazer sentido. E era ainda mais difícil quando tentava encontrar filmes românticos sobre duas mulheres se apaixonando. Era como se elas não existissem na ficção. Aquilo me deixava frustrada e confusa.

O que aprendi com os romances terrestres era que muitas vezes as pessoas acabam se apaixonando por alguém que elas odeiam no começo da história, que aparentemente é romântico preparar um bolo com a pessoa que você ama e jogar alguns dos ingredientes na cara dela e que uma boa história de amor sempre precisa de uma cena dramática no aeroporto.

Aprendi também que existe uma profissão chamada passeador de cachorro, e essa teria sido minha escolha número um de profissões na Terra se eu tivesse descoberto antes.

Os filmes românticos não me ajudaram muito a desvendar o amor terrestre, mas fizeram os dias passarem mais rápido até a quarta-feira seguinte, quando Manuela e eu nos encontraríamos mais uma vez para andar e conversar.

Naquele ponto eu me sentia mais humana do que nunca, tendo dias específicos para fazer as coisas. Mas meu tempo na Terra estava acabando e eu estava apressada demais para me importar.



— O que você faz da vida? Além de terapia. E de ir ao cinema quando a sua terapeuta está de férias — perguntei para Manu naquela noite de quarta, assim

que saímos do cinema. Aquela me parecia uma boa pergunta para começar.

— Essa é uma pergunta difícil. E um pouco injusta — ela respondeu.

— Desculpa! Não quis ofender — eu disse, mas ela começou a rir.

— Você precisa parar de achar que eu sempre estou falando sério, Mika. É só que a vida tá meio que uma bagunça agora, então é difícil responder o que eu faço. Acho melhor começar pelas coisas que eu quero fazer.

— Tá bem, deixa eu reformular. O que você quer fazer da vida?

— Melhor agora. Eu quero ser professora. Começo a faculdade de pedagogia no ano que vem e estou bem empolgada! — ela disse, sem nenhum traço de dúvida.

— Uau, essa foi rápida!

— Eu nunca tive dúvidas sobre isso. Minha mãe foi professora a vida toda antes de se aposentar, e eu sempre admirei muito o jeito como ela tocava a vida dos alunos. Passei a vida toda escutando que professor ganha mal e que ela queria um futuro mais estável pra mim, mas não teve jeito.

— Ela ficou desapontada quando você disse que queria ser professora também?

— Um pouco, mas ela entendeu de primeira, pelo menos. Quando eu contei que sou lésbica foi bem pior — Manu respondeu com uma risada.

Eu não entendia como ela conseguia relatar uma experiência traumática com uma risada tão natural, e acho que minha expressão ficou confusa o bastante para que Manu começasse a se explicar em seguida.

— Hoje tá tudo bem. A coisa de eu ser lésbica e tal. No começo foi difícil, mas pra quase todo mundo é. Eu seria uma exceção se minha mãe aceitasse de boa logo de cara. Mas agora ela até comenta sobre *mulheres bonitas* comigo. Já avançamos bastante.

— Me fala três mulheres que você acha que são bonitas — eu disse, mudando de assunto bruscamente.

— A Tessa Thompson, a Jameela Jamil e a Katherine Langford! — ela respondeu de imediato e eu fingi que conhecia aquelas três mulheres.

O jeito como Manuela respondia às minhas perguntas, indo direto ao ponto, me deixava com a impressão de que ela era o tipo de pessoa que sempre tinha uma opinião sobre tudo. E, naquele momento, eu me senti um pouco frustrada, porque uma parte bem pequena de mim queria ter sido citada no top três de

Manu.

Nunca fui do tipo que se importa com aparência. Em Méllon a aparência nunca foi relevante em nenhuma interação social. Não do jeito que era na Terra, onde os humanos eram completamente obcecados por corpos e rostos e dentes perfeitos.

Acho que não queria me sentir validada por Manu pela forma como eu me parecia. Eu só queria, de algum jeito, fazer parte das listas dela.

— E quais são as *suas* três mulheres bonitas?

Eu deveria estar preparada para ter a pergunta voltada para mim, mas aquela coisa de conversas humanas ainda era novidade.

— Eu acho todas as mulheres bonitas — respondi.

— Mikaela! Essa é a *pior* resposta, sério.

— Eu tô falando sério! — respondi na defensiva. — Eu não sei explicar direito, mas acho que a beleza de alguém está na história dela. Tudo o que ela conquistou na sua jornada acaba moldando seu corpo, e todas as jornadas são válidas. De onde eu venho, ser bonita tem um significado diferente.

— Em *Manaus*? — ela perguntou, incrédula.

— Não. Na minha casa — tentei desconversar. — Meus pais sempre me ensinaram que a vida é cheia de dificuldades e que a gente precisa crescer e aprender com todas elas. E é isso que nos torna pessoas bonitas. É ridículo, eu sei.

— Não é ridículo. Eu gosto disso. Como é a sua relação com os seus pais? Eles parecem ser boas pessoas.

Até aquele momento, eu nunca tinha parado para pensar na minha relação com eles. Conflitos familiares eram coisas raras em Méllon porque todas as unidades de família eram muito bem planejadas. Meus pais me tiveram no melhor momento possível, e quando eu cheguei eles tinham toda a estrutura e o desejo de ter uma filha. Cuidaram de mim, me ensinaram, esperavam o melhor para o meu futuro, e tudo isso sempre pareceu tão normal para mim que doía saber que outras espécies poderiam não experimentar esse tipo de vida em família.

— Eles são ótimos. Minha mãe é mais séria, mais focada no trabalho. E meu pai é um grande bobão que sempre me faz rir — respondi com um sorriso no rosto.

Naquele momento havíamos completado o trajeto da semana anterior e, sem dizer nada, nos sentamos juntas no mesmo ponto de ônibus. Aquele era o tipo de rotina à qual seria fácil se acostumar.

Me controlei durante toda a conversa para não tocar nas mãos de Manu. Ela era um enigma completo, e o jeito como falava da vida me fazia querer catalogar cada um dos seus sentimentos. Mas não para o Sistema. Eu queria guardá-los comigo.

Quando o ônibus de Manu apareceu longe na avenida, já começamos as despedidas.

— Semana que vem a gente se vê? — perguntei, ansiosa.

— Ah — ela suspirou, com desânimo estampado no rosto. — Quarta que vem as férias da minha terapeuta terminam. Acabaram as escapadas no cinema.

Respondi com o melhor sorriso que consegui. Não foi fácil.

— Mas a gente pode se ver outro dia. No sábado que vem? O que você acha? — ela sugeriu.

Sábado era meu último dia na Terra. Senti calafrios.

— Me parece ótimo. De tarde, pode ser? — sugeri.

— Claro! — Ela confirmou, olhando para o ônibus que se aproximava e tirando o aparelho celular do bolso. — Me passa seu número pra gente combinar direitinho.

— Eu não tenho um número.

— Você não tem *celular*? — Manu questionou, espantada.

— No momento, não — respondi sem graça.

— Meu Deus, Mika! Você é tão esquisita. Às vezes parece que é uma *serial killer* — Manu comentou com uma risada. — Não me mate no sábado, por favor.

O ônibus chegou e Manu precisou ir embora. De dentro do veículo ela gritou que me encontraria na frente do cinema às duas.

— Eu nunca te mataria! — eu disse, mas acho que ela não escutou.



A Terra não foi o primeiro planeta que explorei junto com meus pais. Eu já havia conhecido muitas culturas e sociedades diferentes, mas nunca havia

experimentado essa necessidade de me despedir. Nossa saída era sempre discreta e silenciosa, e nosso envolvimento com as espécies nunca havia sido profundo o bastante para apresentar a necessidade de uma despedida. Mas, daquela vez, eu precisava dizer adeus para duas pessoas.

Comecei com Adão. A sexta-feira seguinte foi meu último dia de trabalho no Estrela Cadente. Pensei em levar um cachorro de presente para ele, para que o novo bichinho suprisse a saudade que sentia de Burrito, mas meu pai me ensinou que na cultura humana não é muito elegante dar um animal para outra pessoa. Na Terra chamam isso de “presente de grego”, e essa explicação veio seguida de uma longa história a respeito da Grécia Antiga em que não prestei muita atenção.

No fim das contas, acabei comprando um CD autografado dos Mamonas Assassinas. Custou uma pequena fortuna, mas não me importei porque sabia que em breve meu dinheiro brasileiro não teria mais valor nenhum.

— Mikaela, menina! Não precisava disso! — Adão gritou surpreso depois de abrir a embalagem preguiçosa que fiz para o presente.

— Foi só uma forma de agradecer pela companhia e pelas pipocas que você roubava na lanchonete pra mim — respondi com um sorriso, fingindo por um momento que não *odiava* pipoca mais do que tudo.

— Obrigado, garota! Você vai fazer falta — ele disse, emocionado, fazendo carinho na minha cabeça.

Seu toque fez meu corpo catalogar uma forma diferente de Amor. Um Amor que você sente por um amigo especial. Um Amor que, naquele momento, já tinha um pouquinho de Saudade junto.

Meus pais também já haviam se desligado dos empregos, e a casa que alugamos por seis meses já estava pronta para ser entregue sem muita burocracia. Humanos eram burros para muita coisa, mas o Airbnb era realmente uma excelente invenção!

No sábado da partida, minha mãe finalizava as planilhas de emoções com muita empolgação e meu pai tentava descobrir uma forma prática de migrar a Netflix para os dispositivos mellianos.

Tentei sair de casa sem dar muitas explicações, mas minha mãe me parou no meio do caminho.

— Achei que seu último dia de trabalho tivesse sido ontem — ela disse, desconfiada.

— Eu só tenho uma última coisinha para resolver.

— Você sabe que às sete a Nave Mãe vai nos teletransportar de volta, certo?

— Sim, eu escutei todas as últimas duzentas vezes que você disse.

— E você sabe que a Nave Mãe não espera, *certo*? — seu tom era quase ameaçador.

— Fica tranquila, não vou demorar. Só preciso tentar desvendar uma coisa. Importante. De trabalho. Eu não quero deixar nada incompleto pra trás — me justifiquei, tentando deixar minhas intenções mais maduras e responsáveis.

— É a coisa da Saudade, né, filha? — minha mãe perguntou, porque ela sempre sabe de todas as coisas e é impossível esconder qualquer coisa dela. Aquilo não era um superpoder. Era só coisa de mãe.

— Sim — confessei.

— Vai lá. E não se atrase. Eu estou orgulhosa, minha exploradora!

E, com o aval da minha mãe, saí correndo para encontrar Manuela pela última vez.



Encontrei Manu na frente do cinema pontualmente, e ela me arrastou para um lugar que queria muito que eu conhecesse. Era uma cafeteria no meio da avenida, que se destacava entre os prédios cinzas porque tudo nela parecia muito à frente do seu tempo.

A mobília era toda prateada, um foguete enorme estava exposto atrás do balcão e todas as bebidas tinham nomes horríveis inspirados em galáxias, meteoros e fenômenos espaciais.

E, é claro, as roupas dos funcionários eram prateadas. Aquilo era outra coisa humana que não fazia o menor sentido. Eles sempre imaginavam a vida extraterrestre usando roupas prateadas.

— Esse é o meu café favorito da cidade inteira — Manu explicou assim que entramos na loja que exibia um letreiro vermelho e luminoso indicando que aquele era o Rocket Café. — As coisas são super caras, então é por minha conta hoje. Mas eu amo o clima daqui. Parece que estou em um daqueles filmes *sci-fi trash* antigos!

Eu apenas sorri e concordei com tudo, porque estava nervosa demais de saber que o meu último encontro com Manu seria em um lugar tão bizarro.

Depois que pegamos as bebidas com uma atendente muito bonita que eu tinha *quase certeza* de que estava flertando com Manuela, nos sentamos em uma mesa escondida no canto. Era uma dessas mesas cercadas por sofazinhos e, em vez de sentar na minha frente, Manu sentou-se ao meu lado.

— Você está calada hoje, aconteceu alguma coisa? — Manu comentou.

— Não — menti.

Eu tentava achar o jeito certo de dizer que estava indo embora, mas sabia que, assim que as palavras saíssem da minha boca, aquilo se tornaria verdade.

— Eu falei de você na terapia — Manu confessou.

— Espero que não tenha falado sobre as suas suspeitas de que eu sou uma *serial killer* — comentei, tentando aliviar o clima.

Manu soltou uma gargalhada.

— Não, boba. Eu só comentei que a gente se conheceu. E que fazia muito tempo que eu não falava de mim para outra pessoa. Conhecer gente nova tem disso, né? A maioria dos meus amigos já está de saco cheio de me ouvir falando sobre a Fernanda, sobre as minhas expectativas pra faculdade, sobre tudo. É meio deprimente isso, mas quando a gente conhece uma pessoa nova parece que a nossa vida volta a ser mais interessante, sei lá. É como se os meus sentimentos importassem. Eu já tô falando besteira, desculpa. O que você achou da sua bebida?

Me dei conta de que nem havia provado a bebida colorida que estava na minha frente e tomei um gole, puxando o líquido cremoso pelo canudo. Obviamente era horrível.

— Seus sentimentos importam — eu disse finalmente.

Era desconfortável conversar com o pescoço virado para ela, então eu falava tudo olhando fixamente para o copo que estava na minha frente. Parte de mim se sentia covarde demais de ter aquela conversa olhando nos olhos de Manu.

— Eu sei que você fica olhando para as estrelas e pensando que o mundo é grande e você não é, mas tudo o que você sente é importante. Porque são os sentimentos que fazem o universo evoluir — continuei.

— Obrigado por isso, Mika — ela disse, recostando a cabeça de leve no meu ombro. — Mas acho que essa conversa ficou intensa demais, rápido demais.

Soltei uma risada abafada de desespero.

Eu queria poder contar a verdade. Queria dizer que as emoções humanas seriam usadas em estudos avançados em outro planeta e que um dia, se tudo desse certo, a paz interplanetária seria uma realidade. Eu queria ser sincera pela primeira vez e revelar que os sentimentos de Manuela pela ex-namorada, a gratidão pela conversa que tivemos e o sorriso que ela abria sempre que acabava de falar qualquer coisa me mantiveram acordada naquelas últimas semanas, porque mesmo tendo viajado pela galáxia inteira e conhecido dezenas de espécies diferentes, ela era a mais fascinante de todas.

Então eu disse a verdade do jeito mais simples possível.

— Eu estou indo embora.

Em uma fração de segundo Manu ergueu a cabeça e me encarou.

— Quando? Pra onde?

— Hoje. Pra casa. Não pra Manaus. Pra minha outra casa. Bem mais longe.

— Mas... por quê? — ela perguntou, quase sussurrando.

— Olha... — eu disse, finalmente encarando Manu. — Eu não posso contar direito. É complicado de explicar e isso me deixaria com sérios problemas. Mas não é uma ida definitiva. Talvez eu volte, um dia. Mas não posso te dar certeza. A gente tá sempre viajando e eu nem deveria estar aqui com você agora, porque uma das regras é não se envolver. Só que foi meio doido, porque essa sempre foi a regra mais fácil de seguir, e de repente você apareceu e parecia que me envolver era a única opção possível. Então, sei lá. Me desculpa.

— Está cada vez mais difícil não acreditar que você é uma *serial killer* — Manu respondeu.

— Pensa numa coisa tipo agente secreta. Eu acho que isso é o mais próximo do que eu realmente sou.

— Eu espero que a gente se reencontre um dia, Agente Mika — ela disse com o sorriso de sempre. — Se eu soubesse que esse seria o nosso último encontro, juro que teria pensado num lugar melhor.

— Não tem problema. Aqui está bom. Com você está bom — respondi sem tirar os olhos dos dela.

Eu já esperava que aquilo fosse acontecer, mas não imaginava como seria quando acontecesse. A sensação era de todos os sentimentos bons do universo sendo registrados na minha cabeça ao mesmo tempo. A maior parte deles

percorria pelo meu corpo e mexia com o meu organismo de um jeito impossível de descrever. Microexplosões aconteciam em todos os meus nervos, minha cabeça processava tudo rápido demais e, ao mesmo tempo, tentava pensar em uma forma de congelar aquele momento. Meus olhos estavam fechados, mas todos os meus sentidos estavam ligados e em alerta. E em chamas. E gritando. E em paz. Tudo isso ao mesmo tempo.

Aquela era a sensação de beijar alguém pela primeira vez.



Já tínhamos outras viagens agendadas depois da Terra. Meus pais nunca conseguiam parar de trabalhar, e eu sempre ia com eles desbravar a vida ordinária de espécies diferentes. Viajamos por planetas pequenos e grandes, conhecemos culturas extremamente diferentes, e eu acabei encontrando um monte de outros sentimentos complexos sem explicações lógicas. Quanto mais conhecia o universo, mais eu percebia que cada indivíduo tem um universo incrível dentro de si.

Mas nunca esqueci Manuela. Todos os sentimentos que aprendi com ela ficaram registrados naquela velha sequência de zeros e uns do Sistema, e eu conseguia acessá-los sempre que quisesse recordar nossas conversas.

Aquele único sentimento não desvendado continuou comigo por muito tempo. Nunca esqueci os costumes humanos engraçados, o jeito como ela se vestia e as últimas palavras que dissemos uma para a outra. Sempre me lembrava dela quando voltava para Méllon depois de mais uma longa viagem e encontrava o céu cor-de-rosa como as pontas do cabelo dela. Era irracional tentar compreender, mas só depois de muito tempo eu me dei conta de que era capaz de *sentir*. Quando pensava nela, eu sentia Saudade.

VITOR MARTINS nasceu em 1991 e é autor de literatura *young adult*. Escreveu *Quinze dias* (Globo Alt, 2017) e o best-seller *Um milhão de finais felizes* (Globo Alt, 2018). Apesar de já ter participado de outras coletâneas, “Estrela Cadente” é seu primeiro experimento dentro da ficção especulativa. É ilustrador e mora em São Paulo com seu namorado e dois gatos insubordinados.

ALLIAH

Metanfetaedro (2012)

BÁRBARA MORAIS

A ilha dos dissidentes (2013)

A ameaça invisível (2014)

A retomada da união (2015)

CIRILO S. LEMOS

O alienado (2012)

E de extermínio (2015)

CLARA MADRIGANO

Especial natalino (2014)

As boas damas (2017)

JANA BIANCHI

Lobo de rua (2015)

Sombras (2016)

RODRIGO VAN KAMPEN

Trabalho honesto (2016)

VITOR MARTINS

Quinze dias (2017)

Um milhão de finais felizes (2018)

Copyright © 2018 by os autores

Coordenação editorial: André Caniato

Preparação: Jana Bianchi, André Caniato e Danatiele Segato

Design de capa: Paula Cruz

Projeto gráfico: Paula Cruz e André Caniato

Produção de ePub: André Caniato

1ª edição eletrônica, 2018

Revisado conforme o Acordo Ortográfico de 1990, em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Dados de Catalogação na Fonte (CIP)

Andrea de Oliveira Alves CRB 8ª Região 8963

A666

Aqui quem fala é da terra [livro eletrônico] / organização André Caniato, Jana Bianchi. Pontes Gestal, SP: Plutão Livros, 2018.

1306 kb

ISBN 978-85-54350-01-7

1. Literatura Brasileira. 2. Coletânea de Contos. 3. Ficção Científica. 4. Fantasismo Brasileiro.

I. Título.

CDD 869.93

[2018]

PLUTÃO LIVROS

Pontes Gestal — SP

www.plutaolivros.com.br

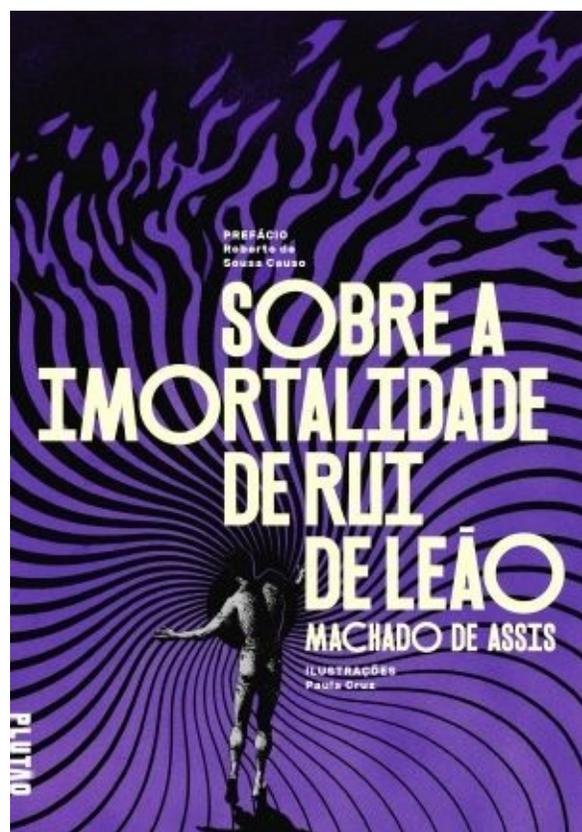
plutao@plutaolivros.com.br

Este e-book foi projetado e desenvolvido em outubro de 2018 para a Plutão
Livros.

67.200 palavras

FONTE Libre Baskerville, Fugaz One e IBM Plex Mono

SOFTWARE Libre Office, Sigil e calibre



PRÉFÁCIO
Roberto de
Souza Cavaco

SOBRE A IMORTALIDADE DE RUI DE LEÃO

MACHADO DE ASSIS

ILUSTRAÇÕES
Paulo Cruz

PLUTÃO

Sobre a imortalidade de Rui de Leão

Assis, Machado de

9788554350000

124 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quem quer viver para sempre? Publicados pela primeira vez em 1872 e 1882, respectivamente, Rui de Leão e O imortal contam duas versões diferentes da mesma história de um homem que, após beber misteriosa poção que recebeu das mãos do sogro enfermo, descobre que não pode mais morrer. Nada poderia tê-lo preparado para isso, mas Rui de Leão não vê outra opção além de seguir em frente — e permitir que o leitor siga com ele. A primeira publicação da Plutão Livros traz dois contos precursores da ficção científica brasileira, escritos por ninguém menos do que Machado de Assis, com prefácio de Roberto de Sousa Causo e ilustrações de Paula Cruz.

[Compre agora e leia](#)